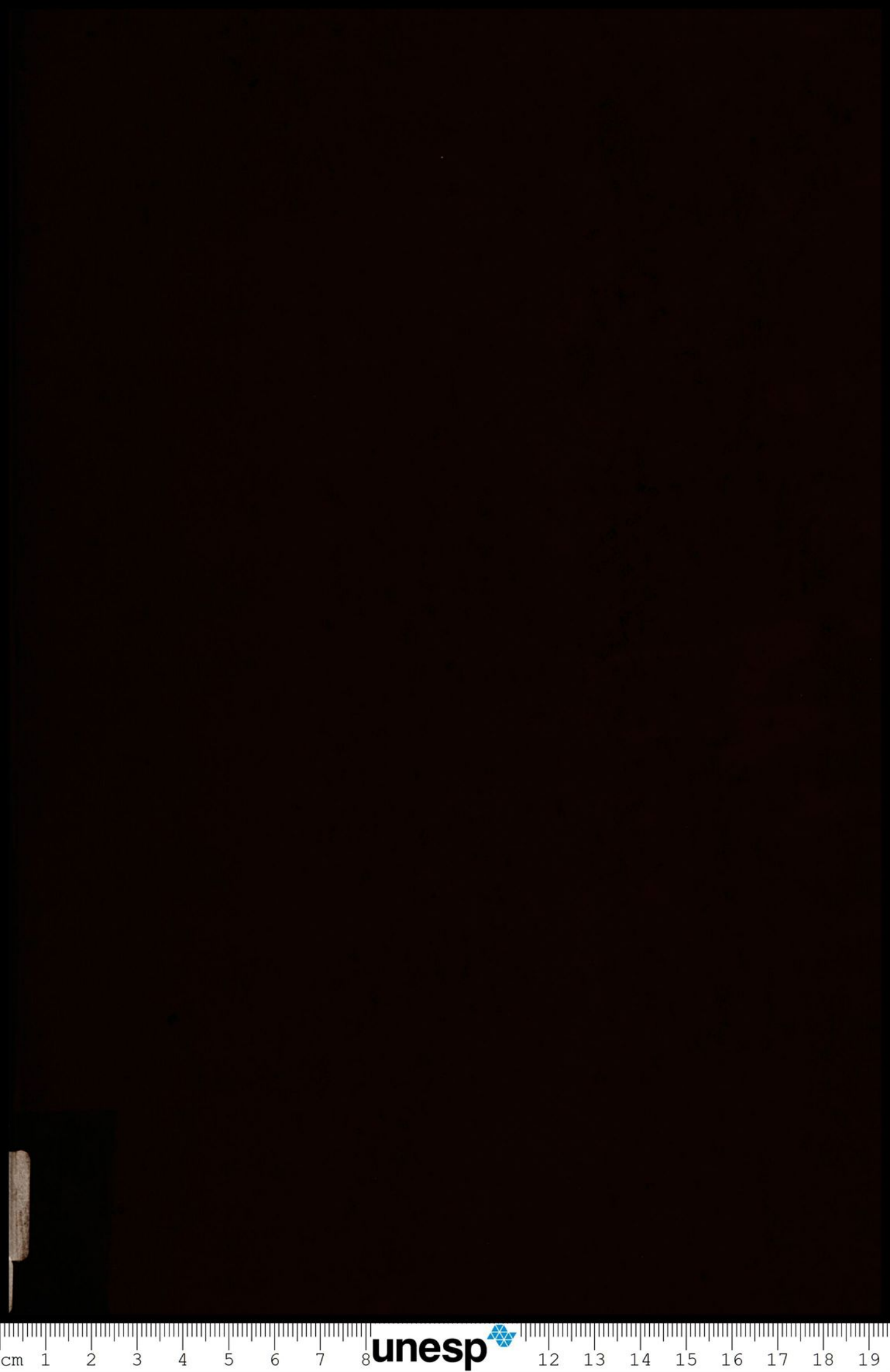

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 12 13 14 15 16 17 18 19
unesp

IRACEMA BATISTA TORQUATO



JORNALISMO INFANTIL:
"PINGUINHO DE NOTÍCIA"

unesp

IRACEMA BATISTA TORQUATO

Fonte: desenhos infantis do logotipo (significantes icônicos) Maurício de Souza.



Jornal Experimental da E.E. Daltyra de Toledo Castro - ano 1 nº 1

A primavera chegou !!!

(texto produzido pelos alunos da 3ª série)

No Brasil, a primavera começa no dia 22 de setembro e termina no dia 22 de dezembro. É a estação que vem depois do inverno e antes do verão.

A primavera é uma estação muito alegre, pois as árvores ficam floridas.

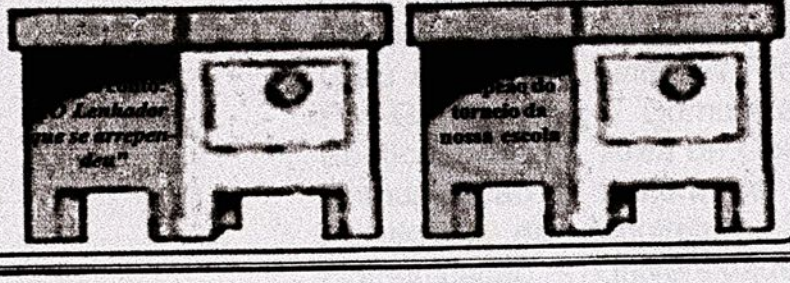
Nós, alunos da Escola Estadual Professora Daltyra de Toledo Castro, aprendemos a fazer flores de diversos tipos e borboletas. Depois enfeitamos nossa sala de aula.

No dia 23 de setembro saímos pelas ruas da Vila Ribeiro para entregar flores e mensagens. As pessoas da Vila nos receberam muito bem e ficamos alegres e satisfeitos.



Alunos comemoram o dia da Primavera e distribuem flores a população.

Índice



JORNALISMO INFANTIL:
"PINGUINHO DE NOTÍCIA"

BAURU / SP / Outubro / 2001

UNESP
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

JORNALISMO INFANTIL: "PINGUINHO DE NOTÍCIA"

Dissertação apresentada por **Iracema Batista Torquato** sob a orientação do **Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos,** como exigência final para a obtenção do Grau de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação Comunicação e Poéticas Visuais, Área de Concentração Comunicação e Cultura de Massa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Bauru – São Paulo.

BAURU / SP
Outubro / 2001

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

Torquato, Iracema Batista
Jornalismo infantil: "Pinguinho de Notícia" / Iracema Torquato Batista - - Bauru : [s.n.], 2001.
262 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos.

1. Jornalismo infantil. 2. Meios de comunicação de massa. 3. Pesquisa-ação I – Título. II – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Número de chamada
Clas. T/UNESP
PHA T641
Tombo n.º 1057

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO: COMUNICAÇÃO E POÉTICAS VISUAIS

A dissertação **JORNALISMO INFANTIL: "PINGUINHO DE NOTÍCIA"**

Elaborada por **IRACEMA BATISTA TORQUATO**

Foi apresentada à Banca Examinadora como exigência final para a obtenção do Grau de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação Comunicação e Poéticas Visuais, Área de Concentração Comunicação e Cultura de Massa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Bauru – São Paulo.

Bauru, novembro de 2001.

BIBLIOTECA UNESP CAMPUS BAURU

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos de Jesus
Membro da Banca Examinadora

Prof (ª) Dr (ª) Ana Maria Freire da Palma Marques de Almeida
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos
Orientador
Presidente da Banca Examinadora

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Doutores do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Poéticas Visuais e ao Profº Dr. José Carlos Plácido da Silva, Diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, não só pelos ensinamentos transmitidos, mas pelo entendimento daquilo que nos fazem comunicadores e poetas: a generosa humildade da partilha.

Aos Professores da EE "Profa. Daltyra de Toledo Castro", aos alunos e funcionários pelo entusiasmo e colaboração expressos durante a realização desta pesquisa, principalmente por terem nos permitido manter o canal dialógico sempre aberto, possibilitando, desse modo, uma autêntica comunicação.

Aos prezados alunos de jornalismo, com quem muito aprendemos: Regina Ambrósio e Juliano Magalhães pelas sugestões, colaboração na produção e aplicação/dinâmicas/diagramação das atividades propostas e dedicação.

Aos Professores Doutores e Mestres que foram nossos consultores: Nelyse Apparecida Melro Salzedas, Ângelo Sottovia Aranha, Besma Massad, Jorge Ijuim Kanehide que nos ensinaram a leitura da Vila Ribeiro, do mundo e do cosmo.

Ao Profº Dr. Adenil Alfeu Domingos, pelos ensinamentos, paciência e pela confiança que sempre teve em mim.

E a Deus, sem Ele não poderíamos concretizar nossas idéias.

DEDICATÓRIA

À memória de meus pais: Maria Costa Baptista e Antonio Baptista Filho.

A meus filhos Maria Eugênia e Marcos pela dedicação, paciência e entusiasmo que me transmitiram nas horas de incerteza e desânimo.

Ao meu companheiro, amigo e marido Manoel Carlos pelas sugestões, colaboração, estima e amor.

Aos meus amigos e professores Jorge Kanehide Ijuim e Jane Brito de Jesus, pelas constantes sugestões, revisões, mas principalmente pela confiança e carinho que me dedicaram.

unesp

Da vida vivida,
Prepara-se uma nova vida.
No Jornal Infantil,
A história da História.

Iracema Torquato

"...o antidiálogo não comunica". Faz comunicados. Precisávamos de uma Pedagogia da Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo."

Paulo Freire

SUMÁRIO

Índice Iconográfico III
Resumo VI
Résumé VII

Introdução 1

Capítulo I 7
A Arte de Tecer o Jornal Infantil

1. Célestin Freinet: Iniciador do Jornalismo Infantil, Ação e Democracia 9
1.1. Célestin Freinet e Lev Vygotsky: Intervenção e Participação 12
1.2. Célestin Freinet e Edgar Morin: A Visão Globalizante 24
1.3. Célestin Freinet e Paulo Freire: Ação e Liberdade 28
2. Metalinguagem Jornalística: A Tessitura do Jornal Infantil 34
2.1. Comunicação e Linguagens 35
2.2. Produção de Notícias 37
2.3. Estudos Jornalísticos em Situações Reais de Comunicação 49
2.4. Atividades de Ler e Escrever 53
2.5. A Produção de Textos Jornalísticos Interpretativos 54

Capítulo II 58
O Contexto da Experimentação: Vila Ribeiro- Jaú- SP

1. Aspectos Históricos 62
2. Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos 68
3. Aspectos Culturais e Educacionais 74
3.1. A Escola e Sua Caracterização Quanto aos Recursos Físicos e Humanos 75

Capítulo III 91
Dinâmicas Jornalísticas

1. Atividades Preliminares 92
1.1. Comunidade e Atividades Jornalísticas 92
1.2. Estabelecendo Consensos e Critérios 93
1.3. Cidadania e Participação 94
1.4. Complexidade e Ética da Solidariedade 94
1.5. Consenso Metodológico 95
2. Aproximando a Linguagem Escrita e Oral aos Conceitos Jornalísticos 99
2.1. Seções de Jornal 99
2.2. Estudos de Cadernos Jornalísticos Infantis 101

2.3. Estudos Comparativos 103
2.4. Pensando Critérios 105
2.5. Noções Jornalísticas Básicas 106
3. Atividades Programadas em Seminários 115
4. Dinâmicas Privilegiadas Pela Equipe 175
5. Projeto Gráfico 178
5.1. Aspectos Estruturais 178
5.2. Aspectos Jornalísticos, Relacionados ao Conteúdo das Matérias 179
5.3. Recursos Gráficos Utilizados nas Seções 181
5.4. Recursos Gráficos Utilizados na Paginação 183

Capitulo IV 186
Como Desvelar Nossas Idéias

1. Leitura e Análise da Experimentação 187
2. Análise das Quatro Primeiras Páginas do Jornal "Pinguinho de Notícia" 197
2.1. Mensagens Não-Verbais 200
2.2. As Mensagens Icônicas ou Figuras Plásticas 219
2.3. Mensagens Lingüísticas 221
3. Apresentação de Todas as Edições do "Pinguinho de Notícia" 222
4. Quadros Gerais das Mensagens Lingüísticas 243

CONCLUSÃO 248

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 254

Índice Iconográfico

Ilustração 01 – Foto dos alunos comemorando a 1ª. Edição do Jornal "Pinguinho de Notícia" 60
Ilustração 02 – Mapa da Localização da Cidade de Jaú no Estado de São Paulo 63
Ilustração 03 – Distância da Vila Ribeiro em relação à cidade de Jaú 64
Ilustração 04 – Planta da Vila Ribeiro 65
Ilustração 05 – Foto dos alunos aprendendo Técnicas de Plantio 70
Ilustração 06 – Foto – Praça Isaura Bruno, Igreja Católica, São Benedito, a Esquerda, a Creche, aos Fundos, o Campo de Futebol 71
Ilustração 07 – Foto – Plantio de Hortaliças em Sistema de Estufa ... 72
Ilustração 08 – Foto – Posto de Assistência Sanitária da Vila Ribeiro 73
Ilustração 09 – Foto – Creche da Vila Ribeiro 74
Ilustração 10 – Foto – Campo de Futebol da Secretaria Esporte da Prefeitura Municipal 74
Ilustração 11 – Foto – Fachada da Escola Estadual "Profa. Daltyra de Toledo Castro" 75
Ilustração 12 – Planta da Escola 76
Ilustração 13 – Profissões dos Pais dos Alunos da Vila Ribeiro 81
Ilustração 14 – Grau de Escolaridade dos Pais 82
Ilustração 15 – Hábitos de Leitura dos Alunos 83
Ilustração 16 – Incentivo dos Pais em Relação aos Estudos de seus Filhos 83
Ilustração 17 – Como as Crianças se Informam sobre os Fatos que acontecem na Vila Ribeiro 84
Ilustração 18 – Gosto pela Leitura 85
Ilustração 19 – Estudo em Casa 86
Ilustração 20 – Dificuldades discentes em Entender o que Lê 86
Ilustração 21 – Representação das Seções do Jornal 100
Ilustração 22 – Página de Jornal para Análise 106
Ilustração 23 – Diagramação 114
Ilustração 24 – Preenchendo Balões 116
Ilustração 25 – Construindo Quadrinhos 117
Ilustração 26 – Criando Onomatopéias 118
Ilustração 27 – Quadrinhos: Explorando os Espaços 119
Ilustração 28 – Montando Quebra – Cabeça 120
Ilustração 29 – Explorando com as séries Finais todas as Perguntas do *Lead* 123
Ilustração 30 – As Perguntas Básicas do *Lead* Infantil 124
Ilustração 31 – Jogo da Memória 126
Ilustração 32 – Quadrinhos Funari, Coerência pela Seqüência Temporal 127
Ilustração 33 – Reportagem e Música 129

Ilustração 34 – Publicidade e Propaganda 130
Ilustração 35 – Desenhando Charges 132
Ilustração 36 – Inventando Histórias, Notícia, Crônica, Reportagens e Charges 133
Ilustração 37 – Fontes 134
Ilustração 38 – Detetive - Jornalista e Entrevistas 135
Ilustração 39 – Reconhecendo o Logotipo 137
Ilustração 40 – Concurso Mascote 138
Ilustração 41 – Mascote – O Companheiro Falante 139
Ilustração 42 – Primeiro Caderno – Página 1 142
Ilustração 43 – Primeiro Caderno – Página 2 144
Ilustração 44 – Primeiro Caderno – Páginas 3 e 4 145
Ilustração 45 – Caderno Turismo – Páginas 1 e 2 147
Ilustração 46 – Caderno Turismo – Páginas 3 e 4 150
Ilustração 47 – Caderno Especial – Páginas 1 e 2 153
Ilustração 48 – Caderno Especial – Páginas 3 e 4 154
Ilustração 49 – Caderno Esportes – Páginas 1 e 2 157
Ilustração 50 – Caderno Esporte – Páginas 3 e 4 160
Ilustração 51 – Caderno Geral – Páginas 1 e 2 162
Ilustração 52 – Caderno Geral – Páginas 3 e 4 164
Ilustração 53 – Caderno Rural – Páginas 1 e 2 166
Ilustração 54 – Caderno Rural – Páginas 3 e 4 167
Ilustração 55 – Caderno Cultura – Páginas 1 e 2 169
Ilustração 56 – Caderno Cultura – Páginas 3 e 4 172
Ilustração 57 – Um Pinguinho de Arte 182
Ilustração 58 – Cantinho do Conto 182
Ilustração 59 – Esporte 182
Ilustração 60 – Passatempo 182
Ilustração 61 – Ecologia 182
Ilustração 62 – Debates 182
Ilustração 63 – Página 1 da Primeira Edição 203
Ilustração 64 – Página 1 da Segunda Edição 204
Ilustração 65 – Página 1 da Terceira Edição 205
Ilustração 66 – Página 1 da Quarta Edição 206
Ilustração 67 – Primeira Faixa, ou Faixa Superior, O Logotipo 208
Ilustração 68 – Segunda Faixa, ou Faixa Medial, Manchete 209
Ilustração 69 – Manchete Não – Verbal 210
Ilustração 70 – Faixa Inferior – Índice 210
Ilustração 71 – Fios Duplos 211
Ilustração 72 – Moldura 211
Ilustração 73 – Símbolo Icônico Referente ao Natal – 2ª. Edição 214
Ilustração 74 – Faixa Medial – 3ª. Edição 219
Ilustração 75 – Página 2 da Primeira Edição 223
Ilustração 76 – Página 3 da Primeira Edição 224
Ilustração 77 – Página 4 da Primeira Edição 225
Ilustração 78 – Página 2 da Segunda Edição 226

Ilustração 79 – Página 3 da Segunda Edição 227
Ilustração 80 – Página 4 da Segunda Edição 228
Ilustração 81 – Página 5 da Segunda Edição 229
Ilustração 82 – Página 6 da Segunda Edição 230
Ilustração 83 – Página 2 da Terceira Edição 231
Ilustração 84 – Página 3 da Terceira Edição 232
Ilustração 85 – Página 4 da Terceira Edição 233
Ilustração 86 – Página 5 da Terceira Edição 234
Ilustração 87 – Página 6 da Terceira Edição 235
Ilustração 88 – Página 2 da Quarta Edição..... 236
Ilustração 89 – Página 3 da Quarta Edição..... 237
Ilustração 90 – Página 4 da Quarta Edição..... 238
Ilustração 91 – Página 5 da Quarta Edição..... 239
Ilustração 92 – Página 6 da Quarta Edição..... 240
Ilustração 93 – Página 7 da Quarta Edição..... 241
Ilustração 94 – Página 8 da Quarta Edição..... 242

TORQUATO, Iracema Batista. **Jornalismo Infantil: "Pinguinho de Notícia"**. Bauru, UNESP / FAAC. 2001.

RESUMO

A Dissertação "Jornalismo Infantil: Pinguinho de Notícia" descreve o processo de produção e feitura de quatro edições de um Jornal Infantil, desenvolvido experimentalmente na instituição de ensino fundamental da zona rural, a Escola Estadual "Profa. Daltyra de Toledo Castro", no município de Jaú, Estado de São Paulo. Durante a experimentação, discutimos os *media* com as crianças e com todos interessados na formação de leitores críticos dos meios de comunicação de massa. Apresentamos, em um dos segmentos, os relatos dos avanços conquistados, bem como descrevemos as dificuldades encontradas, durante o processo da produção jornalística, fazendo uma ponte entre a comunicação e a educação. Embora o lado empírico seja o privilegiado, na Pesquisa-Ação, metodologia empregada nessa dissertação, também discutimos as questões relativas aos quadros de referências teóricas sobre as técnicas jornalísticas, envolvendo conjuntamente procedimentos decorrentes das Teorias Cognitivas e da Epistemologia da Complexidade.

Palavras chaves: jornal infantil - meios de comunicação de massa - comunicação - educação - pesquisa-ação.

TORQUATO, Iracema Batista. **Journalisme Infantile: "Pinguinho de Notícia"**. Bauru, UNESP / FAAC. 2001.

Résumé

Cette dissertation Journalisme Infantile: Pinguinho de Notícia a le but de décrire et produire quatre éditions d´un journal infantile à l'école élémentaire rurale publique "Prof. Daltyra de Toledo Castro", à Jaú, São Paulo. On suppose fort nécessaire discuter les *media* avec les enfants et avec tous ceux qui sont intéressés à la formation de lecteurs critiques des moyens de communications de masse. C'est aussi de l'intérêt du chercheur décrire les avances conquises, ainsi que décrire des difficultés trouvées pendant le procès de production journalistique. De cette façon, on compte faire un pont entre la Communication et l'Education. Malgré le côté empirique soit privilégié, de la Recherche – Action, methotologie employée dans cette Dissertation, on ira aussi poser des questions relatives aux cadres de références théoriques sur des techniques journalistiques et les procédures venues des théories cognitives et des l'epistemologie de la Compléxité.

Mots clefs: journal infantile - moyens de communications de masse – communication – éducation - Recherche–Action.

INTRODUÇÃO

A discussão do inter-relacionamento entre a comunicação e a educação é de grande valia neste momento, pois toda a atividade comunicativa é uma atividade educativa e vice-versa voltada aos direitos dos receptores a uma cidadania plena. Esse relacionamento emerge conceitualmente uma didática da comunicação, envolvendo a educação e os meios de comunicação, e uma didática dos meios, relacionada com a potencialidade dos *media* na organização do processo ensino-aprendizagem como um processo de comunicação.

Por um lado, a discussão sobre o inter-relacionamento entre a comunicação e a educação é um imperativo diante de uma realidade que, transformando-se rápida e profundamente, obriga o educador, não só a acompanhar de perto os passos da implementação das tecnologias da comunicação dentro da escola, mas também a entendê-la em toda a sua dimensão política, econômica e social.

A escola, enquanto transmissora da cultura e geradora de conhecimentos, deve interpretar os fatos numa perspectiva da dinâmica do dia-a-dia, estampada nos meios de comunicação, devendo, portanto, a educação e a comunicação andar juntas na construção de uma sociedade mais crítica, participando mais ativamente dos destinos da nação, na construção de uma cidadania autêntica propulsora de uma democracia plena.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O fato é que o sistema educacional brasileiro, ainda, se acha muito divorciado da nova realidade comunicacional e dos fatos da vida nacional; e, também, há um contraste entre o país que domina a tecnologia de ponta na área das comunicações e o país que não consegue enfrentar qualitativamente, com sucesso, uma tarefa bem mais singela que é a de ensinar suas crianças a ler e escrever, revelando uma distância, não apenas técnica, mas sobretudo econômica e social.

Frente a essa realidade há que se reformular o sistema educacional brasileiro, aplicando-se projetos inovadores que adotem, por exemplo, o estudo dos meios de comunicação nos cursos de graduação que formem professores para atuarem no ensino fundamental e médio, visando acabar com a estrutura, em geral, autoritária e unilateral da escola, proporcionando um ensino mais motivador, menos verbalista e mais sintonizado com o resto do mundo.

Moacir GADOTTI[1] chama a atenção do pedagogo para uma de suas funções na sociedade atual: repensar a sua educação (tarefa crítica), a sua formação, a formação recebida no curso e o próprio curso: "... estamos num momento em que o educador brasileiro precisa, urgentemente, pensar na reconstrução da educação brasileira, passo a passo com a reconstrução da própria sociedade brasileira".

Já em 1980, José Marques de MELO[2], falando da implementação do Jornal Escolar e da preparação de leitores críticos, afirmava que iniciativa

> ... dessa natureza atende ao imperativo de superar a rotina da vida nacional: as novas gerações não se lançam ao exercício democrático, porque não se aprendem a fazê-lo na família, na igreja, nas associações civis. Não adquirem o hábito de ler jornais, porque não se sentem motivados socialmente e porque não se deparam com tais hábitos no circuito familiar, enquanto crianças e adolescentes; portanto, não podem imitá-lo.

E acrescenta:

---

[1] GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 6ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 1985, p. 56.

[2] MELO, José Marques de. "Presença do jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania" In **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, LXXIV/7, 1980, p. 523 a 524.

> ... a escola tem condições para interferir decisivamente nesse processo. E conta hoje com um sustentáculo motivacional vigoroso: a mobilização de toda a sociedade civil na defesa de seus interesses imediatos e na luta pela edificação de um futuro melhor são manifestações democráticas, ainda que episódicas e cambaleantes, mas que não escapam à percepções dos educandos, constituindo excelentes oportunidades para retirar a escola do marasmo em que se encontra.

Portanto, a escola não pode mais ficar distanciada dos meios de comunicação, que, exercendo hoje uma influência decisiva, educam mais que a própria escola. Educadores e comunicadores devem assumir uma postura crítica frente ao papel reprodutivo da escola e dos *media* da ideologia dominante e, por outro lado, têm que levar as pessoas a fazer uma leitura crítica das mensagens veiculadas, a desvendar as tramas da comunicação.

Ainda sobre esse foco, afirma Marques de MELO[3] que "... a escola formal está defasada dos *mass media*, divorciada da realidade, praticamente fossilizada".

Considerando o atual contexto, apresento esta dissertação como um projeto inovador de produzir quatro edições experimentais de Jornal Infantil na Escola Estadual "Profª Daltyra de Toledo Castro", na zona rural do município de Jaú, Estado de São Paulo.

Desta forma, nosso objetivo é dar condições aos alunos de uma escola pública rural de conhecer e experimentar a funcionalidade do jornal na sociedade enquanto desencadeadora de posturas autônomas e cidadãs; bem como refletir sobre o processo ideológico, tanto na sua produção quanto na sua recepção.

A idéia de levar a discussão do jornal impresso às escolas é um ideal inspirado em FREINET, iniciador do jornalismo educativo na França no começo do século passado. Será também nosso objetivo, concomitantemente ao nosso fazer jornalístico, discutir os meios de comunicação de massa com os professores da escola rural escolhida

---

[3] José Marques de Melo, entrevista na Folha de S. Paulo, 5 de setembro de 1985.

como campo à nossa atuação de pesquisa. Assim, pretenderemos apresentar subsídios teóricos/práticos para que esses docentes possam produzir com as crianças textos jornalísticos em sala - de - aula.

Para que tenhamos leitores críticos dos meios de comunicação e em especial do jornal impresso, cremos que devemos investir no professor e nas crianças, desde os primeiros anos de escolaridade. Desse modo, vamos propor discussões sobre o papel do jornal infantil na comunidade rural e analises não só do produto final, o jornal infantil **Pinguinho de Notícia**, mas também discorrer sobre as formas de manipulações, particularmente, em relação aos jornais impressos destinados aos receptores infantis da grande imprensa.

Propomos no Primeiro Capítulo – "A Arte de Tecer o Jornal Infantil", inspirado em MEDINA (1973) - discorrer sobre os fundamentos teóricos propostos por FREINET, FREIRE, VYGOTSKY e MORIN, visando edificar uma ponte viável entre a Comunicação (particularmente em relação ao Jornalismo) e a Educação para discutir a produção de um jornal infantil que respeite a cultura e o universo da criança da zona rural, considerando que o jornal da grande imprensa, relacionado aos encartes infantis, não corresponde aos anseios da comunidade infantil rural e não contribui para que a criança, de um modo geral, interaja com o ambiente que a envolve.

No Segundo Capítulo – "Contextualização da Pesquisa: Vila Ribeiro" - analisaremos a comunidade rural da Vila Ribeiro, para que possamos compreender a realidade das crianças e seu entorno social. A abordagem proposta está fundamentada na Pesquisa–Ação, metodologia privilegiada por nós, no decorrer dessa experimentação e nos pressupostos teóricos de IJUIM (2001) que envolvem um jornalismo humanizado.

O Terceiro Capítulo – "Dinâmicas Jornalísticas" - apresentará a descrição das dinâmicas jornalísticas (como resultados), decorrentes dos eixos teóricos jornalísticos propostos; os objetivos

visados, relacionados a cada uma das fases da produção jornalística e o relato das dificuldades encontradas para a sua produção. A produção dos Cadernos Jornalísticos e "o como" faremos para concretizar essa proposta serão os temas finais desse Capítulo.

A descrição, a interpretação dos resultados e as dinâmicas jornalísticas obtidas na experimentação das quatro primeiras edições do Jornal **Pinguinho de Notícia** serão apresentadas no quarto e último Capítulo – "Como Desvelar Nossas Idéias" - apoiadas em fundamentos semiológicos para esse fim.

Finalmente, esperamos que com as dinâmicas jornalísticas aqui descritas, possamos vir a contribuir para que os *media* sejam discutidos criticamente nas instituições de ensino e entre os pesquisadores interessados, almejamos, também, que o presente trabalho possa servir de subsídio teórico/prático para professores do ensino fundamental e médio, alunos de jornalismo e demais estudiosos que optarem pelo estudo do Jornalismo Infantil.

CAPÍTULO I

A Arte de Tecer o Jornal Infantil

Estamos numa sociedade em que o conhecimento é mediatizado pelos meios de comunicação social e é crescente a nossa dependência desses meios para termos uma percepção do mundo. Já é de conhecimento público que informação é uma condição básica para uma sociedade livre. Um indivíduo desinformado é incapaz de tomar decisões adequadas nas várias esferas da sua vida.

Portanto, frente ao contexto que vamos estudar, temos algumas questões vitais: que papel desempenha um Jornal Infantil? Que papel desempenha um Jornal Infantil em uma escola de zona rural? As respostas possíveis e viáveis serão apresentadas ao longo desta dissertação, pois da criação à realização do **Jornal Infantil da Vila Ribeiro** nasceu uma proposta bastante específica, fomentar o desenvolvimento educacional no meio rural.

Para a realização deste primeiro capítulo, partimos do pressuposto que a utilização da linguagem jornalística, como instrumento de comunicação é imprescindível à formação de produtores críticos da

informação através do jornalismo impresso, tendo como suporte teórico o pensamento de Célestin FREINET, Lev VYGOTSKY e Paulo FREIRE e os princípios filosóficos da Teoria da Complexidade de Edgar MORIN.

1. CÉLESTIN FREINET: INICIADOR DO JORNALISMO INFANTIL, AÇÃO E DEMOCRACIA.

Iniciaremos citando FREINET (1991) em quem nos balizamos para produção dessa pesquisa. Iniciador do Jornal Escolar na França, esse educador ensina-nos sobre a importância de dar voz às crianças, por meio de uma psicologia por ele denominada de **Psicologia do Bom-Senso**. Para FREINET (1991), os princípios dessa pedagogia visam a um conhecimento em que o estudante alcance uma visão global, sistêmica, sobre os vários saberes, por meio de atividades práticas e espontâneas. Mas essas devem ser interessantes e significativas para o desenvolvimento do senso crítico de cada um.

FREINET (1991:21) nos ensina, principalmente, que a cultura do silêncio só serve para nos tornar reféns do sistema dos saberes dominantes, que tentam nos transformar em passíveis cabritos de um rebanho amorfo.

> O velho pastor fazia um sermão: Você não deve manter tanto tempo no estábulo os teus dois cabritos, habituados somente a dormir no calor do cercado, comer na manjedoura e a seguir a mãe, balindo quando se sentem perdidos no meio de uma moita ... . Quando você os juntar ao rebanho, verá que nem sequer serão capazes de acompanhar os outros: serão mordidos pelos cães, quebrarão a pata num monte de pedras ou se perderão nas barreiras ... . A vida prepara-se pela vida.

Contra essa forma tirânica de nos aprisionar e nos acomodar aos comandos de poucos pastores, FREINET nos propõe princípios gerais de sua pedagogia que podemos denominar, não só como a do "Bom Senso", mas também como a do "Bom Senso Político". De uma maneira geral, são eles:

a) participação e cooperação;
b) individualização e socialização;
c) criatividade e atividade;
d) crítica e valorização;
e) autonomia e responsabilidade;
f) ação e democracia;
g) integração e interdisciplinaridade.

Desse modo, cada estudante deve ser o protagonista de sua própria aprendizagem, de modo participativo, livre e prazerosamente. O autor também reforça que os saberes nada valem se o homem não aprender a pensar, a ter iniciativas, a refletir sobre as ações e sobre os seus próprios achados. Assim, de acordo com os princípios acima, toda ação deve ser conjunta e objetiva. A convicção nos ideais democráticos deve ser o objetivo fundamental para a realização de um trabalho com responsabilidade, numa autogestão participativa, respeitando-se à liberdade de cada um, fundamentada na responsabilidade individual e coletiva.

FREINET, já no início do século XX, produzia na França um jornal escolar com seus alunos. Para isso selecionava trabalhos de redação dos estudantes, agrupava-os e mensalmente os encadernava em forma de jornal, distribuindo-os aos assinantes e correspondentes do mesmo. Seu trabalho é um exemplo de como é possível levar a mídia às instituições de ensino e forjar, nos bancos escolares uma postura cidadã, abolindo o discurso autoritário pedagógico e criando uma cultura baseada na motivação e na autonomia. Segundo FREINET (1974:12)

> ... em educação, a revolução é ainda mais lenta e laboriosa do que nas outras técnicas de trabalho; as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram. A cultura tradicional continua obstinadamente baseada num passado caduco e trava as forças inovadoras que dinamizam o avanço. A necessária prudência assume, infelizmente, demasiadas vezes, o aspecto de reação e são muitas vezes esses mesmos homens que já não seriam capazes de imaginar a vida sem

> cinema, discos ou telefonia, sem automóvel nem avião, eles são os que continuam a insistir, [em toda a educação], para si próprios e para os seus filhos, [pautada] nas normas do século passado, com um atraso que muitos técnicos se esforçam por explicar e justificar. Cultivaremos antes de tudo este desejo inato na criança de se comunicar com outras crianças, de fazer conhecer ao redor de si seus pensamentos, seus sentimentos, seus sonhos e suas esperanças.

Surpreendemo-nos com a atualidade das palavras de FREINET, pois se, naquela época, os educadores tradicionais já estavam com um atraso de um século em relação às tecnologias do início do século XX; nos dias atuais, eles já contabilizam dois, porque encontramos ainda os mesmos ranços conservadores, denunciados por FREINET em nossas instituições de ensino. Por isso, a discussão dos MCM é urgente nas instituições de ensino. Portanto, se quisermos formar um público que atenda aos ideais do desenvolvimento do jornalismo interpretativo, a leitura e crítica das informações que são veiculadas pelo jornal impresso se fazem necessárias desde os primeiros anos de escolarização.

As contribuições de diversos autores serão aqui utilizadas, em relação aos processos comunicativos midiáticos, na medida em que nos favoreceram a aquisição de novas perspectivas de estudos em relação à compreensão e leitura dos MCM nas escolas.

Não temos a pretensão de analisar, nessa Dissertação, se o nível da interdisciplinaridade que aqui será proposto responde ou não aos interesses de especialistas dogmáticos e arrogantes, aqueles que estão em busca de verdades únicas e imutáveis, que insistem em fragmentar os saberes, num mundo em que as informações querem competir com a velocidade da luz! Nosso objetivo é mostrar como FREINET implicitamente está veiculado (e articulado) a essas teorias. PETRAGLIA (2000:13) responderia, assim, as nossas indagações e possíveis articulações:

> A busca do "ser" e do "saber" uno e múltiplo nos revela uma ciência que, mais do que a detentora de verdades absolutas e imutáveis, nos aponta para um caminho de novas descobertas

> e novas verdades que aceitam a complexidade [aqui entendida como possibilidade de um saber não-disjunto] como uma realidade reveladora, globalizante, em que o ser humano é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua própria construção e do mundo.

É nossa intenção mostrar como essas teorias se completam e se harmonizam à medida que o diálogo entre esses discursos nos elucida "o como" as crianças e adolescentes adquirem novos conceitos, inclusive os referentes à aquisição da linguagem jornalística. No presente Capítulo, vamos analisar também os eixos de conteúdos significativos que elegemos para a criação das dinâmicas jornalísticas aplicadas em sala-de-aula que, a nosso ver, podem servir também para a formação de cidadãos críticos por meio da leitura dos Meios de Comunicação de Massa e dos jornais impressos em especial.

1.1. Célestin FREINET e Lev VYGOTSKY: Intervenção e Participação

O processo de comunicação não se restringe a uma mente humana exercendo atividades apenas espontâneas. O senso comum acredita que, por sermos falantes e sujeitos inseridos numa sociedade lingüística, em que todos tendem a falar a mesma língua, o processo de fala, em si mesmo, seja espontaneamente adquirido, bastando tão somente pensar para expressar lingüisticamente nossos conceitos e sentimentos. Por não ser esse processo natural é necessário que ele seja analisado com mais rigor.

A consciência ingênua, também, acredita que as mensagens são entendidas integral e facilmente dentro de uma comunidade lingüística, bastando para isso que crianças utilizem um mesmo código para se comunicarem. Sabemos que a língua não é um mero código, mas um complexo sistema de representações culturais e que nem todas as crianças apresentam a mesma competência (repertório) para a aquisição de novas linguagens. Os fatores sócio-

histórico-culturais vão ser também determinantes durante o processo de aquisição de novos códigos e linguagens.

-> Entre a emissão de sons com significados lingüísticos, o mundo que as palavras e as imagens representam, além dos sujeitos que participam desse processo de comunicação, como seres complexos que são, há uma série de questões (de ordem cognitiva, afetiva, procedimental) a ser considerada. Além disso, há também a comunidade, onde estão inseridas as crianças que estão aprendendo como se comunicar, os estímulos que recebem do meio, as condições sócio-econômicas de suas famílias, as instituições encarregadas em sistematizar os conhecimentos mínimos necessários para que esse aprendizado seja garantido.

A criança pode produzir uma infinidade de sons, representar imagens ou letras em forma de rabiscos, mas nem todos eles são representantes de formas da linguagem. Por exemplo, em relação à linguagem oral, cada comunidade lingüística seleciona, dentre todas as possibilidades de emissão sonora que possa produzir, apenas um pequeno número de sons a serem representantes como linguagem. Essas emissões encontram ainda suas nuanças de emissão individual, já que nem todos produzem o mesmo som quando falam.

No entanto, há uma forma comum, conservadora dessa identidade, que é chamada de fonema. Nessa concepção, o fonema não é o som concretamente produzido, mas um núcleo abstrato (existente como uma estrutura cognitiva) a ser "enformado", em que novas estruturas sonoras vão ser incorporadas e assimiladas pelo ouvido humano no momento em que se realiza a experiência da recepção do som lingüístico. Esse núcleo comum e abstrato, portanto, nunca chega a ser destruído em cada uma das emissões concretas individuais.

Desse modo, todas as novas estruturas sonoras apreendidas sensivelmente servem de ancoragem a novas aquisições

perceptivas sonoras e sabemos que estas estão impregnadas da forma dialetal, ou seja, da norma de uma comunidade.

Entre os sons que podem prejudicar a comunicação estão os chamados ruídos. O ruído é uma antimensagem.

Sabemos, também, que entre o material sonoro emitido, chamado significante, e o seu valor social, chamado significado, não há uma relação mecânica de produção de sentido. O nome de um objeto não é como um rótulo a ser preso ao mesmo, que deve ser apreendido por uma mente qualquer, sempre de modo especular. Para haver a relação entre significante e o significado, em cada signo que compõe o material de uma língua qualquer, é preciso um período de aprendizagem por parte de cada ser que integra uma determinada comunidade lingüística.

O significante é uma imagem sonora ou visual, que nossos sentidos apreendem e está carregado de valores determinados historicamente, em uma dada comunidade lingüística. Desse modo, a criança começa perceber as várias formas de linguagem existentes num processo de comunicação, participando inconscientemente da ideologia construída por uma comunidade, em sua relação com os valores éticos e morais que a cerca e que a comunidade consagra como sendo *ethos* ou *mores* a serem assimilados.

Isso constitui as diferentes linguagens naturais que devem ser ensinadas e aprendidas pelos interlocutores, sendo a instituição escolar responsável por favorecer aos alunos igualdade de condições e de recursos para que esse processo ocorra de modo a garantir a aquisição de novas linguagens, além da alfabética.

Entretanto, a escola não deve se limitar a isso, mas também apresentar os diversos contextos em que estas linguagens serão utilizadas em suas funções sócio-pragmáticas: o uso efetivo do signo como função comunicativa em determinadas circunstâncias para determinados fins. Nesse sentido, todo discurso leva à ação e a

transformação, engendrando a formação de novos conceitos, hábitos e crenças e vice-versa. A isso chamamos alfabetização.

Não há imagens do mundo, dentro da criança, como uma espécie de reprodução em espelhamento puro, embora saibamos que nos primeiros anos de vida, a aprendizagem seja modelar, a criança tenta apreender a realidade imitando as pessoas que estão ao seu redor e que fazem parte do seu cotidiano.

Nosso cérebro trabalha com esquemas cognitivos, estruturas ou modelos de um mundo que foi fabricado pela língua que o organizou e o classificou. Entretanto, essa língua é o resultado evolutivo da cultura e também das contradições histórico-econômico-sociais pelos quais os homens se realizam como sujeitos.

Ao perceber vários objetos dos quais o homem se utiliza para sentar, por exemplo, quem fala português, sabe distinguir uma "cadeira" de um "sofá" ou mesmo de um "pufe", pois se um tem braços, o outro não os possui; se um é para uma só pessoa o outro não o é; se um tem encosto, o outro não o tem, e assim por diante.

Desse modo, aprendemos a recortar o mundo nas e pelas linguagens, por assimilações e diferenciações. Comparativamente, entre essas semelhanças e diferenças encontradas nos objetos, é que a criança percebe e apreende os diferentes nomes e, mais tarde, os conceitos da linguagem: primeiro através de pseudoconceitos.

Assim, no exemplo dado, é possível distinguir a idéia de cadeira dos demais objetos usados para se assentar, pois o falante de determinada língua conseguiu identificar um esquema básico, mas sincrético, como modelo, não do modo que o concebemos subjetivamente, mas como um "amontoado de características" desse objeto.

VYGOTSKY (2000:74) diz que:

> ... a criança dá seu primeiro passo para a formação de conceitos quando agrupa alguns objetos numa agregação desorganizada, ou amontoado, para solucionar um problema que nós adultos,

> normalmente resolveríamos com a formação de um novo conceito.

Assim, toda cadeira deverá sempre ter, como "amontoado", elementos estruturais básicos como pés, encosto, assento e deve servir a uma só pessoa, segundo a nossa visão cultural. Em cada esquema apreendido em situação de uso, a criança é capaz de abstrair e transportá-lo para outros objetos semelhantes, mas de um modo vago e sincrético, segundo VYGOTSKY (2000). Em outras palavras, uma criança pequena que já ouviu várias vezes a palavra "cadeira", poderá aplicá-la na identificação de objetos semelhantes, sem importar, inicialmente, se a cadeira é de palhinha, de madeira, de ferro, ou de plástico, em suas mais variáveis formas e tamanhos, como descreve VYGOTSKY (2000:74 e 75):

> Neste estágio o significado das palavras denota, para a criança, nada mais do que um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que de uma forma ou de outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente. Descrevemos o fenômeno em outra oportunidade como o resultado de uma tendência a compensar, por uma superabundância de conexões subjetivas, a insuficiência das relações objetivas bem apreendidas, e a confundir esses elos subjetivos com elos reais entre as coisas.

A criança só reconhece o que já conheceu antes, por experiência de vida (de acordo com o seu repertório), ou seja, fazendo e re-fazendo, esquemas ou modelos que ela internalizou no processo de aprendizagem da língua, relacionando palavras aos fenômenos do mundo natural e cultural que a cerca.

É nesse processo de buscar semelhanças e diferenças, bem como de perceber relações entre os mais diferentes fenômenos, estabelecendo relações sincréticas entre infinidade de objetos, existentes dentro de um mesmo conceito, é que a criança identifica o mundo que a cerca, primeiramente por meio de pseudoconceitos. Segundo VYGOTSKY (2000:84), "... a criança o produz

cada vez que se vê às voltas com uma amostra de objetos que poderiam muito bem ter sido agrupados com base em um conceito abstrato".

Para tanto, o homem necessitou de criar signos que representassem esses objetos nos momentos de fala, bem como para expressar seus complexos conceituais. Isso lhe permitiu que pudesse se referir a um objeto qualquer ou a um conceito, mesmo quando esse não estivesse presente no contexto de fala. Segundo VYGOTSKY (2000: 85):

> A aquisição, por parte da criança, da linguagem dos adultos explica, de fato, a consonância entre os complexos da criança e os conceitos dos adultos - em outras palavras, explica o surgimento dos complexos conceituais ou pseudocomplexos.

Conclui VYGOTSKY (2000:101) que um conceito só se forma pela interação das associações, por meio de uma operação intelectual em que todas as funções mentais, até as elementares, vão participar de uma combinação específica, isto ocorre quando se faz uso das palavras como meio para centrar de modo determinado a atenção, abstraindo traços, sintetizando-os e finalmente simbolizando-os por meio de signos.

> Os processos que levam à formação dos conceitos evoluem ao longo de duas linhas principais. A primeira é a formação dos complexos: a criança agrupa diversos objetos sob um "nome de família" comum; esse processo passa por vários estágios. A segunda linha de desenvolvimento é a formação de "conceitos potenciais", baseados no isolamento de certos atributos comuns. Em ambos os casos, o emprego da palavra é parte integrante dos processos de desenvolvimento, e a palavra conserva a sua função diretiva na formação dos conceitos verdadeiros, aos quais esses processos conduzem.

Desse modo, em todo processo de comunicação há sempre uma interação intersubjetiva entre sujeitos. Como cada sujeito é, em si mesmo, um complexo mundo próprio, produto das suas experiências de vida, dificilmente poderá haver uma transmissão de informações entre usuários competentes de uma mesma língua, com cem por cento de aproveitamento, principalmente se essa comunicação for entre um adulto e uma criança.



Comunicar, ou seja, tornar comum nossos pensamentos de maneira integral, é uma utopia. Só podemos pressupor que entre sujeitos falantes possa existir uma tentativa de transmissão de idéias, pois na criança o desenvolvimento de novos conceitos, segundo o que depreendemos ao ler VYGOTSKY (2000), pressupõe o desenvolvimento de muitas funções (superiores) intelectuais no ser humano: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar.

Entre os mais diferentes falantes haverá sempre dois sujeitos distintos produzindo discursos como dois mundos diferentes: o sujeito emissor (enunciador) que produz e emite um enunciado a um outro (enunciatário), que é o intérprete (receptor). Este, por sua vez, produz o discurso interpretativo, tendo como base o discurso do sujeito emissor.

Desse modo, o discurso enunciado pelo primeiro serve como mediador entre seus pensamentos e o discurso do "outro", seu intérprete. Como entre esses dois sujeitos há uma língua composta de signos que serve como intermediadora, é preciso que haja uma convenção social implícita na comunidade lingüística que preserve aos signos o papel de representantes do mundo.

Representar não significa substituir, mas sim fazer o papel de algo, estando em seu lugar. Um signo não representa a coisa em si, mas uma espécie de abstração, como vimos antes, quando falamos dos modelos (no princípio da aprendizagem infantil, tidos como "amontoados"), como sendo o ponto de vista de alguém, provocando-lhe individualidades de percepção, bem como um senso comum que é o lado do signo que permite a interação entre as pessoas. Como o signo é produzido de modo convencional, para que esse cumpra o seu papel com eficácia, é necessário que seu usuário seja competente para usá-lo. Para tanto, o receptor deve conhecer o valor convencionalmente dado ao signo. Segundo VYGOSTSKY (2000:72 e 73), entretanto:



> ... este processo não pode ser reduzido [apenas] à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pela qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos.

Em outras palavras, se o meio ambiente não apresenta nenhuma aprendizagem significativa aos adolescentes ou às crianças, se não lhes faz diferentes e inovadoras exigências e desafios e não estimula os seus intelectos, proporcionando-lhes uma série de novos objetos e formas de linguagens, os seus raciocínios não conseguirão atingir os estágios mais elevados, ou, segundo VYGOSTSKY (2000), vão alcançá-los com grandes atrasos.

Portanto, o autor não é defensor de uma teoria cognitiva pautada no determinismo, ao contrário, enfatiza o sujeito e as influências sociais. Principalmente a palavra, como signo mediador entre um "eu" e o "mundo representado" pelas línguas naturais.

Aprender uma língua é aprender um novo modo de ver e sentir as coisas e não decorar, simplesmente, um dicionário de normas e regras gramaticais. Assim, a língua recorta o mundo, de acordo com a vivência que cada povo possui. Como VYGOTSKY, para FREINET, as crianças resolvem seus problemas integrando-os a processos ativos vitais, primeiro pelos e com os seus próprios meios e instrumentos, depois com a ajuda de companheiros ou dos adultos. FREINET, In ELIAS (1997:48) declara que "... o essencial é que elas triunfem sabendo que este triunfo não é mais que um patamar que lhes permitirá ir mais longe quando o aprendizado tiver sido incorporado".

A língua, como vimos, é um complexo sistema de representação da realidade. Assim, há sujeitos que vêem, por exemplo, o boto cor-de-rosa da Amazônia, segundo a lenda que corre na região, ou seja, que ele se transforma em um formoso rapaz, capaz de conquistar as moças e engravidá-las. Dessa maneira, um valor cultural foi instituído

sobre esse objeto, a partir de uma crença, dentro de um determinado contexto ideologicamente instituído.

Por certo, uma crença nem sempre é unânime. Nem mesmo o que é considerado como "verdade" por uma grande maioria, também atinge a todos os que com ela têm contato. Aliás, toda verdade é relativa e toda mudança também pode ser compreendida como o que podemos perceber de ângulos diferentes, ainda que para "o outro", esses ângulos continuem os mesmos. Segundo o romancista francês Marcel PROUST (1972:39) "... uma verdadeira viagem de descoberta não é a de pesquisar novas terras, mas de ter um novo olhar sobre elas".

PROUST (1972:39 e 45) retoma esse tema:

> ... em mim foram destruídas muitas coisas que julgava iriam durar para sempre e novas coisas se edificaram, dando nascimento a penas e alegrias novas, que eu não poderia prever, então, da mesma forma que as antigas se me tornaram difíceis de compreender. ... . É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim.

Por isso não há verdades eternas. Os homens mudam e suas verdades mudam também, até mesmo aquelas consideradas cientificamente provadas, porque, em geral, só o são por um determinado tempo e época e segundo a comunidade científica do contexto em que ela vige. Sabemos que há verdades do senso comum que são saberes não sistematizados de modo científico e que são considerados como "verdades" tão importantes como as científicas.

Num confronto **FREINET – VYGOTSKY**, entre os muitos pontos de convergências, é interessante salientar:

a) características da aquisição da aprendizagem como um fenômeno humano que decorre da relação direta ou mediada do homem com um cosmo físico (natureza), social e cultural, onde se constroem e se multiplicam variedades de facetas e nuanças que caracterizam o ser humano como integrante do meio físico-sócio-cultural;
b) uma questão direta da relação entre o homem e o mundo que passa pela mediação do discurso, pela formação de idéias,

pensamentos e linguagens (por isso a ênfase de FREINET nos jornais escolares como mediadores dessas idéias, sentimentos e pensamentos);

c) um postulado multidisciplinar sobre o caráter mediato da atividade psíquica e a origem dos processos psíquicos interiores pautados na atividade inicialmente externa e interpsíquica (uma atividade de fundo social) na qual o homem se forma e interage com seus semelhantes e seu mundo numa relação intercomplementar de troca;

d) em ambos (FREINET e VYGOTSKY) o pensamento se realiza na palavra e na ação: o homem atua sobre o mundo para receber a palavra sobre esse mundo.

Hoje, que vivemos na era da imagem, sabemos que a idéia de leitura (provocadora de ações conscientes) estendeu-se, passando da leitura das letras - que nunca deixou de ser uma apreensão dos nossos órgãos dos sentidos, pois vemos, ouvimos ou até tateamos códigos para apreender mensagens - para se tornar uma leitura sinestésica, em que todo texto também pode ser apalpado.

Sabemos que a leitura de mundo está sendo feita até mesmo onde não há palavras. O que o homem faz, ao aprender a linguagem verbal, é associar signos com objetos, que em linguagem da comunicação, estariam ao alcance de seu repertório. O mesmo processo se dá, quando alguém olha uma foto, e associa essa imagem com uma pessoa conhecida ou não. Não restam dúvidas que é muito mais fácil apreender essa associação ou dissociação entre imagem e o objeto, do que entre uma palavra com o objeto a qual ela se refere, na suposição que tais objetos já estejam ancorados e conceitualizados pelo sujeito cognoscente.

Até mesmo a leitura de imagem é um processo cultural mas há graus de sensibilidades perceptivas que envolvem esta

apreensão para o entendimento que dela (imagem) podemos formar.

Segundo MCLUHAN (1998:95 a 99):

> ... não há muitas maneiras de se escrever e representar a palavra "noite", mas Stanislavsky costumava pedir aos seus jovens atores que a pronunciassem em cinqüenta modos e variantes diferentes, enquanto a audiência ia registrando os diferentes matizes de sentimentos e significados expressos por eles.

Assim, aprender é sempre apreender o já aprendido num processo constante de aquisição de novas estruturas lingüísticas. Segundo BAKHTIN (1999:95), a prática viva da língua nada tem a ver com um sistema abstrato e fechado de normas lingüísticas, mas com a linguagem. Linguagem, aqui entendida, como um conjunto dinâmico e complexo de processos (resultantes de uma certa atividade intra e interpsíquica) profundamente marcados pela nossa vida social, passíveis de vários usos e formas em particular:

> Na realidade não são as palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à nossa vida.

Por exemplo, é famosa a história de um pintor norte-americano que, ao apresentar um livro sobre os búfalos, que pastavam nos prados a um índio, foi surpreendido, quando o gentio lhe disse que agora entendia porque os seus búfalos estavam sumindo dos pastos, pois considerou que os seus animais estavam sendo aprisionados pelo pintor nas imagens que o artista produzia nas páginas do livro. Isso aconteceu porque era este o seu estado vivencial.

Também os índios não gostam de ser fotografados, já que acreditam que a foto rouba-lhes a alma. São motivos como esses que, se estudados em uma sala de aula, poderão ajudar os alunos a perceber como a linguagem impõe ao homem valores e ideologias, que

funcionam também como inferidores para a aquisição de novos conceitos e pelos quais eles passam a ver o mundo.

Quando falamos de "objetos", entendemos até as imagens criadas pelo próprio imaginário do homem. Observemos, como PROUST (1972:47) relembrou e descreveu esse processo na passagem em que descreve Combray, seus arredores e a infância que lá viveu com a mãe e avó:

> ... é como um divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia de água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casa, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do sr. Swam, e as nenfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia ... e toda Combray e seus arredores, tudo isso tomou forma e solidez, saiu cidade e jardins, da minha taça de chá.

Desse modo, não há nenhuma imagem produzida por uma mente humana que não tenha uma correlação com o mundo circundante a essa mente, quer se refira ao tempo passado, presente ou futuro. Quem realmente "povoa" a mente de qualquer ser humano é o seu mundo concreto/natural e o imaginário. Mesmo a imagem de Deus, no mundo cristão, é vista como sendo semelhante a do homem.

O minotauro, da mitologia clássica, por exemplo, criado com bases no mundo natural, não deixa de ser um ser ambíguo, produzido pelo imaginário do homem como sendo metade corpo humano e metade corpo animal. Ou seja, reafirmamos que ninguém pode criar imagens a não ser a partir do mundo natural já existente e percebido significativamente pelo homem.

Desse modo, criar nada mais é do que combinar, de modos diferentes, as imagens já ancoradas antes que vão servir de estruturas prévias para a recepção de outras. O construtivismo, aqui proposto, é fiel ao princípio que para aprender é necessário que o sujeito (com todas as suas características hereditário-genéticas) interaja com o meio (como todos os seus condicionamentos sociais e culturais).



1.2. Célestin FREINET e Edgar MORIN: a Visão Globalizante

Ao não separarmos e nem fragmentarmos os saberes, interagimos também com a teoria da complexidade de Edgar MORIN (2000), como um princípio filosófico norteador do nosso trabalho jornalístico em sala de aula.

A complexidade proposta por MORIN (2000) tem por objetivo ligar todos os saberes disjuntos. Em virtude das nossas vivências serem múltiplas e variadas, temos o compromisso de abolir as hierarquias, os preconceitos, as discriminações e religá-los sem sermos todavia simplistas e reducionistas. Dessa leitura sistêmica partem as noções de ordem e desordem, sujeito, autonomia e auto-eco-organização como elementos decorrentes.

Desse modo, o saber científico deve possuir objetividade e método próprio, responsável pelo cumprimento de um plano em que observador e a coisa observada interagem. Entretanto, essa objetividade traz em si uma diversidade de teorias e paradigmas que remetem o observador para uma reflexão bioantropológica do conhecimento calcada nos aspectos culturais, sociais e históricos. Assim como FREINET, MORIN valoriza a visão globalizante (interdisciplinaridade) dos saberes e os estudos ecológicos desde a mais tenra infância, chegando a afirmar que estes deveriam ser priorizados no ensino elementar.

Com o advento da técnica e da industrialização, sobretudo no século XIX, o desdobramento dos objetos do saber científico determinou níveis variáveis de especialização, inclusive o jornalismo passou por ela. Isto levou à fragmentação do saber e a perda pelo sujeito da visão totalitária do ser. Sobre a questão "o que é ciência?", o autor da epistemologia do saber complexo nos ensina que ainda não contamos com uma resposta científica, porque todas as

ciências (inclusive as físicas e biológicas), são também sociais, tendo componente biofísico - o que cada campo de estudo procura renegar - na tentativa de privilegiar os especialistas e a estrutura de um pensamento linear do conhecimento científico.

O pensamento linear e determinista, de via única, não condiz com o jornalismo comunitário infantil, aqui proposto. A ação comunitária, a nosso ver, prescinde de um agir de indivíduos sobre problemas comuns que os afligem.

Toda ação tomada comunitariamente deve pressupor retroações aos seus membros comunitários, de modo que possam co-produzir soluções e/ou saberes partilhados. Estes vão, de algum modo, transformar-se em um círculo produtivo ininterrupto porque, segundo MORIN (2000:182) "... os produtos são necessários à produção daquilo que os produz". Assim, jornais comunitários são necessários à sua produção, na medida em que foram produzidos pela comunidade ao retornarem para ela, realimentam-na em sua própria dinâmica produtiva.

Em nossa leitura, as idéias de MORIN são tão construtivistas quanto o são as idéias de VYGOTSKY e FREINET, ao afirmar que não podemos eliminar o observador-sujeito nas ciências sociais, porque não é apenas o sociólogo que está na sociedade; mas, conforme a sua concepção , a sociedade também está no sociólogo uma vez ele é possuído e possuidor da cultura que adquire, interagindo com ela. Em outras palavras, o sujeito e o objeto interagem entre si, um prescinde do outro, na medida que se plasmam histórico-sócio-culturalmente.

Contra a corrente positivista-racionalista MORIN nos propõe o paradigma de uma era que duvida das certezas. Este novo paradigma visa à busca de novos sistemas abertos que assimilem os conflitos, a entropia, que recusa a limitação do saber disjunto e mecanicista. Hoje já não é possível o saber enciclopédico, mesmo em

áreas de pesquisas restritas. Segundo GRECO (1994:65 a 73), há "... necessidade de reorganizarmos nossos cérebros, reordenando-os". Essa reorganização é basicamente a passagem do conhecimento linear para o conhecimento complexo que supõe para GRECO (1994:69)

> ... uma visão sistêmica da realidade, percebendo que os componentes de cada unidade unem-se com uma finalidade comum, em que o todo não é igual à soma das partes. A diferença reside no fato de se ter de levar em consideração todas as relações: todo+partes+relações entre as partes+relações do todo com as partes+ relações das partes com o todo; o probabilismo no lugar do rígido determinismo da visão mecanicista ou do fatalismo da razão religionista; os compromissos: ético, social e político e a abertura para transcendência, sem o que o ser humano não se assume plenamente como tal: a ligação de tudo com tudo que conduz à visão ecológica decorrente da cadeia mente-corpo-outro-social-humanidade-ecossistema-planeta.

Desse modo, a escola não pode se restringir a ensinar apenas conteúdos cognitivos compartimentalizados, mas sim, deve partir da seleção significativa de conteúdos programáticos conceituais (saber-saber) já dominados pelos receptores, para aliá-los a conteúdos atitudinais (dever-fazer) e procedimentais (saber-fazer), atendendo, assim, a todas as potencialidades de um sujeito em atitude de aprendizagem.

Para GRECO (1994), a escola tem que eleger o pensamento complexo e a sua formulação interdisciplinar como método, em que o social só tem sentido quando entendido num contexto transformador, revolucionário em que o produto das incertezas está se construindo pelas contestações teóricas e experimentais dos paradigmas anteriores (o religioso-medieval e o científico-mecanicista); pela necessidade do espírito de humildade do cientista e do filósofo, pela reflexão sobre a fórmula de ADORNO In GRECO (1994: 65) "... a totalidade é a não-verdade. Todo sistema que procura encerrar o mundo na sua lógica é uma racionalização demente".

Logo, o saber enciclopédico hoje não é mais possível, o importante é articular aquilo que está disjunto mas que

deveria estar junto e, para isso, temos a necessidade de promover todos os esforços para a concatenação dos conteúdos. Essa concatenação deve referir-se não à totalidade dos conhecimentos relativos a cada área do saber (o que seria impossível), mas àqueles fundamentais, isto é, aos pontos estratégicos que permitiriam nós, entrelaçamentos, tramas, redes de comunicação entre as possíveis seleções de informações que respondam à demanda que temos em relação aos conteúdos do conhecimento que estamos pesquisando.

Transportando esse novo paradigma complexo para a escola que temos hoje em relação aos professores alfabetizadores, é preocupante a nossa constatação de que poucos professores pesquisam e continuam a estudar. Normalmente, por essa falta, elegem uma única fonte de referência em sala de aula: o livro didático. Como a interdisciplinaridade aqui proposta é uma atitude mental a ser conquistada, urge que esses professores tenham condição de continuar estudando e pesquisando, tendo acesso a cursos de educação continuada.

Num confronto entre FREINET - MORIN podemos apontar várias convergências e constatar a pós-modernidade já implícita no pensamento de FREINET, que o aproxima da teoria da complexidade. São elas:

a) conteúdos globalizantes;
b) interdisciplinaridade como método;
c) envolvimento humano nas relações com o trabalho/pesquisa;
d) necessidade da humildade dos cientistas e professores;
e) busca de valores místicos e transcendentais, em FREINET por meio do pensamento mítico e poético, em MORIN pela visão ecológica que envolve: mente-corpo-outro-humanidade;
f) uso de poder que atente para uma ação cooperativa e democraticamente voltada para a concretização de metas que favoreçam novos modelos "co-vivenciais", dentro de uma

perspectiva inclusivista e integradora em que todos têm voz e o diálogo é o processo transformador (sem isso não teríamos a cidadania aqui proposta como fundamental ao fazer jornalístico).

g) desenvolvimento das capacidades intuitivas, estéticas;

h) ambientalismo ecológico, baseado no trinômio: cidadania, justiça/paz e solidariedade.

1.3. Célestin Freinet e Paulo Freire: Ação e Liberdade

FREINET valorizava a cultura e a educação popular, o que o converge para FREIRE. Para esse autor, a primeira dimensão do novo conteúdo a ser discutido em sala de aula, que ajudaria o analfabeto, antes mesmo de iniciar a alfabetização, seria o conceito antropológico de cultura. O papel ativo do homem em sua realidade pelas relações de trabalho. Esta abordagem deve ser motivo de estudo rigoroso, tanto quanto se deve também estudar as ciências naturais.

Ao defender a integração trabalho-educação, segundo nossa leitura, FREINET vê o homem que se realiza em contato com o meio físico e social pelas relações de trabalho, portanto a sua ânsia em proporcionar ao aprendiz possibilidades reais de realizar trabalhos concretos, visando um saber socialmente produtivo, como um recurso que engendrará a fraternidade entre os homens e não só a necessidade de sobrevivência. É, também, o que lemos em FREIRE (1982: 116 e 117), "... a cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador".

Em outras palavras, para Paulo FREIRE (1982:116) o fator cultural e as relações de trabalho precisam ser enfocados e valorizados nas nossas instituições de ensino. Esse enfoque pode revelar muito do significado desse caráter, além de servir para a construção de diálogos em que os saberes serão partilhados.

> Era o diálogo que opúnhamos ao antidiálogo, tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e ao mesmo tempo tão antagônico ao clima de transição. O antiálogo que implica numa relação vertical de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. ... . Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicado. ... . Precisávamos de uma Pedagogia da Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo.

Os estímulos geradores de uma aprendizagem otimizada, que favoreçam o diálogo, devem estar centrados no universo da criança e/ou do estudante, jovem ou adulto, servindo como elementos facilitadores à aquisição de novos significados. Nesse sentido, somos politizados, quando oferecemos oportunidades para que os nossos receptores exerçam um papel ativo na produção de significados, proporcionado-lhes a oportunidade de aquisição de novos conceitos.

Por isso, é importante considerar o centro de interesse dos alunos, que é decorrente das relações que as crianças estabelecem com a comunidade com qual interagem, bem como da própria visão e representação de mundo que cada um, no grupo, tem dessa comunidade e não em decorrência, apenas, de estágios de desenvolvimento cognitivo. Cabe ao professor oferecer aos estudantes ajuda (intervenção) para superarem e se adiantarem a um estágio. Essa perspectiva ancora-se na nossa leitura de VYGOTSKY, para quem um estágio cognitivo pode ser incentivado (estimulado).

Há dois modos de ler o mundo e suas representações culturais, em sala - de- aula. O primeiro é o modo assistemático, espontâneo, aquele que o sujeito já faz normalmente em seu dia-a-dia, lendo a casa onde mora, a rua, a cidade, o rosto dos amigos, entre outras coisas; esse tipo de leitura não requer a presença de um professor nem de uma escola, já que todo sujeito normal saberá fazê-la de modo empírico, se estiver atento para esse procedimento. O segundo, é um modo planejado de ler, ou seja, o sistematizado com a intervenção de um adulto ou um colega.



Este pode ser um dos objetivos das escolas e dos professores que nelas atuam. Exemplos: planejar uma leitura sistematizada vai proporcionar a criança observar detalhes do teto, do chão, das paredes, da lousa que, até então, estavam ali, à sua frente, mas não tinham ainda sido percebidos; planejar uma visita a um *shopping* para ler sistematicamente seus diferentes compartimentos (nível sintático) exige um planejamento prévio, para ler e significar a disposição dos seus diferentes compartimentos.

O porquê do local dos gêneros de primeira necessidade estarem onde estão, o local dos supérfluos etc.. Compreender as significações dessa localização (nível semântico), entendendo a disposição e o uso dos objetos nas prateleiras (nível pragmático) etc.. Ler os tipos de edifícios existentes na cidade, a vegetação da região, os rios, poluídos ou não, as ruas da cidade, os objetos de um museu etc. enfim, colocar a criança em contato com pormenores da sua vida cotidiana e com os problemas da comunidade em que se acha inserida. Problemas muitas vezes que ela não percebe de maneira assistemática; ou, se observou, não notou sua importância. Este deve ser o trabalho a ser feito com as crianças e jovens que estão descobrindo o prazer de ler. Quando essa reflexão se traduz em "uso", atinge-se o nível mais profundo e funcional de conhecimento de mundo, em que o sujeito passa a fazer transferência de aprendizagem.

Os alunos, depois de um estudo sistemático de leitura, com a intervenção do professor, sempre que for necessária (VYGOTSKY) podem produzir suas matérias jornalísticas com base em suas vivências (FREINET) com a comunidade: primeiro a local e gradativamente a comunidade de seu país, do mundo (FREIRE) e, finalmente, a cósmica (MORIN). Ser um cidadão comunitário e do cosmo,

tendo como pátria também o próprio planeta, porque todos e tudo fazem parte de um auto[1]-eco-sistema-organizador.

Confrontando as idéias de FREINET - FREIRE podemos avaliar o quanto esses pensadores têm em comum:

a) o conhecimento através do diálogo e da participação em ações voltadas às vivências, às práticas sociais;
b) a comunicação como elemento indispensável nas e das práticas sociais;
c) a valorização do conhecimento e experiências que as crianças já trazem antes de entrar para uma instituição de ensino formal;
d) a disciplina, a liberdade, a autonomia e o sentimento de participação política que devem nortear as ações de ensino e aprendizagem (implícitas em FREINET e explícitas em FREIRE);
e) a prática educativa e formadora centrada no interesse dos aprendizes, respeitando-se suas concepções e representações de mundo e prestigiando as dimensões de uma aprendizagem em que as crianças e os jovens não podem ser vistos como sujeitos passivos e subservientes em relação ao professor, detentor de saberes prontos e acabados.

Embora a maioria das crianças esteja envolvida com algumas atividades comunitárias, elas sentem-se mais marginalizadas na instituição escolar do que na sociedade. Além disso, ao se defrontarem com professores autoritários, o canal dialógico acaba sendo definitivamente interrompido. Desconsiderar que, por vezes, em determinados assuntos, o professor pode ter na sala de aula um aluno que saiba mais do que ele, é simplesmente considerar o outro como um sujeito sem passado histórico e vazio.
Ninguém é "ninguém" (incapaz) e todo aluno pode contribuir com sua opinião em sala de aula e na comunidade em que vive.

---

[1] Auto tem aqui a acepção de algo adquirido pelo sujeito na observação dos fenômenos que o cercam.

O processo ensino-aprendizagem deve ser altamente dialógico e liberto de todos os preconceitos sobre este ou aquele método. Só assim o professor poderá saber o que realmente falta ao aluno ansioso por novas informações e, conseqüentemente, o que esse aluno realmente precisa aprender, que é, em primeiro lugar, o que quer saber.

Desconsiderar o repertório dos nossos receptores é inviabilizar qualquer proposta de diálogo, ou seja, de aprendizagem significativa. A compreensão nasce do diálogo e não do monólogo. Sem diálogo não aprendemos nem ensinamos e nem sobrevivemos plenamente. Falar e deixar falar são dois instantes fundamentais do processo de comunicação, para que haja interação comunicativa. O professor deve até mesmo sentir se o aluno está dentro do que se discute ou distante dali. Quem se interessa é porque está dialogando; perder o interesse é sinal de estar sentindo-se fora do contexto de comunicação.

O ato de dispersão de atenção, em sala de aula, é sinal de aluno desmotivado pelo que o professor enuncia. Isso pode gerar as conversas paralelas na sala de aula, já que o aluno encontrou em seu colega de classe um interlocutor com o qual pode trocar idéias de interesse comum e informações mais significativas. Se bloquearmos o canal de comunicação com o aluno, não podemos transmitir conhecimentos, ou seja, não conseguiremos conduzi-lo a um processo de aperfeiçoamento em sua educação e em suas vivências.

Por isso, os pedagogos têm insistido na necessidade de um diagnóstico[2] junto ao aluno para, a partir desses conhecimentos já existentes no educando, programar as futuras aulas, a fim de que não se processe a ruptura de comunicação entre professor e aluno. Nesse particular, a história de vida dos aprendizes, seus interesses futuros, seus conhecimentos de mundo, entendidos como seus repertórios devem tornar-se o ponto de partida (e de chegada) de qualquer processo

---

[2] Este será o tema do Capítulo II - "Contextualização da Pesquisa: Vila Ribeiro".

de ensino-aprendizagem, ou seja, ampliando, suplementando o que falta nesses universos individuais, que constituem cada um dos nossos alunos.

Nesse sentido, entendemos que interagir também significa desfazer uma falta e aumentar a capacidade de conhecimento do aluno, a partir do que nele já existia, respeitando o que ele já sabe, ou seja, sua estrutura cognitiva. Assim, há convergências entre os teóricos citados: FREINET, FREIRE, VYGOTSKY E MORIN que possuem muitas afinidades porque acreditam e prezam:

a) a capacidade do aluno em organizar suas próprias experiências;
b) defendem um saber plural e global em que os conhecimentos não podem ser vistos e nem conhecidos por meio de disciplinas estanques;
c) prezam a sensibilidade do aprendiz, o respeito pela criança para a qual as necessidades e interesses devem estar voltados em todas as circunstâncias;
d) valorizam as características do homem como um sujeito crítico, considerando a razão, a sensibilidade e a "inteligência" (entendida como conhecimento de mundo) de cada criança, como um ser em constante transformação;
e) valorizam o sentido da vida em comunidade, a liberdade, o ensino e aprendizagem voltados para a expressão do livre pensamento, para se adquirir felicidade, para o ser moral, histórico e social;
f) valorizam o relacionamento explícito entre adultos, crianças e jovens, bem como têm em comum a preocupação como a transmissão de conhecimentos sócio-culturais e históricos;
g) são teóricos que nos fazem repensar as nossas responsabilidades enquanto educadores e comunicadores em relação às nossas práticas pedagógicas e as preocupações político-sociais que devemos entender, enfrentar e transformar por meio do diálogo.

Desse modo, as abordagens aqui propostas são circundantes e se harmonizam na medida em que se completam e lançam novas luzes no horizonte para novas pesquisas. Balizando-nos por elas, discutiremos no Capítulo III "Dinâmicas Jornalísticas", com mais profundidade, as dinâmicas jornalísticas que desenvolvemos em sala – de - aula, as quais serão apresentadas ao longo desta pesquisa de forma integrada, porque foram sendo concebidas processualmente, decorrentes das exigências que foram sendo requisitadas ao longo do nosso fazer-jornalístico. Desse modo, partimos das atividades que se ancoram nas palavras de FREINET (1991:2):

> Ao excesso de palavras de uma ciência que nos ultrapassa ou que nós ultrapassamos - às fórmulas que, para nós, eram apenas cabeçalhos obcecantes a serem memorizados - substituímos a simplicidade elementar de uma trajetória que, por estar na vida, tende sempre a ultrapassar a si própria até um infinito, sendo a consciência que temos desse infinito ao mesmo tempo o nosso drama e a nossa grandeza.

2. METALINGUAGEM JORNALÍSTICA: A TESSITURA DO JORNAL INFANTIL

Através das abordagens dos teóricos da educação e da aprendizagem que foram expostas, que tiveram em FREINET o principal suporte referencial[3], engendramos as dinâmicas de metalinguagem jornalística feitas em sala de aula. Essa tessitura determinou toda metodologia em que nos pautamos para a produção do Jornal Infantil **Pinguinho de Notícia**.

Essas dinâmicas foram versadas, para efeitos didáticos, em cinco eixos, nos quais serão balizadas todas as atividades que serão desenvolvidas no decorrer dessa Dissertação[4]. Chamaremos esses eixos de "fios condutores" responsáveis em sua complexa trama

[3] Por ser ele o iniciador e o incentivador do Jornalismo Infantil na França.
[4] Principalmente o Capítulo III - "Dinâmicas Jornalísticas".

pelas estratégias que serão propostas. Por isso a denominação inicial proposta como sendo "A arte de tecer o Jornal Infantil".

Por considerarmos de especial[5] compreensão didática esse nosso modo de conceber a ponte entre Comunicação e Educação, aqui pretendida, julgamos imprescindível que essas questões fossem já delineadas nesse Capítulo I, para alcançarmos resultados, senão de "qualidade total", porque não cremos nisso, pelo menos como tentativas de apontarmos caminhos possíveis para o fazer-jornalístico em sala - de - aula. São eles: comunicação e linguagens; produção de notícias por meio de atividades lúdicas; estudos jornalísticos em situações reais de comunicação; atividades de ler & escrever; a produção de textos jornalísticos interpretativos, os quais detalhamos a seguir.

2.1. Comunicação & Linguagens

Na área de Língua Portuguesa, ao lado da metalinguagem jornalística, abrangemos o aperfeiçoamento da linguagem oral e a introdução do desenvolvimento da leitura e escrita. Sem esses conhecimentos ficaria difícil para a criança escrever e desenvolver suas primeiras matérias jornalísticas de modo que os aprendizes de primeiras e segundas séries tiveram que produzir suas matérias em forma de desenhos, uma vez que a maioria ainda não dominava a linguagem alfabética.

A idéia de "desenvolver" sugere, mais uma vez, que o processo de aprendizagem da linguagem deve ser progressivo.

Sabemos que a criança, quando está em idade escolar, já fez a inferência de elementos da gramática de maneira assistemática, como nos mostram grande número de exemplos de produção de palavras, diante de uma situação de fala, em que a criança

[5] Entenda-se aqui essa palavra com a acepção de "pessoal".

ainda não possui incorporados em sua estrutura cognitiva determinados conceitos gramaticais.

Por exemplo, o processo de regularização de verbos irregulares como em "eu di", em lugar de "eu dei", ou mesmo em substantivos como em "fotografeiro" em vez de fotógrafo - por analogia a cozinheiro, padeiro, sapateiro e a idéia de que o sufixo "eiro" é designativo de profissões, deve-se exatamente em fazer aproximações sucessivas. Desse modo, entendemos que uma criança já possui as estruturas de uma gramática em potencial, antes mesmo de aprendê-la de modo sistematizado.

A criança sabe também empiricamente o que é um jornal, mas não sabe conceituá-lo, nem mesmo sabe como o mesmo chegou até ela, isto é, quem o produziu e como foi essa produção. Desconhece, também, o modo de divulgação do mesmo. O que ela deve aprender em sala de aula é perceber que os fatos ou opiniões são criados por um profissional (o jornalista) e que essa criação não é espontânea, que houve um processo cultural, portanto, ideológico, para que ela recebesse, por meio do jornal impresso, as informações veiculadas.

Tudo isso é fruto do acúmulo de experiências culturais da humanidade, determinadas, no jornal impresso, pelo verbal e não-verbal, mas sempre passíveis de novas leituras e interpretações, como vimos nas abordagens anteriores.

Algumas instruções sobre a linguagem jornalística foram estudadas com os professores em seminários (em HTP - Horas de Trabalho Pedagógico[6]) para que as explorassem, depois, oralmente com seus alunos. Por exemplo, depois de discussões iniciais e estudos teóricos jornalísticos, chegamos ao consenso que o *lead* clássico seria um recurso não tão essencial para prender a atenção do receptor infantil,

---

[6] As Horas de Trabalho Pedagógico (HTP) são, em geral, duas horas semanais que os professores cumprem fora dos seus horários de aula.

uma vez que ele limita a criatividade e dificulta o fluxo do pensamento infantil, principalmente das crianças das séries iniciais, como veremos no próximo item.

2.2. Produção de Notícias

Na escola, para que os alunos possam produzir suas notícias, o professor deve criar situações em que as crianças exponham e reconheçam aquilo que já sabem sobre a escrita e aliarem a esse conhecimento o que é importante de ser conhecido e noticiado para todos. Surgiu daí a primeira noção sobre o conceito de notícia, dada pelos próprios alunos: "aquilo que interessa a todos da escola e que certamente temos condições de (contar); aquilo que os demais ainda não sabem, mas que gostariam de saber e nós, de contarmos".

Notamos que os alunos conseguem ler muito da linguagem verbal, antes mesmo de serem alfabetizados. Essa leitura se dá, num primeiro momento de modo global, identificando logotipos nos jornais, por exemplo. Mas sabemos que o aluno também decompõe esse global para assimilar suas partes e o recompõe, criando novas estruturas mentais significativas. Assim o processo não é apenas dedutivo e nem indutivo, mas os dois, concomitantemente. Assim, muitos logotipos são facilmente identificados por muitos deles, de modo globalizante, mesmo antes da aprendizagem do alfabeto.

Dos sete a oito anos, os alunos conseguem identificar, em uma palavra, diferentes componentes. Isso lhes permite desmontá-la em elementos distintos, como sílabas e letras. Mas eles não percebiam, de imediato, que em um jornal havia seções e gêneros jornalísticos diferentes. Porém, na medida em que entraram em contato com vários jornais, de modo comparativo, então, começaram a fazer identificações de suas partes. Por exemplo, eles conseguiram diferenciar os logotipos de diferentes jornais, as diversas seções, os diferentes

números de colunas, inclusive seu comprimento e largura, entre outros aspectos individualizadores, que dão identidade a cada editoria.

Mostramos também aos alunos que, no jornalismo, nem todos têm a mesma concepção do que é notícia.

Num primeiro momento, todos alunos disseram que o mais importante a publicar no jornal era o que acontecia com eles, na escola e na Vila. Podemos notar que nas primeiras edições todas as matérias giraram em torno do que se passava na sala – de - aula, na escola e em acontecimentos já comentados pelos professores[7]. Mas, aos poucos, com o acontecimento da comemoração 500 anos Brasil, por exemplo, (muito explorado pela mídia televisiva), as crianças puderam perceber que o mundo em geral (fora da Vila e da comunidade) era também interessante para virar notícias.

As primeiras dinâmicas que envolvem a redação de *leads* serão por demais demoradas.

Sugerimos que as crianças das séries iniciais trabalhem com *lead* com três perguntas: **Quê?, Quem?, Quando?**, pois relações causais e consecutivas pressupõem a formação de conceitos de causalidade que crianças de sete a nove anos não têm condições ainda de internalizar. Entretanto, nada impede que as demais perguntas: **Onde? , Por quê?, Como?**, sejam gradativamente introduzidas nas séries finais.

Para o entendimento do *lead* clássico podemos conceituá-lo conforme ERBOLATO (1991:127): "O *lead* ou cabeça destina-se a atrair e prender a atenção do leitor, conduzindo-o ao parágrafo seguinte". Foram discutidos os seguintes itens teóricos como instrução da redação de um *lead* infantil:

---

[7] Essas idéias estarão ampliadas no Capítulo III - "Dinâmicas Jornalísticas".

QUADRO 01
Produção do *Lead*

NA GRANDE IMPRENSA	NO JORNAL INFANTIL
1. A notícia deve começar pelo que houver de mais interessante, não para o jornalista, mas para o leitor.	**1. A notícia deve começar pelo que houver de mais significativo à criança.**
2. No primeiro parágrafo deve constar uma súmula das principais informações do texto.	**2. No primeiro parágrafo deve constar o que a criança julga mais importante, sendo avisada que se for cortada sua matéria aquilo que ela acha mais interessante deve estar escrito logo nas primeiras linhas.**
3. Ao escrever, o emissor deve tentar responder as perguntas que qualquer leitor interessado na leitura faria: Quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Por quê? Como?	**3. Ao escrever a criança deve responder apenas: Quem? Quê? Quando?**
4. Dos três elementos dessa fórmula o jornalista deve destacar aquele mais sugestivo e capaz de ser mais interessante ao leitor. Essa regra só tem exceção se for para escrever matérias muito peculiares, em que elementos pitorescos como surpresa ou o inusitado são prioritários.	**4. Além desses três elementos a criança poderá acrescentar onde, porquê e o como se realmente souber estabelecer essas relações e se assim o desejar.**
5. O fato deve ser narrado com uma boa gramática mas sem pompa e sem afetação na linguagem.	**5. A criança não deve copiar palavras do caderno, dos colegas e nem do professor. Deve usar as que já internalizou, as que fazem parte do seu repertório cujos significados são conhecidos por ela com os recursos gramaticais já incorporados por ela.**

ERBOLATO (1991) afirma que o bom jornalista o é por vinte e quatro horas e não só nas horas que passa na redação e nos passa algumas considerações. São elas:

a) é necessário que aqueles que vão escrever notícias leiam enciclopédias, dicionários, consultem banco de dados e recorram as mais diversas fontes;
b) para agir eticamente o jornalista deve divulgar todas as opiniões e aspecto em torno de uma controvérsia, lembrando que os boatos não podem ser entendidos como notícias;
c) as afirmações inverídicas, mesmo que inofensivas na aparência, fazem com os leitores percam a confiança no jornal.

Para a jornalista Cremilda MEDINA (1988), o bom jornalista não é apenas um noticiarista técnico, mas aquele que está preparado para a demanda de um jornalismo de profundidade, isto é, aquele que escreve noticiando a vida em primeiro lugar e depois os fatos que só tem importância para o receptor se esse puder interpretar o sentido dos acontecimentos relatados, relacionando-os com a sua vivência, isto é, dentro de um contexto significativo.

Portanto, à simples fórmula do *lead* clássico: **3Q+O+P+C = notícia**, o bom jornalista atual deveria acrescentar outras questões como: **em que contexto? com que envolvimento humano?**

A nosso ver, embora a boa gramática, ou seja, as técnicas devam ser respeitadas, o aspecto humano deve predominar sobre o técnico em se tratando de jornais infantis e educativos, como também deveria sê-lo nos demais jornais da grande imprensa.

Realmente, podemos constatar que cada jornal adota um manual de redação com instruções que acredita poder manter a identidade do jornal perante seu público consumidor. Mas isso não basta para se chegar ao jornal interpretativo/contextualizado e humano

aqui proposto, inspirado na jornalista Cremilda MEDINA (1973), no livro (cujo nome inspirou-nos o título desse Capítulo I) **"A arte de tecer o presente"**. Neste livro, a autora nos fornece um roteiro de análise e apresenta-nos duas categorias gerais para abordarmos a reportagem interpretativa, são elas: **conteúdos informativos** e **formulação estilística**.

Quando um **conteúdo informativo** se detém no presente e complementa o fato nuclear noticioso com outros fatos correlacionados, temos (segundo a autora) "a reportagem de contexto". Se tivermos uma perspectiva de tempo mais ampliada, apresentando raízes históricas, temos o que MEDINA (1973: 11) chama de "matéria de pesquisa". Quando um conteúdo informativo particulariza o fato-notícia por meio da "humanização", temos uma forma de reportagem individualizada, em que "... interpreta-se uma situação objetiva na vivência de um personagem, vivência aberta em tempo e espaço".

Quanto à **formulação estilística**, podemos analisá-la em dois ângulos: pelo fluxo das unidades informativas da estrutura textual e por meio de um processo narrativo da reportagem. Este último pode ser linear ou não. Manifesta-se das seguintes formas: seguindo a cronologia dos fatos; relacionando-os ao espaço social; considerando-se o aprofundamento gradativo dos argumentos na composição da matéria, por meio de gráfico estrutural; hierarquizando as unidades informativas segundo expectativas persuasivas e não desconsiderando os aspectos criativos pessoais. Esse processo narrativo vai engendrar o fluxo das unidades informativas. Quando essas não são lineares, podemos chamá-las de desarticuladas. Essa desarticulação (significativa) pode ser conseguida através de efeitos estilísticos. Exemplo: por meio da reconstituição de tipos psicológicos - reportagem de humanização; pela reconstituição de diferentes tempos verbais "presente e passado". Através desses procedimentos estilísticos, o repórter cria um processo narrativo em que o fluxo informativo das unidades textuais depende da sua



habilidade de narrador e dos encadeamentos fonte/repórter que sustentará a matéria jornalística.

O jornalismo que propomos como educativo se enquadra predominantemente na reportagem humanizada de contextualização que pode prescindir dos recursos estilísticos apontados (no caso do jornalismo infantil). Isso não significa que desvalorizamos o estudo das técnicas jornalísticas. Estas podem ser observadas e desenvolvidas em atividades como: estruturar uma notícia levando-se em consideração os tempos verbais e a aspectualidade que denotam (séries mais adiantadas); recortar títulos, reconhecer as letras (série em início de alfabetização) etc..

Desse modo, o estudo das técnicas pode ser um possível caminho procedimental para que os alunos, em fases mais adiantadas de conhecimento e habilidades, possam se soltar no que se refere ao desenvolvimento lingüístico de textos mais complexos, como o são para as crianças os textos interpretativos / argumentativos, editoriais e artigos. Preferimos deixar os textos argumentativos para as crianças das séries mais avançadas, porque envolvem capacidades superiores e conteúdos cognitivos que as crianças das primeiras séries não poderiam ainda desenvolver. Cada passo bem vencido, levará a criança a uma auto-organização e ela não necessitará da presença intensa de um adulto em atividades semelhantes.

Partindo da concepção que só ocorre comunicação midiática se houver um meio que a justifique, julgamos necessário que para garanti-la, fossem estabelecidos alguns consensos com os quais a nossa equipe trabalhou na produção do Jornal **Pinguinho de Notícia**. Foram eles:

a) propor às crianças desafios constantes, mas dosados, permitindo aos alunos elaborarem suas matérias sem constrangimentos;
b) mostrar aos docentes que as dificuldades da aprendizagem da linguagem jornalística podem ser superadas;

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

c) desmistificar a idéia que não é possível fazer jornal em sala de aula, porque sempre falta algo que não se consegue apreender. Lembrá-los que as dificuldades devem e podem ser superadas gradativamente, visitando as teorias, quando necessário e trocando idéias com os colegas.

Sabemos que, nesse processo de produção coletiva, um possível "erro" de percurso deve ser considerado como uma etapa a ser vencida e que uma reflexão sobre ele pode criar hipóteses que as crianças usarão posteriormente, com o intuito de desfazê-lo e superá-lo.

Saber o **porquê** e o **como** uma criança está enfrentando a árdua ação de aprender esse novo "saber-fazer jornalístico" é mais importante, nesse estágio, do que simplesmente decorar teorias.

As noções teóricas que estamos propondo são pontos de partida aos professores e não são aqui entendidas como pré-requisitos que devam ser impostos às crianças para que as mesmas decorem o que são notícias, *leads*, manchetes etc.. Mesmo porque não temos uma única definição de notícia.

O teórico ERBOLATO (1991), assim como outros, defendem que as notícias são a matéria–prima do jornalismo. Os assuntos aos quais se referem às notícias, depois que elas são divulgadas, podem ser interpretados, comentados e pesquisados, servindo até de motivos para charges, gráficos, histórias em quadrinhos etc..

Os jornais compram e vendem informações, são emissores e receptores de notícias ao mesmo tempo, porque toda a Redação recebe mensagens (despacho das agências, notícias escritas pelos repórteres locais, ou originais de sucursais etc.) e também a Redação é um emissor em relação aos usuários do Jornal, receptores que recebem as matérias publicadas.

ERBOLATO (1991) apresenta várias definições de notícias. O fato a destacar é que nenhuma definição está totalmente

certa ou errada, já que nem tudo que acontece vira notícia e a maior parte das atividades humanas cotidianas não são registradas nos jornais. Mas algo banal pode virar notícia. Se uma criança é vista, por exemplo, pedindo um pedaço de lanche a outra criança, isto certamente não virá a ser notícia, mas se o lanche que foi servido pela merendeira da escola estiver deteriorado e causar sérios danos à saúde das crianças, isto certamente deverá sèr noticiado.

Se não podemos falar o que é, com precisão, uma notícia, podemos, entretanto, explicar como ela dever ser: recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público. Mas para o nosso público-alvo infantil, não podemos complicar explicando o que vem a ser objetividade e, muito menos, o que é neutralidade.

Entretanto, com crianças de séries finais podemos, sim, discutir certos pontos controvertidos em jornalismo. São eles: objetividade, neutralidade, imparcialidade etc.. Estaria, por exemplo, um jornal sendo objetivo e imparcial se publicasse o discurso de um deputado em detrimento de um outro (de partido diferente), mesmo sem qualquer distorção? Aqui começa o jornalismo interpretativo/ contextualizado, proposto por MEDINA (1973).

Em primeiro lugar, podemos, por exemplo, começar um debate entre os professores, propondo temas para discussões, como: **"O repórter é o intérprete do público"**; **"O jornalista sabe o que seu público deseja"**; **"Hoje, fatos que se publicam de manhã, à tarde já estão superados"**; **"O leitor quer sempre novidades, ainda que superficiais"** etc..

A nossa primeira definição provisória de notícia, conseguida com o consenso de uma turma de crianças das séries finais e dos professores da instituição foi:

> Notícia pode ser tudo que acontece na escola/comunidade e que seja do interesse de todos: desde as pessoas que estão aqui, agora agindo de forma a causar espanto à comunidade; fatos considerados relevantes socialmente à comunidade e até fatos importantes para a vida dos nossos vizinhos.

Diante da impossibilidade de se definir notícia, essa definição foi aceita pelas demais crianças. Objetivamente, pudemos, por meio da definição inicial, discutir com todos os membros da equipe - de acordo com IJUIM (1999) - sobre o que pode virar notícia: proximidade, impacto, proeminência, conseqüências, humor, raridade, marco geográfico, oportunidade, expectativa e/ou suspense, repercussão. Sugerimos que os professores discutissem esses critérios com a sua turma, o que não deixaria de ser também uma aula de semântica aplicada.

Ainda, segundo IJUIM (1999), para a escolha das pautas devemos considerar, não só o lado informacional e proximal dos assuntos, que sabemos vendáveis, mas também aqueles que acrescentam a "humanização" e façam do receptor, não só um ledor competente, mas também "uma pessoa". É preciso destacar aqui que o **"Jornal comunitário educativo"** que propomos tem nisso o seu princípio básico, ou seja: "esse processo de pessoalização", proposto por IJUIM.

Para que as crianças tenham condições de escrever sobre o que acontece na escola, no bairro, na cidade etc. qualquer atividade pode ser ampliada com a saída dos alunos às ruas do bairro, de modo que eles possam aumentar seu campo de leitura, percebendo a grande diversidade de situações que apelam para a sua atenção em todos os lugares.

Podemos começar, também, apenas dando sugestões, pesquisando na biblioteca ou simplesmente motivando as crianças, contando-lhes histórias, sempre de modo oral ou escrito. Tais histórias podem ser verídicas ou não; mas, desse modo, estaremos despertando e incentivando os aprendizes para gostarem de ler.

Vemos o jornal como uma macroestrutura que se subdivide em microestruturas, como em cadernos de turismo, política, esporte etc..

O jornal é entregue ao seu público alvo (ou vendido nas bancas) como um complexo conjunto de elementos que vão desde os espaços em branco, aos traços e letras de diferentes tipos e tamanhos, às diferentes seções, para chegar às manchetes (ou inicia-se a sua leitura pela manchete), manchas verbais em colunas, fotos, desenhos, ícones, entre outros elementos. Assim, o trabalho de manusear, selecionar seções, recortar notícias, anúncios e agrupar os diferentes gêneros de textos jornalísticos (informativos opinativos, interpretativos e de entretenimento) pode ser um início de trabalho de como produzir um jornal.

É preciso observar, ainda, que há teóricos da comunicação que não consideram a divisão dos gêneros e nem a divisão em seções como pertinentes, já que ninguém informa sem interpretar antes, ainda que de forma imprópria e, que desmembramentos de seções ou a criação de novos cadernos é uma questão, segundo DINES (1986:105) de "faro jornalístico e de detectar as transformações sociais em curso".

Completa também DINES (1996:105) comentando:

> ... o jornal dividido em cadernos, suplementos e seções – o sério de um lado, o banal de outro já não se compreende na era do amálgama e da integração. O jornal total teria vantagens editoriais, industriais e sobretudo, publicitárias, pois não haveria diferenças nem mesmo de preços para anúncios entre os cadernos, que longe de estimular afugentam os pequenos anunciantes.

No caso do jornal **Pinguinho de Notícia**, sabíamos que entre os nossos receptores estariam também os próprios emissores das reportagens, além das demais crianças da comunidade. Incluímos aí, também, os funcionários da instituição, merendeiras, secretária de escola, direção, professores, pais e moradores da Vila, pois todos fazem parte da comunidade. Como produzíamos dois jornais: um em formato

A4 (que era destinado à criança individualmente para que o levasse para casa) e um outro mural, A3 (comum a toda comunidade da Vila), as matérias, que não tinham sido editadas no jornal A4, eram publicadas no jornal mural. Esse era pregado em todas as dependências da instituição e em vários pontos da Vila Ribeiro: bares, igrejas, posto de saúde etc..

Sugerimos também aos professores que trabalhem os diferentes códigos usados para produzir informação, em diferentes linguagens, tanto verbal como não-verbal.

Separar as fotos das notícias, embaralhá-las e pedir a reconstrução de uma página de jornal exigirá das crianças certo grau de maturidade. Assim, crianças, em fase silábicas, devem ser incentivadas a dar atenção especial à forma da página, das letras e do não verbal ali existente.

Muitas outras atividades podem ser criadas no processo de montagem/desmontagem de uma página de jornal: separar as manchas verbais das colunas de uma notícia das respectivas manchetes e propor ao aluno que, por meio de um processo de leitura do verbal e do não verbal (sincretismo), consigam fazer a remontagem da página atentando para a relação entre títulos e subtítulos e a temática do texto noticiado.

Nas manchetes, compor as unidades gráficas, de acordo como os padrões estabelecidos no projeto gráfico. Em certos casos, fazer o mesmo com os subtítulos. Fazer títulos e subtítulos curtos, suficientemente explícitos para serem entendidos e suficientemente misteriosos para não dizerem tudo ao leitor, a fim de que ele se interesse pelo texto. Não esquecer que o título deve conter um verbo, explícito ou implícito de preferência na voz ativa e no presente ou no futuro, mas isso vai depender da intencionalidade do autor.

ERBOLATO (1991:130) nos alerta para "... ter em mente que o que aconteceu tem menos importância, o que está acontecendo tem mais e o que vai acontecer - tem muitíssima importância".

unesp

Enfim, todo cuidado na escolha de títulos é pouco, porque muita gente pode julgar apressadamente um jornal apenas pelas manchetes dadas.

O professor pode, para apresentar atividades com títulos[8], começar, por exemplo, por recortar palavras da manchete e dos subtítulos que também aparecem no corpo da notícia; recortar também as sílabas semelhantes, para enfim chegar às letras.

Estas são algumas atividades (paralelas com a teoria jornalística) que podem ser propostas às crianças e que exigirão delas um trabalho de leitura para decompor, compor e recompor as diferentes partes de uma notícia, colocar os elementos em seus devidos lugares etc..

Por certo, cada professor saberá encontrar outras possibilidades de trabalhar com os títulos, tendo em vista sempre um objetivo determinado a ser atingido, de acordo com o nível das crianças e de um diagnóstico previamente elaborado para se atingir um determinado objetivo. Por último, julgamos necessário acrescentar, que nenhuma atividade deve ser apresentada às crianças apenas para passar e preencher o tempo que está faltando para dar o sinal do encerramento da aula e/ou em qualquer situação.

Os mesmos procedimentos de recortes de manchetes podem ser feitos com histórias em quadrinhos que aparecem na seção de entretenimento dos jornais infantis (as "folhinhas"), separando o verbal dos balões, do verbal que aparece em outras situações como o título e as indicações de mudança de espaço ou tempo, por exemplo.

Recortar também os diferentes quadros; retirar quadrinhos para que os próprios alunos completem a seqüência; retirar a legenda para que os alunos substituam-na por outra, são, enfim

---

[8] Observar os detalhes e as explicações de como foram aplicadas essas atividades no Capítulo III - "Dinâmicas Jornalísticas".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

atividades que rendem bons resultados. As possibilidades de trabalho com esse material são tantas que o professor poderia (aliás, deveria) dispensar o livro didático como o único recurso didático possível.

2.3. Estudos Jornalísticos em Situações Reais de Comunicação

Nosso objetivo é fornecer sugestões, através de dinâmicas jornalísticas, tendo em vista uma nova postura do educador em que o processo de produção/recepção de textos em sala – de - aula seja menos artificial. Essa artificialidade pode ser constatada quando a criança escreve mecanicamente, reproduzindo um modelo (um bilhete, por exemplo) que o professor passou para a turma como tarefa de casa. Depois o docente corrige os erros gramaticais e verifica se o aluno seguiu o modelo do bilhete transcrito na lousa.

Esse processo deixa em suspenso a comunicação fundamental que poderia ser estabelecida com a produção de um bilhete em **situação de uso**, esta expressaria a manipulação de um emissor a um possível receptor a ser persuadido para ler esse texto e aceitar ou não o que tivesse sendo transmitido. Mas, no exemplo exposto, não houve partilha de idéias, nem interação entre o produtor do bilhete e o colega a quem a criança poderia tê-lo destinado, a não ser que a criança o tivesse escrito, **com alguma intencionalidade específica**, ao próprio professor, o que não foi o caso, porque o aluno agiu mecanicamente ao reproduzir o modelo de bilhete dado para tarefa.

Essa troca artificial de textos, destinada para corrigir imperfeições de linguagem, portanto, não tem o resultado esperado, pois não ocorre uma **efetiva situação de comunicação** entre sujeitos interagentes.

Nesta Dissertação, todas as atividades foram desenvolvidas em grupo em situação real de comunicação efetiva.

unesp

É preciso atentar que nem todas as crianças são tão ingênuas o quanto supomos que sejam. Elas sabem, na maioria das vezes, quando um adulto leu ou não seus trabalhos, principalmente quando os mesmos são devolvidos a elas sem nenhum comentário.

Muitas vezes, a produção infantil é simples repetição do sistema, como demonstram os temas fixos de redação como "Meus pais", "Minha mãe", "Dia do Trabalho", que seguem o calendário, e são solicitadas em quase todas as instituições.

Entretanto, há possibilidades originais de "brincar" com as próprias palavras, criando trocadilhos como em "A prima Vera chegou", que pode estimular os alunos a prestarem atenção no plano da expressão (significante) que alterou o plano do conteúdo (significado), de modo a perceber a polissemia do discurso e da possibilidade da função poética da linguagem, quando se explora a materialidade do significante.

Outro texto imagético, bastante interessante de ser proposto como leitura mítica às crianças, são os grafites. Neles as possibilidade de explorar a expressividade das formas, a rebeldia do traçado das letras, as cores são motivos de intrigantes debates entre os alunos das séries finais. Esse modo de comunicação polui o visual do bairro ou o embeleza? Essa é uma das possíveis discussões com os alunos para, depois, sugerir-se uma pesquisa jornalística na comunidade; por exemplo: "Você concorda ou discorda que grafitar muros de seu bairro é uma prática artística?". Posteriormente, essa dinâmica poderá se transformar numa reportagem.

Outra questão a ser considerada na produção de textos pelos alunos é o processo imitativo de fala ou da escrita, para impressionar ou "mostrar" cultura. Em geral, o modo de falar do professor passa a aparecer nas redações dos seus alunos com o uso de palavras que nem sempre fazem parte do repertório discente. Havia também uma prática tradicional, hoje quase abolida, de apresentar formas fixas de textos para serem mais ou menos seguidas, como modelos de carta, de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dissertação etc. Dependendo de como essa prática é efetivada, podemos desenvolver nas crianças posturas mais autônomas ou de dependência.

Enfim, o aluno vai aplicar-se com mais intensidade, ou não, em seus trabalhos redacionais e nas atividades aqui sugeridas, de acordo, também, com a empatia que o professor consiga estabelecer com ele.

Sabemos que algumas escolas exigem do professor o preenchimento mecânico, na maioria das vezes, de fichas de avaliação. Hoje, podemos constatar, durante a nossa pesquisa, que muitos professores já nem se preocupam com o processo avaliatório e muito menos em avaliar o crescimento (cognitivo, afetivo, procedimental) real do aluno, apenas copiam fichas até com os mesmos dizeres das mesmas avaliações dos anos anteriores.

Assim, o próprio sistema incentiva o uso de modelos. Um professor tão acostumado a padronizações dificilmente vai propor atividades criativas aos seus alunos, ao contrário, vai reproduzir modelos, não importando se por meio do mimeógrafo ou do computador.

Desse modo, a produção/recepção de textos em sala de aula não tem cumprido a sua função social de interação entre sujeitos e nem tem sido criativa. Melhor seria que o professor transformasse essa situação artificial em situações reais de comunicação, com a troca de cartas entre alunos, ou de avisos em um mural etc. apenas sendo interventor quando solicitado.

É preciso também que todo professor aprenda a ser um comunicador. Isso exige uma outra observação muito relevante. Vivemos em uma sociedade de instituições: família, escola, igreja, etc.. Cada instituição exige um tipo discursivo diferente, ou seja, requer uma formação discursiva determinada de modo ideológico pelo "já dito ou instituído", historicamente construído em cada uma dessas instituições, que assim, determina o que pode ou não ser dito em uma dada situação comunicativa, através de formações discursivas, em linguagens

tensas/informais, ou tensas/formais. O papel temático social que cada emissor desempenha em situações de comunicação, e as relações de poder mediadas por ele não pode ser deixar de ser discutidas em sala – de - aula.

Nesse particular, o contexto de fala passa a ser produtor de significações. Ao falarmos, ocupamos posições sociais determinadas pelas linguagens, que mostram poder e estratificação social em suas regras. Assim, sabemos que o discurso pedagógico dá ao professor o poder de ordenar, enquanto o aluno deverá ser o subordinado. Além disso, a palavra do mestre, no ensino tradicional, deve ser tomada como a "verdade" sobre o que se discute na sala – de - - aula, pois a ele cabe o poder de ser conhecedor/produtor de verdades científicas.

Sabemos que temos uma tipologia textual que possui funções diferentes na sociedade e que "o já dito" é sempre o que já foi institucionalizado, desse modo, a vontade de um único indivíduo não tem a sua própria história. Como nos ensina FOUCAULT (1999:17):

> Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a Pedagogia; é claro também, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora e os laboratórios de hoje.

Trazendo isso para o campo dos laboratórios de jornalismo, da edição pautada nos manuais de redação (que não deixam de expressar um limite à livre expressão, regulada – muitas vezes - por normas impostas), pudemos discutir com os professores, por exemplo, não nos ser possível debruçar sobre uma notícia de jornal que é factual e vai ser angulada de acordo com a editoria do jornal, como nos debruçamos sobre um conto literário, que é ficcional, mas que também não deixa de expressar uma ideologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

No texto noticioso, espera-se encontrar a representação referencial da realidade ("vontade de verdade" de uma empresa jornalística, com regras editoriais, cuja ideologia pretende ver preservada); no texto literário, não há compromisso com a veracidade dos fatos e o seu enunciador pode criar e distorcer, apelar para o imaginário dos receptores.

O emissor dever ter clareza no que deseja enunciar, repensando a importância da função social do jornal e do seu papel , como jornalista, de criador de opinião pública (portanto, um educador), procurando garantir a liberdade de expressão no Jornalismo e não a confundindo com a liberdade de expressão da Empresa Jornalística. É isso que possibilita ao jornalista passar conhecimentos mais do que informar, isto é, essa consciência da dimensão complexa/humana que deve predominar no Jornalismo Humanizado.

Entretanto, tanto no texto noticioso como no literário, o emissor deve criar com coerência (veridicção) e coesão (seqüência de idéias) o seu discurso , sempre em nome da técnica/estética/ética da informação e não somente em prol da objetividade, entendida aqui como "vontade de verdade".

A literatura visa à criação do belo. Entendemos a beleza, aqui expressa, como a arte de criar um objeto estético e, em seu nome, podemos até discordar com as normas cultas da língua, se preciso for, a fim de se atingir êxtase e/ou fruição.

A literatura, jamais deixará de ser um mergulho na problemática existencial humana e por isso está muito relacionada com a nossa vivência. No entanto, seu papel primeiro não é informar, como o faz a notícia jornalística, embora isso também possa nela acontecer.

Sabemos que no texto literário o "como" é mais importante do que "o assunto" tratado. Ou seja, mais importa a forma do que o conteúdo, ou ainda, forma e conteúdo formam um todo em que um se projeta no outro e se complementam harmonicamente.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2.4. Atividades de Ler & Escrever

Acreditamos que o docente, que deseja realmente modernizar o ensino de leitura, deve explorar as possibilidades de leitura concreta de textos oferecidos pela imensa gama de apelos que a vida cotidiana oferece a todos os sujeitos. Como explorar essas possibilidades de leitura com as crianças? Nesse particular, o número de alunos deve ser fundamental, nunca ultrapassando vinte e cinco por classe.

O trabalho de ler e escrever dos alunos deve partir de textos com começo, meio e fim, formando unidades narrativas completas. Sabemos que num complexo de palavras há aquelas que servem para indicar/nomear seres (os substantivos), para caracterizá-los, (os adjetivos), para indicar ações/estados (os verbos), mas também existem palavras que só servem de elemento de ligação entre as demais, como as conjunções e preposições. Estas deverão ter uma atenção especial por parte do professor no momento de leitura de textos completos, sendo estes discursos jornalísticos ou não.

Embora essa sistematização gramatical possa ocorrer nas séries mais adiantadas (em outros ciclos), é fundamental que o professor, do primeiro ciclo, apresente algumas noções de como um texto deve ser legível e compreensível, como ele deve apresentar, desse modo, coerência e coesão de acordo com a situação de uso, da intencionalidade dos interlocutores e do contexto em que será empregado. Isso pressupõe que as crianças interiorizem algumas regras gramaticais, mas não necessitando, por este motivo, serem expostas a uma metalinguagem desgastante. Esse fato era comum acontecer no ensino tradicional, e ainda o é, em algumas instituições de ensino, que induzem as crianças a um ensino meramente memorístico.

Sabemos que ao ler um texto, com a ajuda do professor, apontando palavras, é comum às crianças (que ainda não

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

fazem devidamente a correspondência entre os fonemas e os grafemas que a eles correspondem) "saltarem" ou "emendarem" os monossílabos com as outras palavras, formando compostos. Os alunos passam, por exemplo, a escrever o que ouvem "UZÓIU" (os olhos), em que há uma composição do artigo "os" com o substantivo "olhos" e a síncope do dígrafo. Por isso, o professor deve levantar os seguintes problemas: a) que a língua escrita, na modalidade da norma culta, possui regras; b) ela não reproduz com fidelidade a língua oral; c) que aprender a escrever, segundo o padrão culto, é, praticamente, aprender uma outra língua.

Essas reflexões devem ser uma das tarefas mais árduas do professor que ensina as crianças a ler e escrever, quer estejam trabalhando com a linguagem jornalística ou não.

2.5. A Produção de Textos Jornalísticos Interpretativos

Todo texto é interpretativo. Mesmo aquele que serve como descrição/narração de um acontecimento qualquer, como a notícia.

Assim, todo sujeito, ao produzir um texto, exerce um poder de interpretação/argumentação, até na escolha do próprio gênero que vai predominar no texto que produz. O ato de fazer interpretações deve ser feito através da própria ação reflexiva do aluno, para uma posterior transferência que lhe garanta um uso efetivo. Ele mesmo deve poder checar seus próprios equívocos interpretativos/argumentativos e assim avançar em seus conhecimentos para produzir textos jornalísticos cada vez mais adequados e corretos. Frisamos, assim, que sem uma postura construtivista sócio– interacionista não chegaremos a um jornal que respeite o conhecimento do aluno, como ele o adquire e de que modo pode usar esses conhecimentos em situações comunicativas.

Um dos trabalhos que faz o aluno se sentir inserido dentro do processo de ensino/aprendizagem é a produção de textos que fazem parte do seu dia-a-dia, como pequenas crônicas, anúncios,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

notícias, entrevistas, reportagens, bilhetes de colegas da classe etc.. Esses textos determinam um diálogo mais direto entre quem produz a informação e a pessoa informada.

Esses trabalhos podem ser feitos oralmente, quando um aluno pede ao outro que escreva o que ele quer relatar. Nesse instante, esses dois interlocutores passam a conversar de um modo mais amigável, do que o fazem quando apenas perguntam ao professor e isso pode facilitar o ensino/aprendizagem entre os próprios alunos. Aliás, esses trabalhos em grupo, proporcionados pela produção jornalística, são extremamente funcionais, quando bem orientados e planejados pelo professor. Assim, por exemplo, o professor pode pedir a um aluno menos adiantado que tente criar uma notícia e a "dite" a um aluno que tendo menos dificuldade de escrever do que ele o auxiliará na redação final. O aluno mais adiantado passará a ser uma espécie de monitor dessa aprendizagem.

Exploramos muito esse procedimento quando explicamos que as matérias do **Pinguinho de Notícia** poderiam ser "escritas" por meio de "letras" ou de "desenhos".

Sabemos que o diálogo entre os alunos não tem a mesma barreira do diálogo do aluno com o professor. É claro que esse trabalho deve ser muito bem orientado pelo professor, no sentido de ser cooperativo, a fim de que não exista o constrangimento entre os colegas monitores e os monitorados.

O produtor e leitor de qualquer texto, na realidade, são críticos quando dão vida (significação) ao que produzem e lêem, na medida em que tanto sabem construir um texto com coesão e coerência, como também sabem desconstrui-lo, durante o processo de interpretação, para desvendar o que o texto disse além do que foi dito.

As produções de um leitor crítico estão muito além do simples ato de decifrar e desenhar letras em uma página de papel, seja essa página de jornal ou de caderno.

unesp

Descreveremos, no Capítulo III, as dinâmicas jornalísticas como sugestões aos pesquisadores interessados. Entretanto, devemos antecipar, que as experiências que fizemos, não são tão fáceis, como o pode parecer, à primeira vista, de relatar. Como nos ensina DESCARTES In CHIAROTTINO (1984:13):

> Se alguém explicasse com clareza quais são as idéias simples que comparecem na imaginação dos homens - e de que se compõe tudo o que eles pensam - e se todos aceitassem a explicação, caberia esperar, em seguida, uma língua universal, muito simples de aprender, de pronunciar e de escrever e, ponto principal, capaz de ajudar-nos a formular juízos com tal distinção na representação das coisas que seria quase impossível o engano. Ao contrário, as palavras de que dispomos têm, em geral significações confusas, a que o espírito dos homens se habituou de longa data - e faz com que quase nada se entenda de modo perfeito.

A nosso ver, se não conseguimos uma comunicação com cem por cento de eficiência (seria para nós impossível acreditarmos nisso), podemos, ao menos, almejar (possivelmente, por um processo demorado) que as mídias sejam, um dia, discutidas rigorosamente nas escolas. Compete-nos perseguir esse ideal e lutarmos, como nos convida MEDINA a "... um diálogo dos diferentes, dos excluídos e oprimidos socialmente"[9], como também nos ensina FREIRE (1982:51): "... não há que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, critica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito de transformação".

Conhecer a realidade da comunidade dos alunos da Vila Ribeiro foi o ponto de partida para estabelecer o diálogo que almejávamos. O fruto e as implicações deste conhecimento estão descritos, a seguir, no Capítulo II - "Contextualização da Pesquisa: Vila Ribeiro" que, subsidiou a experimentação da presente pesquisa e sua interpretação.

---

[9] Dedicatória de Cremilda Medina à autora dessa pesquisa no livro **Saber Plural – novo pacto da ciência**, Editora CNPq/ECA/CJE, 1994.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Capítulo II

O CONTEXTO DA EXPERIMENTAÇÃO: VILA RIBEIRO / JAÚ - SP

Julgamos essencial uma reflexão sobre o contexto da experimentação, principalmente quando se trata da difícil caracterização de uma comunidade de zona rural, como a Vila Ribeiro da cidade de Jaú, Estado de São Paulo, pelas suas especificidades culturais, históricas e educacionais.

Entendemos por comunidade um grupo de indivíduos que possui objetivos em comum, que esteja vivendo os mesmos conflitos, em decorrência de algum aspecto circunstancial e/ou sob uma mesma condição peculiar, cuja importância e resolução são do interesse da maioria dos membros da comunidade. Uma finalidade une esses indivíduos como fazendo parte de um mesmo todo. Os laços de afetividades tornam-se, então, mais fortes, a solidariedade pode, dessa forma, aflorar entre essas pessoas para a concretização de necessidades e ideais comuns.

A opção jornalística desenvolvida, na comunidade da Vila Ribeiro, procurou ater-se ao gênero jornalístico interpretativo. Esse gênero volta-se à humanização, dando ênfase ao que a autora MEDINA (1984), chamaria de reportagem contextualizada e não

apenas ao fato noticioso em si, como se as notícias se narrassem em si e por si mesmas.



Ilustração 01

Alunos comemoram a primeira edição do jornal Pinguinho de Notícia

Para a concretização dos nossos objetivos comunitários/solidários, sendo congruentes com nossas opções, procuramos uma metodologia que melhor nos conduzissem em nossos trabalhos: a Pesquisa-Ação proposta por THIOLLENT (1994).

A pesquisa-ação pressupõe ainda um plano de ações. Num primeiro momento, os participantes fazem um diagnóstico detalhado da comunidade em que vão atuar, descrevem a situação, os problemas encontrados. No segundo, essa descrição dá lugar a uma lista de temas que são ponderados em função da relevância que lhes é atribuída pelos participantes.

Por sua vez, os especialistas do grupo estabelecem a sua própria temática relativa ao mesmo problema ou assunto, organizam as atividades que vão ser propostas, estabelecendo cronograma para o cumprimento das mesmas e os

recursos (econômicos e humanos) necessários para a concretização do projeto. Operacionalizam-se as etapas da execução das atividades, que vão sendo executadas e avaliadas durante processo de desenvolvimento do plano de ação. Por fim, há a análise do trabalho desenvolvido (produto final) e um retorno de informação aos membros dos grupos implicados. Mediante acordos prévios dos participantes, haverá a divulgação das informações aos diferentes setores interessados.

Primeiramente, o projeto inicial de TORQUATO foi fruto de atividades de pesquisa que enumeramos: MILOZO e TORQUATO, professoras da Escola Estadual "Daltyra de Toledo Castro" (1999), conceberam a monografia: **Jornalismo Comunitário e Leitores Críticos**, como pesquisa para o Curso de Especialização "A Formação do Leitor Crítico" (1999/nov.2000). O Curso foi promovido pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru, tendo a Profª. Drª Nelyse A. MELRO Salzedas como orientadora.

Posteriormente, a aluna convidada do 7°. termo do Curso de Comunicação Social, – Regina Ambrósio, com o consentimento dos demais integrantes do grupo, utilizou-se também da pesquisa para a realização de seu Projeto Experimental intitulado **"Jornalismo Comunitário, a grande metáfora do possível, uma pequena ousadia do agora"** (dez.2000:127p.). A monografia produzida encontra-se à disposição na Biblioteca do Campus da UNESP de Bauru. TORQUATO foi co-orientadora oficial desse trabalho.

A pesquisa-ação permite esses procedimentos; porque, por meio dela, todos os membros de um grupo produzem conhecimentos teóricos/técnicos para o grupo de pesquisadores participantes e à comunidade. Sendo que esta, também, contaminada pelas informações engendradas, poderá e/ou deverá apresentar *feedback* (realimentação). Acrescenta THIOLLENT (1994) que todos

os conhecimentos e informações obtidos deverão ser sistematizadas e/ou divulgadas nos canais apropriados: conferências, congressos etc..

A elaboração do plano de ação proposto consiste, primeiramente, em definir com precisão e detalhes:

a) quem são os atores ou as unidades de intervenção;

b) como de relacionam os atores e as instituições: convergências, atritos, conflito aberto;

c) quais os meios tangíveis para se realizar a ação;

d) como dar continuidade à ação apesar das dificuldades levantadas pelo diagnóstico inicial;

e) como assegurar a participação da comunidade ou grupo envolvido e incorporar as sugestões de todos os participantes;

f) precisando-se de técnicos e especialistas, além dos integrantes do grupo envolvido, a quem recorrer e para quê?

Levantadas todas as questões metodológicas pertinentes, passaremos a demonstrar as etapas acima percorridas pela nossa equipe. Começaremos, como nos sugere o próprio THIOLLENT (1994) pelo diagnóstico da comunidade.

1. **Aspectos Históricos e Geográficos**

A distância da Vila Ribeiro em relação ao centro da sede municipal Jaú é aproximadamente 12 km.

A rodovia que dá acesso ao bairro é a Jaú-Barra Bonita denominada Octavio Celso de Almeida Prado.

Temos, a seguir, visualização da Vila em relação à cidade sede de Jaú e em relação ao estado de São Paulo.

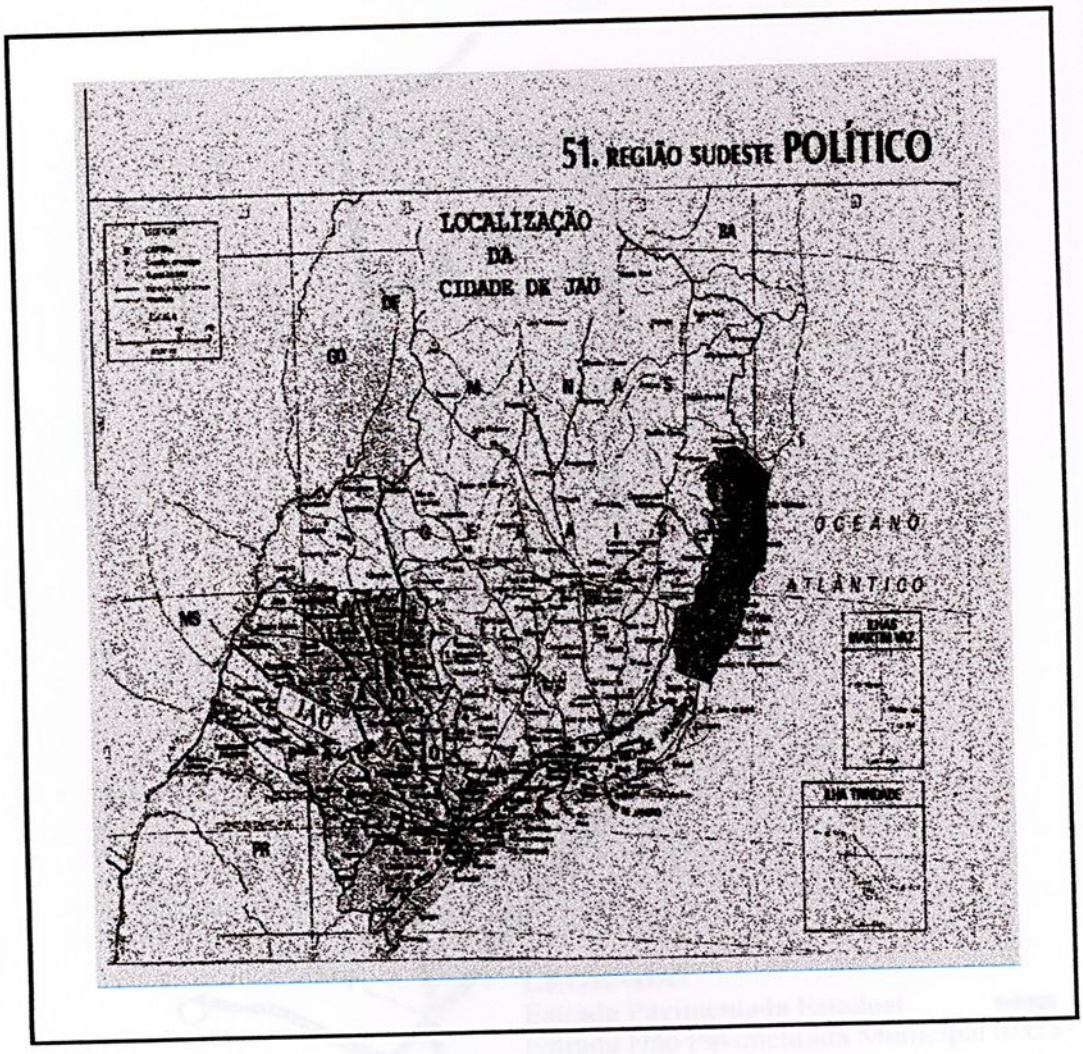


Ilustração 02

Mapa da localização da cidade de Jaú no Estado de São Paulo

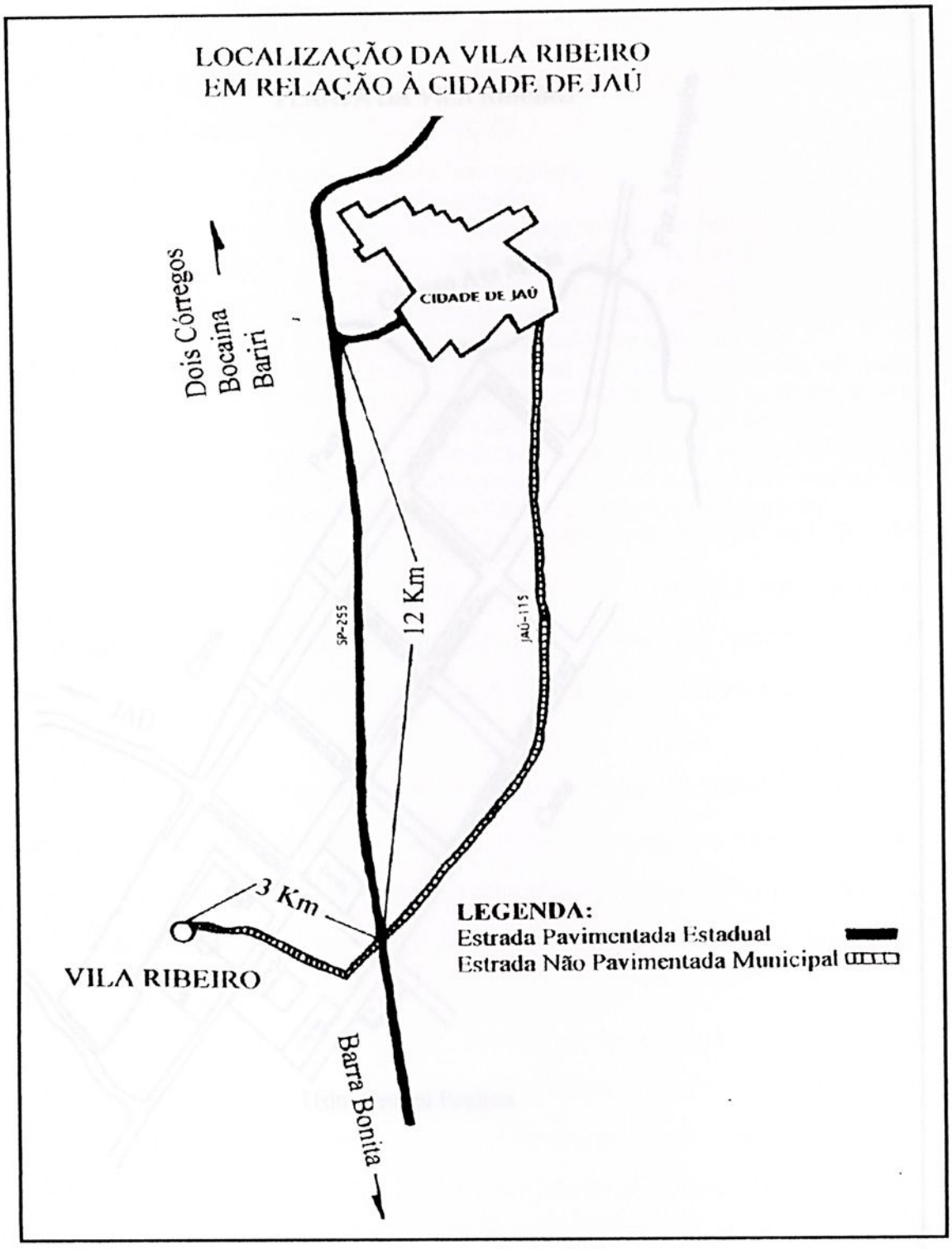


Ilustração 03

Distância da Vila Ribeiro em relação à Cidade de Jaú

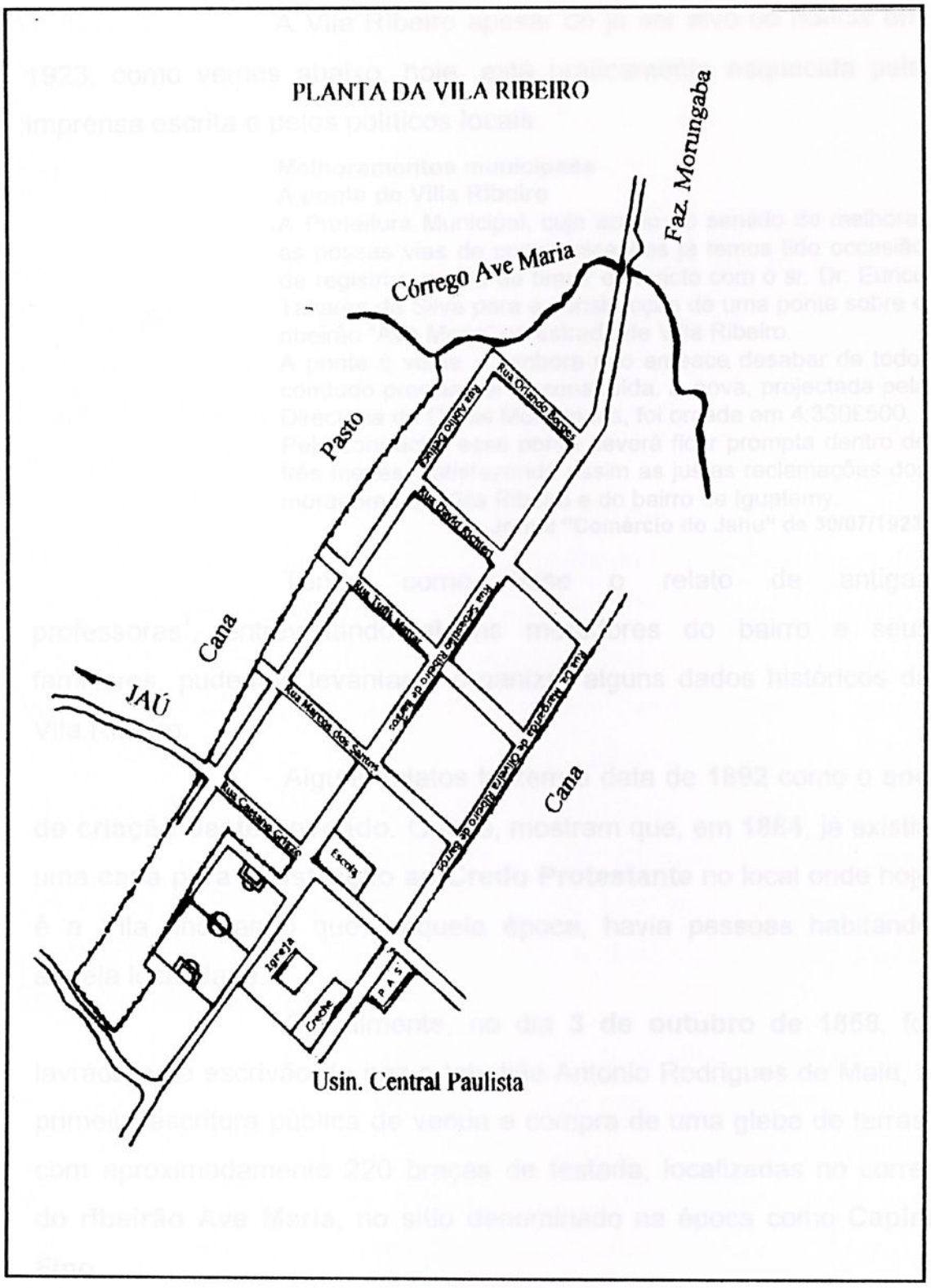


Ilustração 04

Planta da Vila Ribeiro

A Vila Ribeiro apesar de já ser alvo de notícia em 1923, como vemos abaixo, hoje, está praticamente esquecida pela imprensa escrita e pelos políticos locais.

> **Melhoramentos municipaes**
> **A ponte de Villa Ribeiro**
> A Prefeitura Municipal, cuja acção no sentido de melhorar as nossas vias de communicações já temos tido occasião de registrar, acaba de firmar contracto com o sr. Dr. Eurico Tavares da Silva para a construcção de uma ponte sobre o ribeirão "Ave Maria" na estrada de Villa Ribeiro.
> A ponte é velha ... embora não ameace desabar de todo, comtudo precisa ser re construída. A nova, projectada pela Directoria de Obras Municipaes, foi orçada em 4:330£500.
> Pelo contracto, essa ponte deverá ficar prompta dentro de três mezes, satisfazendo assim as justas reclamações dos moradores de Villa Ribeiro e do bairro de Iguatemy.
> In **Jornal "Comércio do Jahu" de 30/07/1923.**

Tendo como base o relato de antigas professoras[1], entrevistando alguns moradores do bairro e seus familiares, pudemos levantar e organizar alguns dados históricos da Vila Ribeiro.

Alguns relatos trazem a data de **1892** como o **ano de criação deste povoado**. Outros, mostram que, em **1884**, já existia uma **casa para a instrução ao Credo Protestante** no local onde hoje é a Vila, indicando que, naquela época, havia pessoas habitando aquela localidade.

Oficialmente, no dia **3 de outubro de 1858**, foi lavrada pelo escrivão de paz e tabelião Antonio Rodrigues de Maia, a primeira escritura pública de venda e compra de uma gleba de terras, com aproximadamente 220 braças de testada, localizadas no correr do **ribeirão Ave Maria**, no sítio denominado na época como **Capim Fino**.

Pode-se verificar que o povoado se principiou possivelmente ao lado direito do **córrego Ave Maria**, numa fazenda conhecida pelo nome de **Capim Fino**. Foi este o primeiro nome desse

---

[1] Renata Aguera e Edir Aparecida Rufatto (fatos narrados em uma apostila cedida à escola).

lugarejo. Consta que essa Vila iniciou-se por pessoas que receberam **terras de doações feitas pela família Ribeiro de Barros**, daí o nome atual. **Essas doações foram feitas aos escravos que moravam nas terras da Fazenda Sebastião Ribeiro de Barros**.

Ainda hoje, foi possível encontrar na Vila filhos de escravos, como é o caso de Sabina da Silva, filha de um escravo, herdeiro de uma grande parte de terras localizadas na Vila Ribeiro. Alguns moradores adquiriram suas atuais terras por força do usucapião. Entretanto, muitos evitam falar a respeito da procedência e documentação de suas terras.

Em **1923**, quando o povoado já era conhecido como **Vila Ribeiro**, os moradores e visitantes do local o chamavam de **Vila dos Valentões** devido à freqüência de vários homens da região, nos bares da Vila obrigarem as mulheres que por ali passavam a beberem bebida alcoólica com eles. Em caso de recusa eram assassinadas, como também o eram aqueles moradores que tomassem a defesa dessas vítimas da miséria local.

Nos dias atuais, a Vila continua um bairro sem segurança e sem assistência médica. Por exemplo, para casos de emergência, os moradores dependem de ambulância vinda da Santa Casa da cidade de Jaú.

Em relação ao comércio, o antigo açougue foi fechado e também não há farmácias e nem padarias na comunidade. Hoje, também, não há lojas comerciais; apenas, bares, onde se vende de tudo um pouco. Desse modo, a Vila continua sendo ainda um "bairro de valentões" de outra categoria, constituída por gente simples, a maioria analfabeta, mas que nutre grandes esperanças num futuro melhor, pessoas que crêem ainda na força política de sua comunidade.

Segundo os moradores atuais, uma coisa é certa: o futuro da Vila Ribeiro está diretamente ligado ao futuro de sua região

e ao da cidade de Jaú e, em especial, à educação que os seus filhos possam receber.

2. Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos

A Vila que hoje conhecemos é um local constituído por moradias simples de infra-estrutura bastante precária, não possuindo muitas de suas casas rede de água, de esgoto, de energia elétrica. A coleta de lixo ocorre uma vez por semana. Algumas de suas edificações, como por exemplo, a igreja, o bar da praça e algumas casas têm aproximadamente de cem a cento e trinta anos de idade, não tendo muitas delas, exceto a igreja, passado por reformas.

Na primeira metade do século XX, as ruas da Vila eram forradas por grandes pedras, que faziam com que as águas das enxurradas viessem a escorrer, sem causar acúmulo de lama nas casas que a norteavam. Tais pedras hoje não existem mais, pois foram utilizadas pelos administradores anteriores para planar e melhorar a travessia de outros atalhos.

Atualmente, as estradinhas que dão acesso à Vila ainda não são asfaltadas e quando chove só é possível a travessia de veículos porque a Prefeitura manda tratores para desobstruírem os acessos principais ao bairro. Em 1993, foram asfaltadas algumas ruas centrais do vilarejo, mas há muitas ainda sem asfaltos nos dias atuais.

Pelas nossas observações, durante os dois anos de pesquisa, podemos concluir que, embora 90% das crianças da Vila vivam em condições miseráveis (oriunda de famílias que sobrevivem com, no máximo, dois salários mínimos), isto não as impedem de brincar, cantar, jogar como outras crianças quaisquer de maior poder aquisitivo.

Porém são, na maioria das vezes, vítimas de preconceitos em relação às suas atitudes que não são compreendidas



pelos despreparados e inadvertidos, professores de escolas urbanas. "Os cursos de licenciatura não nos prepararam para essa realidade", disse-nos uma das professoras da zona urbana.

A alta rotatividade de professores e da direção desta escola prejudica, em muito, não só a realização de projetos como o nosso, mas principalmente, às relações afetivas com as crianças da escola, já que dificilmente se cria e se alcança um envolvimento mais significativo entre esses docentes, comunidade escolar e local.

Segundo os dados que constam nos documentos da escola, a comunidade é constituída por aproximadamente 200 famílias, 1.800 pessoas, entre adultos e crianças. Mas de acordo com o último censo da Prefeitura de Jaú, realizado em 2000, os números são outros: 294 homens e 262 mulheres num total de 556 habitantes, não sendo considerada a faixa etária desses moradores. Na sua maioria são trabalhadores rurais, com pouca escolaridade e um grande número de analfabetos.

As crianças ajudam os pais na roça ou em casa o que as impossibilitam de dispor de tempo para brincar, fazer as tarefas escolares, entretanto estão acostumadas a conviver e aprender em grupo.

unesp



Ilustração 05
Alunos da Vila Aprendendo Técnicas de Plantio

A maioria das famílias é religiosa e freqüenta a Igreja São Benedito que fica situada na Praça Isaura Bruno. Localiza-se, na Vila, uma igreja evangélica com um número oscilante de seguidores, mas que vem aumentando consideravelmente no decorrer dos últimos meses.

Esse fato se deve à ausência de um padre católico mais presente. O sacerdote atual apenas esporadicamente reza a missa na única igreja católica local. Esse problema leva os moradores a freqüentarem, muitas vezes, os cultos evangélicos, porque esses são mais regulares e constantes. Hoje, já há três templos evangélicos na Vila.

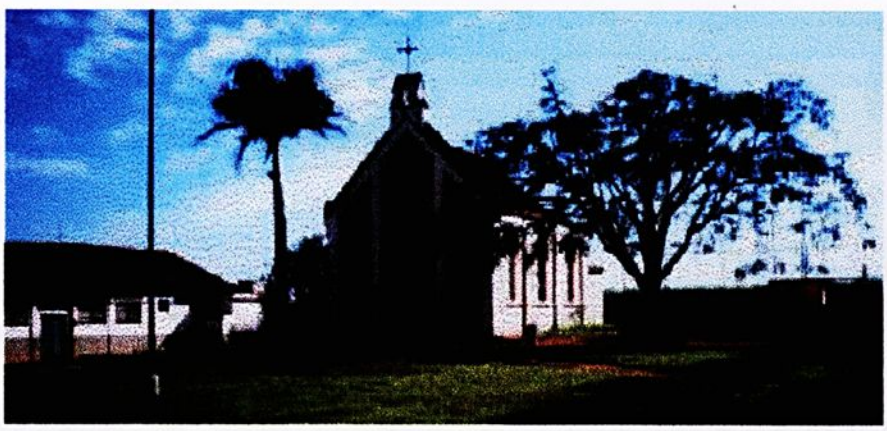


Ilustração 06

Praça Isaura Bruno, Igreja católica São Benedito, à esquerda a Creche,

aos fundos, o Campo de Futebol

A base de sustentação econômica local é a agricultura, nela predomina o cultivo da cana-de-açúcar que tem sua safra entre os meses de maio a novembro, período em que o poder aquisitivo dos trabalhadores aumenta, proporcionando melhores condições econômicas às famílias do lugar. Essa é a época em que os moradores da Vila procuram comprar tudo que necessitam: mantimentos, roupas, utensílios domésticos e eletrodomésticos para a casa.

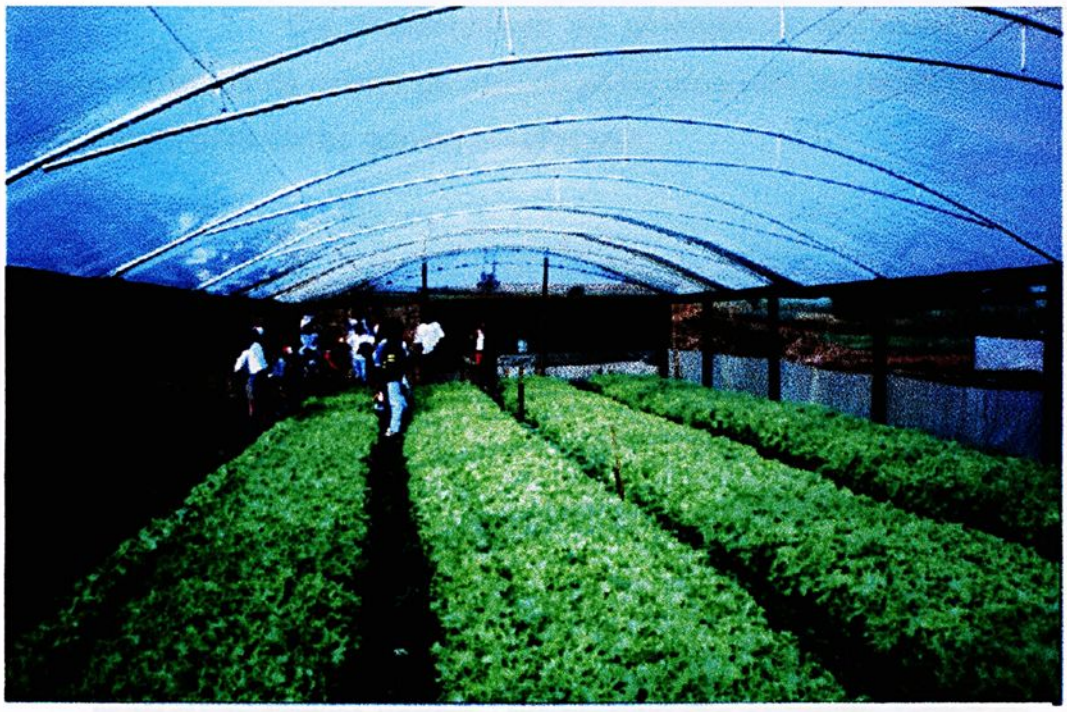


Ilustração 07
Plantio de Hortaliças em Sistema de Estufa

Há ainda um frigorífico que emprega aproximadamente quinze pessoas e uma fábrica de transformação de materiais plástico, que na sua maioria contrata, em média, doze a quinze adolescentes para trabalhar, já que seus salários são menores.

No que se refere às atividades essenciais, dispõe de um PAS (Posto de Assistência Sanitária) com médicos e dentistas, atendendo aproximadamente quatrocentas pessoas por mês.

Entretanto, há na Vila um ativo serviço social às crianças de zero a seis anos que são atendidas na Creche da Vila Ribeiro, localizada na Praça Isaura.

Esta instituição é mantida pela Prefeitura e atende a trinta crianças em média.

Os atendimentos de emergência dependem do serviço de saúde da cidade de Jaú, no posto local não há condição de atendimento para casos graves hospitalares.



Ilustração 08
Posto de Assistência Sanitária da Vila Ribeiro

A Vila é servida por uma linha de ônibus particular (Auto Viação Jauense) que liga o Bairro ao Município de Jaú e aos bairros vizinhos. Praticamente toda a comunidade depende dessa linha já que quase não há outra forma de locomoção à disposição dos moradores.



Ilustração 09
Creche da Vila Ribeiro

3. Aspectos Culturais e Educacionais

As atividades culturais e de lazer são constituídas de promoções no Centro Comunitário, festas de casamento, bailes, quermesses, jogos de futebol. A Vila possui uma agremiação esportiva que representa o bairro no campeonato rural, promovido pela Secretaria



Ilustração 10
Campo de Futebol da Secretaria de Esportes da Prefeitura Municipal de Jaú

de Esportes da Prefeitura Municipal de Jaú. Possui um excelente campo de futebol, como vemos na ilustração acima, gramado e cercado, uma quadra poli-esportiva, uma cancha de bocha, todos localizados em torno da Praça Isaura Bruno.

3.1. A Escola e sua Caracterização quanto aos Recursos Físicos e Humanos

O prédio escolar fica situado na esquina principal do Bairro, construído em alvenaria. A escola possui:

- quatro salas de aulas; dependências para sanitários (um masculino e um feminino para alunos);
- uma cozinha (anexo a ela, um quartinho que serve como despensa para a guarda de alimentos destinados à merenda);
- um galpão coberto com mesas e bancos para os alunos durante a merenda e outras atividades;
- uma área descoberta, cimentada;



Ilustração 11
Fachada da Escola Estadual "Daltyra de Toledo Castro"

- dois depósitos, um para ser utilizado como despejo e outro, denominado de casa das bombas.

Para atender à parte administrativo-pedagógica há:

- uma sala para a diretoria com banheiro privativo (*close*), que é usado pela direção e também pelos professores;
- mais dois sanitários (masculino e outro feminino) para os docentes, localizados no pátio da escola;
- uma sala para a secretaria;
- uma sala para os professores;
- um quartinho como biblioteca, embora pela sua metragem, não comporte alunos para pesquisa, sendo os livros retirados e levados para casa ou estudos em sala de aula.

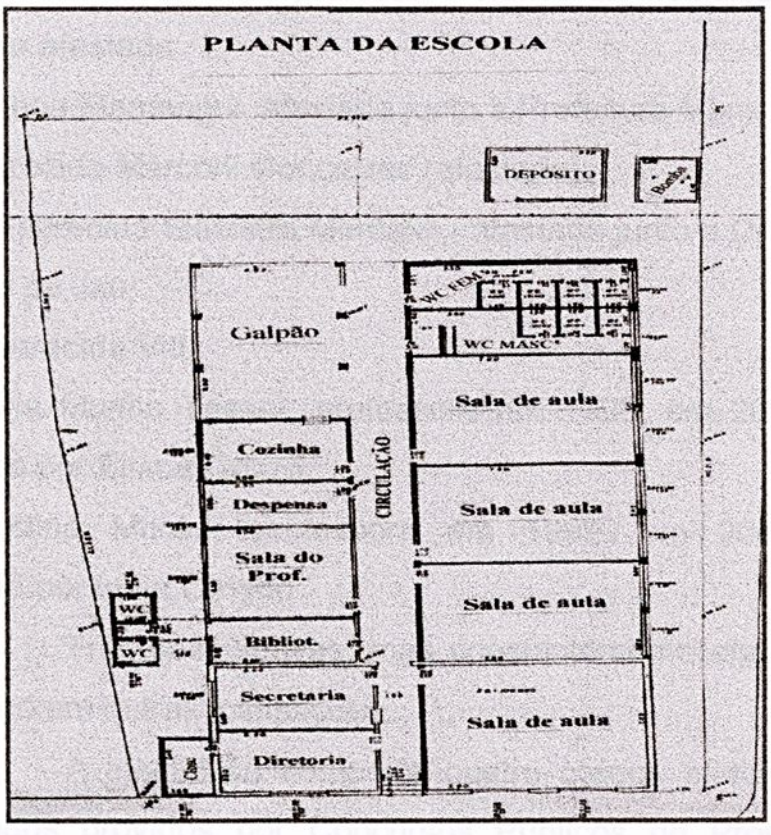


Ilustração 12 Planta da Escola

Quanto aos recursos humanos, constatamos que há uma alta rotatividade de diretores de escola que passam por esta instituição. A instituição, pelo reduzido número de seus alunos e pelas suas especificidades não comporta um cargo de diretor. O Dirigente de Ensino designa um vice-diretor que terá as mesmas atribuições e responderá pelo cargo que é conhecido como cargo de confiança. Vice-diretores dessa escola foram designados, nos últimos três anos pesquisados, permanecendo na função por um ano ou até menos.Não raro, no início do ano letivo a escola ainda permanece sem um "diretor" designado. Essa forma de seleção corporativista e/ou clientelista prejudica a interação entre os membros da comunidade e os projetos em andamento na instituição.

O corpo docente é composto pelas professoras:

- Ana Tereza Chacon, única professora efetiva da instituição que não estava afastada;
- Maria Helena Fiamengui, afastada junto à Prefeitura Municipal;
- Sueli Aparecida Marconi Gonçalves (afastada);
- Gersoni Aparecida Silvestre Marcaldi, afastada junto a Diretoria de Ensino de Jaú;
- Vanira Aparecida Vitti;
- Sueli Maria Murillo Tesser, professora em 1999; em 2000 foi substituída por Eliana Grizzo;
- Leila Cristina Milozo, professora em 1999, em 2000 foi substituída por Leila Ometto.

Três são efetivas, mas constantemente afastadas prestando serviço em outras instituições.

A instituição comporta quatro cargos efetivos de professores, todos providos por Concursos Públicos de Provas e Títulos , mas somente um professor efetivo da casa estava[2] em exercício na escola, durante a pesquisa. Devido aos afastamentos dos

[2] Em 1999, data do início da pesquisa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

três outros professores, junto a outras instituições, as vagas são oferecidas a professores não concursados e/ou efetivos de outras escolas, que podem, no ano seguinte, não permanecerem na escola.

Desse modo, a rotação dos professores (não efetivos da casa) é constante, pois os mesmos dificilmente permanecem na escola de um ano para outro, perdendo o vínculo empregatício com o Estado ao findar cada ano letivo.

Esse fato (acrescido ao da troca constante da direção) prejudica a continuidade de qualquer projeto pedagógico em andamento por motivos óbvios: os novos docentes admitidos vêm da zona urbana (em sua maioria) e despreparados para assumir a docência em instituição de zona rural. Os mesmos desconhecem os projetos já iniciados e que poderiam ter continuidade no ano letivo subseqüente, como é o caso específico do jornal comunitário aqui proposto.

Mudando constantemente de direção, os novos dirigentes também demoram a formar laços com os pais, alunos e moradores locais, bem como desconhecem as especificidades dos problemas das escolas rurais.

Estavam matriculados 89 alunos (em 1999), 78 alunos (em 2000), com idades entre seis a catorze anos, distribuídos pelas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental (Ciclo I).

A maioria destes alunos é proveniente de bairros distantes, das fazendas, dos sítios e das chácaras adjacentes. Eles são transportados até a Vila por meio de ônibus, através de convênio com a Empresa Macacari junto a Prefeitura Municipal de Jaú.

A Escola registra durante o ano um razoável movimento de matrículas e transferências de aluno em decorrência de safra e entressafra agrícola. Como conseqüência, muitas vezes, a criança acaba evadindo-se dela para trabalhar na roça e contribuir para o aumento do orçamento doméstico. O reflexo dessa

movimentação perversa e sem controle, atrapalha o aprendizado, influencia no comportamento e saúde do aluno que está condicionado à instabilidade familiar.

Cremos que conhecer as principais ações e planos da comunidade escolar contribuiu muito para que nos engajássemos a eles e também direcionou o nosso plano de pesquisa aos fatores já propostos pela comunidade escolar, sem interferir no alcance das metas e objetivos previamente elaborados pela direção e pelos professores.

Analisamos o Plano de Gestão da instituição, com os **professores universitários, nossos colaboradores, da Unesp/Bauru:** Ângelo Sottovia Aranha (professor de Jornalismo Comunitário), Adenil Alfeu Domingos (professor de Teorias da Comunicação), Nelyse Apparecida de Melro Salzedas (professora do Departamento de Artes) e com o professor convidado, nosso consultor, da **Universidade Federal do Mato Grosso do Sul:** Jorge Kanehide Ijuim (professor de Jornalismo Comparado). Contávamos, ainda, para nos auxiliar na pesquisa e nessa análise com uma equipe de alunos do Curso de Jornalismo da Unesp/Bauru: Regina Ambrósio, Tâmara Brandão, Alex Pereira e Juliano Magalhães. Depois de uma análise detalhada da proposta pedagógica da escola, chegamos à conclusão que os objetivos elencados no plano eram muito abrangentes e configuram um conjunto de relações e circunstâncias, complexas e diversificadas, difíceis de serem colocadas em prática.

Para dar conta delas, cotidianamente, seria necessário um considerável investimento emocional, além de muito conhecimento técnico-pedagógico dos professores da unidade escolar, bem como recursos econômicos que a instituição e a comunidade escolar como um todo não possuía.

Discutindo o Plano de Gestão, pudemos traçar as nossas próprias metas em relação aos nossos objetivos. Como



veremos, mais adiante, procuramos, dentro do limiar do possível, contemplar os objetivos já propostos, esboçados pelos professores durante o período de planejamento no início do ano, e relacioná-los aos propostos pela nossa equipe.

Era o nosso intento que o nosso envolvimento fosse no sentido de propor novas técnicas e estratégias de comunicação, via a produção do jornal, de uma maneira a não interferir nas ações pedagógicas já expressas no documento analisado. Como por exemplo, a tradição de cultuar heróis históricos, como Tiradentes, bandeirantes etc. bem como comemorar os dias consagrados ao Trabalho, à Primavera, às comemorações cívicas e patrióticas. Esses costumes foram discutidos, mas mantidos por serem valores tradicionais, privilegiados pela comunidade escolar.

Por ora, apenas vamos designar a nossa forma de atuação como a proposição de um **Jornalismo Infantil** que não prescindindo das técnicas do fazer jornalístico, incorpora o saber-fazer da comunidade e aponta estratégias e procedimentos das teorias da comunicação, privilegiando e polemizando sadiamente as práticas docentes em sala de aula.

Tentamos, numa reflexão conjunta com os professores, (em seminários, realizados em Horas de Trabalho Pedagógico), viabilizar teorias sobre os meios de comunicação de massa e relacioná-las às vivências docentes/discentes. Realizamos, além disso, uma pesquisa prévia para detectar a relação que os alunos mantinham com a escola e com a comunidade. O objetivo era descobrir qual a leitura que eles faziam de suas próprias condições socioculturais em relação aos seguintes itens:

a) profissões que seus pais exerciam;
b) seus hábitos de leitura;
c) grau de escolaridade dos pais;

d) incentivo que recebiam de seus pais em relação aos estudos;

e) como se informavam sobre os fatos que aconteciam na Vila Ribeiro;

f) gosto pela leitura;

g) dificuldades em entender o que liam.

Foram respondidos por escrito 62 questionários sobre esses itens e fizemos também entrevistas sobre temas diversos:

a) ciúmes em relação ao que os colegas possuíam;

b) relacionamentos afetivos familiares;

c) problemas afetivos na escola;

d) problemas em relação ao convívio com outros colegas na escola;

e) brincadeiras favoritas e as que não apreciavam, em geral.

Obtivemos, os seguintes resultados quantitativos em relação aos primeiros questionários escritos que versou sobre as seguintes questões:

a) Profissões dos pais:

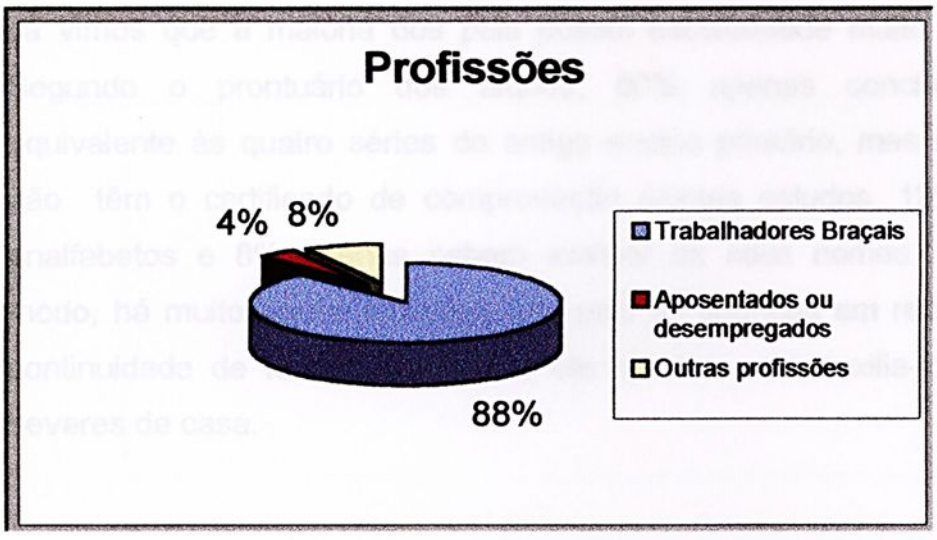


Ilustração 13 - Profissões dos Pais dos Alunos da Vila Ribeiro

Em relação à pergunta: qual a profissão de seus pais, os resultados foram: 4% dos pais são aposentados e/ou estão desempregados; 88% são trabalhadores braçais e 8% exercem outras profissões não qualificadas, ou seja, aceitam qualquer serviço para sobreviverem. Já vimos que, em sua grande maioria, os alunos da instituição escolar são filhos geralmente de cortadores de cana, colhedores de algodão e arroz, faxineiras, empregadas domésticas, lavadeiras etc.

b) Grau de escolaridade dos pais:

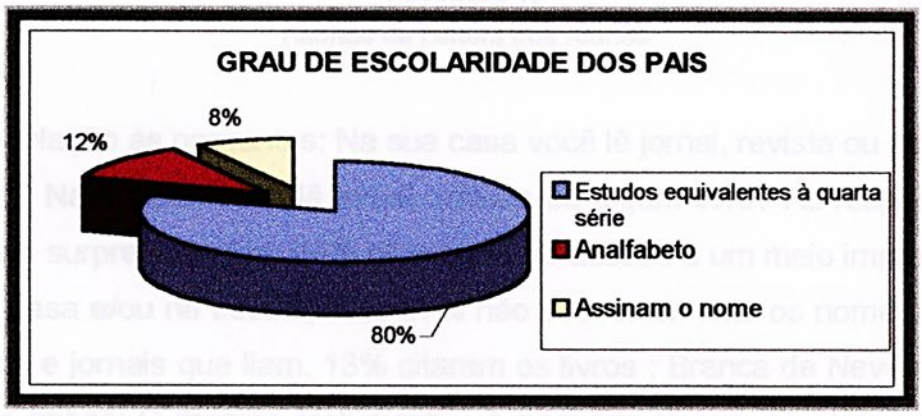


Ilustração 14

Grau de Escolaridade dos Pais

Já vimos que a maioria dos pais possui escolaridade muito baixa. Segundo o prontuário dos alunos, 80% apenas concluiu ao equivalente às quatro séries do antigo ensino primário, mas muitos não têm o certificado de comprovação desses estudos, 12% são analfabetos e 8% apenas sabem assinar os seus nomes. Desse modo, há muito pouco incentivo dos pais às crianças em relação à continuidade de futuros estudos e até mesmo para auxilia-los nos deveres de casa.

c) Hábito de leitura dos alunos:

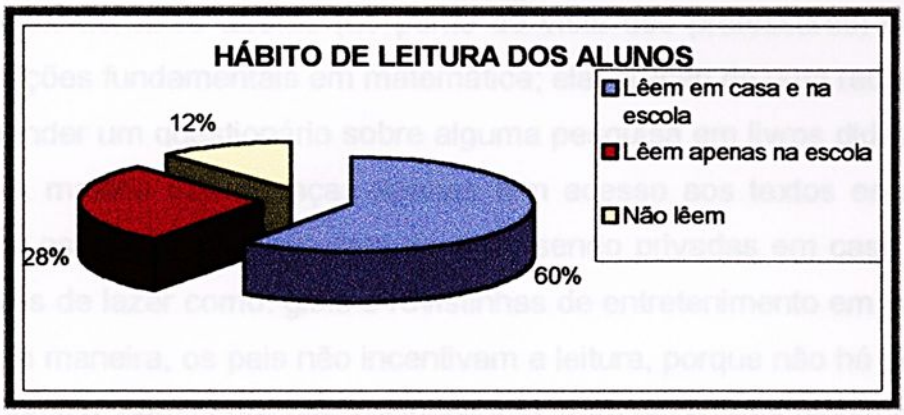


Ilustração 15

Hábitos de Leitura dos Alunos

Em relação às perguntas: Na sua casa você lê jornal, revista ou algum livro? Na escola, você lê jornal, revista ou algum livro? As respostas foram surpreendentes: 60% afirmaram ter acesso a um meio impresso em casa e/ou na escola, mas 97% não souberam citar os nomes dos livros e jornais que liam. 13% citaram os livros : Branca de Neve e os sete anões; O menino Maluquinho; A pequena Sereia. O único nome de jornal citado, 4%, foi a folhinha "Jahuzinho" que as professores traziam para a escola, 28% dos alunos lêem apenas na escola e 12% não lêem.

d) Incentivo dos pais em relação aos estudos de seus filhos:

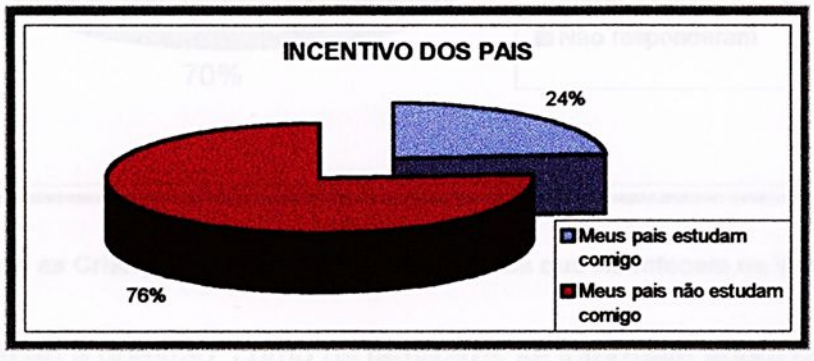


Ilustração 16

Incentivo dos Pais em Relação aos Estudos de seus Filhos

Devido à baixa escolaridade dos pais, os mesmos não têm condições intelectuais para auxiliarem seus filhos nem menos em relação às mais elementares tarefas (do ponto de vista dos professores) como operações fundamentais em matemática; elaboração de uma redação; responder um questionário sobre alguma pesquisa em livros didáticos etc. A maioria das crianças apenas tem acesso aos textos escritos que a escola fornece em sala de aula, sendo privadas em casa das leituras de lazer como: gibis e revistinhas de entretenimento em geral. Dessa maneira, os pais não incentivam a leitura, porque não há poder econômico, nem condições socioculturais para esse empreendimento. Os alunos responderam: meus pais me animam (incentivam) e estudam comigo: 24% e 76% responderam que estudavam sozinhos.

e) Como as crianças obtêm Informações:

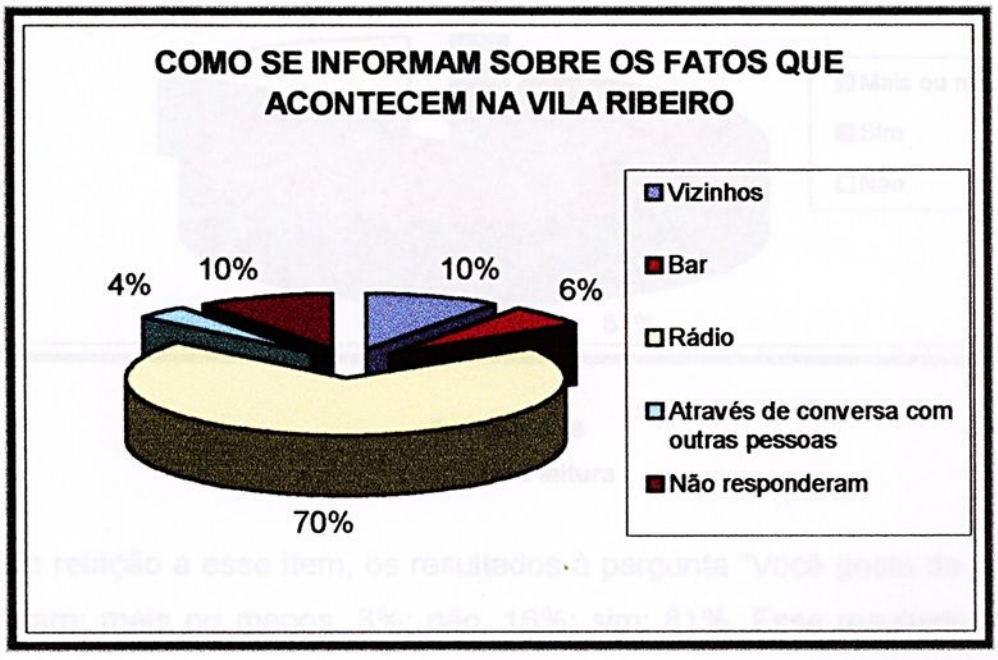


Ilustração 17
Como as Crianças se Informam Sobre os Fatos que Acontecem na Vila Ribeiro

Em relação à questão: como os familiares se informam sobre os fatos

que acontecem na Vila Ribeiro, os resultados foram os seguintes: vizinhos, 10%; bar, 6%; **rádio, 70%,** conversa com outras pessoas, inclusive na escola, 4%; não responderam 10%. Pudemos perceber que quando a informação estava próxima ao universo infantil, elas responderam que a recebiam "boca a boca", isto é, em conversa com os vizinhos. Pelo rádio, valorizavam assuntos "grandes, tristes, importantes", como: mortes, assaltos, assunto de dinheiro etc. As conversas de bar foram tidas e consideradas como de lazer. Em relação às informações recebidas pela escola: "essas eram obrigação de estudo e não informações que contavam para o dia a dia."

f) Gosto pela leitura:

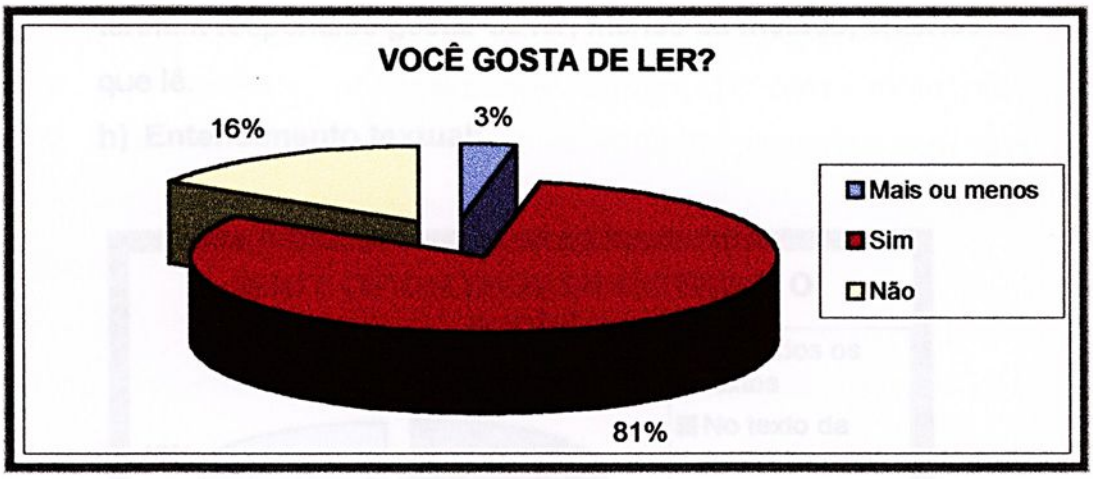


Ilustração 18
Gosto pela leitura

Em relação a esse item, os resultados à pergunta "Você gosta de ler" foram: mais ou menos, 3%; não, 16%; sim; 81%. Esse resultado foi surpreendente para nós. Percebemos o quanto a grande maioria das crianças valorizava os livros da escola. Evidentemente, a leitura aqui envolve também o não verbal, leitura da imagem: desenhos, figuras, fotos etc. Isso foi muito enfatizado por nós, quando perguntamos sobre o gosto das crianças pelas leituras.

g) **Estudo em casa:**

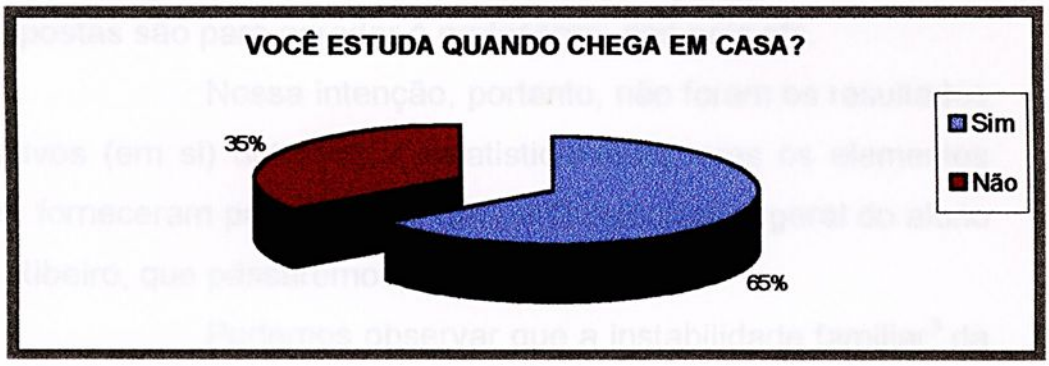


Ilustração 19 – Estudo em Casa

Em relação à pergunta: Você estuda quando chega em casa?, os resultados foram: 65%, sim, 35%, não. Embora as crianças tenham respondido gostar de ler, menos da metade, entende o que lê.

h) **Entendimento textual:**

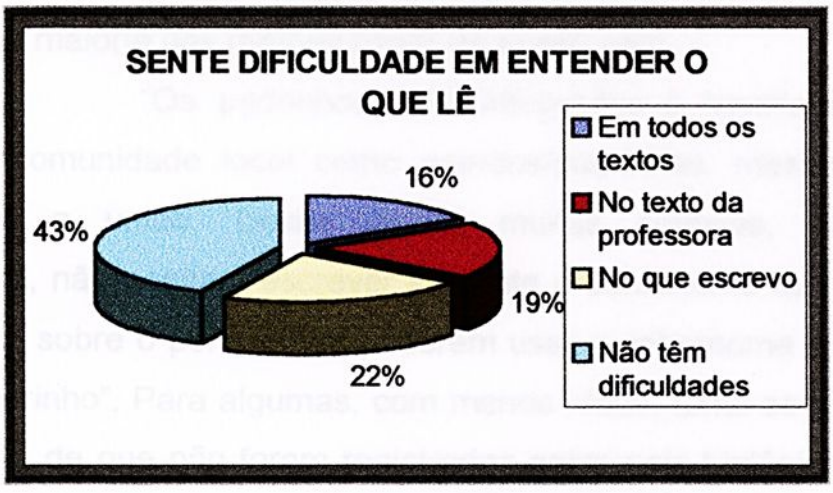


Ilustração 20

Dificuldade em Entender o que Lê

À pergunta:"Sente dificuldade em entender o que você lê?", os resultados : em todos os textos, 16%; no texto docente, 19%; 22%, no que escrevo e 43% dos alunos assumem não ter dificuldades de

entender o que lêem. Sabemos, entretanto, que muitas vezes as crianças respondem não a verdade e nem o que sentem, mas também suas respostas são para agradar à professora, aos pais etc.

Nossa intenção, portanto, não foram os resultados quantitativos (em si) detectados estatisticamente, mas os elementos que nos forneceram para levantar um perfil psicológico geral do aluno da Vila Ribeiro, que passaremos, agora, a relatar.

Pudemos observar que a instabilidade familiar[3] da maioria das crianças pode também ser constatada nas reuniões de pais e mestres. Comparecem às reuniões 20% das mães, em média e 1% dos pais. Em lugar da presença paterna, encontramos "os padrinhos[4]" assinando a lista da reunião, alguns deles ostentando presença. Isso se deve porque as mulheres que perdem seus parceiros e/ou maridos, procuram novo apoio até como meio para poderem sobreviver economicamente, porque as mesmas (em sua grande maioria) ficam sozinha para sustarem os filhos e a casa, como é comum na maioria das regiões rurais do nosso país.

"Os padrinhos" são integrados à família e são aceitos na comunidade local como maridos/padrinhos, mesmo não oficializando a união. Desse modo, muitas crianças, quando alfabetizadas, não aceitam escrever somente o sobrenome da mãe e nos inquirem sobre o porquê não poderem usar o sobrenome paterno ou o do "padrinho". Para algumas, com menos idade, torna-se difícil o entendimento de que não foram registradas pelos pais biológicos. As professoras tentam-lhes explicar que "padrinhos não são pais perante

---

[3] A estabilidade familiar do ponto de vista da maioria dos professores do ensino médio e fundamental, é entendida como uma família em que marido e mulher moram juntos. Nela o homem é visto como cabeça do casal, sustentando economicamente a casa e tomando as decisões mais importantes, embora estas nem sempre sejam compatíveis com que a sua mulher julgue corretas ou necessárias. O papel da mulher "numa família estável" é tomar conta de casa, dos filhos e dos estudos dos mesmos. A figura paterna numa reunião de pais é considerada bem incomum, já que os mesmos deveriam estar trabalhando, sendo a reunião de pais, um lugar mais propriamente visto como "de mães". Pela experiência de nossos trinta anos de magistério essa visão ainda se perpetua nos dias atuais no magistério, de um modo geral em muitas escolas. Não cabe aqui aprofundarmos esta questão.

[4] Os moradores da Vila Ribeiro chamam os padrastos de "padrinhos". Este é um registro lingüístico peculiar dessa comunidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

a lei". Desse modo, são conscientizadas, desde cedo, de que são, além de "pobres", "diferentes" em relação as outras crianças da comunidade. Possuem "famílias desestruturadas" (segundo entendimento das professoras da escola). Mesmo não sabendo a significação da palavra "desestruturada" em relação "a que e em função de que", a maioria das professoras continua a usar este rótulo, como já antevendo pròblemas que estas crianças terão.

Infelizmente essa visão positivista ainda perdura nas escolas atuais. Quanto às crianças, elas apenas percebem que precisam "dar duro", como nos relatou a professora Leila Milozo, para conseguirem a atenção do professor, porque seus pais não são como os outros que freqüentam as reuniões escolares, por isso sentem-se como culpadas pelos pais perante a comunidade escolar.

A maioria das crianças da comunidade da Vila Ribeiro ajuda os pais em trabalhos domésticos e sempre está ocupada até mesmo com outras tarefas : no cuidado dos irmãos mais novos, nas plantações de hortas caseiras, no trato de animais domésticos etc.. Em decorrência desse fato, não raro, essas crianças mostram -se carentes de afeto e isto pode transparecer "quando nos abraçam, como querendo não nos largar", relatou-nos uma professora.

Sentem muito ciúme umas das outras e não são solidárias entre si, principalmente no que diz respeito à alimentação. "Muitas se escondem na hora do recreio (nos mais variados lugares da escola) para não repartirem lanches ou guloseimas diferentes do que é oferecido na merenda escolar", comentou o inspetor de aluno da escola.

Percebemos que muitos olhares são distantes, mesmo quando brincam. Nessas ocasiões as meninas reproduzem geralmente as violências recebidas, xingando, batendo nas bonecas e nos colegas. Porém, os meninos, em geral, são mais agressivos e

isso se traduz nas quase constantes brigas corporais na hora do recreio e na saída da escola.

Na escola da Vila, as crianças não escondem suas brincadeiras em relação à sexualidade. São comuns brincadeiras que extrapolam em toques e gestos mais íntimos, tanto por parte das meninas, quanto dos meninos, principalmente na hora da merenda.

Tãis demonstrações masculinas, quando não partem das meninas, dificilmente são aceitas pelas mesmas, que reclamam, pedindo que os companheiros sejam punidos pela direção/professores. Mas é interessante que também há casos (bem mais raros) de meninos que não aceitam demonstração de "afeto" por parte das amigas de classe. Não raro, os garotos são advertidos pela professora e pela direção por estes atos.

Muitas crianças apresentam cansaço durante as aulas e sendo argüidas se estão passando bem, tomamos conhecimento de uma realidade perversa. Muitas passam fome em casa e principalmente nas férias. A escola não oferece merenda nessas ocasiões e as crianças procuram os funcionários da escola pedindo comida e/outras coisas.

Há casos de mães que também fazem o mesmo, relatando-nos que as únicas coisas que têm para alimentar os filhos, nessa época, são farinha com açúcar, ou cana para chuparem. Os funcionários da escola sempre ajudam, como podem. Mas não estão autorizados a oferecer e nem a dar os mantimentos fornecidos pela Prefeitura[5], pois estes são de uso exclusivo para o preparo da merenda no período escolar. As férias não estão incluídas nesse período.

Há outros relatos dos professores da escola que, segundo os mesmos, interferem na aprendizagem e no comportamento das crianças com quem convivemos.

---

[5] A Prefeitura da cidade de Jaú não manda mantimentos para a merenda nas férias.

unesp

Por exemplo, quando há desentendimentos entre os pais, uma professora da escola nos relatou que a criança e os demais irmãos são postos "para fora", no quintal. Muitas vezes, ali pernoitam, caso seus familiares não entrem em harmonia. Disse uma mãe, entrevistada por nós sobre esse assunto, que é por motivo de "segurança", isto é, para o bem dos próprios filhos.

Sabemos que os problemas afetivos/econômicos, enfrentados pelos pais das crianças da escola da Vila, são determinantes nas atitudes manifestadas pelas crianças, como: egocentrismos exagerados, irritabilidade, tristeza, desânimo e, constantemente são agressivas umas com as outras.

Entretanto, quando entretidas em atividades que lhes despertam a atenção (como atividades lúdicas, danças, cantos, desenhos, pinturas, teatro e as jornalísticas), essas crianças demonstram atitudes mais calmas, cooperativas e bastante afetuosas. "Aquele ar de distanciamento, em relação ao tempo presente, parece desaparecer durante a produção de atividades prazerosas", relatou-nos a professora Leila Milozo.

Mesmo sabendo dessas condições adversas, logo no início da pesquisa[6], resolvemos acreditar e realizar as dinâmicas jornalísticas que desenvolvemos durante a nossa convivência com os professores e alunos da Vila Ribeiro. A produção e metodologia dessas dinâmicas serão os temas que passaremos a relatar no Capítulo III.

---

[6] Início de junho/1999, sem a presença dos alunos de jornalismo. Consideramos julho de 2001 o término da nossa pesquisa, isto é, pessoalmente deixamos de comparecer à Vila. Embora ainda em setembro de 2001, mantivemos contatos telefônicos com os funcionários da escola para algumas observações que precisávamos completar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO III

Dinâmicas Jornalísticas

1. Atividades Preliminares

A primeira atividade a ser projetada, por alguém que deseje pôr em prática o jornalismo pautado na humanização, é **conhecer o público alvo a quem se destina o jornal**.

Chamaremos de atividades todas as ***ações*** (leitura e discussão em grupo, preparação de material didático, seminários em HTP etc.) por nós efetuadas com os professores da instituição e alunos de jornalismo com o objetivo de nos instrumentarmos para a produção do Jornal Infantil Comunitário **Pinguinho de Notícia**.

1.1. Comunidade & Atividades Jornalísticas

De um modo ficcional, foi realizado, em sala de aula, o julgamento da cigarra, como responsável pela sua própria sorte e também como irresponsável perante a formiga (pela falta de condições de sobreviver no inverno). As crianças das séries finais não hesitaram em condenar a cantora como responsável pela quebra do sossego e do

silêncio noturno necessários aos seus próprios pais. Elas perceberam que os mesmos não poderiam trabalhar e nem acordar dispostos no dia seguinte com a cantoria desnecessária da cigarra "folgada". No julgamento, entre a acusação e a defesa, não houve acordo e nem redução da pena. Os alunos julgaram (por unanimidade) que a cigarra deveria mesmo trabalhar dobrado no próximo verão para merecer, como a formiga, um descanso no inverno.

Desse modo, há uma identidade entre a fábula, acima citada, e a realidade de suas vidas. Assim sendo, partimos do conhecimento que os estudantes têm sobre suas próprias experiências de vida para que eles se situassem politicamente na sociedade em que vivem.

Sentir-se politizado/democratizado deve ser um dos principais quesitos de um jornalista, integrado socialmente na realidade, que procura retratar noticiosamente, mesmo porque vivemos na era da globalização e da telerrealidade, pelo menos em relação à comunicação de massa.

1.2. Estabelecendo Consensos e Critérios

As atividades jornalísticas procuraram sempre respeitar os valores comunitários locais, motivando a criança para que desenvolvesse seus conhecimentos sobre o papel do jornal comunitário, para, num segundo momento, levá-la ao conhecimento de que todos nós fazemos parte de um grupo maior, a comunidade planetária.

Tivemos, portanto, como meta um ensino ativo de leitura dos meios de comunicação proporcionado pela mídia em geral e, em particular, pelo jornal. Procuramos tornar os alunos produtores e leitores de jornais infantis de seus interesses. Queríamos, assim, que

unesp

esses alunos entendessem o jornal na sua fundamentação básica, como seu papel social transformador dentro de uma comunidade.

1.3. Cidadania & Participação

O aluno aqui é visto como um cidadão, um receptor e emissor criativo dos meios de comunicação e interessado na comunicação eficaz entre os membros de sua comunidade.

Desse modo, o estudante foi considerado um produtor e intérprete de um saber-fazer e poder-fazer seus textos com autonomia e sentimento de solidariedade, além de estar de acordo com os ideais que elegeu como prioritários nessa comunidade, sentindo-se integrado, como sujeito consciente de seus deveres e direitos.

Essa cidadania é, eticamente, um dos preceitos fundamentais de um jornalista humanista, responsável pela **re-construção** de uma sociedade mais democrática, em que deve atuar de acordo com os ideais que elegeu como prioritários; exercendo, desse modo, uma postura política.

1.4. Complexidade & Ética da Solidariedade[1]

O conhecimento torna-se cada vez mais consistente e ético, quando é possível encaixá-lo num contexto mais global. Portanto, é necessário ter um pensamento que conceba o sistema e a organização da comunidade (como vimos, primeiro a comunidade mais próxima e depois a global e a planetária).

As dinâmicas foram executadas e realizadas com a participação de todas as professoras e dos estudantes de jornalismo que conosco dividiram seu tempo e seus ideais; elas foram, portanto, frutos

[1] Ler primeiro capítulo de Edgar MORIN, "Complexidade e ética da solidariedade" In Gustavo de CASTRO (Org). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 16 a 23. A dinâmica constituiu-se de uma discussão sobre suas idéias em Horas de Trabalho Pedagógico (HTP).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

de um trabalho coletivo e solidário. O jornal comunitário e a ética complexa exigem essa participação, construindo um espaço onde todos possam ter voz e não sejam omissos. É isso que constitui uma cultura em que a informação é veiculada entre todos, sem privilégios em que a cidadania é a meta final.

1.5. Consenso Metodológico

Inicialmente, tomamos como referência a abordagem dos eixos descritos no Capítulo I. Num segundo momento, tivemos que optar por atividades mais instrumentais que colocassem a criança em contato direto com a linguagem e técnicas jornalísticas. Para tanto, utilizamo-nos, também como referência, o roteiro de pesquisa **"Jornal Escolar e Vivências humana"**[2] de Jorge IJUIM que foi membro consultor de nossa equipe.

Estudamos as teorias necessárias à aplicação da pesquisa nos momentos propiciados pelas HTP. Os alunos de jornalismo, quinzenalmente, participavam dessas reuniões de estudo em que discutíamos (por meio de seminários e leituras resenhadas), as estratégias para a realização de cada atividade trabalhada.

Também permitimos que os alunos trocassem idéias e experiências, tornando o aprendizado do jornal uma tarefa agradável e lúdica. Desse modo, tínhamos como objetivo não intimidar as crianças e nem obrigá-las a escrever textos ou desenhar quando não queriam.

Abolimos o hábito de atribuir notas ou conceitos baixos como forma de conseguir a produção de qualquer tipo de atividades.

As avaliações das ações foram feitas oralmente e cada membro da equipe se auto-avaliou. O único critério consensual da

---

[2] Trata-se de um material didático de apoio a professores do ensino fundamental e médio que desejem trabalhar com a produção de jornais em sala de aula. Esta obra faz parte da tese de doutorado que IJUIM está desenvolvendo junto ao Departamento de Jornalismo da ECA. Obra ainda não publicada.

equipe era elevar a auto-estima de cada criança, mesmo que suas atividades não fossem o que esperávamos.

O discurso autoritário tradicional pedagógico de menções, recompensas e castigos foi totalmente esquecido e superado, como forma avaliatória. Em seu lugar, adotamos, como princípio e método, os discursos polêmicos e lúdicos.

Nosso objetivo era que a avaliação fosse uma forma de conhecer o que desconhecíamos, isto é: "o como" o aluno se expressaria e raciocinaria diante de novos conflitos conceituais, procedimentais e atitudinais. Em relação ao jornalismo, a avaliação nos proporcionou diagnosticar nosso trabalho e investir para melhorar nossa *performance* como comunicadores-educadores e, desse modo, buscar novas alternativas para otimizar nossa comunicação (de maneira a conseguir que nossos receptores se entusiasmassem e se compromissassem com as atividades que lhes apresentávamos).

Foram utilizados, no desenvolvimento desse projeto, os encartes infantis da grande imprensa como **Estadinho** (Estado de S. Paulo) e **Folhinha** (Folha de S. Paulo) e, jornais locais como **JC Criança** (Jornal da Cidade/ Bauru), **Jahuzinho** (Jornal Comércio do Jahu), entre outros, para estabelecermos comparações e conseguirmos garantir o interesse dos alunos pelas variedades de material que procuramos oferecer. Além disso, priorizamos os recortes, pesquisados e retirados de livros didáticos, que as professoras e alunos apresentavam-nos. Era a nossa intenção, desse modo, valorizar todas as pesquisas do grupo, mesmo que não fossem tão aprofundadas em relação ao tema em que estávamos trabalhando.

Havia, entretanto, uma exigência que todos deveriam respeitar: as experiências sempre deveriam partir do saber infantil mais próximo, relacionado ao cotidiano do aluno aos problemas práticos

enfrentados em sala de aula, (sem menosprezar os sentimentos e valores infantis em relação à escola e à Vila Ribeiro).Depois, procuramos ampliar essas experiências, andando pelas ruas da Vila, visitando lugares interessantes do bairro (hortas, sítios, engenhos), organizando excursões para fora da Vila, com o patrocínio da Prefeitura local.

Exploramos todas as atividades que poderiam ser motivos geradores de estímulos às novas formas de apreensão da realidade e que poderiam virar notícias, reportagens etc. Foi, desse modo, que programamos nossas dinâmicas. Incentivamos, desse modo, as crianças para novas descobertas. Conseguimos vivenciar a maioria delas conjuntamente com toda a equipe antes de transformá-las em matérias jornalísticas.

Tivemos sempre o compromisso de checar as informações infantis para poder separá-las da fantasia (tão comum às crianças) antes da publicação das matérias. Explicamos aos professores que a obrigação de apurar a verdade dos fatos não é da fonte e sim do jornalista.

Por mais óbvias que pareçam as informações de uma fonte, o jornalista deve sempre checá-las, antes ratificar do que ter depois que admitir o "erramos" e retificar. Temos que ter consciência que as crianças não são tão ingênuas ou "despreparadas", que são seres em desenvolvimento e os seus conhecimentos, ainda que empíricos, merecem todo nosso respeito.

Não podemos pensar que um jornal infantil educativo possa ensinar uma criança a não ter responsabilidade sobre o que escreve. Além desses fatores, amplamente discutidos com a nossa equipe, também empenhamo-nos em superar várias divergências e sentimentos muitas vezes de desânimo. Este foi decorrente do fato de não termos conseguido patrocínio para a impressão do jornal **Pinguinho**

unesp

de Notícia e/ou para realizar mais excursões com as crianças. Foi ainda necessário superar, muitas, vezes o cansaço dos alunos de jornalismo, que duplicavam seus trabalhos, acumulando as atividades exigidas pela faculdade de Comunicação Social e mais as pesquisas por nós exigidas. Além disso, esses estudantes não tinham recursos econômicos para se deslocarem de Bauru à Vila Ribeiro e nem tinham condução própria.

Houve vários momentos de conflito, porém as responsabilidades e os desafios foram enfrentados por todos da equipe com idealismo, mas sem perder a noção do nosso compromisso com a pesquisa e com os nossos objetivos e expectativas.

Para a produção do jornal **Pinguinho de Notícia**, procuramos adequar e respeitar a metodologia dos professores da escola, como já foi relatado. Assim,não foi o objetivo das estratégias utilizadas na produção do jornal **Pinguinho de Notícia** substituir ou se constituir em outra metodologia (alheia aos docentes) para auxiliá-los a dar aulas com jornais. Mas, foi intenção de todos realizar um trabalho jornalístico-educativo em sala de aula.

O jornal educativo torna-se, desse modo, segundo IJUIM (2001) "... um instrumento complexo de aquisição de linguagens". Na perspectiva dos alunos de jornalismo da Unesp/Bauru: "... auxilia o aprendizado jornalístico, tornando-o mais lúdico e apreciável"; na opinião dos professores, "... dá trabalho, ninguém elogia nem reconhece, mas vale a pena".

Optamos em transmitir aos professores os passos fundamentais para a construção de um jornal infantil que se apoiasse nos preceitos construtivistas, em que a interação fosse sempre privilegiada, como vimos no Capítulo II. O diálogo sempre foi a principal metodologia, em todas as atividades aqui apresentadas (por meio de técnicas lúdicas em que as situações eram expostas como desafios).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2. Aproximando a Linguagem Escrita e Oral aos Conceitos Jornalísticos

Para estabelecermos uma comunicação efetiva decidimos que iríamos apresentar às crianças a teoria jornalística básica necessária à produção das matérias ao jornal **Pinguinho de Notícia**, através de exposições orais, transcritas na lousa como produto de texto coletivo em que os próprios alunos participavam. Aproximando, portanto, a linguagem escrita e oral aos conceitos jornalísticos, de acordo com o que a criança já sabia sobre o tema em pauta, procurando diagnosticar as dificuldades que apresentava em relação à escrita e à leitura. Priorizamos os seguintes temas:

2.1. Seções do Jornal

Para explicarmos o que são as seções de um jornal, pedimos inicialmente que as crianças desenhassem uma cômoda e suas gavetas. Perguntamos sobre a utilidade desses compartimentos e o que poderíamos neles guardar. Com a colaboração das crianças, chegamos à conclusão que cada gaveta guarda tipos de coisas diferentes e do mesmo modo, as seções do jornal guardam diferentes tipos de informação. Em seguida, incentivamos os alunos para que desenhassem as suas próprias cômodas e apresentassem sugestões "de gavetas" para a nossa primeira edição. Salientamos que todas as seções deveriam ser do interesse dos virtuais leitores do jornal.

O objetivo dessa atividade era estabelecer um primeiro contato com o jornal e saber qual era a expectativa dos alunos sobre o mesmo.

Foram listadas pelos alunos as seguintes seções: Pingo Cozinha, Pingo Pintura, Pingo Ecologia, Pingo Esportes, Pingo Filmes, Pingo Dicas de Saúde, Pingo Cotidiano da Vila Ribeiro, Pingo Brincadeiras , Pingo Cultura: música , desenho, pintura, contos, poesias,

unesp

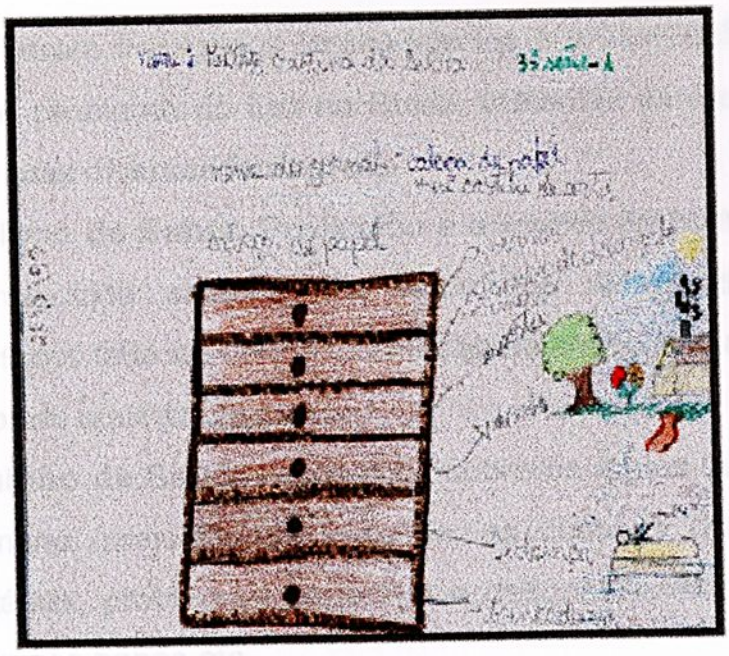


Ilustração 21
Representação das Seções do Jornal

game, dica de vídeos, internet, entrevista, exposição, cartas, classificados, danças, fotografias, livros.

As seções do **Pinguinho de Notícias** ficaram assim escolhidas e determinadas pelas próprias crianças e foram paginadas com os seguintes títulos:

- **Um Pinguinho de Arte**: Seção que publicou as matérias dos alunos das séries iniciais que ainda não estavam alfabetizados.
- **Cantinho do Conto**: Nessa seção o aluno era um cronista ou um contador de histórias.
- **Esporte**: Estas matérias foram escritas predominantemente pelos meninos que divulgaram os campeonatos de futebol realizados na escola, bem como outras atividades esportivas da Vila Ribeiro.
- **Passatempo**: Nesta seção predominaram as Histórias em Quadrinhos. Palavras cruzadas, jogos, adivinhas, brincadeiras diversas.

- **Ecologia**: Foram divulgados temas ligados à preservação do meio ambiente: o problema do lixo no Brasil, materiais de reciclagem, a poluição e suas diversas formas etc..
- **Um Pinguinho de Sabor**: Privilegiou a alimentação como forma de manter uma vida saudável, o valor dos alimentos, doenças provocadas por falta de uma alimentação balanceada e até receitas caseiras foram aqui divulgadas.
- **Um Pinguinho de Saúde**: específica sobre os males que afetam o corpo humano, prejudicando a saúde; as doenças contagiosas e como evitá-las; problemas de fadiga e desgaste mental; cuidados em relação aos bebês etc..
- **Eventos**: Tratamos, nessa editoria, como já foi abordado no Capítulo II, de respeitar a tradição das crianças da Vila que na escola comemoram as datas cívicas e religiosas, bem como privilegiam datas como: Dia das mães, dos pais, da mulher, do índio; dias santos, Natal, Páscoa, dia de Nossa Senhora etc.. Esta seção foi a que mais recebeu contribuições femininas. Além de contar com o subtítulo: **Você sabia?** O tema da curiosidade faz parte do imaginário infantil. Diversas matérias foram divulgadas como uma forma curiosa de aprendizagem: informações históricas, lingüísticas (como o esperanto), eleições, direitos de votos etc.. Além de charadas, piadas e pegadinhas.
- **Classificados**: surpreendentemente foram muito apreciados pelas crianças que, regularmente, anunciavam o brinquedo e demais objetos que tinham para vender, trocar e dar.

2.2. Estudos de Cadernos Jornalísticos Infantis

Distribuímos aleatoriamente encartes infantis da grande imprensa como **Estadinho** (Estado de S. Paulo) e **Folhinha** (Folha de S. Paulo) e, jornais locais como **JC Criança** (Jornal da Cidade/

Bauru), **Jahuzinho** (Jornal do Comércio do Jahu), entre outros. De um modo geral, deixávamos que as crianças folheassem, como quisessem, os jornais que eram colocados ao lado dos encartes, trocando idéias sobre o tamanho e o formato das letras, cores,fotos, desenhos, espaços em brancos, número de colunas, manchetes, títulos diversos e os assuntos que mais as atraíam em cada página folheada.

Depois que os alunos fizeram seus estudos comparativos, em grupo, foi escolhido um relator de cada grupo que expôs para a turma o que a sua equipe pesquisou. O objetivo dessa dinâmica era fazer a criança perceber a diversidade de assuntos que um jornal pode conter e as seções em que cada assunto aparece.

As crianças não tiveram problemas para responderem as questões do questionário inicial[3]. Seus resultados serão discutidos no item **2.4.** "Pensando critérios".

2.3. Estudos Comparativos

Pedimos às crianças para que trocassem os jornais de seu grupo com os outros e deixamos novamente que manuseassem os novos jornais o tempo que quisessem, lendo e comentando sobre as fotos e notícias que lhes chamassem mais a atenção.

O objetivo dessa atividade foi permitir-lhes compreender e analisar o que um jornal tinha em comum com o outro e em que eram diferentes, completando e reforçando as duas atividades anteriores a fim de que percebessem a diversidade das matérias jornalísticas, bem como observassem as seções que cada jornal produzia e como cada editoria optava pelas suas ilustrações e paginação.

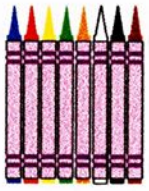
---

[3] Ver p.103.

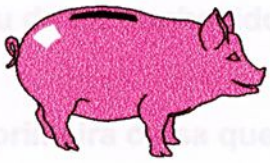
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Conhecendo o Jornal: Questionário 1

O que você encontrou nos jornais que nós temos em sala de aula?



Desenhos ( )



Animal ( )



(Planta) ( )



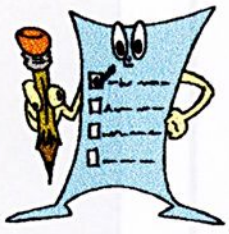
(Esportes) ( )



Livro ( )



Brincadeiras ( )



Textos escritos ( )

Qual o jornal que você mais gostou?

Qual o jornal que tem mais páginas? E o que tem menos?

Você entende o que está escrito nos jornais?

Qual jornal é mais colorido?

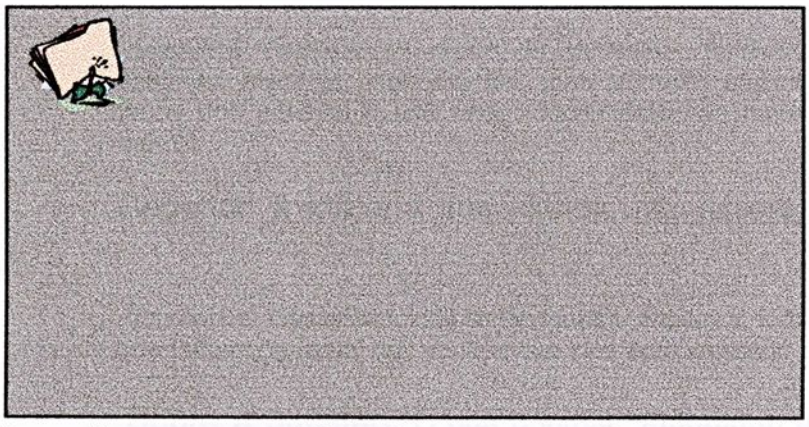
Desenhe o que você mais gosta de ver nas páginas de um jornal.

Conhecendo o Jornal: Questionário 2

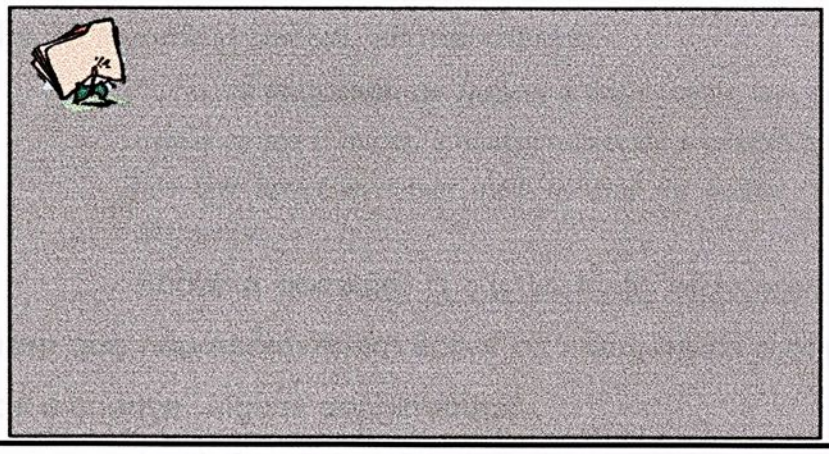


1. **Você gostou de ter conhecido os jornais?**

2. **Desenhe a primeira coisa que você viu, quando abriu os jornais.**



3. **Desenhe como você imaginava ser um Jornal?**



2.4. Pensando sobre os Critérios Infantis

Os critérios considerados pelas crianças para a escolha do jornal mais "bonito" e de fácil leitura foram àqueles relativos a variedade de assuntos, matérias feitas por crianças e desenhos/fotos bem coloridos e criativos. Os encartes **Folhinha** e **JC Criança** cumpriam, na opinião das crianças, estas categorias e tiveram elevado grau de aprovação.

Em relação à questão: Desenhe o que mais gosta de ver no jornal ,79% das crianças responderam :

> "desenhos (impressos), dicas de desenhos animados da TV , esportes, histórias, classificados, uma primeira página como a do jornal dos adultos, o que está acontecendo nas outras escolas/no bairro".

Segundo a maioria dos alunos, não poderiam faltar em qualquer jornal:

> "joguinhos, classificados,dicas de vídeos, esportes, índice e notícias que tinham no jornal dos adultos que eles entendessem".

Sobre a questão: O que o jornal **"Pinguinho de Notícia"** tem em comum com os outros jornais? As crianças listaram as semelhanças e as diferenças de maneira positiva, afirmando que:

> "O jornal **Pinguinho de Notícia** é interessante, tem uma primeira página só pra crianças, é também divertido e criativo porque somos nós que fazemos e tem mais notícias da escola com assuntos diferentes".

Sobre a questão: O que você não escreveria num jornal, 70% relataram que não escreveriam sobre os maus tratos e brigas entre gente grande e criança. Alguns depoimentos:

> Jornal não pode ter coisas de castigo e nome feio.
>
> (Keithy, 3ª série)
>
> A gente não pode contar uma estória de briga e de gente batendo na gente.
>
> (Andresa,3ª série)
>
> Minha mãe não quer que eu fale palavrão no meu jornal só coisa gostosa e brincadeira e notícias de escolas.
>
> (Sarah Maria, 2ª série)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Coisas da Vila e também minhas coisas de lição da escola e divertimento e estória bonita daqui daí muitos desenhos.

(Wagner Henrique, 4ª série)

No jornal da escola as coisas são feitas por nós, enquanto nos outros são feitas por outras pessoas grandes e têm fotos.

(Rosemary, 4ª série)

2.5. Noções Jornalísticas Básicas



Ilustração 22
Página de Jornal para Análise

Antes de iniciarmos esta atividade, foi explicado aos professores e às crianças que iríamos trabalhar algumas noções básicas sobre jornalismo e que as mesmas seriam apresentadas didaticamente às crianças. A página acima foi-nos entregue por uma professora para

análise e reconstituída por um aluno. Por achar o "modelo da professora" de primeira página muito apagado, criou o "seu modelo", colando figuras amarelas, recortadas de livros didáticos velhos, que no seu entendimento "ficou mais bonito".

Esse fato mostra a tendência das crianças em procurar entender o mundo jornalístico por meio de imagens que lhes são mais familiares e a importância que dão às cores fortes. Os jornais, cientes disso, passaram a divulgar, em seus manuais de redação a seguinte idéia: o que puder ser mostrado por imagens, não deve ser dito por palavras. Há, desse modo, a explosão dos infográficos nos jornais mais modernos e populares.

Apresentamos os elementos gráficos simplificados aos professores da seguinte forma:

a) aspectos editoriais (linha editorial, cabeçalho, manchete, foto legenda, crédito, chamada, olho/box/janela, seções/editorias, logotipo);
b) gêneros jornalísticos (informativo, opinativo e interpretativo);
c) Tipologia textual jornalística (editorial, reportagem, artigo, crônica, entretenimento: história em quadrinhos, charge, jogos, etc.);
d) aspectos visuais (diagramação: títulos/corpos, fios, valorização dos espaços etc.).

Esses conteúdos não foram, apresentados linearmente, julgamos o jornal um hipertexto[4], o leitor encontrará os *links* (chamadas) na primeira página, podendo fazer uma leitura transversal dos conteúdos noticiados. Entretanto, todos elementos aqui listados foram estudados através das atividades e dos cadernos jornalísticos, esses últimos podem ser consultados no final do presente capítulo.

---

[4] LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. 5.ed. São Paulo: 34, 1998. p. 33. "Tecnicamente um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüência sonora, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Apresentamos às turmas iniciais (1ª e 2ª séries) as estruturas básicas do texto noticioso e dos demais gêneros jornalísticos de forma oral. Conforme foi relatado, tomamos como referência principal o roteiro proposto por IJUIM[5]; entre outras alternativas. Essa escolha foi feita pelos próprios professores e alunos de jornalismo, julgando este material mais objetivo, conciso e coerente, facilitando à produção de textos jornalísticos em sala de aula. Adequamos estes conceitos à linguagem infantil, tornando-os mais didaticamente compreensíveis às crianças das séries finais.

Optamos por comentar os conceitos jornalísticos mais explorados em sala de aula e como fizemos para torná-los acessíveis ao conhecimento dos professores. Foram eles:

A Edição

Ao preparo das matérias para serem publicadas, damos o nome de edição. Para isso selecionamos as pautas (principais assuntos a serem desenvolvidos), pensamos nas ilustrações, fotografias, infográficos etc. que irão acompanhar ou não, as matérias.

A Linha Editorial

Trata-se do "como vamos tratar um assunto" depois de definido o seu público alvo. Esta linha depende dos objetivos e da ideologia da publicação. No caso do **Pinguinho de Notícia**, as matérias escolhidas foram as que retratavam as aspirações dos alunos e que fossem um canal entre a EE Daltyra de Toledo Castro e a comunidade da Vila Ribeiro. Como o nosso público alvo era restrito, pudemos especificar os temas que engendraram as seções produzidas.

---

[5] IJUIM, **Jornal Escolar e Vivências Humanas**, 1999. Obra ainda não publicada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O Cabeçalho

Título de um artigo ou coluna de jornal. Nome de um jornal. Parte superior da primeira página em que constam, além do nome do jornal, outras indicações como, fundadores, diretores do jornal, data, número, ano da publicação, preço da assinatura etc.. No caso do jornal **Pinguinho de Notícia**, no cabeçalho, optamos pelo nome do Jornal, o local (nome da escola), o ano, e a edição.

A Manchete

É o título principal de uma notícia ou de uma reportagem. É escrita com uma fonte (tamanho de letras usadas em textos, títulos e legendas) maior que o de outros títulos. Esse título principal tem dois objetivos primordiais: resumir a notícia e atrair a atenção do leitor para o assunto da notícia. Também são chamados de manchetes os títulos das principais reportagens de cada caderno das páginas internas.

A Ilustração

O papel da ilustração/foto, acompanhando a notícia, é chamar a atenção do leitor, completando a informação e/ou oferecendo outras. No Jornalismo Infantil, é importante escolher ilustrações, quando a matéria assim o exigir, em que os animais sejam personificados. As crianças se identificam e apreciam muito essas ilustrações.

Elementos Tipográficos

O diagramador deve dominar e manipular eficientemente os processos gráficos. Determinar os elementos tipográficos em suas dimensões específicas na estruturação de um arranjo gráfico a ser impresso. Sempre que for possível.

A Foto – legenda

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Um texto curto e conciso que vem abaixo da foto, oferecendo informações e/ou completando ou explicando melhor a imagem representada.

O Crédito

É a assinatura de quem fez a notícia, ou de quem bateu a fotografia que ilustra a matéria. Vem acima ou ao lado de uma foto. É muito importante identificar o autor das matérias que saem no jornal, o leitor tem o direito de saber quem produziu o quê no periódico que ele está lendo. Apenas os editoriais saem sem assinatura, porque expressam a opinião do jornal. Reforçamos também sobre a importância de checar as informações antes de publicá-las.

A Chamada

Pequeno texto que sai na primeira página do jornal, resumindo o que o leitor encontrará na notícia. Traz também o número da página e o caderno ou seção em que está a matéria completa. Agiliza a procura da seção, dando ao leitor um resumo da matéria procurada.

O Índice

Traz a ordem dos cadernos e seções do jornal. Esclarecemos que esse é um item muito importante no jornal. Se o leitor tiver que dispor de muito tempo para localizar o que quer ler, poderá se desinteressar pelo jornal.

Olho/Janela/Box

Para a edição de textos longos e/ou para facilitar a legibilidade dos mesmos ou mesmo para chamar a atenção do receptor, é comum o uso de espaços cercados ou destacados com sombras (retículas) em se

inserem frases importantes relativas ao texto noticiado por meio dos seguintes recursos: olho, box e janela. Geralmente, usa-se um tipo de letra diferente para chamar a atenção ou causar impacto. Também podemos abrir um "olho", usando palavra ou frase colocadas acima ou abaixo de um título ou um antetítulo.

A Entrevista

Consiste principalmente em fazer perguntas para uma pessoa com o objetivo de deixar a notícia mais clara ou saber mais sobre a vida e profissão dela. Devemos também considerar as perguntas que sejam importantes às pessoas que divirjam das nossas concepções. Essas perguntas podem provocar o que chamamos de **verdades contrárias** e são elas que, em última análise, possibilitam o diálogo e favorecem a liberdade de expressão, senão da **empresa jornalística**, mas (com certeza) a liberdade de expressão do **Jornalismo** que faz com que o jornal possa informar mais do que, normalmente, informa.

A Charge

É um texto sincrético, com desenhos, balões e linguagem verbal. Gênero jornalístico que serve para expressar uma opinião ou fazer uma crítica. A charge deve ser discutida oralmente com os alunos das séries finais por ter um conteúdo irônico e ideológico de difícil compreensão às crianças das séries iniciais. No **Pinguinho de Notícia** não foram editadas charges porque os alunos não se mostraram interessados por elas. Dificilmente as crianças podem entender a opinião política implícita nas matérias jornalísticas expressas pelas charges dos jornais da grande imprensa. As crianças não possuem, como já estudamos no Capítulo I, capacidades intelectuais para abstraírem noções tão complexas quanto as que normalmente exigem as charges.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A Pauta

Um roteiro dos assuntos que vão aparecer no jornal. Para cada assunto vai haver os nomes das pessoas selecionadas que devem ser entrevistadas, os horários e as perguntas que mais interessam ao repórter em relação ao conteúdo da matéria. O jornalista que elabora as pautas é o pauteiro.

A Notícia

Notícia é aquilo que faz com que as pessoas comprem o jornal (matéria prima) e depois comentem sobre ele. Dissemos às crianças que quando um gato toma leite isso não é notícia mas se um dia chover leite, isso será notícia. O que se valoriza na notícia é a sua atualidade, mas também o futuro próximo que tem implicações com o presente e/ou o passado. Normalmente, o que vemos nos encartes infantil da grande imprensa não são notícias, mas reportagens. Embora para as crianças essas reportagens sejam consideradas notícias, 97% das crianças da quarta série da escola da Vila, classificavam, de um modo geral, qualquer matéria como notícia.

Pensando a notícia

Pedimos que os alunos pensassem numa notícia sobre a Vila Ribeiro, por exemplo, perguntando a si próprios: o que está acontecendo ou aconteceu que as pessoas que vão ler o jornal gostariam de saber? Solicitamos que procurassem saber com os colegas de outras classes, com seus pais e vizinhos sobre um assunto interessante para ser publicado. Sugerimos que pesquisassem sobre as emergências atendidas no PAS local, na creche, sobre as atividades que o centro comunitário estava preparando, etc.. O título que demos a essa atividade foi: **Na Vila acontece**. Depois solicitamos que escrevessem várias

manchetes e em grupo escolhessem a melhor. Os alunos que tivessem, inicialmente, dificuldade poderiam recortar uma notícia do jornal.

O Editorial

Texto que expressa a opinião do jornal e não é assinado pelo jornalista. Trabalhamos com esse texto, bem como com os artigos, apenas com as crianças das séries finais por se tratarem de discursos argumentativos que envolvem relações de causa e conseqüência. Como já explicamos anteriormente, as crianças das séries iniciais não têm ainda conhecimentos suficientes que lhes permitam assimilar estruturas do discurso argumentativo.

A Pesquisa Jornalística

Os meios de comunicação de massa: rádio, televisão, jornais, revistas etc. sempre estão preocupados em saber como os receptores estão recebendo as suas programações/produções. Para isso fazem pesquisas de opinião pública, procurando saber sobre assunto de seus interesses. Explicamos aos alunos que eles também deveriam pesquisar para terem pistas sobre o que os receptores do **Pinguinho de Notícia** gostariam de saber. Para isso deveriam procurar informações na escola e fora dela. Esclarecemos que eles deveriam fazer um pequeno texto com uma ou mais perguntas que fossem concisas, claras, objetivas. *Exemplos: Você acha que a merenda da escola deve ser interrompida durante as férias? Concordo ____; Não concordo ____; Não sei ____; Total dos entrevistados____.*

O Expediente

Expediente é um espaço que traz o nome do jornal e das pessoas que participaram da produção do jornal. Nele podem aparecer telefone,

endereço e nome do proprietário do jornal e outras informações gerais do interesse do editor.

Os Classificados

São os anúncios de vendas, trocas ou empregos que aparecem no jornal, organizados por temas. Explicamos aos alunos que muitas pessoas e/ou empresas procuram o jornal para os mais diversos serviços: alugar/vender objetos, livros, imóveis, carros e/ou também para procurar um trabalho; trocar produtos etc.

A Diagramação

Sobre o item diagramação analisamos como dispor as matérias feitas pelos repórteres numa página de jornal, revista, folheto etc..

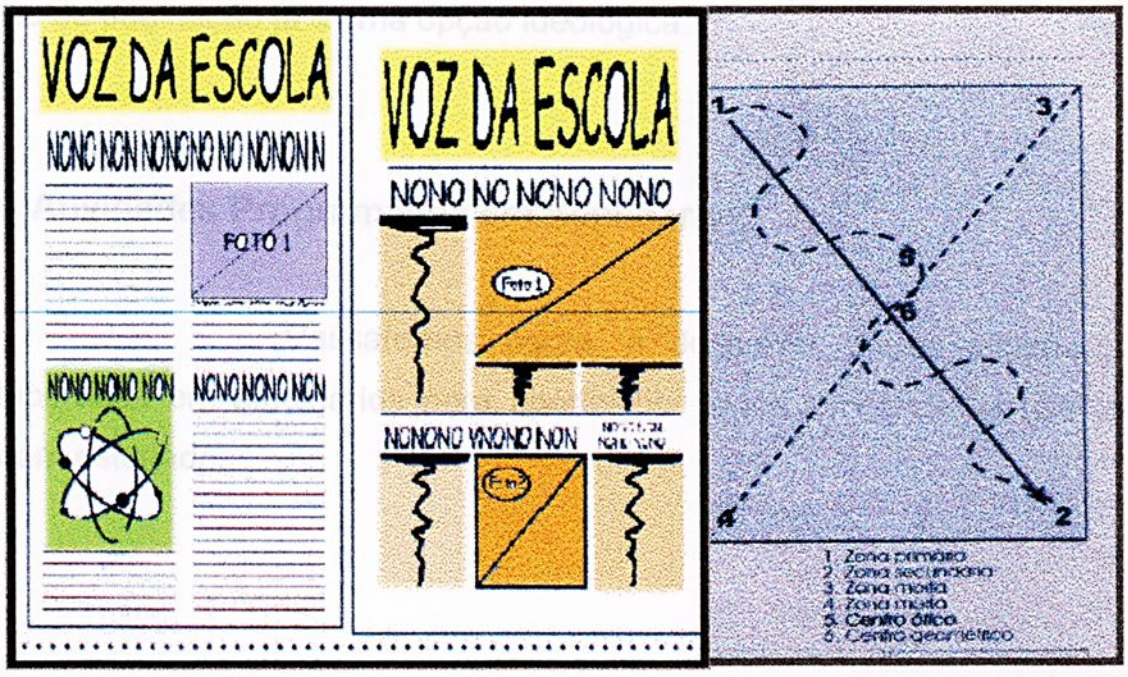


Ilustração 22
Diagramação

Segundo IJUIM (2001), toda matéria tem um centro ótico da página (6) que privilegiamos e nele inserimos a matéria que queremos destacar. As outras áreas são respectivamente denominadas:

a) zona primária (1);
b) zona secundária (2);
c) zona morta (3-4);
d) centro ótico (5);
e) centro geométrico (6).

Devemos desenhar a página, visualizando os elementos gráficos que serão inseridos, como: matérias, títulos, fotos etc. harmonizando e dinamizando os espaços de forma equilibrada. A zona morta (4) é a que menos vai chamar a atenção visual do receptor, ao contrário do centro ótico em que estarão as ilustrações mais significativas. Portanto, toda a arte da paginação já é uma opção ideológica.

3. Atividades Programadas em Seminários[6]

Passaremos agora, a descrever outras dinâmicas elaboradas em seminários para aperfeiçoar todos os conceitos que já foram estudados.

[6] Chamamos de atividades programadas as dinâmicas de grupo que criamos com as professoras da EE Daltyra de Toledo Castro, com os alunos Regina Ambrósio e Juliano Magalhães para discutirmos o material teórico, bem como os exercícios diagramados, nos quais acolhemos as sugestões dos professores consultores. Foram discutidos detalhadamente todas os recursos que utilizaríamos, antes de serem diagramados, nas HTP (Horas de Trabalho Pedagógico). A nossa proposição é que podemos denominar todas essas dinâmicas como fruto de um trabalho comunitário, de acordo com a metodologia da Pesquisa – Ação por nós sempre mantida e respeitada.

Atividade 1- Entretenimento por meio de quadrinhos

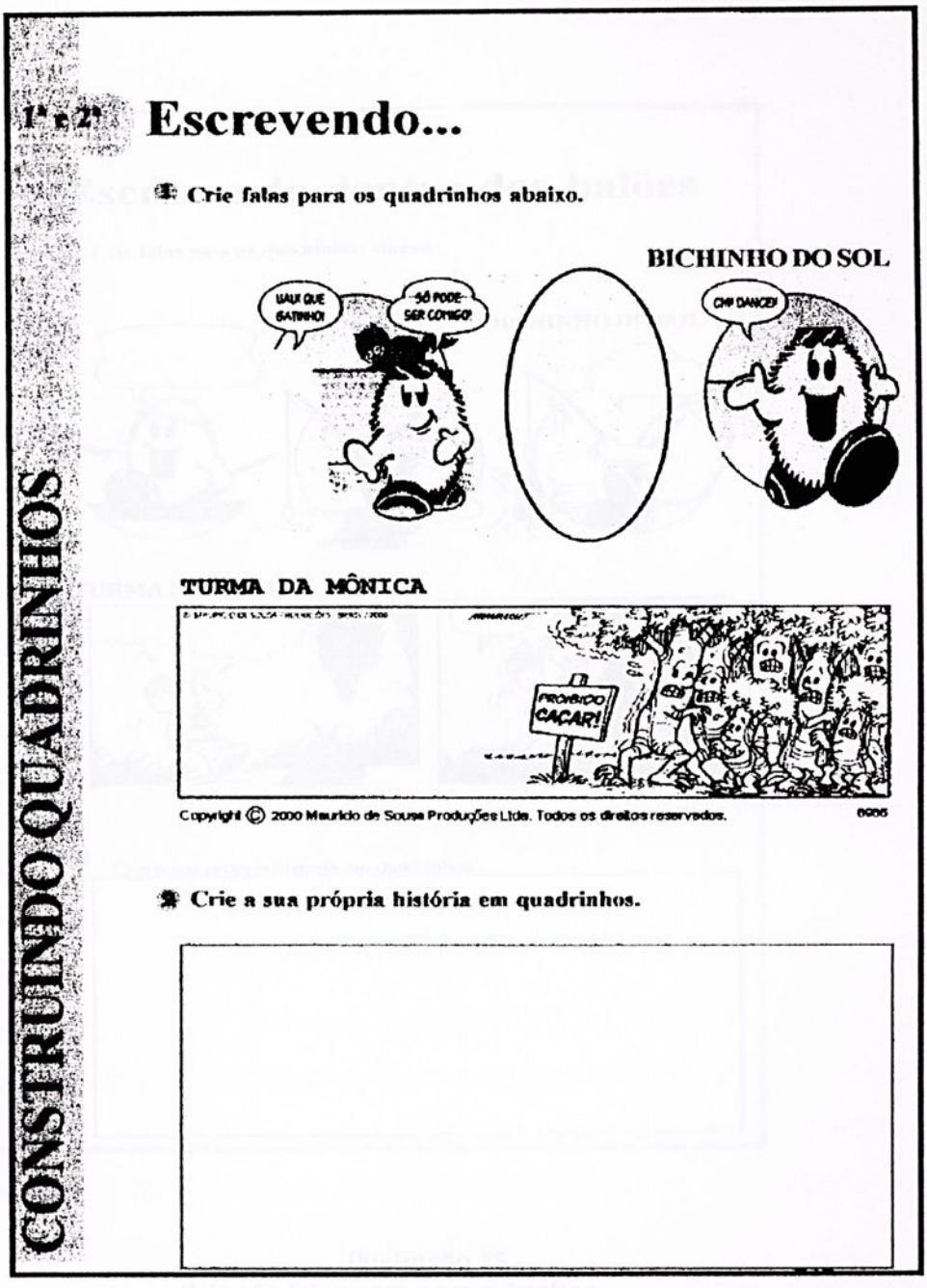


Ilustração 24
Preenchendo balões

CONSTRUINDO QUADRINHOS

3ª e 4ª

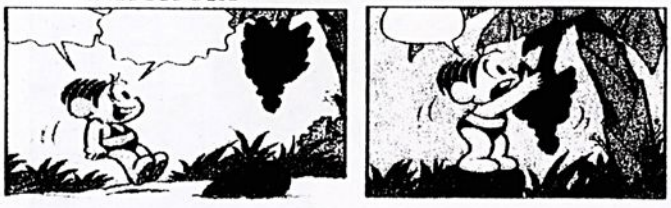
Escrevendo dentro dos balões

1 Crie falas para os quadrinhos abaixo.

BICHINHO DO SOL



TURMA DA MÔNICA



2 Crie a sua própria história em quadrinhos.

Ilustração 25
Criando falas para os quadrinhos

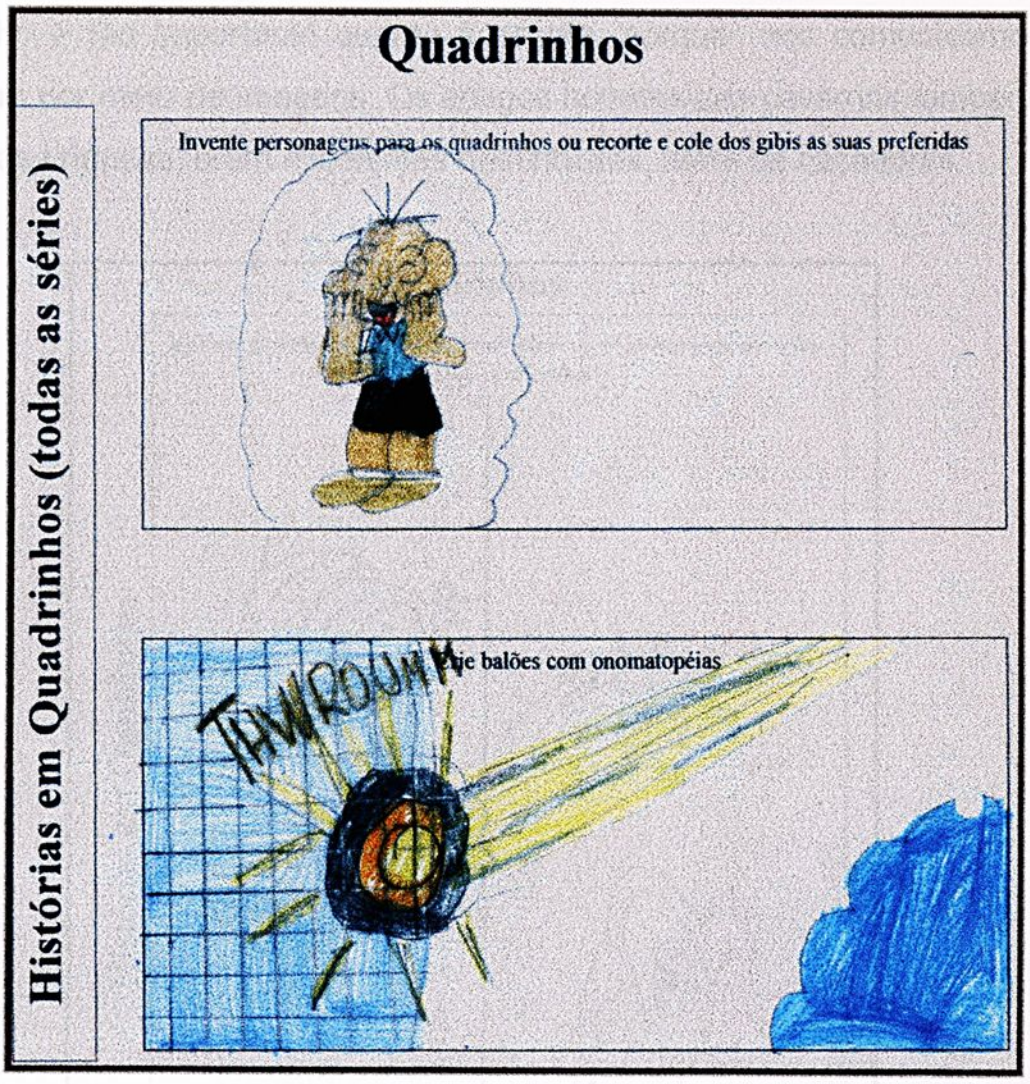


Ilustração 26
Criando Onomatopéias

As crianças criaram várias atividades em relação aos quadrinhos: completaram os elementos que estavam faltando nos balões, criaram onomatopéias, colocaram os quadrinhos na seqüência certa, quando os mesmos lhes foram apresentados sem coerência e coesão. Depois trocaram os trabalhos entre si.

Produziram suas próprias histórias, por escrito e oralmente, e trabalharam com as onomatopéias. Cada turma criou um texto coletivo sobre a história em quadrinhos com a intervenção da professora que o transcreveu na lousa. Explicamos que a linguagem do

desenho é tão importante quanto à escrita, porque nos comunicamos também por meio de imagens. Os antigos homens das cavernas também, como as crianças, eram excelentes desenhistas, além de caçadores.

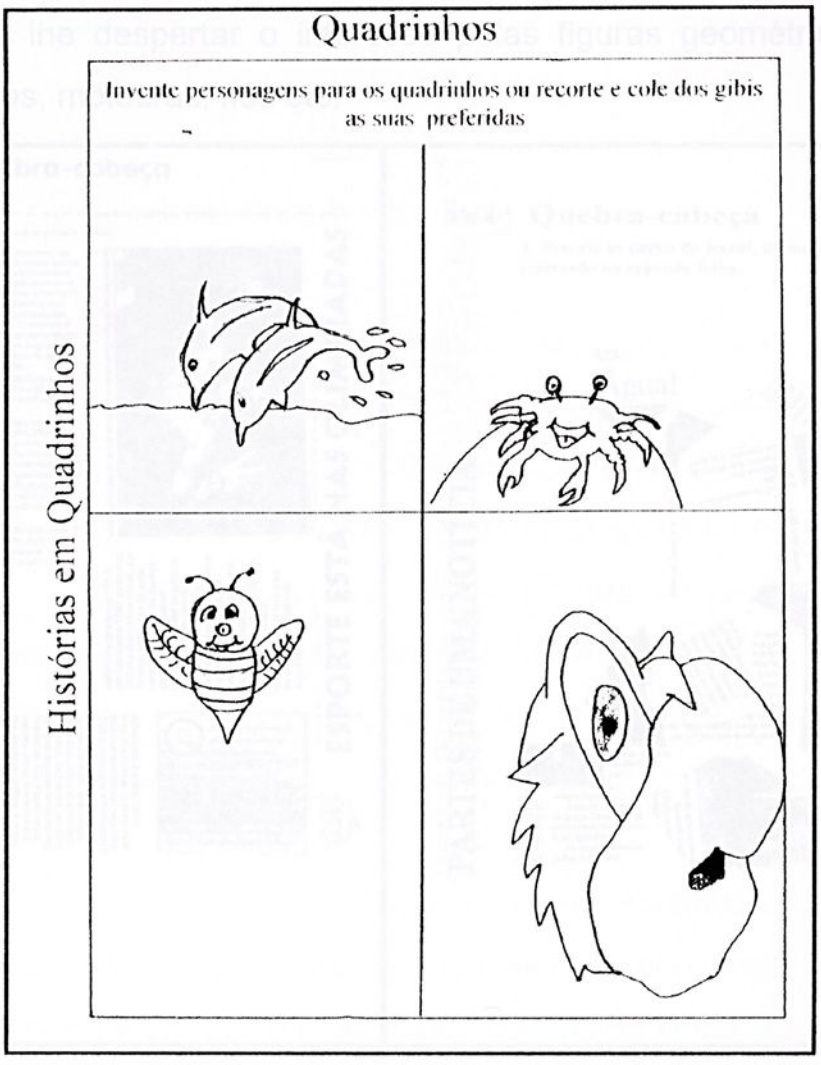


Ilustração 27
Quadrinhos: Explorando os Espaços

O desenho é uma linguagem visual privilegiada pelo aluno. Mas torna-se uma necessidade, em relação à paginação do jornal, levar às crianças algumas noções de como explorar bem os espaços, tornando uma página sempre harmoniosa, buscando e re-criando novas formas com equilíbrio.

Atividade 2- Quebra-cabeças

O quebra-cabeça é uma atividade lúdica, muito explorada na escola e fora dela. Por meio dele podemos despertar a curiosidade e o pensamento lógico do aluno, para descobrir novas formas bem como lhe despertar o interesse pelas figuras geométricas, pelas cores, traços, molduras, fios etc.

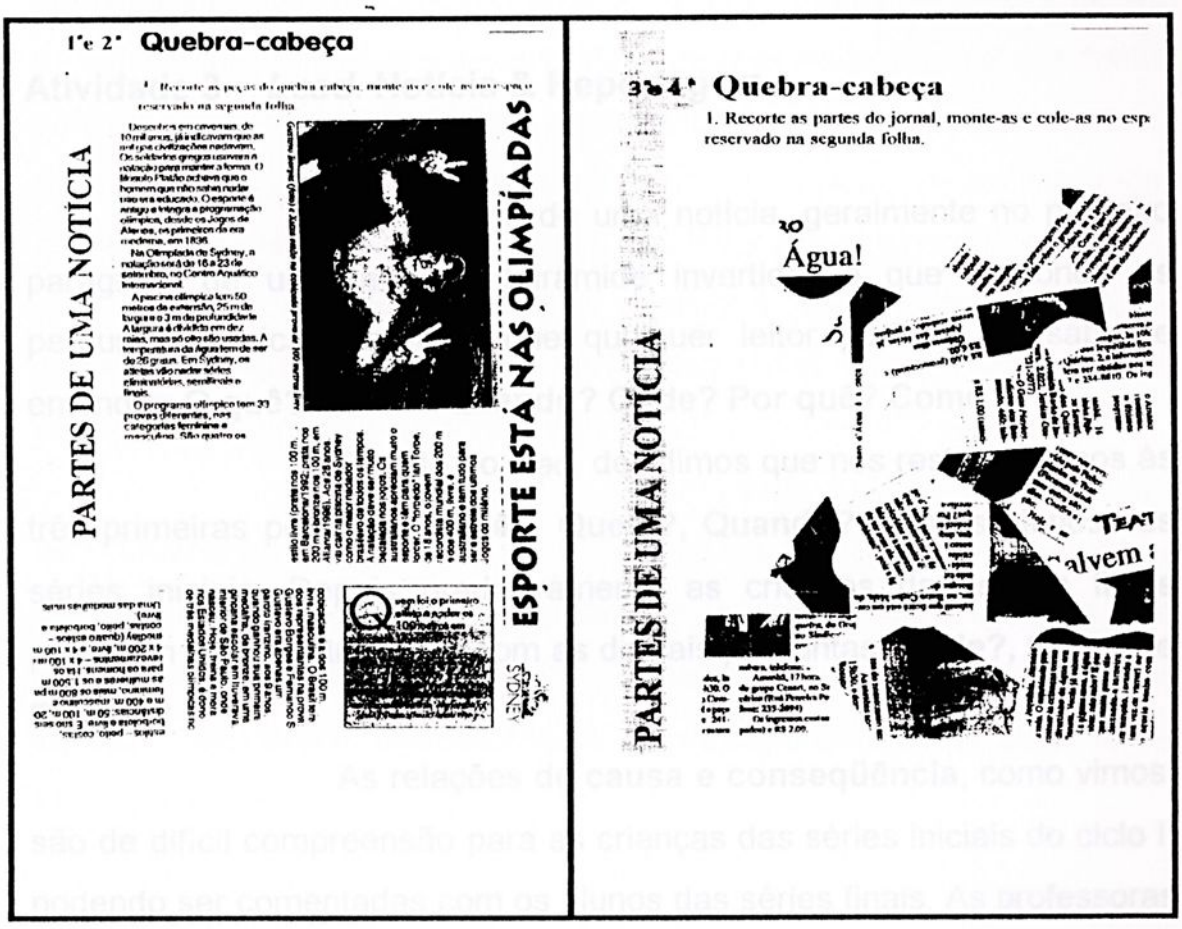


Ilustração 28
Montando quebra-cabeça

Como atividade inicial, sugerimos que as crianças tentassem montar os pedacinhos de uma página em que uma matéria foi recortada (ver ilustração acima) e descobrissem em que aquele "amontoado de formas iniciais" iria se transformar. Nessa atividade, além do raciocínio lógico infantil, estimulamos ações motoras e atitudes de paciência e atenção. Para as crianças que já dominavam a escrita alfabética transcrevemos uma notícia e pedimos, a seguir, que a recortasse, processo inverso e depois a reconstruísse.

Com os alunos da 1ª e 2ª séries, trabalhamos fundamentalmente com o reconhecimento das formas e tonalidades de cores. Verificamos, dessa forma, que os alunos sabiam do que se tratava uma matéria de jornal, por exemplo, mas o que os orientavam, no momento de montar e colar as partes do quebra-cabeça eram as formas, os desenhos e algumas vezes as manchas negras (letras).

Atividade 3 - *Lead*. Notícia & Reportagem

É o resumo de uma notícia, geralmente no primeiro parágrafo de uma matéria (pirâmide invertida) e que responde as perguntas básicas do texto que qualquer leitor gostaria de saber e entender: **O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?.**

Quanto ao *lead*, decidimos que nos restringiríamos às três primeiras perguntas: **Quê?, Quem?, Quando?** com os alunos das séries iniciais. Depois gradativamente as crianças das séries finais poderiam também trabalhar com as demais perguntas: **Onde?, Como?** e **Porquê?**

As relações de **causa e conseqüência**, como vimos, são de difícil compreensão para as crianças das séries iniciais do ciclo I, podendo ser comentadas com os alunos das séries finais. As professoras apresentaram o seguinte exemplo de lead e solicitaram a atividade:

Moisés, o Papai Noel da escola, escorregou na véspera do Natal na saída da escola. Vejamos como está estruturado o *lead*:

a) O que aconteceu?
- Papai Noel escorregou.
b) Quem foi?
- Moisés, Papai Noel da escola.
c) Quando se deu o fato?
- Na véspera do Natal.
d) Onde se deu o fato?
- Na saída da escola.

Agora só resta expandir a informação e escrever de modo que se desenvolva a notícia.

- Na véspera do Natal.

d) Onde se deu o fato?

- Na saída da escola.

Agora só resta expandir a informação e escrever de modo que se desenvolva a notícia.

Através de histórias em quadrinho, principalmente, as crianças identificaram o lead e criaram suas notícias. Também a música foi explorada, ouvindo-a e depois relatando oralmente sobre o que tinham sentido e compreendido da letra apreendida.

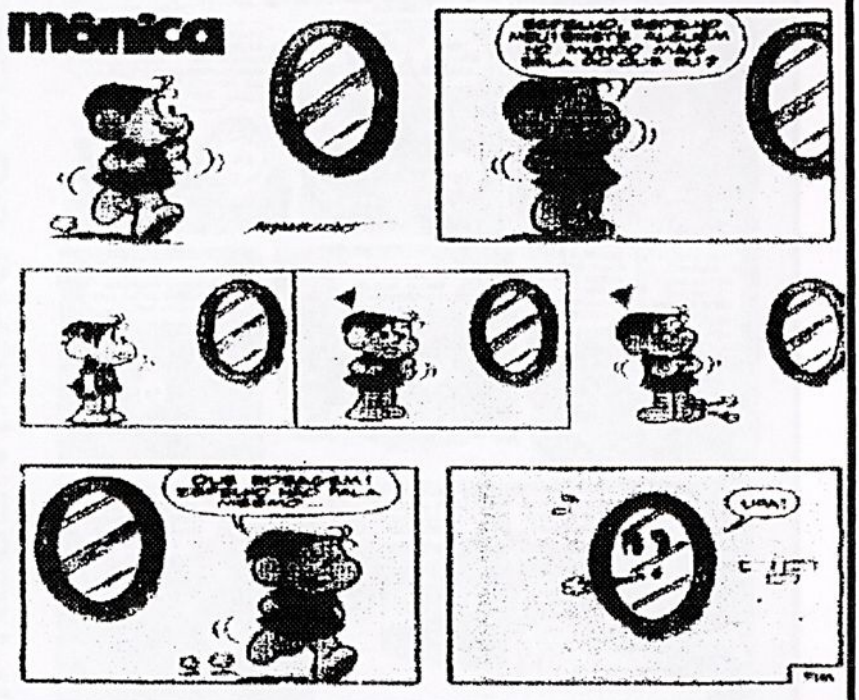
Desse modo, as crianças desenvolveram atividades sobre o lead, como veremos a seguir, nas páginas posteriores.

Depois de ter aplicado várias atividade orais, percebemos quanta dificuldade as crianças das séries iniciais tinham ainda em responder a pergunta **"Por quê?"** e **"Como?"**.

Restringimos, em virtude dessa observação, definitivamente, em relação às séries iniciais, as perguntas básicas a apenas três: **O quê? Quem? Quando?** Deixando a criança livre para completarem ou não às respostas em relação ao **"Como?", "Por quê? e Onde?"**; se assim o desejassem a professora poderia ajudá-la na produção do lead.

APRESENTAÇÃO DO LEAD

3ª e 4ª O quê? Quem? Quando? Como? Por quê?



Vamos ler a historinha da Mônica e encontrar os elementos jornalísticos.

- Conte **o que** está acontecendo no quadrinho da Mônica.
- **Quem** são os personagens da histórinha?
- **Quando** aconteceu a histórinha?
- **Onde** se passa a história?
- **Como** a Mônica está vestida?
- **Por que** a Mônica saiu brava? Com que conto de fada se p esta historinha?

Ilustração 29
Explorando com as Séries Finais todas as Perguntas do *Lead*

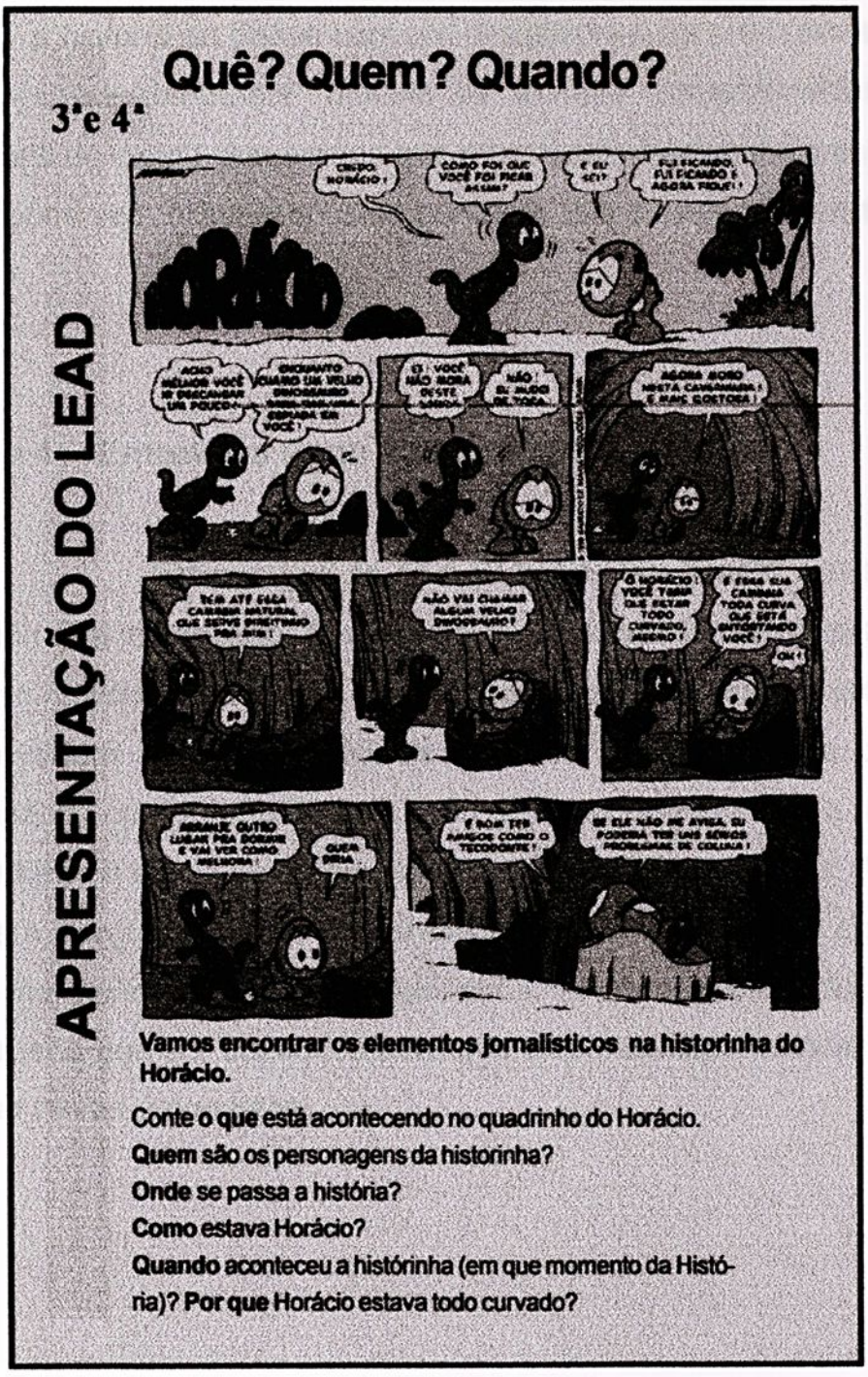


Ilustração 30
As Perguntas Básicas do *Lead* Infantil

Nessa atividade, pudemos perceber a dificuldade do **"onde"** para as crianças das séries iniciais. Em relação ao discurso narrado, cremos não devemos exigir essa resposta das crianças. O **onde** para a criança é sempre em relação ao espaço que a circula, ela não

abstrai que a história se passa com um dragãozinho da pré-história. São relações "espácio-temporais" difíceis de sempre compreendidas nas séries iniciais do ciclo I. Sugerimos que o professor intervenha e explique essas relações sem exigir respostas pontuais, isto é, uma única resposta como certa.

Atividade 4 - Entrevista (jogo da memória)

Entregamos às 1ª e 2ª séries um quadro contendo o jogo da memória incompleto. A atividade foi desenvolvida em dupla. Para preencher o quadro, as crianças tinham que entrevistar umas as outras. A seguir, deveriam colocar a primeira letra do nome de cada pessoa entrevistada no canto superior esquerdo de cada quadrinho e o número correspondente à idade do entrevistado, no canto inferior direito. A outra questão era perguntar o que o entrevistado mais gostava de comer e desenhar na parte central dos quadrinhos, a comida proposta. Cada quadrinho teria que ser duplicado para que eles pudessem brincar com o jogo e criar novas entrevistas.

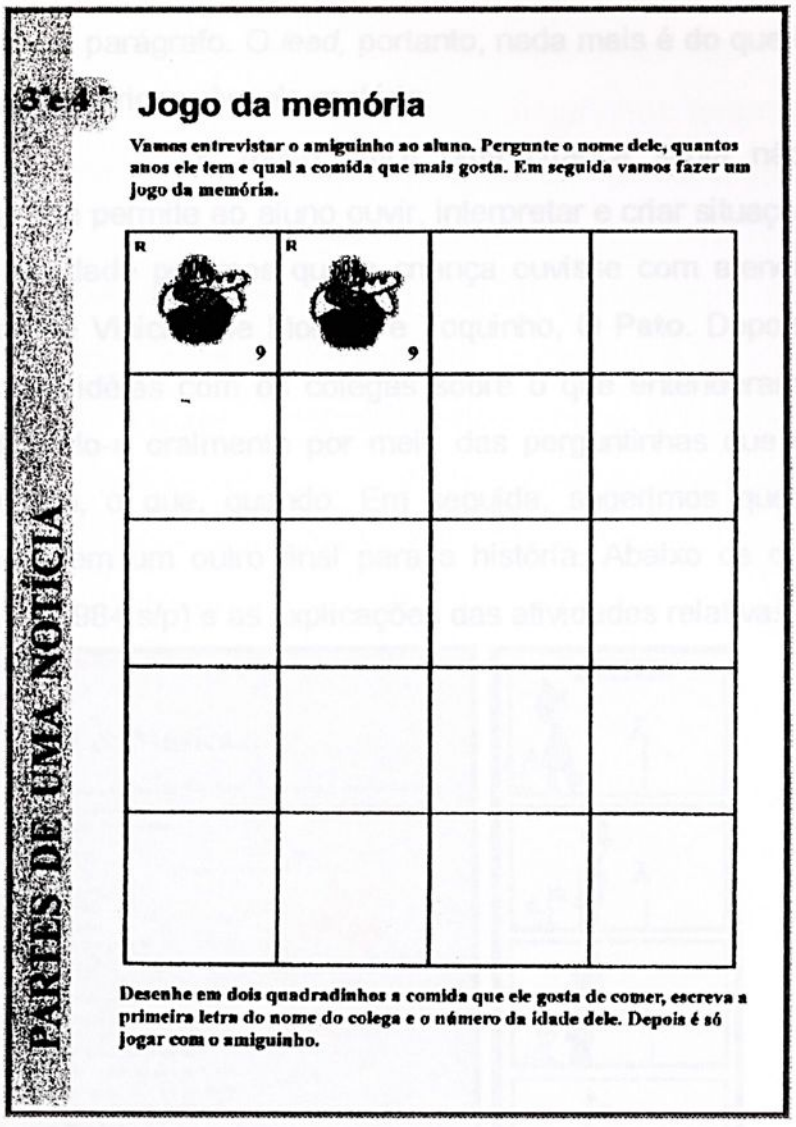


Ilustração 31
Jogo da memória

Atividade 5 - *Lead* & Música

Essa atividade foi apresentada com música. Ela motivou os alunos na realização dessa dinâmica. Aqui, reforçamos a importância do *lead* para a notícia, ou seja, este deve fornecer um resumo inicial que condensasse no primeiro parágrafo a informação essencial do fato noticioso (pirâmide invertida). Revisamos e reforçamos à criança que as informações principais da notícia devem aparecer logo

no primeiro parágrafo. O *lead,* portanto, nada mais é do que o resumo do fato que deu origem àquela matéria.

É muito difícil uma criança sadia não gostar de música. Ela permite ao aluno ouvir, interpretar e criar situações. Por isso, nesta atividade pedimos que a criança ouvisse com atenção a música clássica de Vinicius de Moraes e Toquinho, **O Pato**. Depois, em grupo, trocassem idéias com os colegas sobre o que entenderam da música, reproduzindo-a oralmente por meio das perguntinhas que estruturam o *lead*: quem, o que, quando. Em seguida, sugerimos que cada grupo pensasse em um outro final para a história. Abaixo os quadrinhos de FUNARI (1984:s/p) e as explicações das atividades relativas a eles.

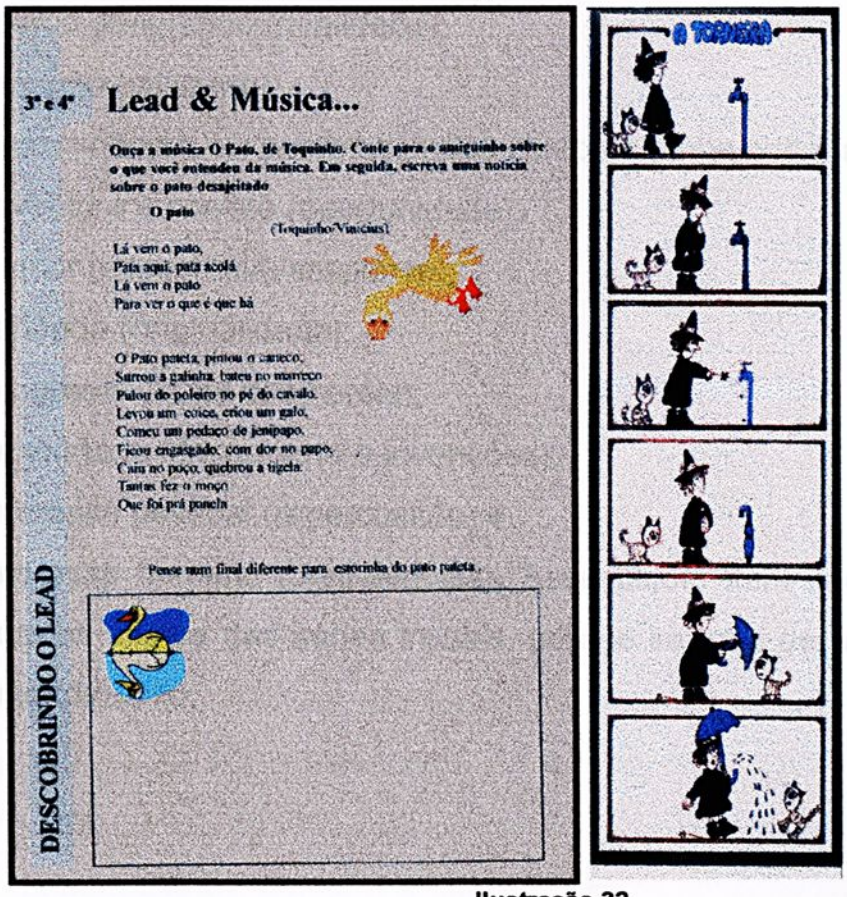


Ilustração 32
O Pato e Quadrinhos Funari, Coerência pela Seqüência Temporal

Pedimos que criassem balões com textos referentes a cada seqüência.Também foi um momento oportuno para o estudo das

mais diferentes onomatopéias e suas respectivas representações no texto jornalístico. Na etapa seguinte, os quadrinhos foram recortados e transformados em quebra-cabeça que deveriam ser reconstituídos.

Aproveitamos os quadrinhos de FUNARI para solicitar às crianças que criassem uma notícia ou reportagem sobre o tema "bruxos e bruxas" e pesquisassem na comunidade "quantas pessoas acreditavam em bruxas". Recapitulamos **como** e **de que modo** os assuntos noticiosos poderiam conseguir a atenção dos que compram ou assinam jornais. Escrevemos na lousa a lista dos itens:

- proximidade (importância);
- marco geográfico (rivalidade);
- impacto (utilidade);
- proeminência ou personalidades célebres (linha editorial do jornal);
- aventura e conflito (oportunidade);
- humor (expectativa/suspense);
- raridade (originalidade);
- progresso (culto dos heróis);
- sexo/idade (descoberta e invenções);
- interesse pessoal (repercussão) e
- interesse humano (confidências). Esse último item não foi explorado com os alunos das séries iniciais, porque se trata de noções de difícil entendimento.

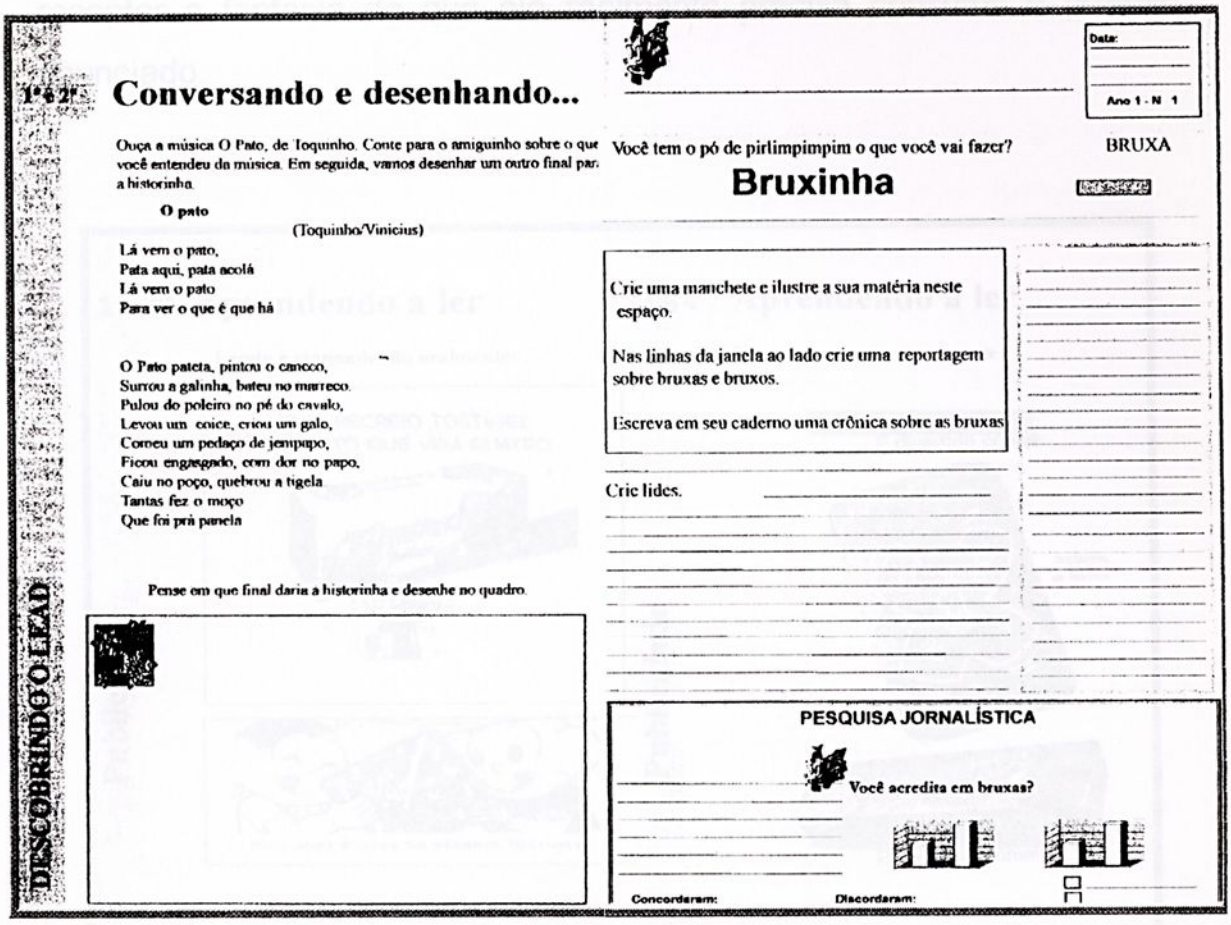


Ilustração 33

Reportagem & Música

Atividade 6 - Publicidade & Propaganda

Nesta atividade, foi nossa intenção que os alunos percebessem a função apelativa da linguagem, o uso do imperativo e como somos manipulados a consumir até o que não precisamos. Os alunos perceberam também a diferença entre propaganda e publicidade. A primeira não vende produtos mas, idéias; tem um caráter persuasivo, "supostamente educativo ou instrutivo", procurando alertar as pessoas sobre as vantagens e desvantagens de aderirem a algumas idéias. Já a segunda, além da persuasão, utiliza-se de todos os recursos da linguagem plástica, explorando formas, cores, volume, planos. Cria no

receptor a fantasia de que ele realmente precisa consumir o produto anunciado.

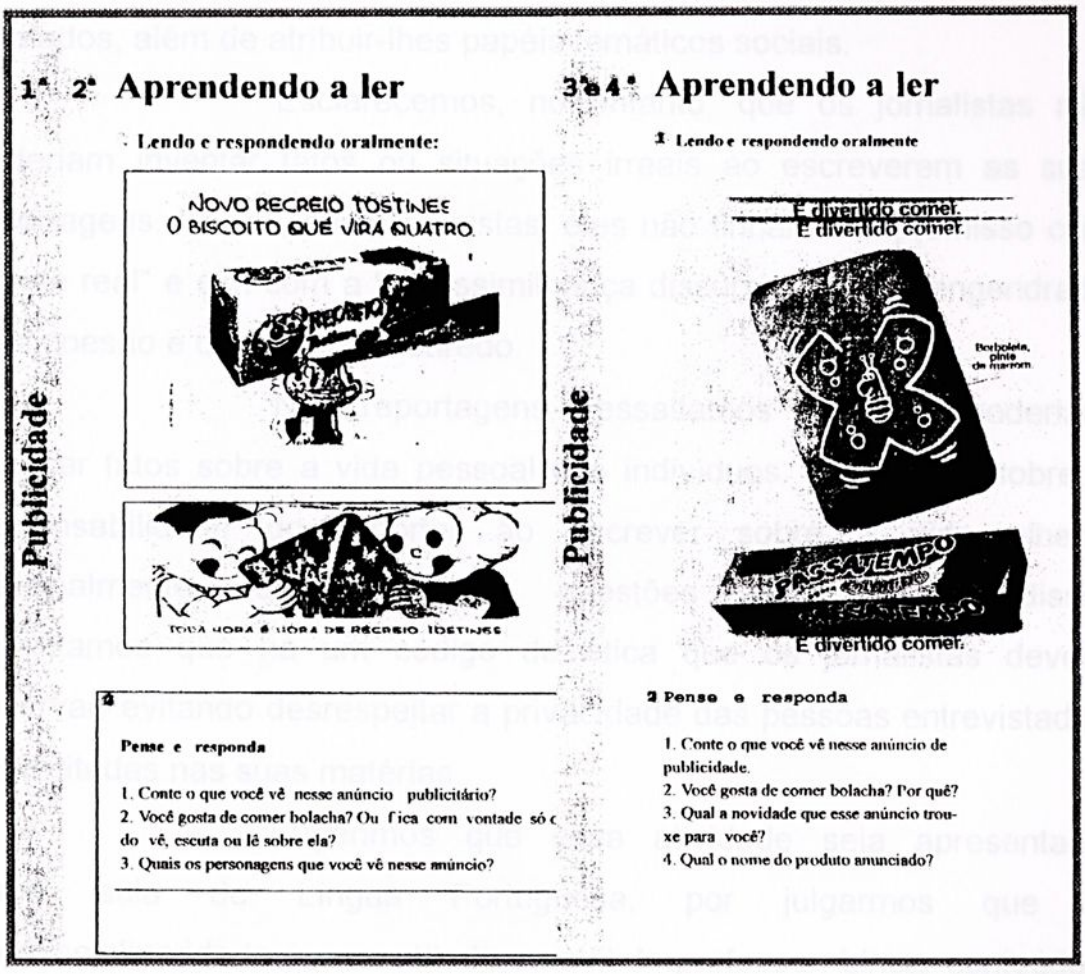


Ilustração 34
Publicidade & Propaganda

Atividade 7 - Produção de Reportagens & Crônicas

Esta atividade visou à produção de reportagens e crônicas. Apresentamos aos alunos alguns personagens de livros e revistas, com os quais deveriam criar situações que engendrariam relatos semelhantes aos contos infantis ou que retratassem um acontecimento de modo contextualizado. No primeiro caso, teríamos um conto ou uma crônica. No segundo, há o compromisso com a "verdade discursiva do narrado", teríamos a reportagem. Essa deveria responder

as três perguntinhas básicas do *lead* (o quê?, quem?, quando?), diluídas no contexto da matéria narrada.

Esta dinâmica também permitiu que a criança caracterizasse física e psicologicamente cada um dos personagens relatados, além de atribuir-lhes papéis temáticos sociais.

Esclarecemos, no entanto, que os jornalistas não poderiam inventar fatos ou situações irreais ao escreverem as suas reportagens. Porém, como cronistas, eles não tinham compromisso com o "fato real" e sim com a "verossimilhança discursiva" que é engendrada pela coesão e coerência do enredo.

Nas reportagens, ressaltamos que não poderiam inventar fatos sobre a vida pessoal dos indivíduos. Discutimos sobre a responsabilidade do repórter ao escrever sobre a vida alheia, principalmente quando envolve questões morais. Além disso, enfatizamos que há um código de ética que os jornalistas devem observar, evitando desrespeitar a privacidade das pessoas entrevistadas e/ ou citadas nas suas matérias.

Sugerimos que essa atividade seja apresentada numa aula de Língua Portuguesa, por julgarmos que a interdisciplinaridade é uma atitude mental do professor. Lincar conteúdos por meio de exercícios artificiais e mecânicos não é uma postura interativa e nem tampouco interindisciplinar.

Num segundo momento,os alunos-repórteres que quisessem podiam criar desenhos irônicos que retratassem algum fato engraçado acontecido na escola ou na comunidade que eles tivessem vontade de criticar. Explicamos que a esse desenho poderíamos chamar de charge. Aos alunos que apresentavam muitas dificuldade, pedimos que se expressassem oralmente e depois trabalhamos com textos coletivos transcritos na lousa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

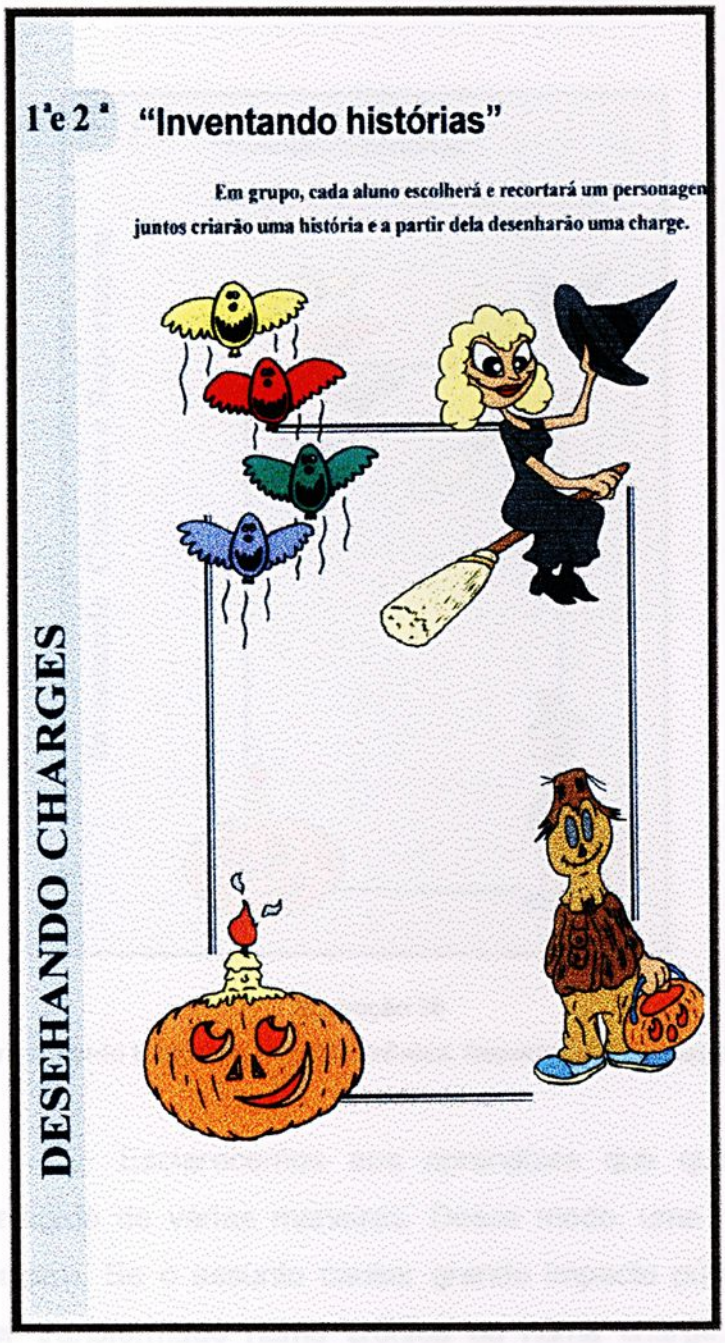


Ilustração 35
Desenhando Charges

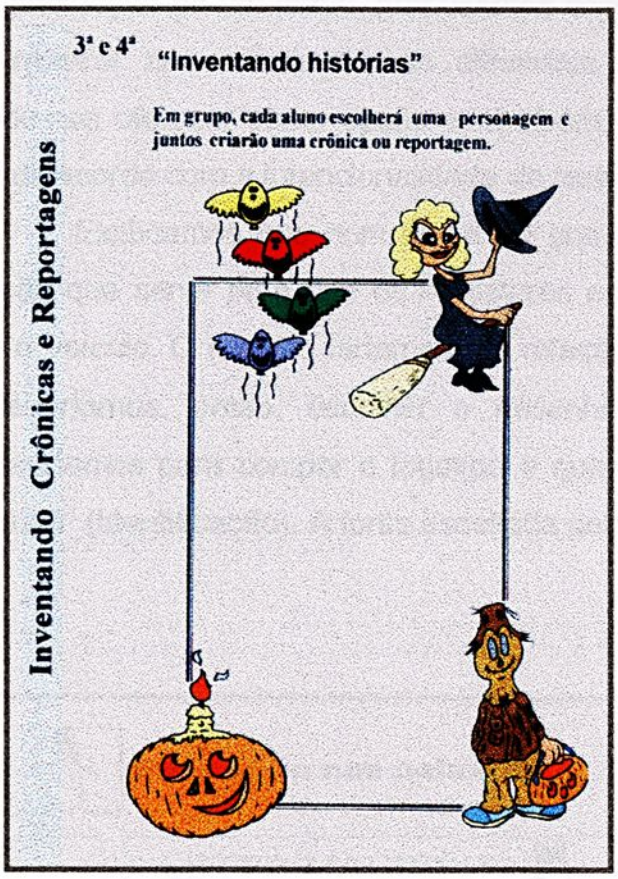


Ilustração 36

Inventando Histórias: Notícia, Crônica, Reportagens e Charges

Esclarecemos aos aprendizes que qualquer tema pode ser redigido de várias maneiras. Desse modo, uma notícia pode virar reportagem. Se o assunto causar grande impacto público, poderá também ser transformado numa crônica ou numa charge. Em última análise não há notícias ruins ou boas, o que vai determinar sua publicação é a empatia e a identidade de interesse que o jornalista conseguir com o público-leitor.

Atividade 8 – O "Desenho" das Letras

Para recordarmos o que já havíamos estudado sobre os recursos de paginação de um jornal, propusemos essa dinâmica com o objetivo de mostrar aos estudantes as diferentes fontes que um computador pode-nos oferecer como opção e, também, o tamanho que estas adquirem de acordo com a intencionalidade do texto.

Explicamos que num jornal da grande imprensa há uma padronização que serve para que os receptores estabeleçam uma identidade com o veículo. O mesmo faríamos em relação ao **Pinguinho de Notícia**. Deveríamos, então, escolher o desenho da letra, por exemplo, que usaríamos para compor o logotipo e que "mais tivesse a cara do nosso jornal" (identificação). A fonte escolhida pelas crianças foi a *Comic Sans*.

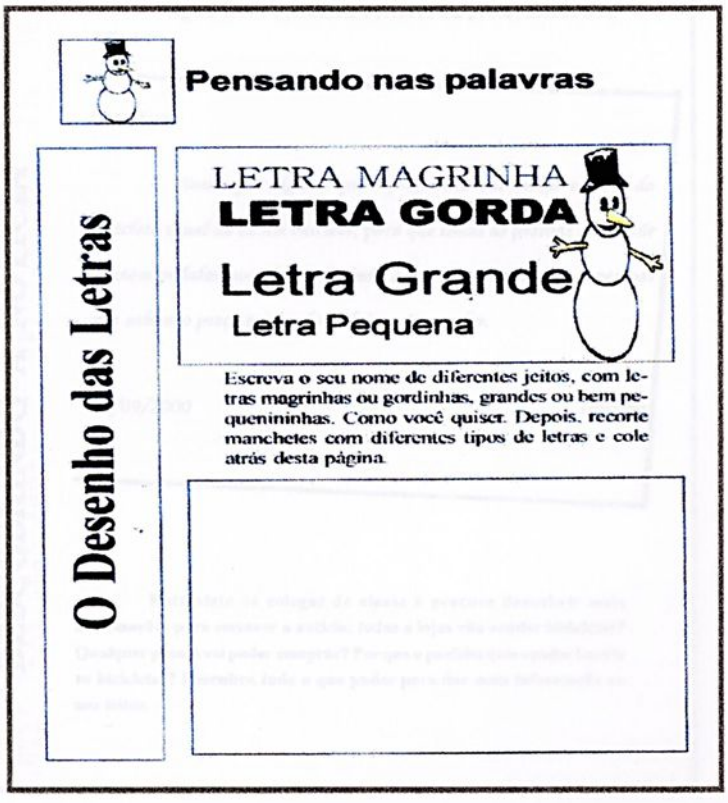
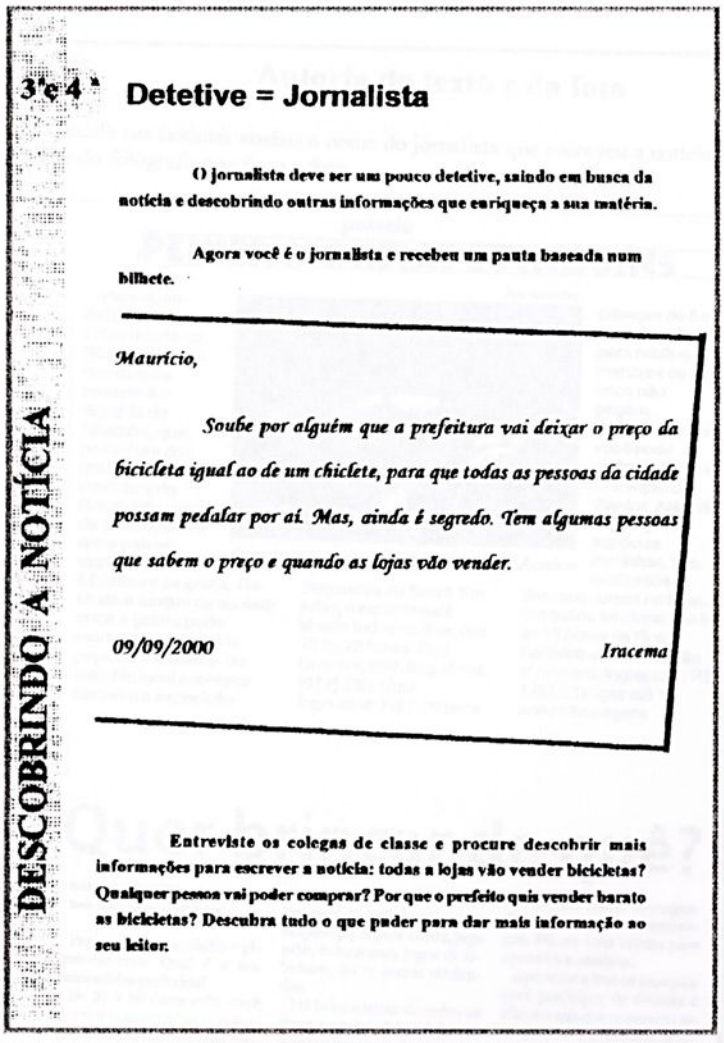


Ilustração 37
Fontes

Atividade 9 - Entrevista (jornalista - detetive)

As crianças puderam ludicamente agir como se fossem verdadeiros repórteres-detetive. Resgataram, os conceitos de jornalismo que já dominavam para a construção das suas notícias a partir de bilhetes elaborados por outros colegas. Procedimento adotado: partindo de um bilhete, os alunos deveriam entrevistar, checar e descobrir uma nova informação que se encaixasse na história do bilhete criada; fazer anotações rápidas e redigir seguindo as normas do *lead*. Essa atividade foi uma simulação de um acontecimento mas foi muita



3ª e 4ª

Detetive = Jornalista

O jornalista deve ser um pouco detetive, saindo em busca da notícia e descobrindo outras informações que enriqueça a sua matéria.

Agora você é o jornalista e recebeu um pauta baseada num bilhete.

Maurício,

Soube por alguém que a prefeitura vai deixar o preço da bicicleta igual ao de um chiclete, para que todas as pessoas da cidade possam pedalar por aí. Mas, ainda é segredo. Tem algumas pessoas que sabem o preço e quando as lojas vão vender.

09/09/2000 *Iracema*

Entreviste os colegas de classe e procure descobrir mais informações para escrever a notícia: todas a lojas vão vender bicicletas? Qualquer pessoa vai poder comprar? Por que o prefeito quis vender barato as bicicletas? Descubra tudo o que puder para dar mais informação ao seu leitor.

DESCOBRINDO A NOTÍCIA

Ilustração 38

Detetive - jornalista: a entrevista

apreciada pelos alunos.Os alunos constataram que alguns textos se aproximam muito da linguagem falada informalmente: os bilhetes (ou as anotações rápidas). Perceberam também que podemos construir um texto noticioso utilizando uma linguagem próxima à oral. Esclarecemos que, algumas vezes, uma fonte pode apenas nos levar a um boato ou a um fato fictício. Reforçamos que devemos relatar apenas o que cremos ser a "verdade do fato". Verdade aqui deve ser entendida como a veracidade do discurso.

Atividade 10 – Ética : autoria do texto e da foto

1ª a 4ª **Autoria do texto e da foto**

Circule nas notícias abaixo o nome do jornalista que escreveu a notícia e o nome do fotógrafo que tirou a foto.

passeio

PEIXES, MORÉIAS E PINGUINS

Para quem está em férias no Litoral Norte de São Paulo, uma boa dica de passeio é o *Aquário de Ubatuba*, que possui um dos maiores tanques marinhos do Brasil. São mais de 100 espécies entre peixes, moréias, tubarões e pingüins. Há ainda o famoso de contato onde a galera pode manusear anêmonas, pepinos e estrelas-do-mar. No local acontece também a exposição *Serpentes do Brasil*. Em julho, o aquário está aberto todos os dias, das 10 às 22 horas. Rua Guarani, 859, Itaguá - tel.: (012) 432-1382. Ingressos: R$ 2,00 para crianças de 6 a 10 anos, R$ 4,00 para adultos e menores de 5 anos não pagam.

Ilka Santos/AE



Caranguejo Guelamú pode ser visto no Aquário

No Litoral Sul, você pode visitar o *Aquário Municipal de Santos*. Além da exposição de espécies marinhas, são realizados diversos cursos no local. O aquário funciona das 8 às 18 horas na Rua Bartolomeu de Gusmão s/ número. Ingressos: R$ 1,00, crianças até 12 anos não pagam.

Quer brincar de quê?

GABRIELA ROMEU
free-lance para a Folhinha

Pega-pega, amarelinha e pique-esconde. Qual é a sua brincadeira preferida?

De 20 a 30 deste mês, você deixa o computador, o videogame e a televisão de lado e escolhe algo diferente para brincar no evento "Brincadeiras da Terra", no Sesc Pompéia, na cidade de São Paulo.

Lá, você participa de campeonato de bolinha de gude, empina pipa, pula corda, joga pião, brinca com jogos de tabuleiro, entre outras atividades.

Há brincadeiras de todos os tipos e muitas delas já faziam sucesso na época de seus pais, avós e bisavós, como os trava-línguas e as cirandas. Os participantes também aprendem a usar brinquedos que voam, conhecidos como berrangandão, cata-vento e bumerangue. Há até uma oficina para aprender a assobiar.

Aproveite e leve os seus pais para participar de debates e oficinas em que as pessoas relembram o modo como se divertiam na infância.

Todas as atividades ocorrem de terça a domingo, das 14h às 18h. Grátis (rua Clélia, 93, tel. 0/xx/11/3871-7700).

A ética da autoria do texto jornalístico foi o assunto discutido e explorado nessa atividade, porque sem ela não poderíamos desenvolver nos alunos atitudes cidadãs.

Durante a produção das quatro edições do jornal, decidimos que os textos e desenhos copiados de outros livros e/ou de outros autores não seriam editados. No entanto, se as suas presenças fossem necessárias, para aquele número do jornal, editaríamos, citando as suas respectivas fontes.

Essa atividade teve também como objetivo fazer com que a criança identificasse o autor de uma matéria, de uma foto etc. Para isso, pedimo-lhe que circulasse o nome do autor de várias matérias jornalísticas selecionadas previamente pela professora. Desse modo, esperávamos que abandonasse o sentimento de que todas as coisas, ao seu redor, pertenciam-lhe, respeitasse a autoria de um texto, apreciasse a produção e o "modo de pensar do outro".

Atividade 11 – O Logotipo

O logotipo de um jornal é a sua apresentação e identidade. Os leitores do jornal **Pinguinho de Notícia**, alunos, pais, professoras, toda a comunidade, em geral, aprovaram e gostaram do logotipo que foi concebido para representar o ambiente rural da Vila e respeitar a ludicidade infantil, com figuras de Maurício de Souza, escolhidas e recortadas dos gibis pelas crianças.

Para ajudar a criança identificar o logotipo e saber se estavam satisfeitas com ele, desenvolvemos uma atividade, em que as figuras que o compunham poderiam ser substituídas. As crianças criaram novas figuras e já não precisaram recorrer a recortes de gibis.



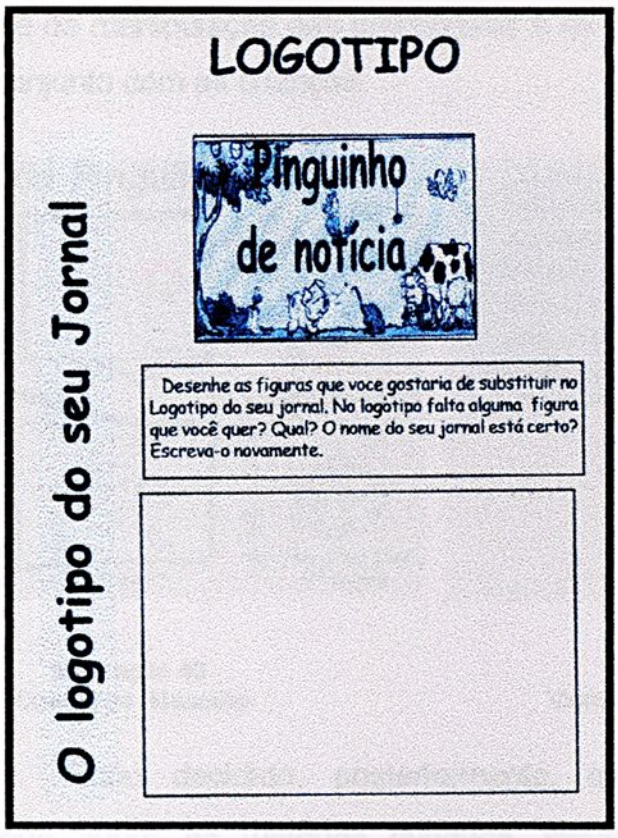


Ilustração 39
Reconhecendo o Logotipo

Atividade 12 – O Mascote do Jornal

O logotipo do *Pinguinho de Notícia*, desse modo, poderia, a partir da quarta edição, passar por algumas alterações quantos aos elementos gráficos que serviam à sua composição. Essas mudanças consistiriam em substituir as figuras, ou parte delas, ou mesmo acrescentar detalhes aos elementos do logotipo inicial, se as crianças assim o desejassem. Mas nenhum aluno quis alterar o logo do jornal.

Uma nova figura poderia ser criada para outros fins: a primeira alternativa encontrada foi eleger um novo bichinho a ser incorporado como Mascote do Jornal.

Esta atividade consistiu em estimular uma competição sadia entre as crianças, através de um concurso de desenhos, em que não teríamos ganhadores nem perdedores porque todos os desenhos seriam publicados no mural ou no jornal. Não houve

nenhuma espécie de manipulação das professoras e os desenhos foram escolhidos em conjunto com as crianças.



Ilustração 40
Concurso Mascote



Ilustração 41
Companheiro Falante

Ficou decidido, posteriormente, que o desenho escolhido opinaria sobre as matérias editadas, tendo a função de ombudsman[7], o que ocorreu na quarta edição.

O Mascote crítico foi denominado de **companheiro-falante** e foi destaque na primeira página da 4ª edição do **Pinguinho de Notícia**.

Terminadas as atividades, aqui expostas, a próxima etapa foi a produção, em sala – de - aula, de **cadernos jornalísticos.** Nessa nova dinâmica, os alunos puderam vivenciar o clima de uma Redação de jornal.

Para concretização desse objetivo, criamos com os professores e com os alunos vários cadernos jornalísticos, que apresentaremos no próximo item.

---

[7] Segundo RABAÇA (1995 : 426a): *"Profissional contratado pelos jornais para fazer, de forma independente, a crítica do que sai em suas páginas, bem como satisfazer às reclamações dos leitores."*

ATIVIDADE 13: Produção dos Cadernos Jornalísticos

Simulamos o ambiente de uma redação, levando em conta: o tempo para a produção das notícias, a revisão feita por nós, pesquisadores e professores, a escolha de fotografias, as ilustrações, além das funções de editores, repórteres e ilustradores.

Foram elaborados, ao todo, sete cadernos:

a) **Primeiro Caderno.**
b) **Caderno de Turismo.**
c) **Caderno Especial (denominado pelos alunos como Caderno de Brincadeiras).**
d) **Caderno de Esportes.**
e) **Caderno Geral.**
f) **Caderno Rural.**
g) h) **Caderno de Cultura.**

As séries iniciais trabalharam com atividades lúdicas, como o **Caderno de Brincadeiras**. As terceiras e quartas séries produziram respectivamente três **Cadernos** cada uma. A primeira e segunda séries conseguiram a produção de um **Caderno**. Em cada **Caderno** foi reservado um espaço em branco, para que o aluno completasse com o nome que desejasse colocar no seu jornal, data e local, formando, assim, o cabeçalho, poderiam também criar um logotipo diferente, se assim o quisessem. Depois da produção estar concluída, trocamos os **Cadernos** entre as classes e cada grupo avaliou oralmente o **Caderno** recebido das outras classes.

A professora anotou na lousa as observações e comentários levantados pelos alunos e uma cópia da mesma foi encaminhada para série responsável pela produção do **Caderno** que foi analisado, para que tivessem a avaliação (sem censura, ou notas/conceitos) de outros colegas sobre seu trabalho. Apenas sugestões eram oferecidas e/ou apreciações positivas. Explicamos que comentários pejorativos não seriam aceitos, porque todos estavam

comentários pejorativos não seriam aceitos, porque todos estavam aprendendo as técnicas jornalísticas e aplica-las.

PRIMEIRO CADERNO

No **Primeiro Caderno**, a criança pôde trabalhar com os fatos e novidades que ocorreram na escola, na Vila, na cidade de Jaú, ampliando gradativamente sua leitura.

Destrancando o portão da escola, saímos à busca de informação com as crianças sempre que podíamos, isto é, sempre que os professores envolvidos se mostrassem motivados com a realização de atividades extra-escola e a Direção da instituição assim o permitisse.

Dessas nossas "saídas", programadas com antecedência surgiram as coletas de informações necessárias que motivaram a maior parte das reportagens infantis publicadas no **Pinguinho de Notícia**. Esse foi o fator fundamental que desencadeou a produção do **Primeiro Caderno** e nos incentivou à criação dos outros.

Recordamos que, como na maioria dos jornais da grande imprensa; no primeiro caderno, deveríamos produzir editoriais, charges, pesquisas jornalísticas, citação, expediente, propaganda, publicidade, atmosfera e as reportagens locais e mundiais (por se tratar de jornalismo comunitário, estas últimas não foram editadas, ou o foram esporadicamente). Apresentaremos as ilustrações de cada página de cada caderno e o como trabalhar e produzir matérias por meio delas[6].

---

[6] Não se trata de modelos que os professores devem seguir, mas apenas de algumas sugestões .

Primeira Página

Recordamos aos alunos que a **Primeira Página** devia conter os resumos das principais notícias do jornal, acompanhados de títulos grandes: as manchetes, para despertar a atenção do leitor. Trabalhamos com a produção de: **Chamadas; Títulos; Subtítulos; Antetítulos; Índice** e **Fotografias**.

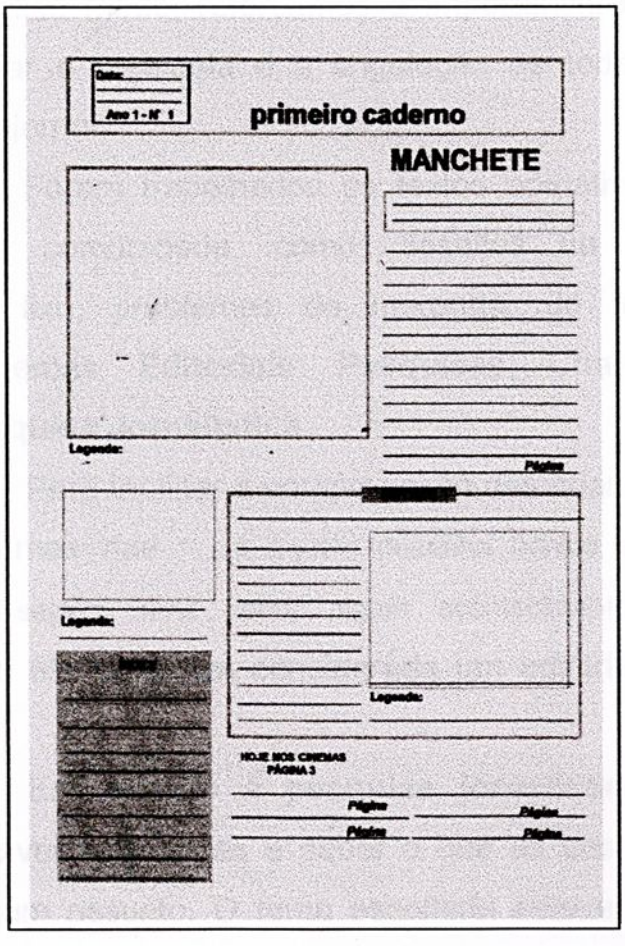


Ilustração 42
Primeiro caderno - página 1

Página 2

Ao iniciar esta atividade, que visava à noção de **editoriais**, um dos alunos do Curso de Jornalismo fez o seguinte comentário: "... o jornalista é um 'pesquisador', é um sujeito questionador, um profissional que deve indagar-se para indagar, acreditar no que pode acontecer". Segundo DINES[7] (1988:120), "quem não acredita na notícia, não a persegue e não a encontra". Desse modo, reforçamos a importância dos **editoriais**, que vão determinar a ideologia e a angulação de todas as matérias publicadas por um jornal.

Foram trabalhados os textos opinativos e artigos e temas ligados à comunidade, como: assaltos na Vila, poluição ocasionada pelo lixo, problemas de merenda, de transporte etc.. Exploramos os temas: **Editoriais**; **Pesquisas**; **Charge**; **Citações**; **Expediente** e **Pesquisa Jornalística**.

Para facilitar a compreensão das crianças em relação à **charge**, explicamos que "... é aquele desenho irônico e engraçado que transmite uma mensagem séria sobre algum acontecimento do momento". Relembramos que ela pode ser considerada um editorial em forma de desenho.

Em relação à **pesquisa jornalística**, as crianças puderam desenvolver entrevistas e saber o que as pessoas pensavam em relação a algum assunto. O tema escolhido esteve relacionado ao comportamento: **É feio falar palavrão?**

---

[7] DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. 6ª. ed. São Paulo: Summus, 1986. p.120.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

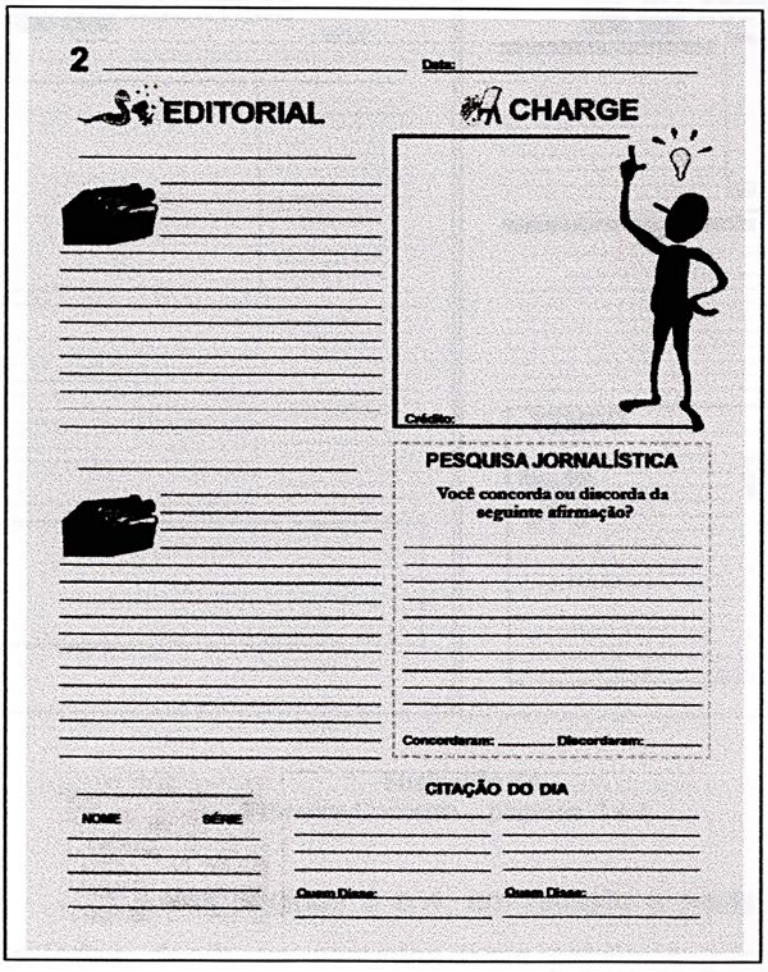


Ilustração 43
Primeiro Caderno - página 2

Exploramos as frases de efeito criadas pelos alunos, ressaltamos que as mesmas poderiam ser interessantes, especiais, ridículas ou engraçadas, que elas marcavam algum acontecimento. Nos jornais diários da grande imprensa, geralmente, são faladas por políticos, pesquisadores ou artistas.

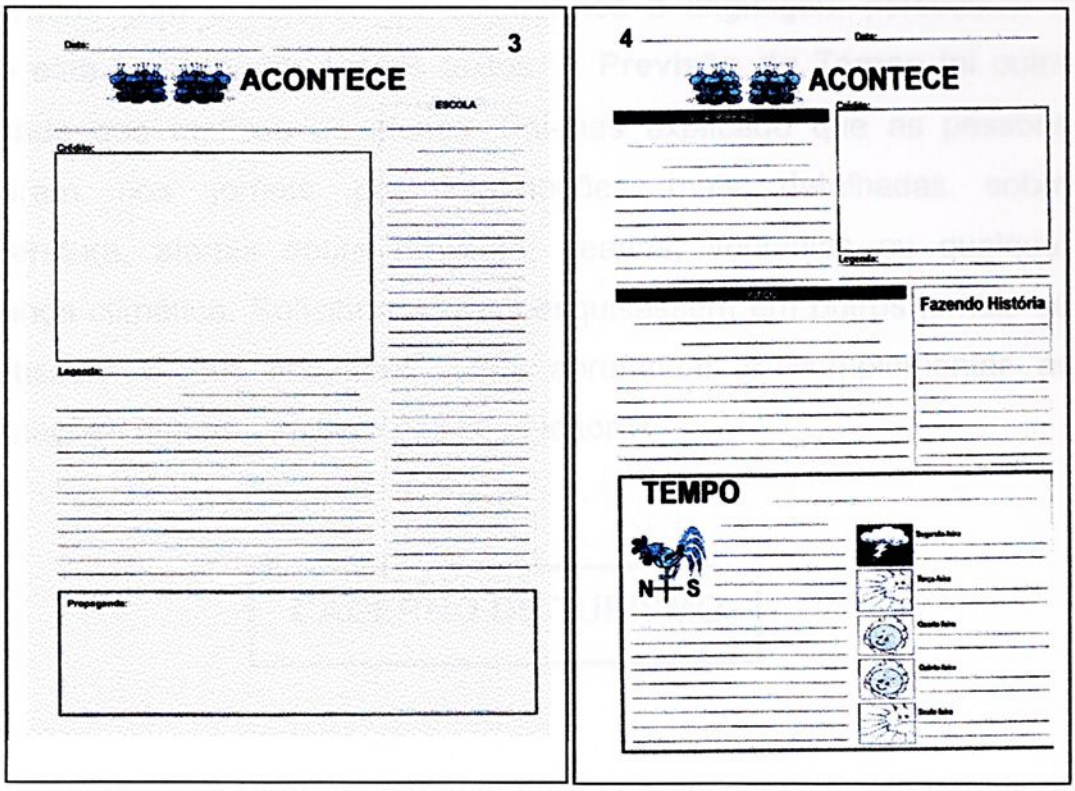


Ilustração 44
Primeiro Caderno - páginas 3 e 4

Nas páginas 3 e 4, em relação à pauta **Acontece**, foram retratados, desde os assuntos mais próximos e informais, até aqueles apreendidos formalmente, na escola, através dos conteúdos disciplinares estudados.

Frisamos, ainda, que uma matéria não poderia ser cópia do livro didático e nem do caderno de classe. A matéria escolhida deveria ser reescrita jornalisticamente com a ajuda do professor e/ou de um colega mais experiente e acrescentamos que somente poderiam ser explorados os temas que poderiam interessar aos leitores da nossa comunidade. Trabalhamos os seguintes itens: **Notícias e Reportagens**;

Propaganda e Publicidade; **Fotografia**; **Meteorologia** (ou mais modernamente, **Atmosfera**) e **Crônicas** e/ou **Histórias do Cotidiano**.

Os temas sobre **Propaganda e Publicidade** foram explorados com o objetivo de estudarmos a linguagem persuasiva e como esta é explorada nesses textos. A **Previsão do Tempo** foi outra atividade que motivou os alunos. Foi-lhes explicado que as pessoas procuram nos jornais por informações mais detalhadas sobre temperatura, alertas sobre neblinas, geadas, ventanias ou qualquer mudança climática. Solicitamos que pesquisassem em outros jornais ou assistissem a um telejornal[8] para aprofundar e complementar as informações que transmitiam aos seus leitores.

CADERNO DE TURISMO

As crianças foram orientadas para que buscassem, em jornais ou livros, informações sobre locais interessantes para serem visitados, ou que pensassem em algum local diferente que os seus leitores gostariam de conhecer. Também pedimos que procurassem ilustrações pertinentes a essas matérias.

Esclarecemos que poderiam tirar fotografia[9], recorrer a revistas que houvesse na escola ou na vizinhança, em busca de ilustrações adequadas, procurar recortes em folhetos turísticos (que a nossa equipe providenciou com antecedência). Obtivemos um resultado

[8] Como a maioria dos alunos não assistia à TV, em sua casa, por motivos religiosos (que foram por nós sempre respeitados), gravamos em vídeo alguns telejornais para serem exibidos (como forma de estudos) em sala de aula. Sempre nas sextas-feiras, depois do intervalo, as aulas eram transformadas em sessões de estudos com vídeo. Isso se tornou uma rotina na EE "Daltyra de Toledo Castro", durante o tempo que fazíamos parte da direção da escola.

[9] Emprestávamos aos alunos nossas máquinas fotográficas e saíamos com os estudantes interessados para ensiná-los a tirar fotos, quando havia tal interesse. Explicamos algumas técnicas elementares também em sala de aula. Essa atividade foi feita nos HTPs (Horas de Trabalho Pedagógico), sendo o aluno convidado para participar do mesmo. Lembramos que o tempo da nossa equipe era limitado, bem como o dos professores.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

relevante: todos os alunos escreveram e fizeram ilustrações sobre a Vila Ribeiro.

Página 1 e 2

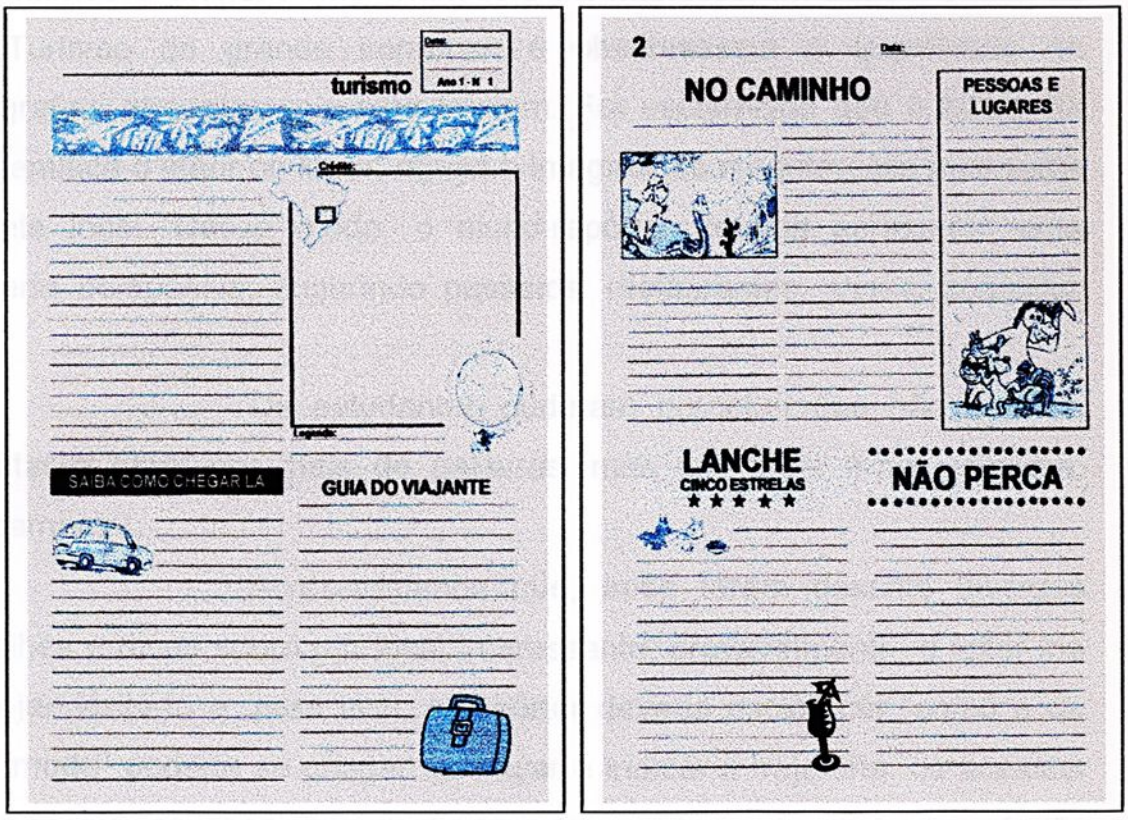


Ilustração 45

Caderno de Turismo - páginas 1 e 2

Primeira Página

Os temas destacados foram: **Notícia**; **Saiba como chegar lá** e **Guia do Viajante**.

As crianças deveriam escrever sobre um lugar que julgassem atrativo para o turismo, isto é, que pudesse despertar a atenção de um leitor virtual interessado em viajar. Pedimos que descrevessem os pontos turísticos marcantes do local escolhido: os lugares mais bonitos a visitar, as curiosidades locais, dando dicas para que o possível turista aproveitasse, ao máximo, a viagem.

Deveriam, dessa forma, mencionar o nome do local e ilustrar a matéria com desenho, recortes ou com fotografias. Chamamos a atenção das crianças para manusearem outros Cadernos de Turismo da grande imprensa e observassem a quantidade de fotografias atraentes que eles traziam. Foi esclarecido que a fotografia presentifica o leitor no lugar, aguça a imaginação e o interesse pela visita àquele local. Desse modo, o aluno-repórter deveria apresentar uma matéria persuasiva, sugerindo passeios, restaurantes, *shows*, compras, etc..

Os estudantes puderam perceber que não bastava retratar o lugar por meio de palavras, mas que fotos eram, também, fundamental.

Acrescentamos que, após terem descrito diversos detalhes e dicas sobre um local interessante, provavelmente, o leitor iria desejar visitá-lo e, para isso, o repórter deveria esclarecer "como e de que modo" poderia se chegar lá: traçar e indicar a trajetória, os acessos mais fáceis, as condições de transporte, condição das estradas etc. "e dar dicas" de como a viagem poderia se tornar mais divertida.

No box **Guia do Viajante**, os alunos relatariam quais acessórios, tipos de roupas, calçados, protetor solar e objetos, por exemplo, indispensáveis para usufruir do passeio escolhido, como: vara de pescar, roupa de mergulho, lanternas, saco de dormir etc..

Página 2

Nesta página, havia um espaço indicado para a criança escrever ou listar as coisas engraçadas e/ou diferentes que o turista iria encontrar ou ver pelo caminho.

Pedimos às crianças para que se lembrassem de quando estiveram em um lugar diferente: como foi estar lá, o que eles viram e fizeram de divertido (por exemplo, a visita que fizemos à cidade

sede de Jaú, quando estivemos no museu). Os assuntos selecionados foram: **No caminho**; **Pessoas e lugares**; **Lanche** e **Não perca**.

Foi esclarecido que um turista está à procura dessas dicas e quanto mais precisas elas forem, mais o turista poderá se locomover e encontrar os lugares desejados com maior rapidez e segurança. Disso depende a credibilidade dos leitores de um jornal, em relação a esse tipo de matéria.

Incentivamos o aluno-repórter a pesquisar sobre a forma dialetal usada pelas pessoas que vivem em determinados lugares diferentes daqueles que estamos acostumados a freqüentar.

Esclarecemos que nem todas as pessoas falam do mesmo modo. Desse modo, uma palavra poderia ser pronunciada de diversas formas e usadas com diferentes sentidos. Além disso, seria interessante também que percebessem os diferentes hábitos de uma comunidade em relação à alimentação, meio de locomoção, lazer etc..

Ressaltamos que o turista deseja conhecer previamente todos os detalhes possíveis em relação ao lugar que pretende visitar e, possivelmente, além de paisagens bonitas, o leitor-turista vai também se interessar em saber sobre diferentes aspectos culturais da região como: danças, músicas, comidas típicas etc..

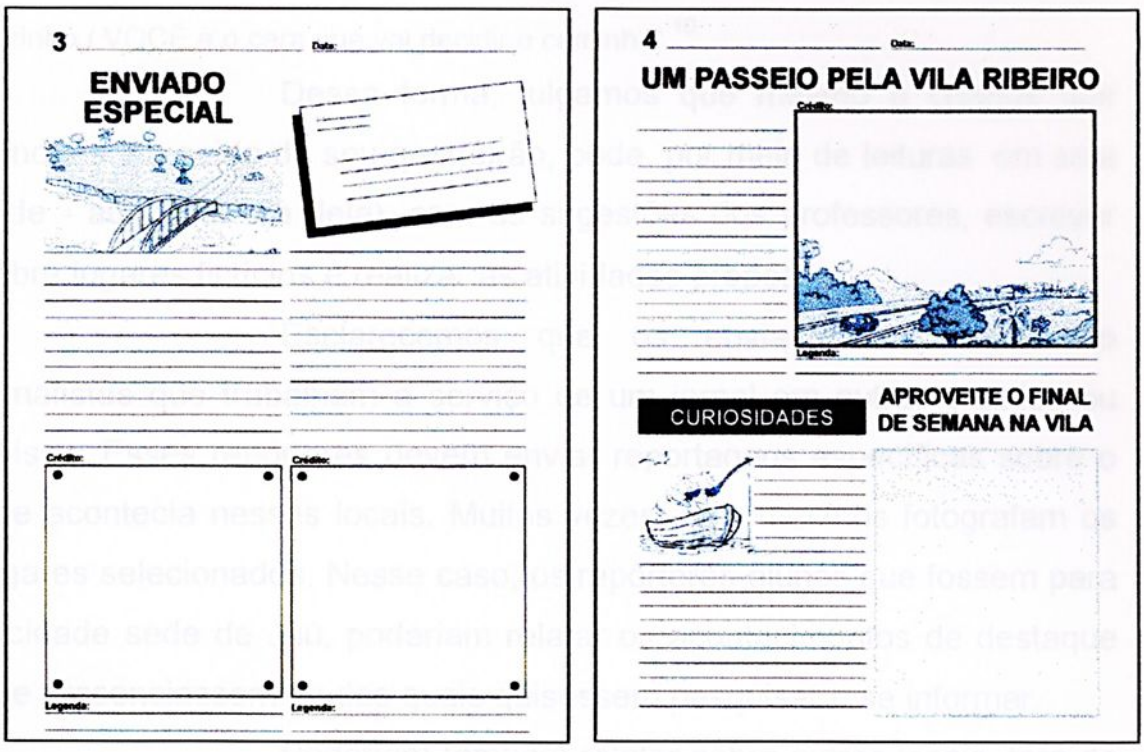


Ilustração 46
Caderno de Turismo - páginas 3 e 4

O aluno-repórter deveria imaginar que estava no lugar que sempre pretendeu conhecer, ou que já conhecia, para realizar a atividade da página 3, como se realmente fosse "um enviado especial". Se desejasse, poderia consultar outros jornais, revistas ou livros para elaborar sua matéria, observando os seguintes itens: **Enviado especial** e **Fotografias** (a ser inseridas nos dois boxes no final da página).

Para a realização dessa atividade, a biblioteca, a professora e nós (da equipe) seríamos as fontes de informação, já que essas crianças não podiam contar com outras. Citamos, como exemplo, entre outros, o livro de Theodor Seuss GEISEL, **"Ah, os Lugares Aonde Você Irá"**, da Companhia das Letrinhas. O livro trata o tema da criança que viaja pelo mundo. Há lugares que as pessoas gostam de esperar, há outros assustadores e outros divertidos. As descrições estão em forma

de versos: "Você tem cérebro na cabeça./ Você tem pés nos sapatos. E está sozinho./ VOCÊ é o cara que vai decidir o caminho".[10]

Dessa forma, julgamos que mesmo a criança que nunca tenha saído do seu quarteirão, pode, por meio de leituras em sala – de - aula (ou fora dela), com as sugestões dos professores, escrever sobre lugares fictícios e realizar as atividades propostas.

Esclarecemos que os enviados especiais são jornalistas que trabalham a serviço de um jornal em outras cidades ou países. Esses repórteres devem enviar reportagens específicas sobre o que acontecia nesses locais. Muitas vezes, eles mesmos fotografam os lugares selecionados. Nesse caso, os repórteres-alunos que fossem para a cidade sede de Jaú, poderiam relatar os acontecimentos de destaque que presenciassem ou dos quais quisessem pesquisar e se informar.

Poderiam também relatar sobre outros locais, fora da Vila, que conhecessem,tendo como fonte matérias impressas de revistas ou jornais ou quaisquer outras fontes, desde que as mesmas fossem citadas.

Página 4

Essas atividades foram desenvolvidas para reforçar os laços da criança com a sua comunidade. Para isso, dissemos que era importante escrever ou descrever a Vila Ribeiro com apreço, para que os leitores, possíveis turistas, interessassem em visitá-la. "... Ninguém quer ir a um lugar feio, onde só vai encontrar problemas. Não é mesmo?", perguntou uma aluna do Curso de jornalismo, aos alunos.

Privilegiamos os temas relativos a: **Passeio pela Vila Ribeiro**; **Curiosidades** e **Aproveite o final de semana na Vila**. Os

[10] Esse livro foi traduzido por Mônica Rodrigues da Costa, editora da Folhinha, e por Lavínia Fávero e Gisela Moreau. O trecho citado em forma de versos consta na matéria de Mariana Baradelli, publicado na edição da Folhinha nº 1982, 2001. Adaptamos essa matéria aos nossos propósitos aqui descritos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

alunos tiveram, assim, a oportunidade de apresentar a Vila. Escrever sobre a tranqüilidade de morar no campo, sobre os riachos, animais, pontos turísticos, relatar a importância histórica dos antigos engenhos etc..

No box **Curiosidades**, poderiam produzir matérias sobre algum fato engraçado, que tivesse ocorrido nesses lugares, datas históricas ou alguma novidade que surpreendesse o leitor. Ao lado da matéria, deveriam preencher o quadro específico com os nomes dos lugares mais visitados e mais aprazíveis de serem freqüentados no final de semana, bem como pensar nas ilustrações possíveis.

No box **Aproveite o fim de semana na Vila Ribeiro**, pedimos que as crianças relatassem sobre os passeios ecológicos que turistas gostariam de fazer, como: visita aos engenhos, aos viveiros de mudas, às estufas de flores, aos sítios locais que vendem comidas regionais, como doces e queijos etc..

CADERNO ESPECIAL
(Brincadeiras)

O cuidado de manter padrões gráficos e editoriais (de forma que o receptor se identifique com o veículo e reconheça de imediato seu jornal) faz com que alguns jornalistas considerem suas matérias intocáveis e se fechem em manuais de redação. Nos dias atuais, isso já não nos parece válido.

O **Caderno Especial** pode se tornar um espaço criativo. Um espaço especial que o jornal utiliza para publicar assuntos que merecem destaque, porém com maior flexibilidade, (o que nem sempre acontece nos jornais da grande imprensa). Datas

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

comemorativas, como o aniversário das obras de um autor famoso, descobertas científicas, filmes, folclore, curiosidades etc.. Temas que influenciam o comportamento social (violência, educação, saúde; ou outras pautas que refletem indiretamente a vida econômica e política do país) são exemplos de cadernos especiais impressos ao longo da história do jornalismo brasileiro; mas, em alguns jornais, são sempre relatados da mesma forma, sem criatividade.

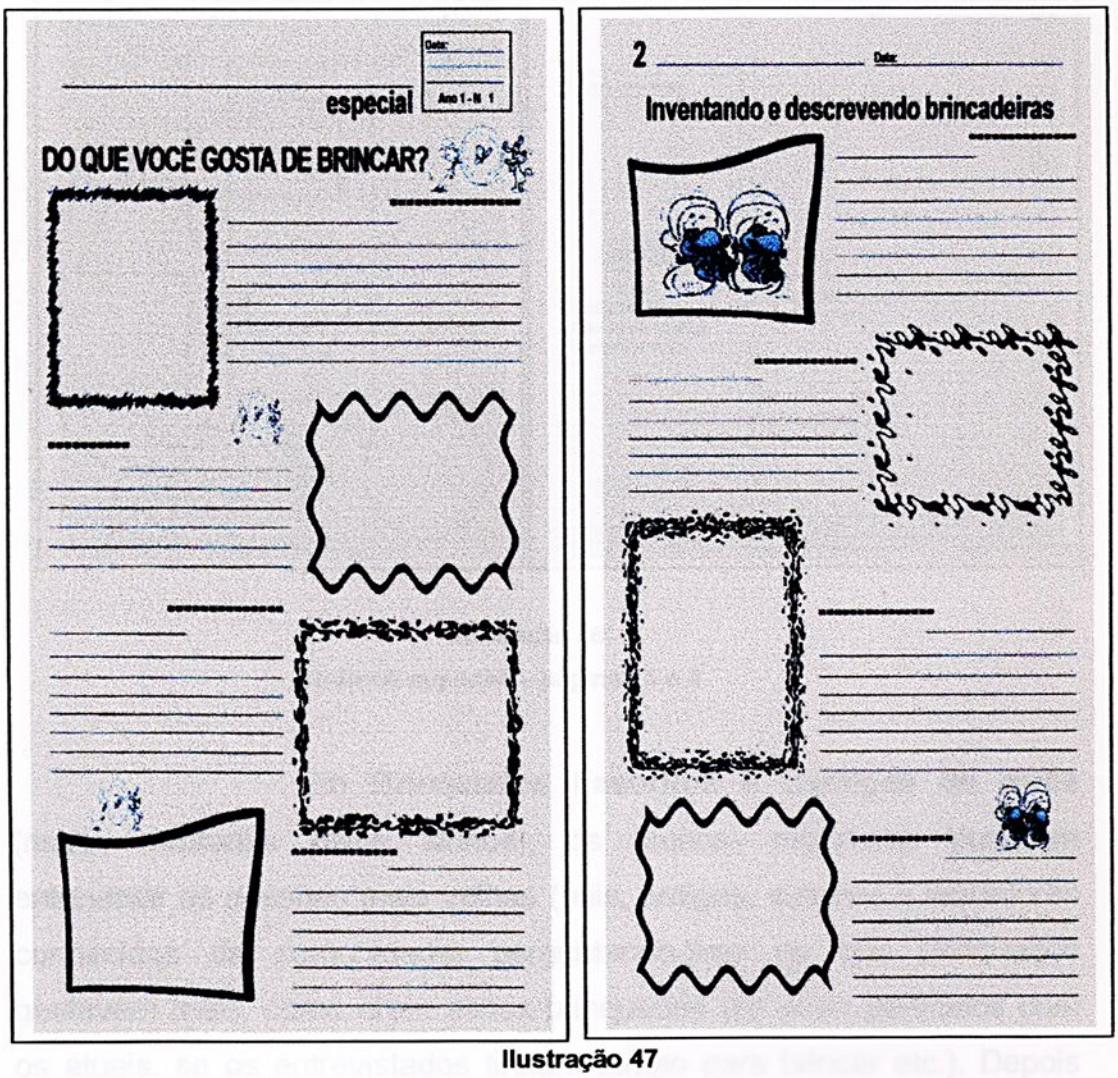


Ilustração 47

Caderno Especial - páginas 1 e 2

O objetivo do **Caderno Especial** do jornal **Pinguinho de Notícia** foi divulgar as brincadeiras (a cultura popular comunitária)

que as crianças da Vila Ribeiro apreciavam. Dessa forma, para esse caderno optamos pelas pautas: **De que você gosta de brincar**, **Inventando e Descrevendo brincadeiras**, que foram os temas da primeira e da segunda páginas.

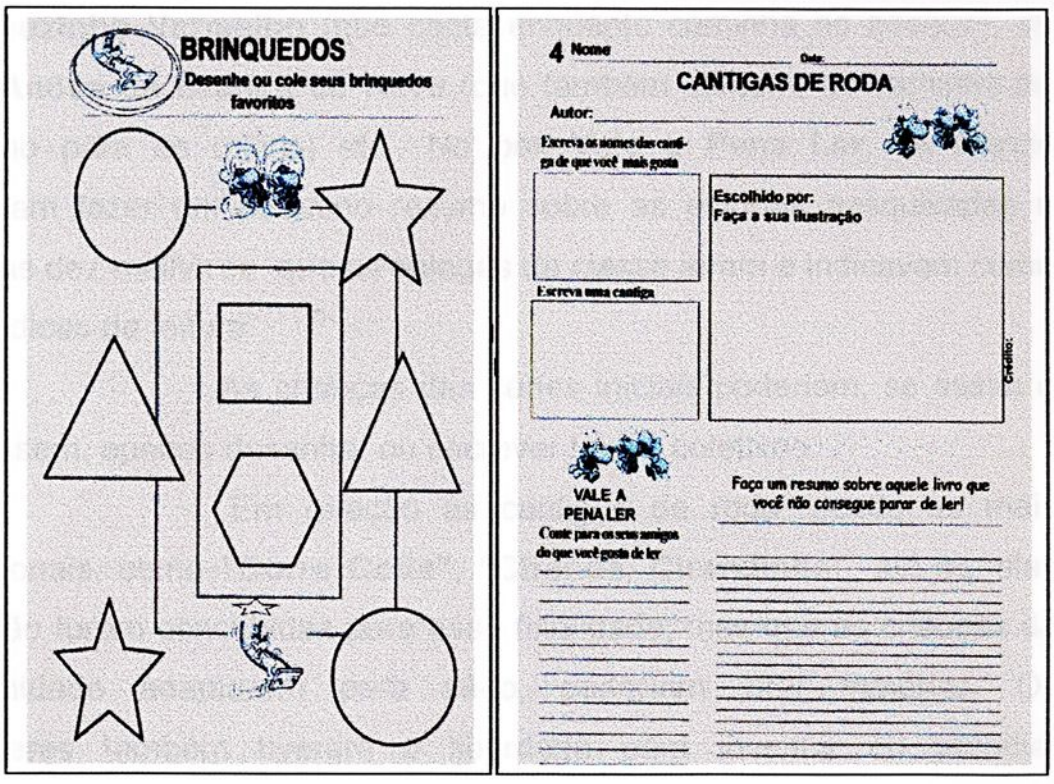


Ilustração 48
Caderno especial – páginas 3 e 4

Em **Brinquedos Favoritos** e **Cantigas de Roda** (mais lembradas pelos alunos), os alunos- repórteres puderam entrevistar as pessoas mais velhas (pais, amigos, vizinhos e moradores conhecidos da comunidade) perguntando-lhes de que brinquedos gostavam mais, como eram esses brinquedos (se eram parecidos com os atuais, se os entrevistados tinham tempo para brincar etc.). Depois comparar com as brincadeiras e brinquedos atuais e escrever livremente sobre esses temas, listando no primeiro box as cantigas mais apreciadas.

No box **Escolhido por**, poderiam escrever sobre as cantigas que foram pesquisados com os pais, vizinhos etc..

Aproveitamos também essa dinâmica para re-visitar os contos clássicos infantis, em que apareciam músicas, como: **Chapeuzinho Vermelho** (que canta enquanto caminha no bosque); os **Sete Anões da Branca de Neve** (que também cantam, no caminho do trabalho para as minas) etc.. No box **Vale a Pena Ler**, os alunos poderiam fazer um pequeno resumo sobre as estórias pesquisadas e listar as dez melhores que os colegas da classe leram e indicavam como "boas dicas de leitura".

As crianças das séries iniciais poderiam, se assim o quisessem, apenas desenhar ou escrever textos coletivos.

Em relação às cantigas de roda, desde as mais tradicionais, como **"Corre Cotia"**, **"Ciranda, Cirandinha"**, até aquelas que não foram concebidas para essa finalidade, mas que as crianças da comunidade adaptaram para sê-lo, poderiam virar matérias. Os repórteres também tiveram a liberdade para inventar ou parodiar cantigas, nesse último caso, sempre citando as fontes.

Procuramos, desse modo, mostrar que o jornal deve "mexer como os leitores", isto é, atrair novos leitores e conservar os que dele já são usuários. Para isso toda a criatividade possível sempre é valorizada, tanto no jornal impresso, como em outros meios de comunicação de massa.

CADERNO DE ESPORTES

Um dos participantes da equipe lembrou-se de dois problemas que envolvem a redação de matérias jornalísticas esportivas: a) a utilização de outros saberes como meio para atividades não-

específicas à concretização da pauta em si, (por, exemplo, em relação ao esporte); assim, para citar algumas práticas comuns : o uso do teatro, da poesia, da mímica como instrumentos de conscientização da necessidade da não-violência nas atividades do dia-a-dia, nos esportes etc.; b) o uso e o abuso da técnica para transformar o espetáculo esportivo em debates éticos e/ou políticos, ou como *marketing* para a promoção de certas marcas comerciais de produtos, como tênis, bolas, camisetas, brinquedos etc..

O texto esportivo, de certa forma, é diferentes dos demais estilos de textos do jornal. Ele tem que causar polêmica e impacto, tanto quanto ao jogo visto pelo telespectador pela televisão ou ao vivo.

Existem expressões próprias e diversas formas de indicar o vencedor e o perdedor da partida.

Seja qual for a forma escolhida, o repórter deve agir de forma ética: não diminuindo a imagem do entrevisto, nem atingindo a sua moral; tendo sempre o cuidado de checar as informações e preservando as fontes, quando isso for solicitado.

Esclarecemos, no entanto, aos alunos-repórteres que mesmo que acreditassem e julgassem saber "tudo" sobre determinado esporte e seu público, a pesquisa e a sondagem de informação sempre seriam fundamentais em relação ao jornalismo contextualizado que almejamos nesta Dissertação..

unesp

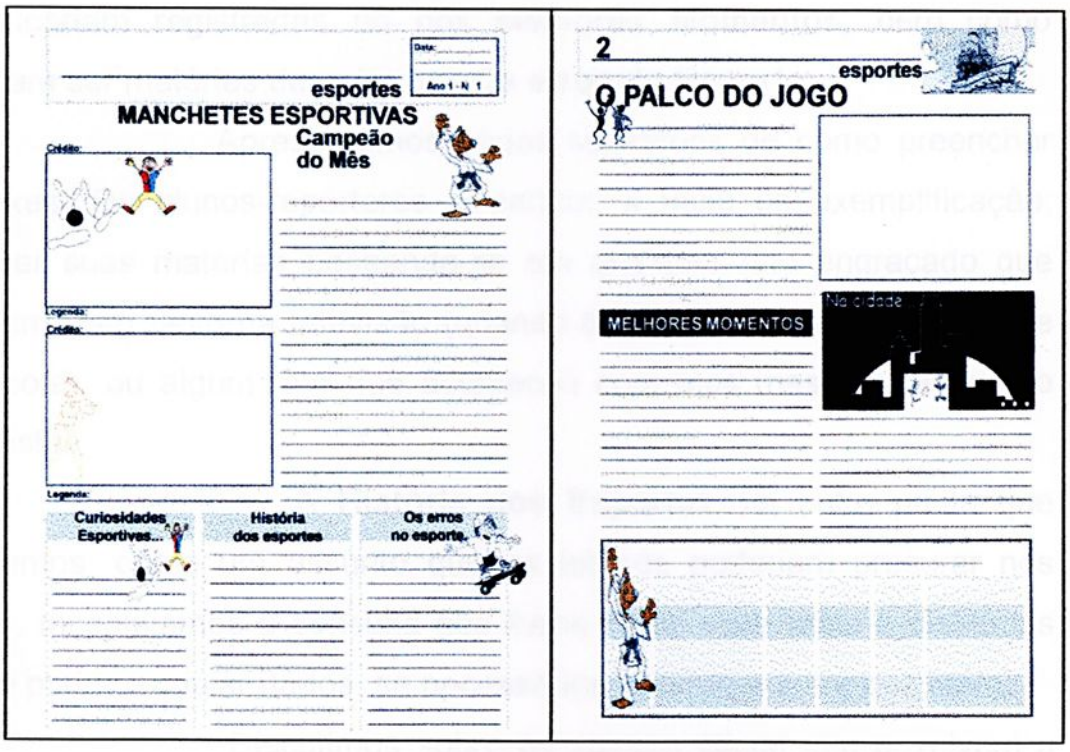


Ilustração 49

Caderno de Esportes - páginas 1 e 2

As pautas escolhidas para essa dinâmica foram: **Campeão do mês**; **Curiosidades esportivas**; **Histórias do esporte**;**Os erros nos esportes**.

Na reportagem **Campeã do mês**, os alunos puderam pesquisar sobre algum time, discorrendo sobre os motivos por que, em determinadas rodadas, levaram-no à vitória ou à derrota. Esclarecemos que os leitores gostam de saber detalhadamente como estão os campeonatos locais, as brigas envolvendo jogadores, treinadores, sobre bons atletas que progrediram muito, em pouco tempo.

No box da página 2, deveriam escrever pequenas notas esportivas, divertidas/irônicas fáceis de ler etc.. Salientamos, também, que esses **Cadernos** exploram, geralmente, curiosidades ou dados estatísticos para enriquecer o repertório do leitor.

Estabelecemos que as trapalhadas e **Pisadas na bola** ficariam registradas no box **Melhores Momentos**, bem como poderiam ser matérias de outro box **Os erros do Esporte**.

Apresentamos várias sugestões de como preencher os boxes. Os alunos-repórteres poderiam, a título de exemplificação, escrever suas matérias baseando-se em qualquer fato engraçado que tivessem visto tanto nà televisão (quando do interesse da comunidade e da escola), ou algum fato que aconteceu com eles mesmos, enquanto esportistas.

A História dos Esportes, foi outra pauta que abordamos, como um assunto que os leitores poderiam procurar nos jornais. Incentivamos a consulta aos livros sobre esse tema e dissemos que se poderia copiar dados, se necessários, citando o autor das idéias.

Discutimos sobre os valores éticos que envolvem a autoria de um texto jornalístico. Copiar uma matéria ou nota sem mencionar as fontes é plágio e isso pode ser comparado ao aluno que é pego colando pelo professor.

Página 2

Esse espaço ficou reservado às competições da Vila ou da cidade de Jaú. Este local seria **O Palco do Jogo**.

O aluno deveria noticiar como se ele estivesse assistindo ao jogo, contando sobre as jogadas espetaculares, a reação dos espectadores, das torcidas organizadas e a dos times pela obtenção do primeiro lugar. Poderiam incluir na reportagem o marcador durante o jogo, frases dita por comentaristas no box; ou entrevistar moradores da Vila que conhecesse algum técnico e/ou jogador, ou mesmo os atletas do seu Bairro. Os temas abordados foram: **O palco do jogo**; **Melhores momentos** e **Na cidade** (ou, **No Bairro**).

No quadro **Melhores Momentos**, foram descritas as façanhas de um jogo, os melhores jogadores, os melhores

juízes segundo a torcida. Enfatizamos que o jornalista deve polemizar sobre o jogo.

A polêmica sempre gera interesse. Comentamos que as pessoas, amantes de esportes, apreciam ler e fazer previsões sobre os campeonatos mas, possivelmente, poderá haver algum leitor que não concordará com a matéria, principalmente se o time dele tiver sido criticado. No box, deveriam ilustrar a matéria sobre **O Palco do Jogo**.

Página 3

Na atividade **Perfil**, o aluno-repórter teve a oportunidade de escrever sobre algum jogador revelação do campeonato ou sobre aquele de quem mais gostou ver em ação. Pedimos para que escrevesse sobre um atleta, tendo em vista a posição atual que este ocupava e o time em que jogava.

Explicamos que, quando vamos escrever sobre uma determinada pessoa, não há como falar de toda a sua vida. Nesse caso, temos que escolher os pontos mais marcantes de sua trajetória para elaborar a matéria jornalística de modo conciso e objetivo. As pautas selecionadas foram: **Perfil**; **Brasões dos Times** e **Os Melhores Times da Escola**.

Os alunos demonstraram-nos, por meio das matérias produzidas, que as melhores, quanto à redação, são aquelas em que o assunto está diretamente relacionado às suas vivências. Os estudantes sentem-se prestigiados ao falarem e escreverem sobre elas. Na escola, eles são os próprios atletas. Optamos em deixá-los livres para escreverem a respeito de qualquer atividade esportiva da Escola Estadual "Profa. Daltyra de Toledo Castro" ou outra qualquer[11].

[11] Nesse item, abrimos exceção quanto ao caráter comunitário do jornal. Os alunos falam muito, em seu cotidiano, sobre os grandes times, como Palmeiras, Santos, Corínthians, São Paulo etc. Ficaram, desse modo, à vontade para desenhar os brasões de seus "grandes times".

unesp



Ilustração 50
Caderno de Esportes - página 3 e 4

Página 4

Na última página desse caderno, nossos redatores destacaram outras modalidades esportivas: tênis, vôlei, ginástica, maratona etc. Poderiam escolher uma outra modalidade, se não gostassem de maratonas.

Comentamos que poderiam utilizar fontes do dia-a-dia para escrever as notícias, por exemplo, assuntos como disputas de corrida, andar de bicicleta, pescarias etc..

A pauta privilegiada e selecionada foi **Resultados**. No box, ao lado dessa matéria, deveriam criar uma ilustração.

No box da página 4, poderiam criar frases e/ou notinhas interessantes sobre seus esportes preferidos.

CADERNO GERAL

O **Caderno Geral** trouxe, estampado em suas páginas, notícias com temáticas da cultura popular do cotidiano. Geralmente, as notícias mais próximas ao leitor, as chamadas notícias locais.

Primeira Página

Os alunos e professores optaram sobre um tema da atualidade escolar: **Dicas de Livros**, **Crônicas** e **Melhores filmes da TV** (na realidade, escreveram sobre os melhores filmes a que assistiam, através de vídeos, todas às sextas-feiras, na Escola, conforme já foi relatado). Posteriormente, organizaram um painel no corredor da escola com o título: **Como armar uma barraca cultural**.

As crianças fizeram uma pesquisa de opinião: **Você acha que todo brasileiro pode sempre ler?**

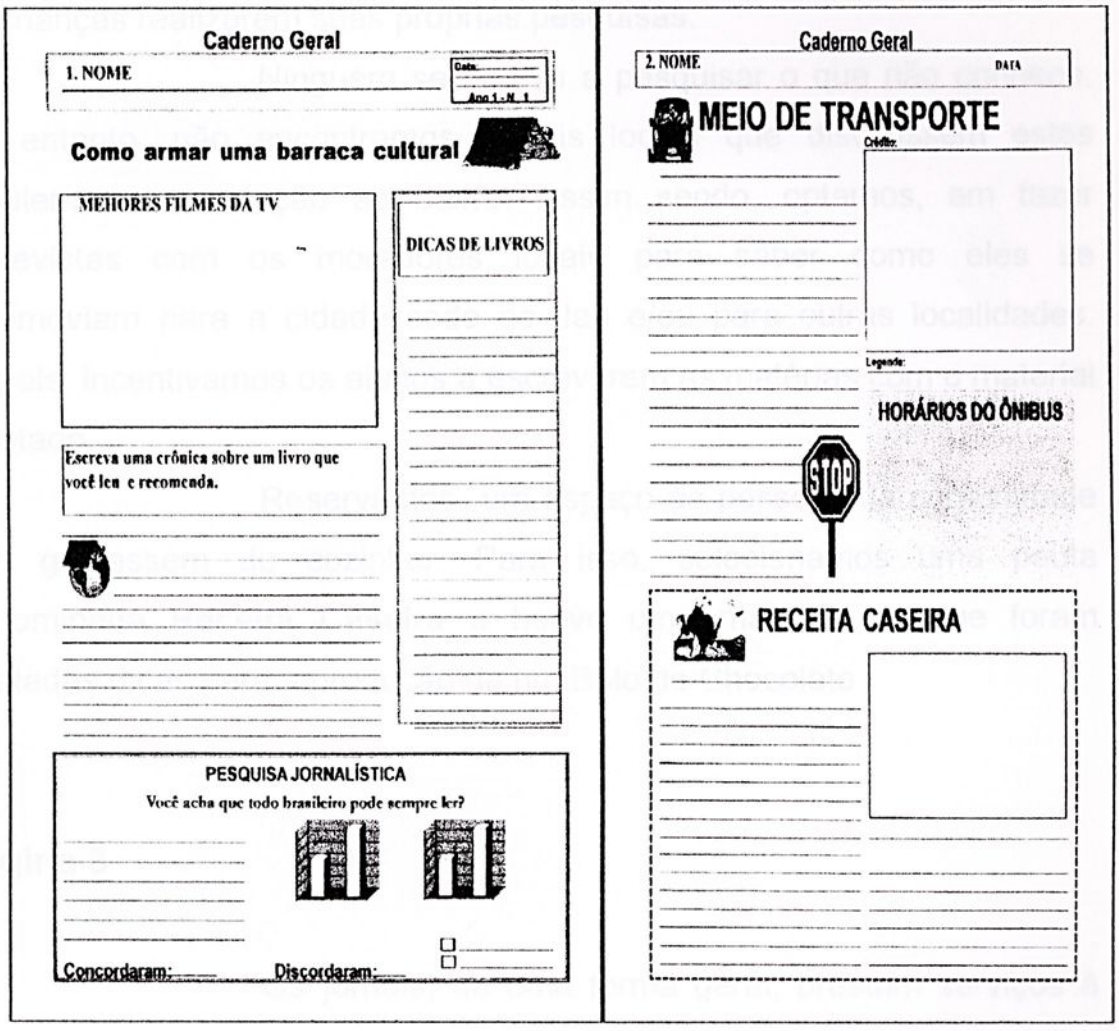


Ilustração 51

Caderno Geral - páginas 1 e 2

Página 2

Outras propostas foram: **Meio de transportes**; **Receita Caseiras** e **Horários de ônibus**. Estes eram, até então, temas pouco debatidos com os estudantes em sala de aula na Vila Ribeiro. Sentimos uma carência de informação significativa relacionada ao tema meio de transportes. Orientamos, portanto, os professores para que

buscassem mais informações em jornais, revistas, livros, verbetes de enciclopédia etc para selecionarem o material a ser pesquisado antes de as crianças realizarem suas próprias pesquisas.

Ninguém se motiva a pesquisar o que não conhece. No entanto, não encontramos jornais locais que discutissem estes problemas em relação ao bairro. Assim sendo, optamos, em fazer entrevistas com os moradores locais para saber como eles se locomoviam para a cidade sede de Jaú e/ou para outras localidades. Depois, incentivamos os alunos a escreverem as matérias com o material coletado.

Reservamos um espaço às pessoas da comunidade que gostassem de cozinhar. Para isso, selecionamos uma pauta denominada **Receita Caseira** e houve uma matéria em que foram relatadas dicas para a produção de um Bolo de Chocolate.

Página 3

Os jornais, de uma forma geral, prestam serviços à comunidade, servindo de ponte ou meio de comunicação entre um leitor e outro. Recordamos que devemos procurar sempre temas atuais e que estejam causando algum impacto ou polêmica na comunidade.

A pauta **Recuperação** foi escolhida porque os pais dos alunos da Vila estavam preocupados com o período de recuperação, principalmente em relação ao transporte dos alunos à escola no período das férias escolares.

Outros temas escolhidos foram **Saúde** e **Curiosidades**.

Para desenvolvermos matérias sobre esses temas, selecionamos revistas especializadas e também trouxemos vários

encartes jornalísticos da grande imprensa que traziam matérias sobre as pautas escolhidas.

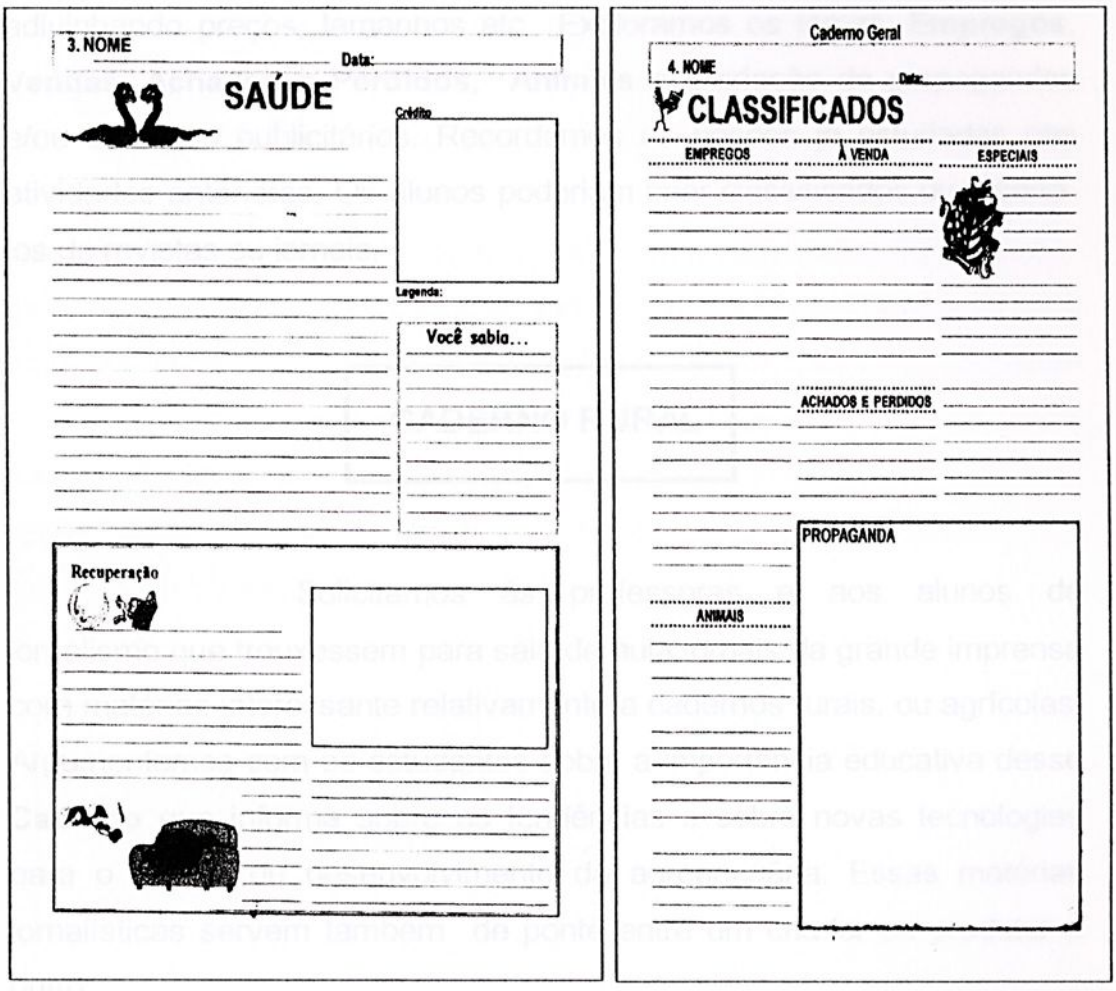


Ilustração 52

Caderno Geral páginas 3 e 4

Página 4

O espaço reservado aos **Classificados**, é o exemplo mais simplificado do auxílio prestado ao leitor pelo jornal. Enfatizamos que as pessoas estão sempre procurando algo para comprar, para vender ou em busca de trabalho. Nesse caso, recorrem ao jornal em busca de informações. Recordamos questões relativas às produções de

um anúncio classificado: este deveria ser convincente e objetivo, transmitindo a idéia principal do que se queria conseguir por meio dele. O leitor provavelmente desistiria de ler o anúncio se tivesse que ficar adivinhando preços, tamanhos etc.. Exploramos os temas: **Empregos**, **Vendas**, **Achados e Perdidos**, **Animais** e a criação de propagandas e/ou anúncios publicitários. Recordamos as noções já estudadas nas atividades anteriores. Os alunos poderiam criar classificados ou recortá-los de revistas ou jornais.

CADERNO RURAL

Solicitamos às professoras e aos alunos de jornalismo que trouxessem para sala de aula jornais da grande imprensa com matérias interessante relativamente a cadernos rurais, ou agrícolas. Argumentamos com os estudantes sobre a importância educativa desse **Caderno** que informa sobre as tendências e sobre novas tecnologias para o plantio ou desenvolvimento da agropecuária. Essas matérias jornalísticas servem também de ponte entre um criador ou produtor e outro.

Primeira Página

Os títulos **Acontece no campo**, **Liste suas verduras preferidas** e **Crie uma matéria sobre frutas** foram os temas mais próximo da "realidade" em que viviam as crianças da Vila Ribeiro. No **Caderno Rural**, elas puderam relatar seus conhecimentos sobre a agricultura local e sobre os animais criados na comunidade. Para isso,

fizemos também visitas aos sítios locais onde os alunos puderam coletar informações[12].

Página 2

Optamos em deixar as matérias sem pautas obrigatórias, para que as crianças pudessem escolher livremente sobre o que desejariam falar, expressando as suas angústias e alegrias em morar na zona rural. O número de sugestões dos alunos do Curso de Jornalismo aos alunos e professores, nesta atividade, foi o menor possível, dessa forma as crianças puderam dar margem irrestrita às suas próprias pesquisas e retrataram a Vila Ribeiro assim como a enxergavam e em decorrência da leitura que fizeram. Sugerimos apenas um título (**Animais**), bastante amplo e com margem a uma infinidade de assuntos. Estes deveriam ser ilustrados, nos boxes, para que o **Caderno** não perdesse o caráter de rural.

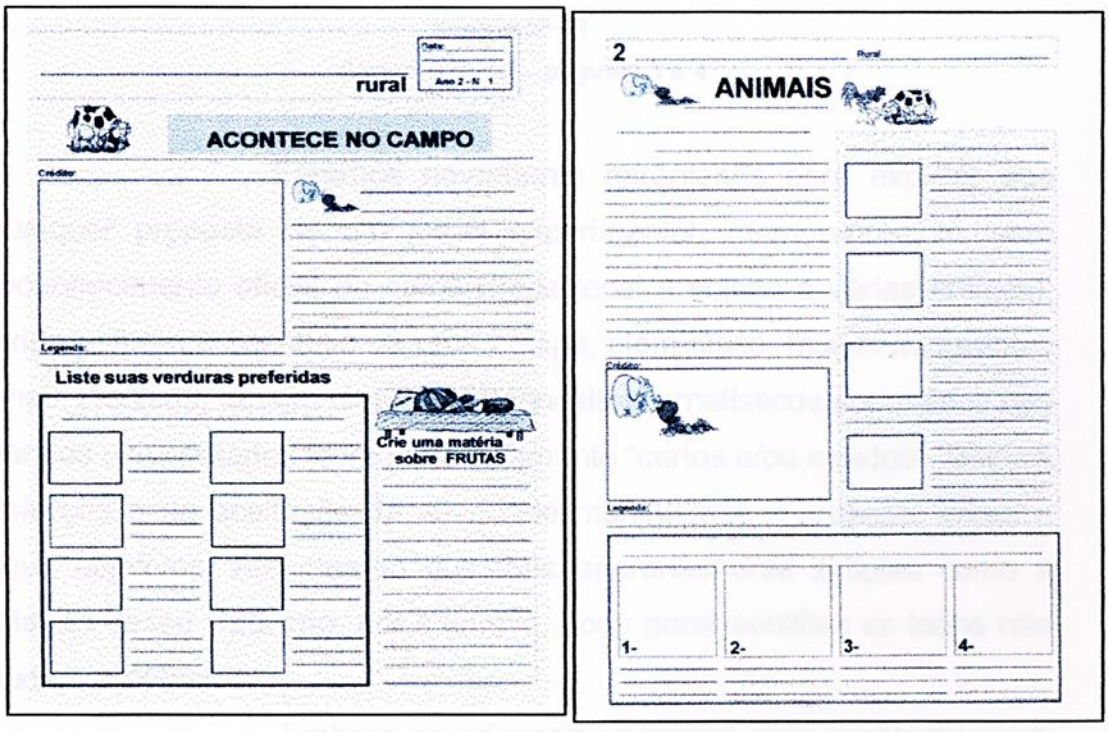
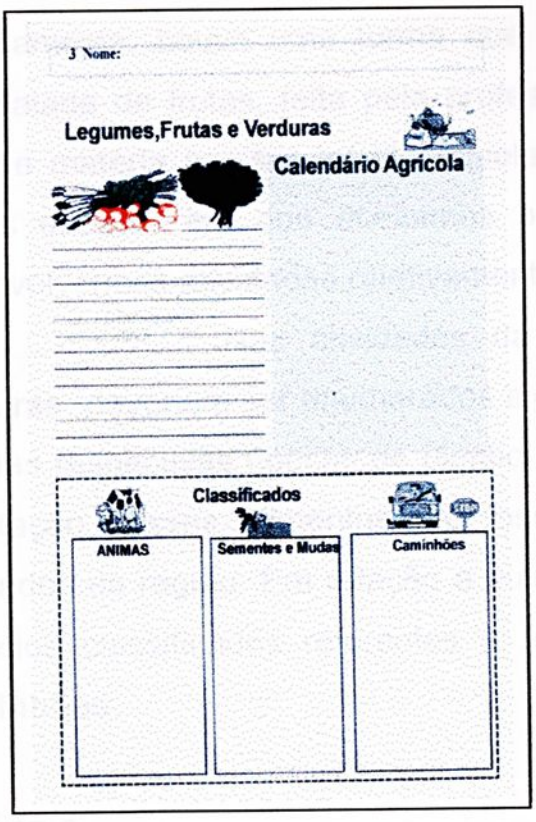


Ilustração 53
Caderno Rural - páginas 1 e 2

[12] Ver fotos sobre as hortas e sobre o plantio das mesmas em estufas (viveiros de mudas) no Capítulo II.



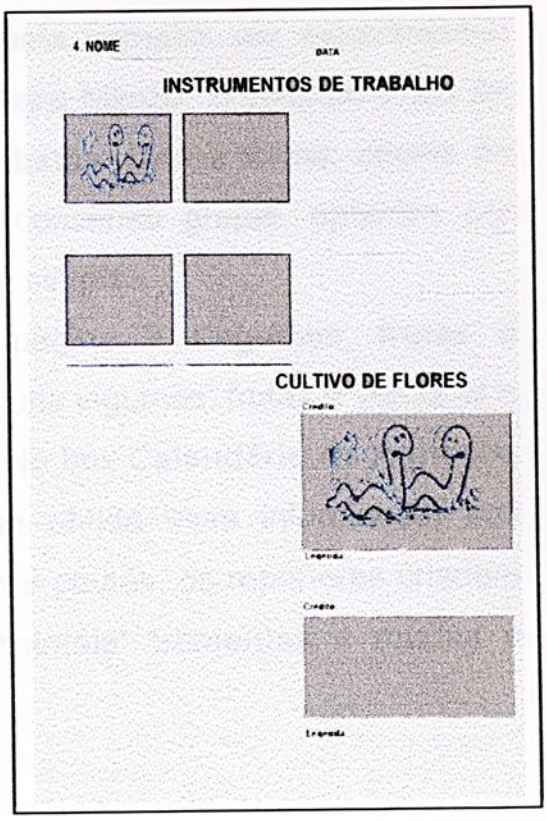


Ilustração 54

Caderno Rural - páginas 3 e 4

Faremos novamente parênteses para explicar que qualquer proposta de um jornal experimental, (sem patrocínio, sem reconhecimento oficial da comunidade local e sujeito a várias críticas), exige esforço e sacrifício de uma equipe, além disso, muitos integrantes (mais técnicos) devem ultrapassar conceitos jornalísticos aprendidos nos bancos universitários como absolutamente "certos e/ou errados". Desses esforços e da aceitação da alteridade mantivemos a proposta inicial e seus objetivos. Até mesmo questões aparentemente simples como a criação desse **Caderno**, por exemplo, pode gerar conflitos se todos não puderem opinar.

Embora as crianças vivessem num ambiente rural, algumas desconheciam os recursos naturais que eram explorados no bairro. Muitas nem sabiam que as frutas e os legumes, ali cultivados, serviam para abastecerem o mercado das cidades vizinhas.

Curiosamente, houve uma turma que pela primeira vez experimentou uma salada de frutas, feita pela professora Milozo. O referido prato foi alvo de matéria por ser inédito àquela turma. Dessa forma, depois de muitos debates em que aceitamos o consenso grupal, optamos por desenvolvermos atividades relativamente simples.

Nas atividades da página 3, **Legumes, frutas e verduras**, deveriam ser enumerados alguns legumes, frutas e verduras e as suas respectivas épocas de plantio. No box **Calendário de Agrícola,** a cotação desses alimentos (se fosse obtida essa informação) nos mercados da região. Em relação a outras pautas, os repórteres criariam anúncios classificados referentes a: **Animais**; **Sementes e mudas** e **Caminhões.**

Página 4

As pautas abordadas foram: **Instrumentos de Trabalho**: escrever uma matéria sobre as ferramentas de trabalho que os pais ou eles mesmos utilizam; **Cultivo de Flores**: estufas, plantio, preços, venda etc.. A biblioteca, cadernos rurais da grande imprensa e pesquisa com os sitiantes, entre outras, foram as fontes de informação que as crianças utilizaram nessas dinâmicas. Esclarecemos que a escola não dispunha da *Internet* e que nenhum dos professores da Vila possuíam computadores.

CADERNO DE CULTURA

Explicamos às crianças que os leitores também procuram por divertimento e lazer nos jornais. O **Caderno de Cultura** permite aos usuários do jornal fugir da rotina do trabalho, informando o

que está acontecendo na cidade, como *shows*, cinema, peças teatrais, bons filmes, livros, *CDs* etc..



Ilustração 55

Caderno de Cultura - páginas 1 e 2

Primeira Página

Nesta primeira página de **Cultura**, os alunos aprenderam como escrever uma resenha de um livro e/ou de um filme. Sugerimos para a leitura os contos clássicos da literatura infantil e também passamos vídeos sobre eles. Num segundo momento, lemos, com a classe, poesias infantis e salientamos as diferenças da linguagem jornalística em relação à linguagem poética.

Solicitamos que escrevessem sobre suas opiniões a respeito do livro escolhido em sala de aula, dizendo o porquê de terem gostado ou não da obra. No entanto, ao relatar sobre o livro, deveriam

escrever apenas o necessário para criar interesse e curiosidade no leitor. Apresentar as idéias principais que compunham o enredo da história e mencionar os personagens, detalhando apenas características fundamentais à sustentação do enredo para melhor apreciação da trama por parte do leitor.

Aproveitamos para esclarecer que a ilustração do livro também cativa à atenção do receptor. Muitas vezes, há leitores desavisados que escolhem o livro pela capa sem ao menos folheá-lo.

Quanto ao filme, deveriam observar as paisagens, o ambiente em que se passava cada cena e o figurino dos personagens. Salientamos que há filmagens em que aparece o personagem de corpo inteiro, com uma tomada ampla de cenário, servindo como caracterização do espaço (plano total ou panorâmico).

Há também cenas em que os personagens são filmados bem de perto (plano de detalhe ou zoom) e passagens em que as pessoas estão filmadas da cintura para cima (plano americano), como na maioria dos telejornais.

Para executar esta dinâmica, sugerimos que os professores trabalhassem apenas com os alunos das últimas séries, porque essa atividade envolve muita atenção e concentração que as crianças das séries iniciais ainda não desenvolveram.

As demais atividades da página são dedicadas a dicas de leitura. São elas: **Lanterna Mágica** e **Vale a Pena Ler Poesias**.

Em **Lanterna Mágica**, desenvolveram a resenha do livro que mais apreciaram, ao lado da matéria, deveriam sugerir ao seu leitor uma outra dica de livro selecionada pelo seu grupo, especificando alguns nomes de livros pesquisados e dos respectivos autores.

Em **Vale a Pena ler Poesias**, tiveram a liberdade de

criar poesias ou transcrever a que mais gostou (nesse caso, citando a fonte de onde copiaram o texto).

Página 2

As pautas escolhidas foram: **Vamos Falar de Músicas**; **Pesquisa Jornalística** e **As 10 mais pedidas**. Orientamos as crianças para que optassem por algo novo ou por músicas que conhecessem melhor e estudassem com os professores o significado das respectivas letras e/ou quais os instrumentos foram utilizados pelos artistas. Essa pesquisa deixaria as suas matérias mais enriquecidas e atraentes aos leitores de suas matérias.

Contextualizar sempre foi o nosso objetivo, para que um fato não fosse apenas artificialmente fabricado, como um produto à venda com fins lucrativos. Desnecessário frisar que não era nosso objetivo um jornal que seguisse os padrões da grande imprensa, mas sim um veículo fundamentalmente de caráter educativo e de humanização[13].

Outra opção, em relação a essa dinâmica, seria falar das músicas que eles mesmos parodiavam, seja na escola, com o auxílio dos professores, ou em experiências realizadas com o próprio grupo.

Os alunos ficaram completamente livres para escreverem o que quisessem sobre as pautas selecionadas, tentando desenvolver estratégias próprias. Os temas foram: **Vamos falar de música**; **Pesquisa Jornalística** e **As 10 mais pedidas**.

---

[13] Por humanização entendemos uma postura que nasce no comunicador - educador pautada no desencanto em relação ao saber institucionalizado, geralmente oficializado em manuais que geram padrões mecanicistas. O vigor do comunicador (quer ele seja professor, jornalista ou não) deve nascer do intercâmbio, inicialmente natural/espontâneo (depois procurado e sistematizado) entre conteúdos significativos, balizados no conhecimento entre ciência, filosofia, saber popular, arte, paraciência e tudo o mais que possa resgatar o patrimônio do saber não fragmentado em disciplinas estanques. O conhecimento, assim concebido, forma um sistema de relação, em que o intercâmbio de informações a serem processadas não se limita a uma área específica, mas assumi uma visão nova, sistêmica, recorrente e contínua. É esse o saber que aqui denominamos como "humanizado". Milton GRECO. "A crise dos paradigmas, rigor científico e novos desafios". In **Saber Plural, novo pacto da ciência - 3**. p. 17 a 33.

unesp

O envolvimento dos alunos foi fundamental para a pesquisa de **As 10 mais pedidas**. Todos puderam sugerir suas músicas preferidas e perceberam como os demais colegas, muitas vezes, valorizavam coisas diferentes das que eles tinham como certas e unânimes. Anotamos na lousa cada uma delas e, democraticamente, os alunos votaram e fizeram a lista das favoritas.

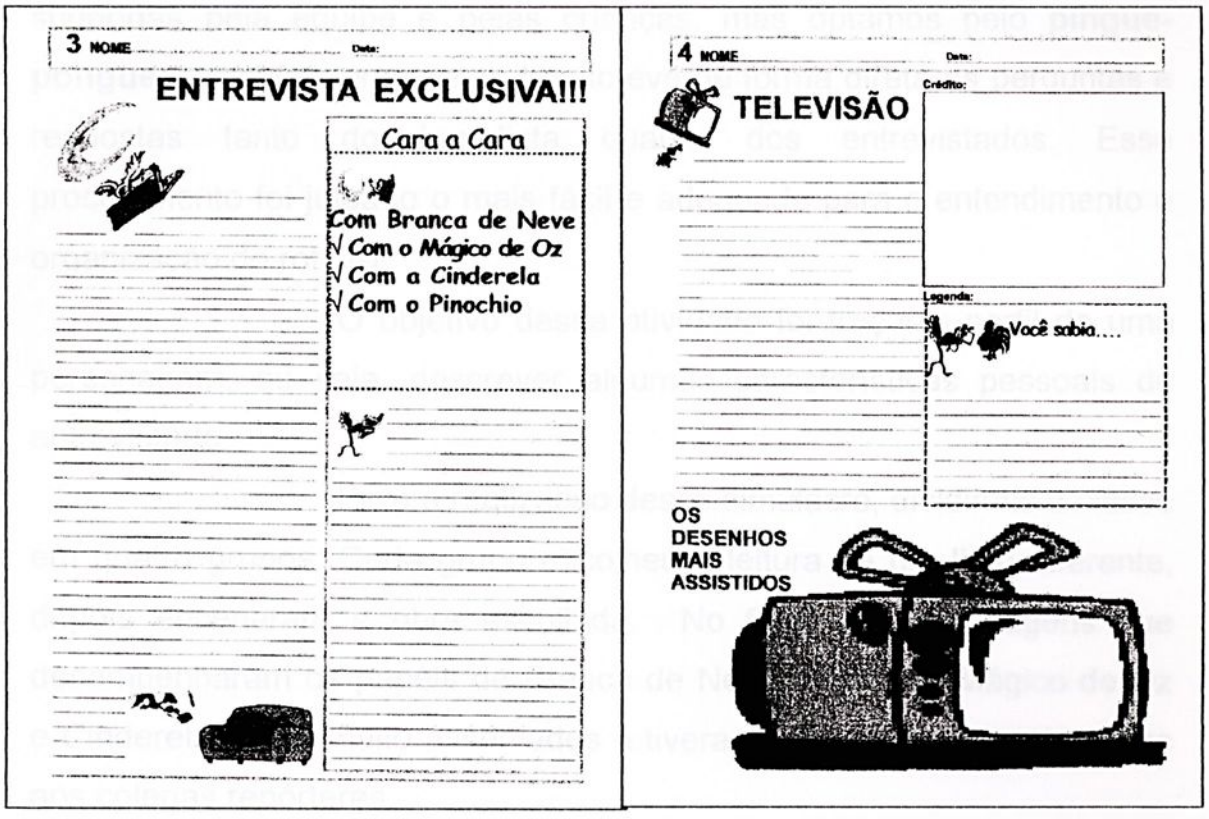


Ilustração 56

Caderno Cultural - páginas 3 e 4

Página 3

Os temas explorados nesse item foram: **Entrevista exclusiva**; **Cara a Cara com Branca de Neve**; **Mágico de OZ**; **Cinderela e Pinochio**. Explicamos que a entrevista é um dos trabalhos mais difíceis e mais importantes do jornalismo.

O primeiro passo seria a re-leitura das obras relacionadas a esses personagens, já muito conhecidos pelas crianças. O segundo, consistiu em reler e checar o roteiro (já feito em sala de aula) com as perguntas que iriam hipoteticamente fazer a esses personagens fictícios. Esse roteiro, nos jornais da grande imprensa, já está, normalmente, sugerido por meio das pautas recebidas.

Hàvia diversos tipos de perguntas, que foram sugeridas pela equipe e pelas crianças, mas optamos pelo **pingue-pongue**: entrevista em que se transcreve de forma direta as perguntas e respostas tanto do jornalista quanto dos entrevistados. Esse procedimento foi julgado o mais fácil e adequado para o entendimento e organização do roteiro.

O objetivo dessa atividade foi traçar o perfil de uma personagem, ou seja, descrever algumas características pessoais do entrevistado.

Para a realização desse simulacro, dividimos a classe em quatro grupos. Cada grupo escolheu a leitura de um livro diferente, depois encenaram a obra escolhida. No final, os personagens que desempenharam os papéis de Branca de Neve, Pinochio, Mágico de Oz e Cinderela foram muito assediados e tiveram que dar várias entrevistas aos colegas repórteres.

Página 4

As pautas mais exploradas foram: **Televisão**; **Você sabia** e **Os desenhos mais assistidos**.

Com esta atividade, o objetivo foi despertar a atenção dos alunos para que percebessem que poderíamos "ler" programas veiculados pela televisão e refletissem sobre algum programa, escrevendo, em seguida, uma crítica sobre o mesmo: uma matéria para

unesp

o **Pinguinho de Notícia**. Para isso, levamos os alunos a uma sala de vídeo da escola e orientamos que assistissem ao filme **O menino maluquinho** apenas por diversão, mas com um caderno e lápis em mãos deveriam tomar notas de pelo menos dois detalhes que julgassem mais importantes.

Explicamos que o repórter, crítico de cinema, relata em suas matérias: o tema de um filme, quais são os personagens (como se portam em relação ao enredo), como estão sendo apresentados os cenários, figurino, fotografias e no final da matéria, ele dá a sua opinião, argumentando porque gostou ou não do filme.

Os alunos já tinham feito várias dinâmicas parecidas e não tiveram nenhum problema em fazer essa atividade.

O quadro **Você sabia** foi um espaço reservado para coisas intrigantes. Sugerimos às crianças que escrevessem alguma novidade sobre os seus artistas preferidos de novela, por exemplo. Os leitores gostam de ler fofocas sobre os artistas que estão em destaque.

Em **Os desenhos mais assistidos**, os redatores fizeram uma pesquisa jornalística, perguntando qual a opinião de cada colega de classe sobre os desenhos mais engraçados ou assistidos por eles na televisão ou vistos nos vídeos que a escola exibia.

Feita a pesquisa; em grupo, os alunos deveriam listar os mais votados e fazer um gráfico representativo dos resultados obtidos com a pesquisa.

Por ser uma atividade já realizada antes, todos a realizaram sem problemas, mas para a elaboração do gráfico solicitaram a intervenção do professor.

4. DINÂMICAS PRIVILEGIADAS PELA EQUIPE

a) Diagramação

Dividimos as turmas das séries mais adiantadas em grupos de cinco alunos. Cada grupo ficou responsável pela elaboração e diagramação de uma página do caderno produzido. Pegamos como modelo páginas dos jornais já estudados, em seguida os estudantes iniciaram o exercício re-elaborando, quando necessário, títulos, notícias etc. para depois iniciarem artesanalmente a diagramação.

Os professores poderiam também deixar um projeto pronto[14], em que disponibilizariam as matérias, já especificando anteriormente os números de linhas que cada pauta teria (lauda), deixando os espaços delimitados para ilustrações; determinando o número de colunas que seriam utilizadas, os selinhos que poderiam identificar cada seção, o tipo de letra e o tamanho que seria adotado para cada tipo de matéria, seção e/ou títulos e subtítulos etc.

Explicamos aos repórteres do **Pinguinho de Notícia** que uma boa disposição das matérias na página facilitaria ao leitor a leitura das mesmas. Como nos cadernos escolares, eles deveriam valorizar os espaços, criar margens, colar ou desenhar o que fosse mais atraente para chamar a atenção dos receptores. Poderiam criar molduras, abrir janelas, produzir títulos e subtítulos, olhos, boxes etc..

Os elementos dispostos em cada página deveriam ter harmonia, equilíbrio e criatividade. Também deveriam se preocupar com os conceitos já estudados: manchetes, reportagens, entrevistas, fotos, legendas etc..

As séries iniciais já receberam prontos os espaços demarcados onde deveriam colar desenhos, fotografias; bem como os textos já escritos por eles anteriormente e recortados pelos professores, como se fosse um quebra-cabeça a ser montado.

O material utilizado nessa atividade foi o papel A3, 120mg, para que o aluno tivesse mais espaço para criar, tanto a parte textual quanto as ilustrativas. Poderiam ser utilizadas cores nessa produção, deveriam recorrer, para a criação de ilustração, a recortes de outros jornais e/ou revistas. A única exigência era que as atividades fossem realizadas por eles próprios com a colaboração, quando solicitada, dos professores e alunos do Curso de Jornalismo.

b) Consultas à Biblioteca

Recordamos que o jornalista tem que ser curioso e indagador e sair em busca das informações, descobrindo detalhes para enriquecer suas matérias ou um "furo" de reportagem. Visitas constantes à biblioteca tem o objetivo de incentivar à pesquisa. Pedimos aos nossos repórteres que pensassem sobre um assunto sobre o qual gostariam de escrever e levantassem, com a ajuda do professor, tudo o que poderia ser falado sobre ele.

Num segundo momento, pedimo-lhes para que pegassem lápis (ou caneta) e caderno para anotações. Assim preparados, dirigimo-nos a biblioteca. Consultamos livros, jornais, revistas, enciclopédias, folhetos sobre o assunto escolhido por cada grupo, até mesmo, separamos os dicionários disponíveis. Reforçamos que era muito importante que o jornalista conferisse com exatidão a informação(s) obtida (s) para constatar sua veracidade e atualização antes de as mesmas serem publicada num jornal. Depois de coletarem todas as informações necessárias de acordo com a pauta selecionada, retornamos à classe,onde os alunos escreveram as suas matérias, utilizando as anotações coletadas na biblioteca. Com essa atividade pretendíamos: incitar o aluno a procurar a biblioteca sempre que sentisse necessidade de pesquisar e incentivar a leitura de um modo geral.

---

[14] Em linguagem jornalística, chamamos esse projeto de boneco.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

c) Exposições

Os professores de todas as séries produziram um painel extra-classe e nele fixaram os trabalhos das crianças, com diferentes matérias e ilustrações, inclusive alguns desenvolvidos especialmente para o jornal. Essa atividade promoveu o trabalho em grupo, facilitando a criação do **Pinguinho Mural**, onde foram publicadas as matérias que não couberam no jornal **Pinguinho de Notícia**. Fortaleceu o espírito de iniciativa e cooperação entre os estudantes.

As votações das matérias que iam ser publicadas no mural, A3, foram feitas pelas crianças em cada sala de aula. As matérias que foram publicadas no jornal normal, A4, foram selecionadas pela equipe que também levou em consideração a avaliação que os alunos faziam de suas produções e a dos colegas em sala de aula.

As crianças, com o tempo, passaram a se organizar em grupos com autonomia, já não necessitando de intervenções constantes da equipe e realizando as atividades progressivamente com mais desenvoltura.

d) A Pesquisa Jornalística

A pesquisa em que os alunos se envolveram mais foi sobre "**Como é preparada uma Merenda Escolar**". Esta dinâmica "agitou" a todos da equipe, porque envolveu também os funcionários da instituição. Desse modo, o jornal chegou até a cozinha da escola. Essa atividade consistiu em saber o que os funcionários sabiam a respeito das preferências alimentares das crianças e da comunidade que freqüentava a escola nas festas coletivas, como dias das mães, páscoa, dia das crianças etc..

Na Vila Ribeiro, a merenda era preparada com os cuidados e higiene necessária pelas merendeiras, mas os alunos queriam saber como o cardápio era preparado, de onde vinham os

unesp

mantimentos, quanto tempo duraria um mesmo cardápio etc.. Depois dessa atividade, debatemos, em grupo, os resultados pesquisados.

Nessa dinâmica foram incluídas as merendeiras em relação "ao como" poderiam contribuir a fim de proporcionar às crianças "um algo mais" que despertasse maior entusiasmo nas crianças sobre os menus. Desse modo, desperdícios foram evitados.

Cùmpre-nos esclarecer que não foi a nossa intenção "copiar" e nem dar modelos acabados. Nosso objetivo foi oferecer sugestões e compartilhar experiências significativas, oferecendo pistas[15] e caminhos que cada professor poderia explorar em seu cotidiano.

5. PROJETO GRÁFICO

O **projeto gráfico** tem por objetivo analisar, selecionar, discriminar os elementos gráficos que serão usados para a paginação de um jornal. Sabemos que por mais minuciosa que seja essa discriminação, serão possíveis adequações gráficas, conforme os temas escolhidos, no decorrer das publicações. Tais ajustes costumam ser inevitáveis.

5.1. Aspectos Estruturais

a) Formato

O formato do jornal **Pinguinho de Notícia** é A4 (21cm x 29,7 cm) em papel sulfite. Para a impressão foi utilizado o formato A3 que dobrado corresponde ao formato do jornal.

---

[15] Os alunos de jornalismos, na diagramação dos cadernos jornalísticos, inspiraram-se em **Chris e Ray Harris : "Faça seu próprio Jornal",** principalmente em relação aos cadernos: Esporte e Turismo. Mas respeitamos a iniciativa deles, esperando que com novas experiências, fossem se desligando dos protótipos recebidos. Foi o que aconteceu. O **Jornal Pinguinho de Notícia** não se prendeu a nenhum modelo já previsto. Portanto, muito mais que as formas sugeridas, valorizamos "o como as crianças redigem seus textos" e "como" trabalhar com textos reais em situação de uso na comunidade escolar.

b) Cores

O **Pinguinho de Notícia** não pode ser um jornal colorido porque não tínhamos patrocinadores. Optamos, dessa forma, produzir um jornal P&B utilizando as matizes do cinza e o preto.

c) Fontes

Optamos por caracteres que mais se identificassem com o público infantil. Fizemos uso de diferentes fontes para cada seção, de acordo com as pautas que cada uma requeria, respeitando seus traços característicos.

d) Seções

Para melhor identificação da criança em relação a cada uma das seções, utilizamo-nos da mesma fonte do logotipo: *Comics Sans*, corpo 36. Essa é uma fonte cursiva que transmite graça e divertimento, aproximando-se dos caracteres já conhecidos pelas crianças.

5.2. Aspectos Jornalísticos, relacionados ao Conteúdo das Matérias

Segundo SODRÉ (1986), o jornalismo moderno acentua a sua força sedutora com alguns recursos narrativos- estilísticos: nenhum rebuscamento estéril é permitido, em prol da concisão e clareza; é obrigatória uma informação objetiva: em qualquer que seja o tipo de matéria informativa: notícias e/ou reportagem (interpretativa, especial etc.).

Esses gêneros informativos impõem aos jornalistas um **"estilo direto puro"**, isto é, uma narração sem comentários, sem subjetivações[16]. A reportagem também deve sempre ser pautadas em regras objetivas e bem delimitadas, de acordo com esse autor.[17]

---

[16] Em se tratando de matérias noticiosas.
[17] SODRÉ, M.. In **Técnicas de Reportagens**. p.11 a 15.

No caso do jornalismo infantil, não podemos nos esquecer das especificidades que envolvem o fazer da criança. Como vimos, muitas vezes, ela não separa suas fantasias da realidade. Desse modo, esse rigor exigido por SODRÉ, não foi adotado pela nossa equipe.

Procuramos sempre alertar nossos repórteres que não podiam escrever sobre o que não conheciam, ou, por meio só de boatos ouvidos sem saber de onde procederam. Haveria sempre a necessidade de uma checagem posterior das informações, por mais dignas de confiança que fossem suas fontes.

a)Títulos e Manchetes

Como já frisamos, é o título que vai desencadear a leitura de uma matéria jornalística, portanto deve ser bem destacado, ser atraente, despertar a curiosidade do leitor e especificar os aspectos mais importantes do que será relatado. Por exemplo, um título de pesquisa como: **Jornalismo Comunitário e a Formação de Leitores Críticos dos Media**, por exemplo, já é, em si, um ***lead***, vejamos: **quem** = Jornalismo Comunitário; **o quê** = formação de leitores; **para que** = serem críticos dos *media*. O **como e quando** = deverão ser esclarecidos no decorrer da leitura da pesquisa acima referida.

No caso do **Pinguinho de Notícia**, a fonte mais usada para os títulos, em geral, foi *Times News Roman* , variando o corpo, entre 20 a 26. Para um possível parâmetro, esta pesquisa está digitada com o corpo 13.

b)Textos

A fonte utilizada foi a *Times News Roman*, corpo 14. Para as seções **Ecologia** e **Um Pinguinho de Sabor** utilizamos a mesma fonte do Logotipo (*Comics Sans MS*).

c) Chamadas e Índices

Para expressarmos dinamismo ao texto referente a esses itens, a fonte utilizada foi a *Times News Roman*, variando o corpo de 13 a 14. Já no **Índice** os alunos do Curso de Jornalismo optaram pela *Comics Sans MS*, corpo 36 em negrito.

d) Legenda

Foi padronizada com a fonte *Times News Roman*, corpo 11 em itálico.

e) Números

A presença de números é obrigatória para a orientação da criança em relação à ordem das matérias. Também foram utilizados nas Chamadas e no Índice, indicando ao receptor onde encontrar mais detalhes sobre a informação desejada.

f) Capitular

É uma fonte utilizada para enfatizar e destacar o texto. Segue a tipologia do mesmo, ocupando as três primeiras linhas do parágrafo. Nas quatro primeiras edições do **Pinguinho de Notícia**, a fonte capitular foi usada apenas nas seções: **Um Pinguinho de Sabor** (segunda edição) e **Debates** (terceira edição).

5.3. Recursos Gráficos utilizados nas Seções

Já vimos que as seções de um jornal são diversas, dependendo do assunto tratado em cada uma e da métrica do mesmo. Durante a produção das quatro edições do **Pinguinho de Notícia**, foram publicadas onze seções: **Um Pinguinho de arte**, **Cantinho de conto**, **Um Pinguinho de saúde**, **Debates**, **Eventos**, **Você sabia**,



Passatempo, Esporte, Classificados, Ecologia, Um Pinguinho de sabor.

Como vimos, um título atraente, um texto próximo ao que podemos chamar, dentro da visão infantil, de objetivo, sempre – de preferência acompanhado de ilustrações coloridas, e o número da página destacado são elementos que remetem o leitor infantil do jornal para as páginas que trazem as matérias publicadas. Para causar mais impacto e chamar a atenção do nosso público-alvo optamos por usar selinhos que indicassem e identificassem cada seção. Foram eles:

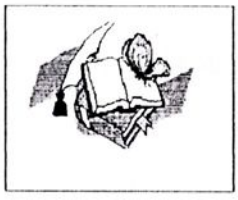


Ilustração 57
Um Pinguinho de Arte

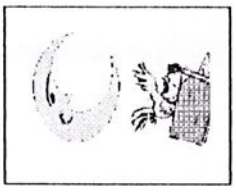


Ilustração 58
Cantinho do Conto

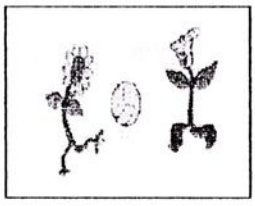


Ilustração 59
Esporte

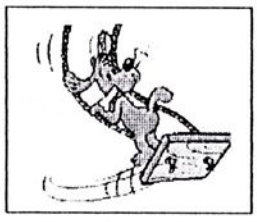


Ilustração 60
Passatempo

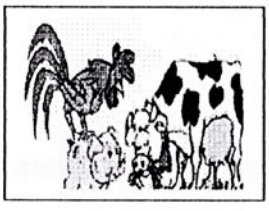


Ilustração 61
Ecologia

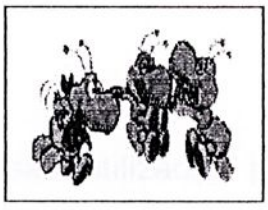


Ilustração 62
Debates

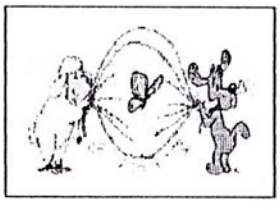


Ilustração 64
Um Pinguinho de sabor

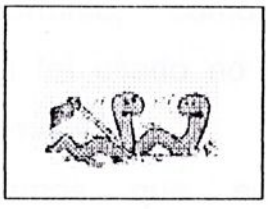


Ilustração 65
Um Pinguinho de saúde

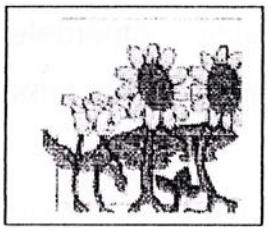


Ilustração 65
Eventos

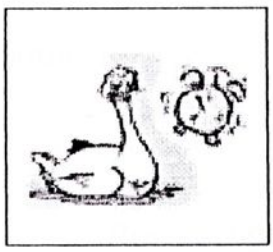


Ilustração 66
Você sabia?

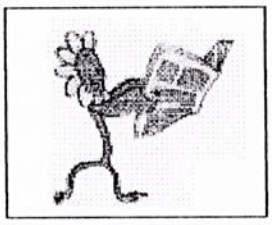


Ilustração 67
Classificados

5.4. Recursos Gráficos Utilizados na Paginação

Especificamos alguns recursos mais usuais cujo entendimento fosse fácil aos alunos e professores. Foram eles:

a) Capitular

O recurso da capitular foi pouco explorado nas matérias e/ou publicações do **Pinguinho de Notícia**, ficando a critério da equipe decidir sobre o seu emprego.

b) Fios

O fio, consiste em linhas que são utilizadas para separar colunas, janelas, box, cabeçalho, seções etc.. Seu uso torna a leitura mais fácil e agradável, permite maior valorização dos espaços da página, facilitando a diagramação e dando maior dinâmica aos elementos gráficos; contribuindo, portanto, como um elemento estético indispensável. Esse recurso foi usado no nosso jornal para delimitar assuntos e valorizar a diagramação.

Esclarecemos que esse recurso é bastante empregado, de um modo geral, em todos os jornais da grande imprensa.

No **Pinguinho de Notícia**, foi explorado nas duas primeiras edições, especialmente nas capas. Mantendo também o seu

uso em algumas seções para melhor divisão e compreensão dos assuntos tratados.

c) Box

Recurso gráfico usado para destacar textos sintéticos e importantes. Em relação ao nosso jornal, optamos por utilizá-los em algumas matérias para dar mais dinamicidade à página

d) Legenda

Foram acrescentadas e ressaltadas informações referentes às matérias e ilustrações esclarecidas por meio de legendas.

e) Fundos

Recurso pouco utilizado no **Pinguinho de Notícia**, mas eles foram pensados e planejados anteriormente pela equipe para não prejudicar a leitura infantil e para facilitar a leitura das matérias publicadas.

j) Fotografias e Ilustrações

Todas as imagens, como fotografias e ilustrações, fizeram parte da arte de tecer o jornal infantil por nós expressas nas páginas do **Pinguinho de Notícia**. A presença de ilustrações, portanto, foi fundamental à compreensão e identificação da criança em relação ao jornal.

As fotografias da grande imprensa, em particular, são feitas, em princípio, para ser interpretadas e compreendidas ao primeiro olhar. Contudo, bom número de fotos não consegue satisfazer ao olhar e são, por isso, qualificadas de fracassadas.



No caso do Jornal Infantil, o fracasso é considerado, freqüentemente, coisa de fotógrafo amador, mas é, também, uma realidade no dia a dia do profissional que desconhece a psicologia e a percepção infantis. Seja lá como for, é interessante procurar saber quais as regras de que se vale a definição do fracasso no que tange ao mundo infantil. A nosso ver, trata-se de uma falta de experiência do editor sobre "o como" a criança fruï as imagens (sejam elas ilustrações, de um modo geral, ou fotos).

Todos os itens do Projeto Gráfico serão abordados, com maior profundidade, no Capítulo IV – "Como Desvelar nossas Idéias", em que analisaremos semiologicamente a plasticidade (formas dos elementos gráficos) e as mensagens lingüísticas (conteúdo das matérias).

CAPÍTULO IV

COMO DESVELAR NOSSAS IDÉIAS

unesp

1. Leitura e Análise da Experimentação[1]

O objetivo deste Capítulo é "reler" e analisar o produto final da nossa pesquisa,ou seja, as quatro edições do **Pinguinho de Notícia**, a fim de que ele possa servir como um dos instrumentos possíveis de trabalho para professores ou a todos que se interessem pelo tema de leitura crítica dos *media*. Começaremos comentando suas ilustrações. Essas têm crescido, nos últimos anos do século passado e começo deste nas páginas dos jornais, revistas e livros, principalmente nos científicos, devido a facilidade de reprodução que encontraram com o aparecimento e desenvolvimento de modernas tecnologias, como o computador e *Internet*.

Entretanto, a maioria dos professores (e até estudantes de jornalismo), disseram-nos não saber como proceder para interpretar o não verbal de um discurso qualquer, já que a escola ainda

---

[1] Título inspirado em PEIRCE, Charles Sanders. "Como tornar claras as nossas idéias" In **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 49.

unesp

não tem dado o devido interesse a esse discurso visual do jornal como um todo de linguagens sincréticas.

Acreditamos que a leitura e sua interpretação não se tratam de uma mera decodificação somente de sinais verbais, pois a imagem, como conceito moderno é um texto com significante e significado, produto das escolhas paradigmáticas e combinatórias tanto quanto o texto verbal. Assim, não podemos ver mais a imagem apenas como um referente icônico; mas, sim, também impregnada de ideologia e de significações dela decorrentes.

É óbvio que um processo comunicativo pressupõe uma troca de informações[2] entre um produtor (enunciador) e um intérprete (enunciatário), que são entidades de papel ou seres discursivos (e não pessoas físicas). É que os seres de carne e osso, no momento da produção/recepção de discursos ocupam formações imaginárias socialmente instituídas. Assim, os discursos produzem, por meio das linguagens, apenas simulacros da realidade. Desse modo, os discursos nos iludem de que são as "pessoas reais" que estão no processo de comunicação, quando, na verdade, os jornalistas apenas criam efeitos de autoria e de verdade factual do que noticiam. É que os seres de carne e osso, no momento da produção/recepção de discursos, ocupam formações imaginárias socialmente instituídas.

Essas entidades discursivas da enunciação aparecem, no enunciado, deixando marcas implícitas.

---

[2] Segundo o Dicionário de Comunicação de RABAÇA, Carlos Alberto, p. 334(b) a 345(a), **Informação é**: **1**. Ato ou efeito de emitir ou receber mensagem. **2**. Conteúdo da mensagem emitida ou recebida. "Termo que designa o conteúdo de tudo aquilo que trocamos com o mundo exterior, e que faz como que nos ajustemos a ele de forma perceptível." O recebimento e a utilização das informações são processos do nosso ajuste às contingências do meio ambiente e de nosso viver efetivo nesse ambiente (Wierner). A informação, segundo Wierner, está sempre ligada a uma função. Ela só é retida por um organismo se lhe for significativa. Os homens e os grupos humanos, assim como os animais, absorvem a informação de que necessitam e/ou que lhes seja inteligível. **3.** Medida de uma possibilidade de escolha, na seleção de uma mensagem. Tudo que reduz a incerteza, eliminando certas possibilidades, é dotado de informação. Assim a informação de um evento depende de sua probabilidade e não de si mesma. **4**. Segundo Umberto Eco, a informação não é tanto o que é dito, mas o que poder ser dito, representando uma liberdade de escolhas".
No enunciado proposto por nós, informação está sendo empregada na segunda acepção apresentada.

unesp

O jornalista, no momento da enunciação, ocupa um papel temático social, impregnado pela ideologia imposta pela linha editorial do jornal, como já vimos nos capítulos anteriores. Cabe a ele ser objetivo e imparcial na construção representativa da realidade, por meio das linguagens sincréticas do jornal, que é o seu discurso. Desse modo, ele é apenas uma voz delgada, enunciadora, que cria e manipula o narrador explícito do enunciado.

Sabemos que o jornalista procura alcançar a veracidade do relato, no plano do enunciado jornalístico e, não "o real", do fato acontecido. Esse "real" não pode mais ser re-estabelecido, pois, entre o plano do fato (em si) já ocorrido, e a enunciação do mesmo, há um espaço que só comportaria uma dimensão de re-criação e nunca de cópia da realidade. Portanto - entre o fato acontecido, a testemunha que o observa/descreve e o sujeito que a interpreta - há desvios de pontos de vistas individuais sobre o acontecimento, que acabam por influir no relato do "acontecido" que se tornou notícia e na interpretação do mesmo. Desse modo, o numênico não está na linguagem, ou seja, o ser em si (nesse caso, a essência da verdade do discurso relatado), mas sim o fenomênico, ou seja, como esse fato "parece" a quem o descreve e/ou noticia.

Há, ainda, a ser considerada a temporalidade e especialidade estabelecidas (mas camufladas) no discurso jornalístico. Por exemplo, uma manchete quase sempre usa a forma verbal no tempo presente, embora o fato narrado pertença a "um ontem"). É o chamado presente histórico que passa o efeito de presenticidade da notícia diante do seu enunciatário. Esse fato separa o plano do destinador (emissor do discurso jornalístico, ou o jornal, como um emissor coletivo) e o destinatário (receptor virtual, como usuário do jornal). O eu/aqui/agora do momento da enunciação não é o mesmo eu/aqui/agora do enunciado. Logo, é evidente que o jornalista "de carne e osso" não é o narrador do fato relatado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

É desse modo que vemos e entendemos o quanto o discurso jornalístico é igual à representação de algo + as percepções subjetivas do enunciador + as relações estabelecidas de acordo com o recorte efetuado + a ideologia do enunciador; dando, como resultados, os efeitos de realidade que se tenta criar, e somente isso. A esse procedimento MEDINA (1988) dá o nome de "angulação", que ocorre tanto em relação ao discurso verbal, quanto ao não verbal. Por isso, podemos afirmar que somos seres de signos, plasmados socialmente, ou seja, de "algo que está representando algo"[3] em dado contexto histórico, além de produzir significações como produto social axiológico e, portanto, ideológico.

Segundo PEIRCE (I972), um signo é algo que de alguma maneira representa alguma coisa, seu objeto, para alguém, em um dado momento. Portanto, encontra-se no lugar de um objeto, como seu representante (e não como substituto) e também não sob todos os ângulos, mas sim em referência a um tipo de idéia que PEIRCE, por vezes, denomina como o fundamento do signo ou seu *representamen*.

Nessa condição de "farsantes", somos o que precariamente podemos narrar ou relatar por meio de signos a respeito do que julgamos ou pretendemos que seja "o real", "o verdadeiro" para alguém. Desnecessário se faz dizer que criamos os signos e a eles devemos tributos. Sem eles estaríamos presos apenas biologicamente a cadeias de informações de ordem genética, predeterminada. Não obstante somos seres transcendentais, ou almejamos sê-los, se desejarmos, realmente, participar da criação de significados (semiose), ou mais ousadamente compartilhar nossas interpretações com os outros possíveis seres que, como nós, sentem-se reféns do processo comunicativo.

---

[3] PEIRCE, Charles Sanders. "Classificação dos signos". In **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 93 a 114.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Não há, no entanto, pensamento que não seja signo relacionado a um objeto[4], que pode ser, por exemplo, um fato a ser noticiado.

Nesse sentido, (ao transformar um fato em linguagem jornalística, ou seja, em discurso), devemos crer que podemos desvendar e ressignificar os signos, isto é, criar significações, num processo infinito de intersemioses, como nos ensina a semiótica.

A nossa condição humana nos dá, em potencial, a capacidade para sermos "fabricadores e intérpretes de signos". Por isso, sentimo-nos "semideuses", capazes de participar da re-criação do mundo em cada ato de enunciação. Somos, no entanto, reféns de nossa criação e daquela que recebemos socioculturalmente dos nossos antepassados. Saber ler nada mais é do que aventurar nesse desvelamento, ou seja, atribuir significações a todo e qualquer signo ideológico, inclusive os produzido pela indústria dos *media*.

Assim, todo pensamento é um signo, tendo como base uma macrossemiótica natural, interagindo com a macrossemiótica lingüística, ou seja, das línguas naturais.

Segundo SAUSSURE (1975), poderíamos discutir a arbitrariedade de um sistema de símbolos, porque o símbolo tem uma relação racional com o significado. Mas à língua, que é um sistema de signos arbitrários, falta essa base e, por isso, não existe motivo algum para preferirmos, como escolha paradigmática, *sister* à irmã ou *book* a livro

---

[4] Segundo PEIRCE, "Classificação dos signos". In **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 96: "O Signo só pode representar o Objeto e referir-se a ele. Não pode propiciar trato ou reconhecimento do Objeto, isso é o que se pretende aqui significar por Objeto de um Signo, ou seja, que ele pressupõe uma familiaridade com algo de sorte a vincular alguma informação adicional concernente a esse algo. Indubitavelmente, haverá leitores que digam ser-lhes impossível compreender isso. Imaginam que um Signo não precisa relacionar-se com algo de outra forma conhecido e não sabem como entender o enunciado segundo o qual todo o Signo deve relacionar-se a um Objeto dessa ordem. Contudo, se houver alguma coisa que veicule informação e, apesar disso, não tenha absolutamente relação nem faça referência a algo como o qual a pessoa a quem a informação é transmitida tenha a menor familiaridade, direta ou indireta, quando recebe a informação, - informação que seria de uma espécie estranhíssima - o veículo desse tipo de informação não será, neste contexto, denominado Signo".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

etc. no momento da produção do discurso, a não ser como entidade estética.

Obviamente, podemos não só ressignificar os signos da linguagem jornalística (no dizer peirceano, criar outros interpretantes), mas também outros, como os das artes, das ciências ditas exatas, das ciências conhecidas como biológicas etc.. Aliás, esse processo é aquele que as artes tendem a produzir como estranhamento e desvio do cotidianamente falado como norma.

A leitura e sua interpretação constituem atos tão sérios, que qualquer pessoa (jornalista, professor, sociólogo, médico, psicoterapeuta, mãe/pai etc.), deveria ser responsabilizada legalmente pelas leituras que fazem (ou ensinam/induzem a outros, tutelados de algum modo por eles, a fazerem). Desse modo, qualquer pessoa que se intitula como "educador" é responsável eticamente por qualquer relato, desde um banal comentário informal até um tratado político, científico e/ou de qualquer natureza intelectual.

Acreditamos que um conhecimento semiótico possa não só auxiliar o aluno, (ou qualquer pessoa) a aprender a ler, de modo mais sistemático, textos informativos ou de outra natureza, bem como poderá ensiná-lo a sintetizar e expressar suas próprias informações, idéias, conhecimento do mundo, etc. de modo ativo e crítico. Se a linguagem pode ser fascista, impondo modos de ver, paradoxalmente, ela também revela o mundo aos homens.

Segundo BENEYTO (1974) uma análise significativa deve explorar os vários âmbitos de uma mensagem, como: volume de informação, freqüência das mesmas e o vínculo que estabelece em relação ao espaço e ao tempo. Não devemos apenas nos ater à superfície do discurso (títulos, ilustrações, ou a leitura superficial do enunciado, que apenas decifra o código, sem profundidade vertical) nem somente aos temas ou matérias, mas à contingência, ou valor e aos efeitos em que se plasmam as significações da atividade informativa.

unesp

Escolhemos para a presente análise - das produções do jornal experimental que realizamos - os procedimentos metodológicos de instrumento analítico de Martine JOLY (1999), entre outros, já descritos nos Capítulos anteriores.

Em relação à avaliação do produto final, que analisaremos nesse capítulo, todos os professores e estudantes de jornalismo se posicionaram a favor de uma auto-avaliação do trabalho realizado. Assim, em grupo, cada membro dessa equipe analisou sua produção para os outros membros, bem como apresentou os resultados do que realizou e/ou do que poderia ter realizado, como numa espécie de mesa redonda.

Houve momentos em que discutimos sobre a nova era tecnológica da informação, que vivenciamos, e chegamos a algumas evidências, que passaremos a relatar abaixo.

Vivemos a era da imagem, mas o homem arcaico também, possivelmente, produzia suas imagens mentais, ainda que não soubesse como expressá-las. Provavelmente, ele as tinha como percepções difusas, fenomenais, espécies de quali-signos[5] concretos e sensoriais. De repente, descobrimos assustados que estamos como ele, com difusas percepções diante do que está sendo chamado como "era tecnológica" ou da razão instrumental "da" e "na" informática.

Estamos confusos com a rapidez das descobertas tecnológicas, tanto quanto às referentes à dimensão simbólica da palavra, via computador, quanto a da imagem digitalizada. Estamos sendo conduzidos a uma nova maneira de ler. Saímos, como ocidentais que somos, de uma leitura textual linear, da esquerda para a direita, rumo a uma leitura globalizante, em que o olhar entra em um ponto de tensão na folha do jornal, por exemplo; e, dali, segue linhas de forças

---

[5] Segundo PEIRCE, Quali-signo é uma qualidade que é um Signo. Mas não pode atuar em verdade como um signo enquanto não se corporificar, contudo, a corporificação nada tem a ver com seu caráter como um signo. In **Filosofia e Linguagem**, 7ª. ed., 1972, p. 100.

unesp

que lhe são impostas pela própria disposição das manchas, figuras etc. do texto dado.

Entretanto, o sujeito de consciência ingênua, em geral, não sabe ler além do óbvio, ou seja, além do que está aparente no discurso, no nível explícito a que, semioticamente, chamamos de manifestação ou estrutura de superfície. Mesmo em relação a uma leitura estereotipada, feita de um modo superficial, esse sujeito aceita que outros o auxiliem a entender e a atribuir sentidos ao que lê, de um modo passivo (sem tomar parte da interpretação). Possivelmente, porém, ele não se tornará um leitor crítico, produtor de leituras questionadoras e próprias.

É necessário semioticamente acreditar que um texto possa ter uma leitura científica única e válida universalmente para todas as pessoas em qualquer momento histórico, já que essa leitura tem suas bases fincadas no próprio texto, que passa a servir de base de coerência para justificar a leitura científica proposta. Mas, a nosso ver, todo o grande leitor sabe que sua leitura não é a última nem a única, mas apenas uma das possibilidades de leitura. No entanto, é preciso esclarecer que a semiótica greimasiana trata a leitura "única" como aquela que deixou a subjetividade tímica (emotiva) de lado, concentrando-se na imanência do texto, para provar o que se disse e como se disse. Assim, a leitura semiótica tende ao cientificismo, que, por sua vez, tenta descartar as leituras impressionistas, que prezam interpretações emotivas e individuais.

Como o diz GREIMAS (1979), fundador da semiótica do percurso gerativo dos sentidos[6], "o real" de um discurso existe

---

[6] GREIMAS conceitua assim o percurso gerativo: "Designamos pela expressão percurso gerativo a economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas lingüística), vale dizer, a disposição de seus componentes uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulando que podendo todo objeto semiótico ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um 'percurso' que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. A expressão 'percurso gerativo' não é de uso corrente: a gramática gerativa emprega em um sentido comparável o termo modelo, falando, por exemplo, em

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

somente por meio de um pacto de fé (contrato fiduciário)[7] entre um emissor-enunciador e um receptor-enunciatário. Esse contrato põe em jogo um fazer persuasivo do emissor-destinador e a adesão do receptor-destinatário, se o enunciatário acreditar no que foi relatado. Se o objeto do fazer persuasivo é a veridicção (dizer verdadeiro) do enunciador de um discurso jornalístico, por exemplo, compete que o enunciatário, usuário do jornal, atribuir o crer ou não–crer à informação recebida.

Segundo a semiótica greimasiana o texto é auto-suficiente. A leitura está condicionada aos limites do texto e se sustenta no próprio texto analisado. Este modo de ver a leitura nos revela que um texto deve ser estudado **pelo que diz e pelo que faz para dizê-lo**. "Fora do texto", acrescentam os semioticistas (ludicamente), "não há salvação".

Não nos compete, aqui, discorrermos sobre a semiótica greimasiana e/ou peirceana, mas apenas servimo-nos das idéias semióticas para nos instrumentarmos delas, usando as premissas, que julgamos necessárias em nossa pesquisa. Interessa-nos a leitura, que, a nosso ver, é o desvelamento dos signos culturalizados e estereotipados em seus significados convencionais e ideológicos da linguagem em busca de um nível mais profundo de significação, onde está a idéia abstrata geradora do texto.

Segundo DOMINGOS (2000), "... a linguagem verbal disseca o universo em uma onomástica quase rotular".[8] " Acrescenta ainda:

> ...Os cientistas, por sua vez, inventam uma quantidade significativa de teorias, análogas às anteriores, sem acrescentarem quase nada de relevante, em termos de novos conhecimentos, ao que já existia anteriormente a não ser uma metalinguagem nova e complexa. Daí o grande número de dicionários de gírias especializadas em torno de

---

modelo standard ou em modo ampliado. Tendo o termo modelo numerosas outras utilizações, preferimos apresentar sob este verbete a problemática da disposição geral de uma teoria. Sugerimos a consulta ao Dicionário de Semiótica (op. cit.) p. 206.

[7] GREIMAS, Julien e COURTÉS, Joseph. Dicionário de Semiótica. op. cit. p. 184.

[8] Em anotações de seus ensinamentos que tivemos durante as horas de orientação no Departamento de Comunicação Social, FAAC / Unesp / Bauru, 2000-2001.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> metalinguagens repletas de ortodoxias e de conceitos individualizadores de inventores de neologismos que, muitas vezes não nos levam a lugar nenhum; apenas, aparentemente demonstram cientificismo".[9]

Acreditar que o homem dos símbolos perdeu, praticamente, a lógica concreta e sinestésica da leitura do mundo do homem primordial e conseqüentemente tornou-se um produto da cultura afirmativa, **um reles produtor de estereótipos**, é o mesmo que determiná-lo como um ser incapaz de desvendar o que criou. Ao contrário, acreditamos que ele é capaz de retirar o véu que envolve um texto jornalístico (por exemplo). Julgamos possível que, como leitor crítico, reconheça, em geral, o simulacro imposto pela ideologia plasmada, quase sempre, por uma classe dominante (representada pela editoria de um jornal da grande imprensa) que para legitimar seu poder, forja uma linguagem cujo teor parece imparcial, mas que não passa, na maioria das vezes, de mercadoria.

Nesta pesquisa, como já foi esclarecido, via MEDINA, a notícia é um produto mercadológico, de consumo perecível. Devemos, assim, ser leitores críticos da mesma e nela nos debruçarmos para tentar desvelar o "outro discurso" que se encontra em sua estrutura profunda , ou seja, os significados implícitos. Os manuais de redação jornalística são o exemplo de como elaborar um produto para que seja consumido por um público-alvo, em geral, amorfo. Entretanto, não somos seres "amorfos", produtos de médias estatísticas de qualquer organização da indústria cultural[10]. Podemos e somos incluídos na cultura de massa, mas devemos saber como seus discursos são forjados e, a que

---

[9] Idem.

[10] Segundo RABAÇA & BARBOSA: "... A difusão de mensagens pelos Meios de Comunicação de Massa (MCM) gera a cultura de massa, conceito que também inspira controvérsias. Alguns teóricos como Adorno e Horkheimer, chegam a discordar do próprio uso da expressão 'cultura de massa', para desmascarar, neste conceito, as concepções ideológicas que proliferam no campo dos MCM. 'As massas são meros acessórios da máquina. O consumidor não é rei, como pretende a indústria cultural, não é sujeito, mas seu objeto'". (ADORNO apud RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**, 2ª. ed., São Paulo: Ática, 1995. p. 164.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

interesses satisfazem. Concordamos, enfim, com ECO[11] (1993), que um texto funciona quando significa e determina qual dos vários aspectos é ou pode ser relevante ou pertinente para uma interpretação coerente. Concordamos também com MORIN (1997: 35):

> "A procura de um público variado implica a procura de variedade na informação ou no imaginário; a procura de um grande público [portanto] implica a procura de um denominador comum."

Entretanto, afirmamos que esse "denominador comum" não deve nos tornar sujeitos passivos de informações homogeneizadas que nos induzem ao máximo de consumo, em que o estilo direto dos meios de comunicação de massa (aprimorados pelos copydesks, ou pelos editores chefes), principalmente no jornal impresso, é garantido para tornar a mensagem "transparente", no sentido de torná-la, não mais objetiva, mas de inteligibilidade imediata e/ou utilizando uma retórica permanente. Nesse sentido, nos adverte MORIN (1997: 36) "Tudo que na vida real se assemelha ao romanesco ou ao sonho é privilegiado. E/ou "inversamente, no setor imaginário, o realismo domina, isto é, as ações e intrigas romanescas que têm as aparências da realidade. A cultura de massa é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário. ".

2. Análise das Quatro Primeiras Páginas do Jornal "Pinguinho de Notícia"

Julgamo-nos, feitas as devidas colocações teóricas sobre SIGNO e sobre CULTURA DE MASSA, estar, agora, em condições de avaliar as quatro edições publicadas e divulgadas. Para isso, optamos por analisar semiologicamente as quatro **primeiras páginas** de cada edição do **Pinguinho de Notícia**.

Seria inviável alargar a análise para as demais páginas, porque isso já seria uma nova pesquisa, para um posterior

---

[11] Sugerimos a leitura de ECO, Umberto. "Réplica" In **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 163 a 177.

unesp

trabalho, que não nos compete realizar nos limites atuais. Concebemos, desse modo, que essa amostragem seja suficiente para dar uma visão da leitura que nos propomos do jornal, já que podemos inferir a análise das demais páginas por essa mesma amostragem selecionada.

Optamos pela teoria de Martine JOLY (1999), como já foi afirmado, por ser **mais acessível ao entendimento** dos nossos receptores (alunos de jornalismo e professores) que, em geral, não conhecem a metalinguagem árdua da semiótica greimasiana/peirceana.

Quando apresentarmos conceitos novos, mas específicos das teorias semióticas, optaremos por dar a nossa interpretação de modo claro e conciso, ou a nos reportamos à obra peirceana e/ou a outras, quando necessário. Mesmo assim é possível que não estejamos sendo tão explícitos aos professores e demais interessados o quanto desejaríamos sê-lo. Este fato pode ocorrer devido ao hermetismo das semióticas greimasiana e peirceana.

Assim privilegiamos JOLY (1999) que faz uma intermediação entre a semiologia, ("... que é uma análise mais livre e com uma metalinguagem com menor grau de complexidade", segundo o Prof. Dr. Adenil Alfeu DOMINGOS), e o ortodoxismo das semióticas propostas por PEIRCE e GREIMAS.

JOLY (1999), segundo DOMINGOS,[12] "... é uma autora que fica no meio termo entre a semiologia e a semiótica, não sendo, portanto,uma semioticista por excelência". Entretanto, não nos alongaremos, na diferenciação entre semiótica e semiologia por não ser esse o nosso objeto de análise. Esse estudo, também, ultrapassaria as dimensões objetivas a que nos propusemos. Apresentaremos, a seguir, alguns conceitos semióticos que julgamos fundamentais em quaisquer teorias. São eles: enunciação, entidade enunciatária e enunciado.

---

[12] Sugestão do Prof. Dr. Adenil Alfeu DOMINGOS, em suas horas-aula de orientações no Curso de Pós-Graduação "Comunicação e Poéticas Visuais da UNESP / Bauru, 2001.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Enunciação

Todo produto de um ato de linguagem é um enunciado. Todo enunciado pressupõe um enunciador que o produz e um enunciatário idealizado, que o recebe. A enunciação consiste em colocar a língua em funcionamento por meio de um ato individual de utilização da mesma. Entretanto, o enunciado de um texto jornalístico, em geral, não pertence a um só sujeito. Trata-se, quase sempre, de uma entidade enunciadora coletiva e complexa que é representada pela editoria do jornal.

No presente trabalho, há uma entidade responsável formada pela co-produção realizada por uma equipe, como já foi salientado em diversas passagens. Desse modo, de um lado, há uma entidade responsável pela produção técnica do jornal **Pinguinho de Notícia** composta pelos colaboradores – universitários (professores consultores); alunos do sétimo termo do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UNESP/Bauru e pesquisadores universitários, cursando Pós-Graduação. Essa equipe já possuía um certo conhecimento sobre a linguagem jornalística. Seu objetivo era transmitir esse saber a uma equipe de professores da instituição estadual escolar da Vila Ribeiro, a fim de produzir quatro edições de um jornal, em sala-de-aula, como um instrumento complexo de ensino–aprendizagem.

A equipe manipulada de professores da instituição rural de ensino, por sua vez, manipulou também seus alunos para serem redatores dos discursos jornalísticos que constituíram as matérias de cada edição. Portanto, o produto final a ser noticiado nascia dessa seqüência de manipulações. Não podemos nos esquecer que qualquer enunciado deixa, em si, as marcas de uma entidade coletiva enunciadora, o que nos permite interpretá-lo e contextualizá-lo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Entidade Enunciatária
(jornalisticamente, o receptor)

O enunciatário, como público alvo desse jornal, vai ser também coletivo e complexo. De um lado, os professores universitários que analisavam a parte técnica dos trabalhos de seus alunos, sugerindo, sempre que necessárias, novas alternativas técnicas; além disso, os próprios professores da instituição de ensino que analisavam[13] a performance de seus próprios alunos, intervindo sempre que solicitados por eles para auxiliá-los nas dinâmicas propostas.

Possivelmente teríamos, por fim, os enunciatários dos próprios alunos – redatores das notícias – dirigindo suas matérias, impressas no jornal, à comunidade (pais, próprios colegas, moradores da Vila etc.), que, por certo, fariam suas críticas. É desse modo que entendemos as entidades discursivas, **como actantes** (que conhecemos tradicionalmente como **personagens**) complexos e coletivos. Assim sendo, a enunciação fica mais concentrada no eixo da comunicação entre uma entidade manipuladora (a produtora do discurso) e a outra, a manipulada (que interpreta os enunciados discursivos, os receptores), produzindo o discurso interpretativo.

Enunciado

Segundo GREIMAS (1976), entendemos por enunciado todo discurso dotado de sentido. Por oposição à enunciação, entendida como ato de linguagem, o enunciado é o produto dela

[13] A avaliação dos professores da Escola Estadual "Daltyra de Toledo Castro" não foi feita com o intuito de reprovar ou não o aluno pelas suas produções jornalísticas, realizadas em sala de aula, mas para sentir a eficiência e o aproveitamento da metodologia empregada, como uma espécie de *feedback* para a correção das possíveis falhas em relação aos procedimentos e estratégias que estavam sendo utilizados pela equipe e, desse modo, propor novas alternativas, quando necessárias.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

resultante. Não confundamos, pois, a enunciação (ato de produzir) e o enunciado (produto).

2.1. Mensagens Não-Verbais

Entendemos que as imagens são textos, construídos paradigmática e sintagmaticamente, como qualquer texto verbal. Por isso, elas podem ser analisadas, partindo de uma desconstrução do todo, para distinguirmos seus elementos e verificar a funcionalidade e significação dos mesmos, mas sem disjuntá-los do todo e, sim, para reconstruí-lo e ressignificá-lo.

Nesse item, analisaremos detalhadamente o que já vimos no **Projeto Gráfico** em relação aos formantes (que, jornalisticamente, são todos os elementos gráficos que entram na composição da paginação) e como eles garantem a estética da mensagem jornalística.

Ressaltamos que o termo "significante icônico" deve ser entendido também, como **figuras, manchas de cores, traços, formas, volume, planos** etc. e não no sentido peirceano do termo. São esses formantes semelhantes às imagens produzidas em nossa percepção do universo que nos cerca, como veremos detalhadamente, pela observação e análise das quatro primeiras páginas do **Pinguinho de Notícia**, que apresentamos, a seguir, através de elementos semiológicos os quais passamos a analisar detalhadamente. São eles:

a) A Plasticidade

Segundo JOLY (1999), os quatro elementos que são chamados de eixos plásticos são: as formas, as cores, a composição (ou formação) e a textura. A leitura dessa plasticidade, em geral, não tem sido feita nas salas de aula do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). No entanto, essa plasticidade é tão semiológica quanto todo texto verbal. Ela

unesp

ancora o verbal (a mensagem lingüística) e o verbal se ancora nela, como veremos mais adiante.

Tentaremos detalhar o(s) enunciado(s) jornalístico(s) produzido(s) e explicar o que entendemos por esse ato. Detalhar e analisar o enunciado é encontrar a ideologia subjacente em seu nível mais profundo, em que "as verdades" estariam esperando para serem desveladas.

É no enunciado, que encontramos, como marcas, um eixo de comunicação. O enunciador cria uma entidade narradora, colocando-a no enunciado para manipulá-la durante a produção do discurso. Essa entidade chama-se narrador. Esse narrador[14], por sua vez, é quem relata o acontecido a um narratário, que ele imagina estar narrando o fato relatado no enunciado. Narrador e narratário, portanto, são entidades do eixo da comunicação que estão explicitamente colocados no enunciado. O narrador é desse modo, uma voz delegada da entidade enunciadora no enunciado. Não podemos confundi-los já que essas entidades semioticamente ocupam tempos, espaços e tematizações diferentes. O tempo da enunciação jamais será repetido e não será o mesmo que se encontra dentro do enunciado.

A plasticidade da mensagem, segundo JOLY (1999), permite detectar uma parte da significação da mensagem visual que é determinada pelas escolhas plásticas[15] e não somente pela utilização de signos icônicos analógicos (que serão entendidos como figuras). Começaremos, agora, a nossa análise pelas ferramentas plásticas, a seguir descritas, das quatro primeiras páginas do **Pinguinho de Notícia**. Observem, essas primeiras páginas, a seguir:

---

[14] O narrador nada mais é do que uma entidade discursiva.

[15] Entre os signos visuais que compõem uma mensagem visual, estão os signos plásticos das imagens – cores, formas, composição em faixas ou planos, textura – que são signos plenos e inteiros e não simples materiais de expressão dos signos figurativos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Fonte: desenhos infantis do logotipo (significantes icônicos) Mauricio de Souza.

Pinguinho de notícia

Jornal Experimental da E.E. Daltyra de Toledo Castro - ano 1 nº 1

A primavera chegou !!!

(texto produzido pelos alunos da 3ª série)

No Brasil, a primavera começa no dia 22 de setembro e termina no dia 22 de dezembro. É a estação que vem depois do inverno e antes do verão.

A primavera é uma estação muito alegre, pois as árvores ficam floridas.

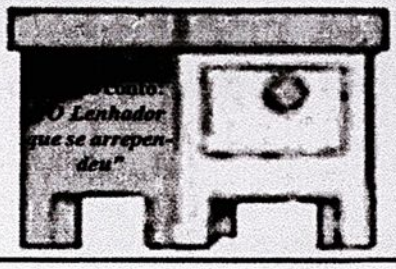
Nós, alunos da Escola Estadual Professora Daltyra de Toledo Castro, aprendemos a fazer flores de diversos tipos e borboletas. Depois enfeitamos nossa sala de aula.



Alunos comemoram o dia da Primavera e distribuem flores a população.

No dia 23 de setembro saímos pelas ruas da Vila Ribeiro para entregar flores e mensagens. As pessoas da Vila nos receberam muito bem e ficamos alegres e satisfeitos.

Índice



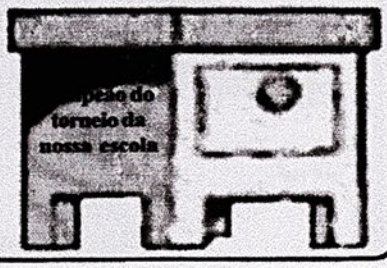


Ilustração 64

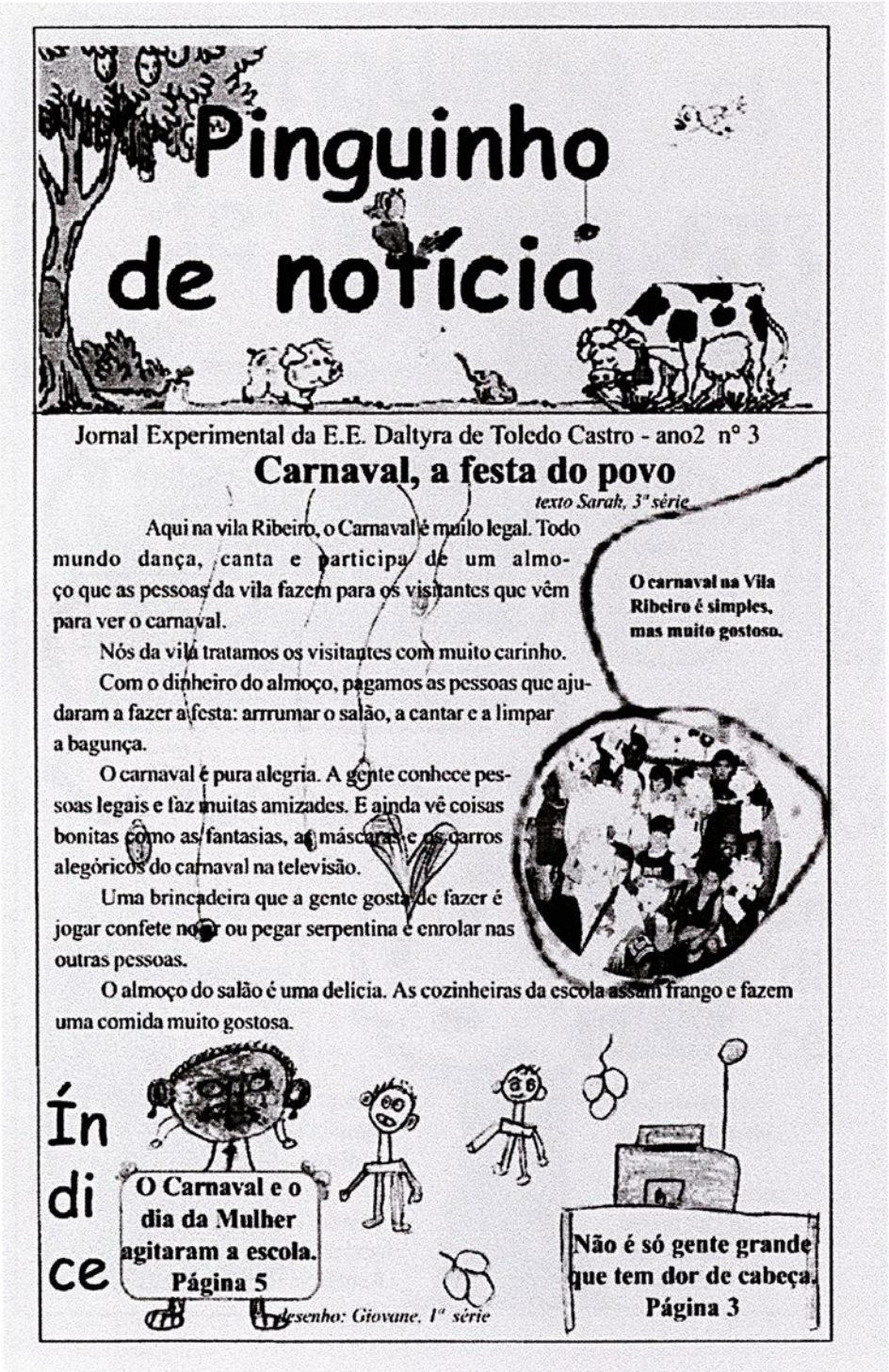
Página 1 da Segunda Edição

Fonte: desenhos infantis do logotipo (significantes icônicos) Mauricio de Souza.



Ilustração 63

Página 1 da Primeira Edição



Pinguinho de notícia

Jornal Experimental da E.E. Daltyra de Toledo Castro - ano2 nº 3

Carnaval, a festa do povo

texto Sarah, 3ª série

Aqui na vila Ribeiro, o Carnaval é muito legal. Todo mundo dança, canta e participa de um almoço que as pessoas da vila fazem para os visitantes que vêm para ver o carnaval.

Nós da vila tratamos os visitantes com muito carinho.

Com o dinheiro do almoço, pagamos as pessoas que ajudaram a fazer a festa: arrrumar o salão, a cantar e a limpar a bagunça.

O carnaval é pura alegria. A gente conhece pessoas legais e faz muitas amizades. E ainda vê coisas bonitas como as fantasias, as máscaras e os carros alegóricos do carnaval na televisão.

Uma brincadeira que a gente gosta de fazer é jogar confete no ar ou pegar serpentina e enrolar nas outras pessoas.

O almoço do salão é uma delícia. As cozinheiras da escola assam frango e fazem uma comida muito gostosa.

O carnaval na Vila Ribeiro é simples, mas muito gostoso.

Índice

O Carnaval e o dia da Mulher agitaram a escola. Página 5

Não é só gente grande que tem dor de cabeça. Página 3

desenho: Giovane, 1ª série

Ilustração 65

Página 1 da Terceira Edição

Fonte: desenhos infantis do logotipo (significantes icônicos) Mauricio de Souza.



Ilustração 66

Página 1 da Quarta Edição

b) O Suporte

O Suporte é papel sulfite em que foi expresso o Jornal Infantil **Pinguinho de Notícia**. Faz-se necessário ressaltarmos que a análise proposta, a seguir, de uma primeira página desse jornal servirá de amostragem para as demais.

Tipo de papel: nas 1ª e 2ª edições, utilizamos o papel no formato A_3, que dobrado foi transformado em duas partes denominadas cada uma respectivamente A_4. Essa escolha remete-nos ao universo infantil e escolar dos próprios "alunos repórteres", além de nos proporcionar despesas menores com a impressão. Respeitamos, assim, a tradição escolar, uma vez que a escola trabalha com esse tipo de papel. Além do mais, os alunos poderiam conservar e utilizar o jornal com menos probabilidades de danificá-lo.

Na 3ª edição, aumentamos a gramatura do papel de 75 g/m² para 180 g/m². O motivo para essa mudança foi a inclusão de um cupom na página 5 (terceira edição), anunciando um mascote para o **Pinguinho de Notícia**. Este seria o nosso *ombudsman*[16]. Os alunos que quisessem participar do referido concurso deveriam recortar o cupom do jornal, desse modo, a escolha desse tipo e tamanho de papel permitiu que as crianças o manuseassem com facilidade, pintando e recortando as figuras que desejassem.

A dimensão total da página é 210 x 297mm, a textualidade, de 75 g/m² até a terceira edição, (na quarta, como vimos, passou a ser de 180 g/m²). Essa dimensão foi dividida em três faixas: **Superior, Medial e Inferior**.

[16] Profissional encarregado pelo jornal para fazer, de forma independente, a crítica do que sai em suas páginas com uma espécie de ponte entre reclamações do leitor e a editoria do jornal.





Ilustração 67

Primeira Faixa, ou Faixa Superior, o Logotipo

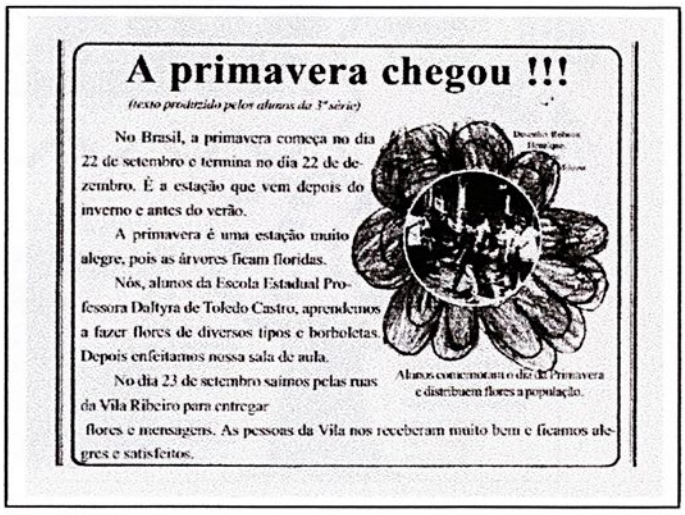
Faixa Superior

Na faixa superior consta o logotipo, não verbal, composto por símbolos icônicos que, nos remetem ao mundo natural (1° plano da perspectiva). Nessa perspectiva, deparamo-nos com figuras que interagindo umas com as outras, reforçam o caráter natural dessa mensagem visual. No plano superior de perspectiva há grafemas (letras) que compõem o titulo do jornal formando lexias. Em cima de um dos grafemas **T** há um símbolo icônico[17] (**um papagaio**) que força nosso olhar para o centro desse plano. Em cima do grafema **A**, última letra do vocábulo **Notícia** há outro símbolo icônico[18] (**uma aranha**). Esses elementos conduzem nosso olhar para o interior do logotipo. O símbolo icônico, abaixo do grafema **C** da palavra notícia, está colocado em uma posição que prende também nosso olhar dentro do texto de modo

[17] No estudo das mensagens icônicas vamos ver que se trata da figura de um "papagaio", remetendo-nos à idéia de "fala".
[18] Trata-se da figura de uma "aranha", remetendo-nos à idéia de "tecer".

centrípeto. O mesmo acontece com a figura colocada abaixo dos grafemas **DE** (um formigueiro) que fecha o espaço lateral esquerdo.

A análise feita da faixa superior será mantida nas outras edições porque o logotipo não foi mudado, já que ele passa a ser parte da identidade do jornal.



A primavera chegou !!!

(texto produzido pelos alunos da 3ª série)

No Brasil, a primavera começa no dia 22 de setembro e termina no dia 22 de dezembro. É a estação que vem depois do inverno e antes do verão.

A primavera é uma estação muito alegre, pois as árvores ficam floridas.

Nós, alunos da Escola Estadual Professora Daltyra de Toledo Castro, aprendemos a fazer flores de diversos tipos e borboletas. Depois enfeitamos nossa sala de aula.

No dia 23 de setembro saímos pelas ruas da Vila Ribeiro para entregar flores e mensagens. As pessoas da Vila nos receberam muito bem e ficamos alegres e satisfeitos.

Alunos comemoram o dia da Primavera e distribuem flores a população.

Ilustração 68

Segunda Faixa, ou Faixa Medial, Manchete

Faixa Medial

Será denominada, faixa medial, ou média, o espaço intermediário da página. Em todas as edições predominarão, nesse espaço, as manchetes verbais com exceção da 4ª edição em que a nossa equipe privilegiou a mensagem visual, portanto a manchete é não-verbal, nessa edição: trata-se de uma foto em que os alunos comemoram a Páscoa, caracterizadas com símbolos icônicos referentes a essa data.



Ilustração 69

Manchete Predominância do Não- Verbal da 3ª Edição

Faixa Inferior

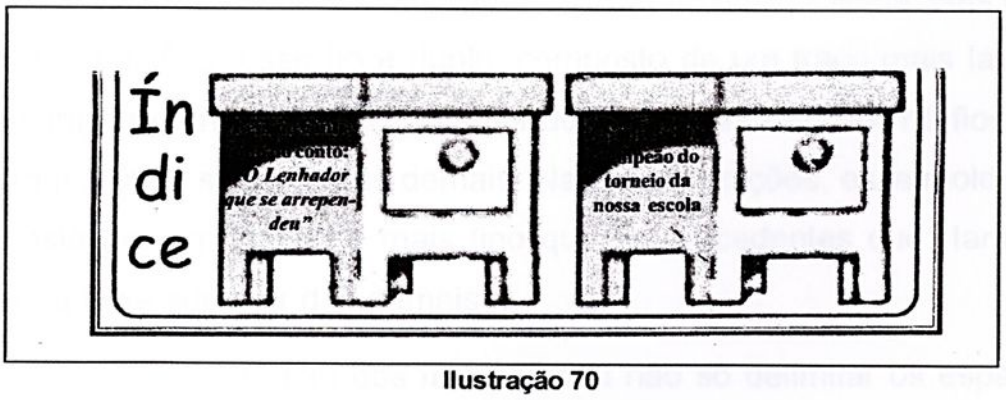


Ilustração 70

Faixa Inferior - Índice

Este espaço será denominado faixa inferior inferior. Nele predominará em todas as edições a mensagem visual dos índices das matérias jornalísticas publicadas no **Pinguinho de Notícia**.

c) Quadro – Moldura & Fios



Ilustração 71
Fios Duplos

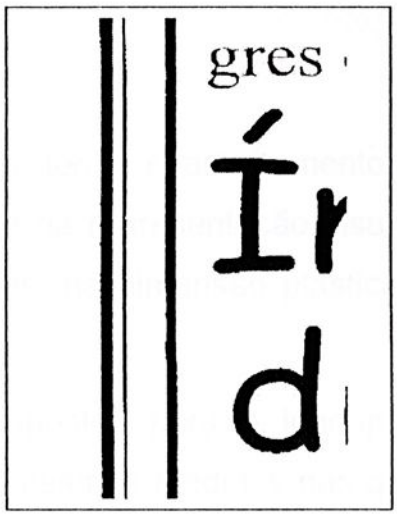


Ilustração 71
Moldura

A moldura, é o limite da representação visual.Todas as faixas estudadas estão molduradas por um fio que os limita. Nas duas primeiras edições, esse fio é duplo, composto de um traço mais largo e em negrito e outro mais fino. Nessas duas edições também há fios que separam a faixa superior das demais. Na 3ª e 4ª edições, essa moldura é composta por um único fio mais fino que os precedentes que também separa a faixa superior das demais.

O uso dos fios permitiu não só delimitar os espaços, mas também, realçar as faixas. Nas duas primeiras edições, a segunda e terceira faixas ficaram emolduradas, dessa forma, percebemos que, embora houvesse a nossa intenção de enfatizá-las, o espaço total das primeiras páginas ficou diminuído e prejudicado. Preferimos então,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

privilegiar a abertura de todos as faixas em detrimento do realce almejado em relação a segunda e terceira faixas.

As bordas[19] (distância dos fios exteriores à extremidade do papel) configuraram-se nas seguintes opções: superior = 1cm; inferior = 0,5cm; lateral-esquerda = 2cm; lateral direita = 1cm.

d) Enquadramento

Não devemos confundir o termo enquadramento com a moldura. Como vimos, moldura é o limite da representação visual. O enquadramento, segundo JOLY, corresponde, na dimensão plástica, ao tamanho da imagem.

Os enquadramentos propostos para o logotipo do **Pinguinho de Notícia** mantêm sempre as mesmas medidas nas quatro edições. São elas: 8cm de altura e 17cm de largura, referentes à faixa superior. Os enquadramentos referentes às faixas mediais não seguem o mesmo tamanho e a mesma regularidade usados no logotipo. Nas 1as e 2as edições, a faixa média apresenta a seguinte configuração quanto ao enquadramento: nas 1^{a} e 2^{a} edições,12 cm de altura por 16,5 cm de largura; na 3^{a} edição, as configurações são de: 13,1 cm de altura e 17,5 cm de largura; na 4^{a} edição, a faixa média diminuiu na altura para 10,2 cm, aumentando, dessa forma, consideravelmente em relação à largura, 19,5 cm.

Os enquadramentos referentes à faixa inferior configuram-se como: na 1^{a} edição, 5 cm de altura por 16,5 cm de largura; na 2^{a} edição, 6 cm por 16,5 cm; na 3^{a} edição, 6,3 cm por 17,5 cm e na 4^{a} edição, 10,5 cm por 18,3 cm.

---

[19] No programa *Page Maker*, "bordas" correspondem às margens; optamos, porém, pela terminologia de Martine JOLY.

unesp

e) Ângulo de Tomada

A escolha do ângulo de tomada de um enunciador é determinante, pois é o que reforça ou contradiz a impressão de realidade, vinculada ao suporte fotográfico. No nosso caso particular, em relação ao desenho infantil, as crianças preferiram desenhar a tirar fotos, desse modo disseram-nos que seus desenhos eram "mais reais". Entretanto, também há fotografias nas edições do **Pinguinho de Notícia**, algumas tiradas pelas criança, pelos professores e coordenadores.

Quanto a esse item, angulamento, temos o *plongeé* (mergulho) que nos transmite a impressão de esmagamento dos personagens. É a tomada de cima para baixo. O *contre-plongeé*, ao contrário, que sugere engrandecimento, já que o olhar do enunciador (repórter- desenhista, fotógrafo, enfim quem produziu a ilustração), faz um percurso de baixo para cima do objeto enfocado, provocando o agigantamento dos personagens ou figuras retratados. O ângulo frontal, isto é, "na altura do olhar e de frente", é aquele que ocorre com maior freqüência. A utilização do ângulo frontal dá-nos a impressão de realidade e "naturaliza" uma cena, imitando, desse modo, a visão "natural" do espectador do jornal.

Em relação ao logotipo criado para o **Pinguinho de Notícia**, o ângulo de tomada adotado foi o **frontal**, que situa o olhar na altura de uma paisagem campestre. Todas as fotos relativas às primeiras páginas dessas edições, possuem ângulos de tomada frontal. Na 2ª edição, nenhuma fotografia foi usada como ilustração. Ela foi substituída por um símbolo icônico referente ao natal. Por ele o sujeito operador do discurso jornalístico rompe a expectativa do leitor em relação as "renas", que representam iconicamente a data comemorativa aludida, desenhando cavalos no lugar delas. Essas "renas", utilizadas também como flechas, apontam para mensagens lingüísticas natalinas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



Ilustração 63

Símbolo icônico referente ao Natal

Lembremos que a noção de profundidade, na fotografia, designa um procedimento ótico que nos permite obter imagens nítidas tanto no 1° plano, quanto ao de fundo, graças a utilização de objetivas de distância focal curta. Essa noção está associada a uma representação espacial, dando-nos a dimensão de proximidade. Para JOLY (1999:96) é a tradição de representação em "perspectiva" como era utilizada no renascimento, ou seja, "*... a arte de* representar os objetos em uma superfície plana de modo que essa representação fosse semelhante à percepção visual que se pode ter dos objetos..."

Segundo JOLY (1999), todo processo visual é convencional e, mesmo respeitando as leis da representação em perspectiva, não respeita as leis da visão natural, porque, por exemplo, não se vê uma paisagem ou qualquer outra coisa nítida em seu conjunto, mas é o nosso olhar que deve movimentar-se e acomodar-se o tempo todo; selecionando, dentre seu campo de amplitude e abertura o que deve ou não ser visto. Assim, a perspectiva não é um ato natural, mas sim, convencional de ver o mundo, criado e imposto pelos pintores da Idade Média.

unesp

Podemos também trabalhar como o *flou* e o nítido. Conforme a nossa intencionalidade, esses recursos ou esmagarão (no sentido de obscurecer) a perspectiva, ou farão a representação mais expressiva e clara (de acordo com o objetivo que se quer atingir no ato de comunicação da imagem). Desse modo, está provado que tudo, em relação a uma foto, depende da seleção e combinação feitas pelo fotógrafo, ou seja, a fôto também pode ser uma montagem textual.

As fotos do jornal **Pinguinho de Notícia** não contém *flou*. São todas razoavelmente nítidas, fornecendo um efeito de profundidade. Aliás, a linguagem das fotos jornalísticas deve primar pela clareza e nitidez das imagens, principalmente em se tratando de jornalismo infantil.

Os desenhos foram por nós digitalizados a partir do que as crianças produziram em sala-de-aula. Alguns foram recortados, outros redimensionados e depois transferidos ao programa *Photoshop* onde foram trabalhados, através de artifícios como contraste e brilho, redução da imagem, quando necessária etc.. Muitos desses desenhos eram coloridos, houve, então, a necessidade da cor ser retirada, porque a impressão, por motivos econômicos, foi em P&B, com tonalidade de cinza.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Quadro Geral 01

Plasticidade Analisada

Significantes Plásticos ⟶ **Significados*** *** 1ª página de cada edição**	**Observações**
Enquadramento - Fechado: proximidade.	
Ângulo de Tomada -Frontal: valorização dos elementos enfocados de forma natural. -Distância focal do olhar: predominantemente frontal: nítido (o *flou* foi evitado).	
Composição Predomínio das linhas horizontais; a horizontalidade, segundo JOLY (1999), transmite dinamismo (quanto à leitura infantil), tornando mais fácil a leitura das matérias, equilíbrio.	**Maior legibilidade.**
Formas Arredondadas nos de desenho, transmitindo: moleza, suavidade delicadeza.	**Características do universo infantil.**
Dimensões do Papel Sulfite A_4: maior proximidade com os materiais do mundo infantil.	**210 x 297mm Identidade com o tamanho do caderno.**
Cores -Dominantes: preto e matizes de cinza: frias. -Fundo predominantemente branco, sugerindo: leveza, suavidade, contraste.	
Sombreamentos - claros, não-difusos (em relação às fotos).	
Textura - Em papel com 75 g/m² e na última edição com 180 g/m².	

Em relação às mensagens lingüísticas, são destaques, na 1ª edição, a) os ícones representando duas seções do jornal: **Conto e Esporte**; b) na 2ª edição, o **Natal** com as mensagens dos alunos e reciclagem com a reportagem sobre o lixo; c) na 3ª edição, o **Carnaval**, o **dia da Mulher** e também os destaques sobre **Saúde**: **Dor de Cabeça**; e) na 4ª edição, os destaques foram para o **Grêmio Estudantil** e **Ecologia**: **Pau Brasil**.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

f) Diagramação/Composição

A diagramação (ou composição) é feita, segundo JOLY (1999:65 a 71) do "... amontoamento cerrado de formas..." que enchem a página em uma elaboração geral. No caso do **Pinguinho de Notícia**, predomina uma leitura baseada no percurso linear e horizontal do nosso olhar. Há, também, intervalos visuais, proporcionados pelo logotipo e pela disposição das formas.

O jogo entre os elementos mais escuros e mais claros é complexo e faz com que tenhamos uma visão tridimensional. Valorizamos as formas de acordo com a visão de mundo dos enunciatários dessas imagens, como marca da enunciação dos mesmos, pois foram as crianças, como enunciadores, que produziram a maior parte das ilustrações do **Pinguinho de Notícia.**

As cores utilizadas na paginação variam do cinza claro ao preto. Isso confere à página um ar sóbrio, contrariamente ao mundo retratado, porque o universo infantil é bastante colorido. Os sombreamentos, foram aplicados tecnicamente e de maneira uniforme. Esse fato revela-nos que o relevo e a terceira dimensão ainda não foram devidamente captados pela criança em seus desenhos.

Até agora, propositadamente, não analisamos os motivos figurativos dessas primeiras páginas, por duas razões. A primeira é mostrar que os elementos plásticos, como são selecionados e dispostos, concorrem para a composição (diagramação) global da página, buscando uma estética que torna a página agradável de ser lida e vista. Foi a análise desses elementos plásticos que nos desvelou uma serie de significações, como presentificação do lúdico, falta de perspectiva das figuras que compõem os desenhos infantis, representação de um mundo ficcional e maravilhoso próprio da visão fantástica da criança.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Compreendemos melhor agora que os elementos plásticos utilizados na composição das mensagens infantis do **Pinguinho de Notícia**, responsáveis pela verossimilhança do discurso plástico infantil, correspondem a regras de transformação, que o diagramador deve analisar e captar em relação aos dados infantis fornecidos. Na íntegra, seria quase impossível captar e representar toda a exuberância desse mundo infantil apenas nos utilizando as cores P&B. Não podemos nos esquecer que as crianças pintavam a seu modo seus desenhos e não havia como captar o tímico da produção desses alunos, abstraindo-nos das cores originais.

g) Os Grafemas

Quanto aos grafemas, em todas as edições, predominam **formas arredondadas**. Como vimos no projeto gráfico, os grafemas que compõem o título do jornal correspondem à fonte *Comic Sans MS*, porque as crianças identificam essa forma com a letra pedagógica cursiva da professora. Tais linhas arredondadas exprimem dinamicidade e também a imaginação terna do mundo infantil. Não há a utilização de linhas descendentes nem oblíquas, na paginação, porque essas linhas sugerem-nos esmagamento e declínio. Evitamos, desse modo, esse tipo de associação ao universo infantil. Ao contrário, propusemo-nos a dar o equilíbrio e retidão à página impressa, como meio de facilitar a leitura. Nas 2ª e 3ª edições, predominam **traços finos** em relação às linhas diagramadas, de um modo geral, com exceção do "balão invertido" que aparece na faixa média da 3ª edição. Este traço, que contorna o balão, rompe com a suavidade proposta pelos caracteres finos (expressos pelos grafemas e fios) para realçar os elementos figurativos neles contidos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

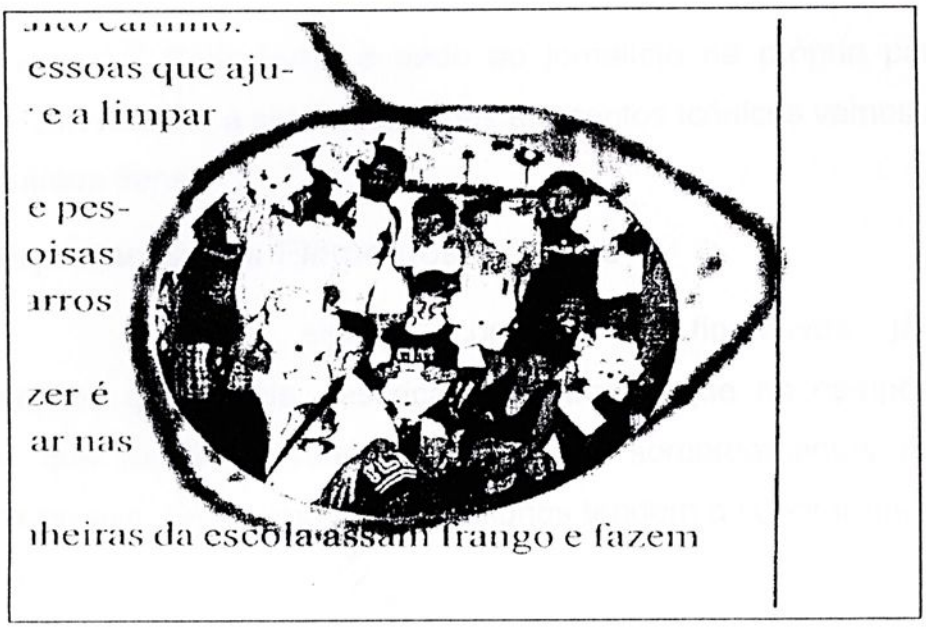


Ilustração 74

Faixa Medial - 3ª Edição

2.2. As Mensagens Icônicas ou Figuras Plásticas

Toda mensagem nasce de uma idéia abstrata, que depois é figurativizada no discurso. O jornalista, ao presenciar um acontecimento, primeiro cria uma idéia abstrata a partir da qual ele vai edificar sua notícia. Assim, um assassinato, ao ser noticiado, antes de ser um fato, ele é uma idéia abstrata. Ao transformar-se em discurso, essa idéia passa a ter actantes (os protagonistas), que agem em determinado espaço e num determinado tempo. Assim, o que o enunciatário recebe é o discurso em sua complexidade figurativa, concreta. Para fazer sua interpretação, ele deve destrinçar o texto em busca da idéia geradora do mesmo, ou seja, da idéia abstrata. Isso acontece com qualquer discurso.

Servimo-nos de uma frase famosa de Cândido Torquato Portinari para exemplificar o primeiro nível que julgamos abstrato até mesmo na pintura: "... eu sempre parto de uma composição abstrata para chegar a uma arte figurativa. Penso primeiro em linhas, planos e cores, mas em função de um tema que tenho em mente, é claro, portanto, que estes dois lados têm

íntima relação".[20] Esse tema é dado ao jornalista na própria pauta que recebe. Em relação à significação dos elementos icônicos vamos analisar os seguintes itens:

a) Interpretação dos Elementos Icônicos

Os signos icônicos ou figurativos já foram enumerados quando da descrição dos traços que os compõem, das formas que tomam (arredondadas) e dos sombreamentos propostos (nítidos ou *flou*). Desse modo esses signos tendem a conotar mais do que denotar.

Quadro Geral 02

Significantes Icônicos

a) O Logotipo		
Significantes Icônicos	**Significado de Primeiro Nível**	**Conotações de Segundo Nível**
Vaca, sapo, mosca, porco, papagaio, aranha e pássaro.	Animais	Zona rural
Arbusto, árvore e grama.	Vegetais	Zona rural
b) 1ª Edição		
FM* Flor	Foto dos alunos	Escola
FI* Cômodas	Móveis de qualquer casa	Seções do Jornal
c) 2ª Edição		
FM* Carro de papai Noel	Natal	Comemoração Natalina
FI* Cogumelos	Sinos de Natal	Comemoração Natalina
d) 3ª Edição		
FM * Balão (bexiga)	Festejos	Comemoração do Carnaval
FI* Crianças	Foliões	Repórteres do Jornal
Rádio	Música nos festejos	Alegria
Bexigas	Festejos	Comemoração
e) 4ª Edição		
FS* Foto dos alunos	Alunos da Escola	Comemoração da Páscoa
FM* Papagaio	Mascote do Jornal	*Ombudsman*
FI* Foto maior (à esquerda)	Votação para a eleição do Grêmio Estudantil	Democracia Cidadania
Árvore	Pau-brasil	Comemoração 500 anos Brasil

Legenda: FS* = Faixa Superior FM* = Faixa Medial FI *= Faixa Inferior

[20] In Anotações das aulas do Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos no Programa de Pós-Graduação "Comunicação e Poéticas Visuais" na disciplina: **Fronteiras do Verbal e Não Verbal**, FAAC / UNESP / Bauru, 1999.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Como vemos no quadro acima, no logotipo, faixa superior de cada 1ª página, reconhecemos vários elementos que fazem parte do mundo natural. São eles: a) animais que retratam o ambiente rural: vaca, sapo, porco, papagaio, pássaro, formiga, aranha e mosca; b) representantes do mundo natural vegetal: um montinho de folhagem, a árvore e a grama. Desse modo, o mundo rural da Vila Ribeiro foi plenamente retratado.

2.3. Mensagens Lingüísticas

Segundo JOLY (1999), a mensagem lingüística, que é conotativa, é determinante na interpretação de uma imagem em seu conjunto. As mensagens infantis são polissêmicas, isto é podem produzir significações diferentes, de acordo com a leitura que delas fizermos.

Para Roland BARTHES o texto verbal, em relação ao não-verbal tem a função de **"ancoragem"**, quando um serve como meio de auxiliar a compreensão do outro ou de **"revezamento"**, quanto fornece novas informações aos leitores. Assim, por exemplo, no jornal **Pinguinho de Notícia**, em relação a esse item, na 4ª edição, há a figura de uma **"árvore"** cujo significado é flutuante ou polissêmico, mas a mensagem lingüística (que corresponde à chamada para a página 4), desfaz essa **"cadeia flutuante"** e fixa o significado: trata-se da árvore de Pau-Brasil. Há casos de ancoragem em que o verbal amplia a leitura do não-verbal e vice-versa, por exemplo, a foto de alunos mascarados de coelhinhos, nesta mesma edição, também possui um significado ambíguo, que é desfeito pela mensagem lingüística da foto-legenda: **"Coelhinhos da páscoa visitaram a escolinha no mês de abril".**

3. APRESENTAÇÃO DE TODAS AS EDIÇÕES DO "PINGUINHO DE NOTÍCIA"[21]

Já que reproduzimos e analisamos a primeira página de todos os jornais editados(ver páginas 203, 204, 205 e 206), torna-se desnecessário analisamos as demais páginas de cada uma dessas edições. Se fôssemos fazer uma leitura minuciosa, como fizemos das primeiras páginas, tornaríamos a tarefa do leitor cansativa, já que muitas observações feitas podem ser transferidas para essas novas páginas.

Por isso, faremos apenas uma leitura globalizada das mesmas, pois o nosso intuito é mais mostrar o processo de produção do jornal do que propriamente comentar o produto final.Confira, a seguir, as demais páginas de cada edição do **Pinguinho de Notícia.**

[21] Antes de apresentarmos o quadro final, referente às mensagens lingüísticas, torna-se fundamental a observação atenta de todas as edições do jornal que produzimos na instituição escolar. Para a obtenção das imagens a seguir, digitalizamos todas as páginas utilizando-nos dos recursos especiais de brilho e contraste, quando necessários. Tivemos também que contornar a nanquim as ilustrações infantis que foram feitas a lápis, quando as mesmas não estavam nítidas depois de digitalizadas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Primeira Edição



Ilustração 75

Página 2 da Primeira Edição

esporte

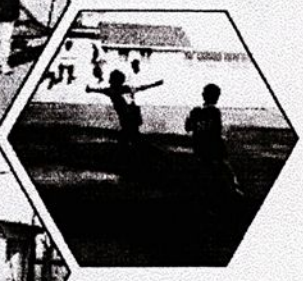
Torneio de Futebol anima a escola

(texto produzido por alunos da 4ª série)

Fotos: Leila Milozo



Time Campeão: Robson, Willian André, Alex, Murilo, Adriano e Renan (goleiro).





Nos 5 meses de torneio foram marcados 60 gols pelos jogadores da nossa escola.

A E.E. Profª Daltyra de Toledo Castro organizou um torneio de futebol entre a 3ª e a 4ª séries. Ele teve início no dia 27 de maio.

No primeiro turno jogaram: Santos X Palmeiras, São Paulo X Corinthians, Santos X Corinthians, São Paulo X Palmeiras (Veja resultado na tabela abaixo).

Os jogos foram emocinantes e os resultados pareciam equilibrados.

No segundo turno, as escalações se mantiveram, mas os resultados foram surpreendentes.

O Palmeiras voltou a jogar com o Santos e desta vez levou a melhor (Veja resultado abaixo). No entanto, o Santos conseguiu se recuperar e foi o campeão do torneio. As professoras Leila e Sueli entregaram medalhas para o time vencedor.

Murilo é o artilheiro do campeonato

Robson Henrique - 3ª série

(entrevista produzida pelos alunos da 2ª série)

Língua: Por qual time você torce?
Murilo: Eu sou torcedor do Palmeiras.

Língua: O gosta de jogar bola?
Murilo: Sim, adoro. É uma das coisas que eu mais gosto de fazer.

Língua: O que você achou da primavera?
Murilo: É muito bonita e bastante colorida.

Língua: De que cor mais gosta?
Murilo: Eu prefiro a cor amarela.

Língua: Com que cor de camisa gosta de jogar bola?
Murilo: Gosto de jogar bola com a camisa verde, que é a cor do meu time, o Palmeiras.

Língua: Qual é a flor mais bonita?
Murilo: A flor que eu mais gosto e "acho" é a orquídea.

Primeiro Turno do Campeonato

Santos	3	X	2	Palmeiras
São Paulo	3	X	2	Corinthians
Santos	2	X	4	Corinthians
São Paulo	4	X	6	Palmeiras

Segundo Turno do Campeonato

Santos	3	X	7	Palmeiras
São Paulo	3	X	5	Corinthians
Santos	2	X	5	Corinthians
São Paulo	4	X	5	Palmeiras

Ilustração 76

Página 3 da Primeira Edição

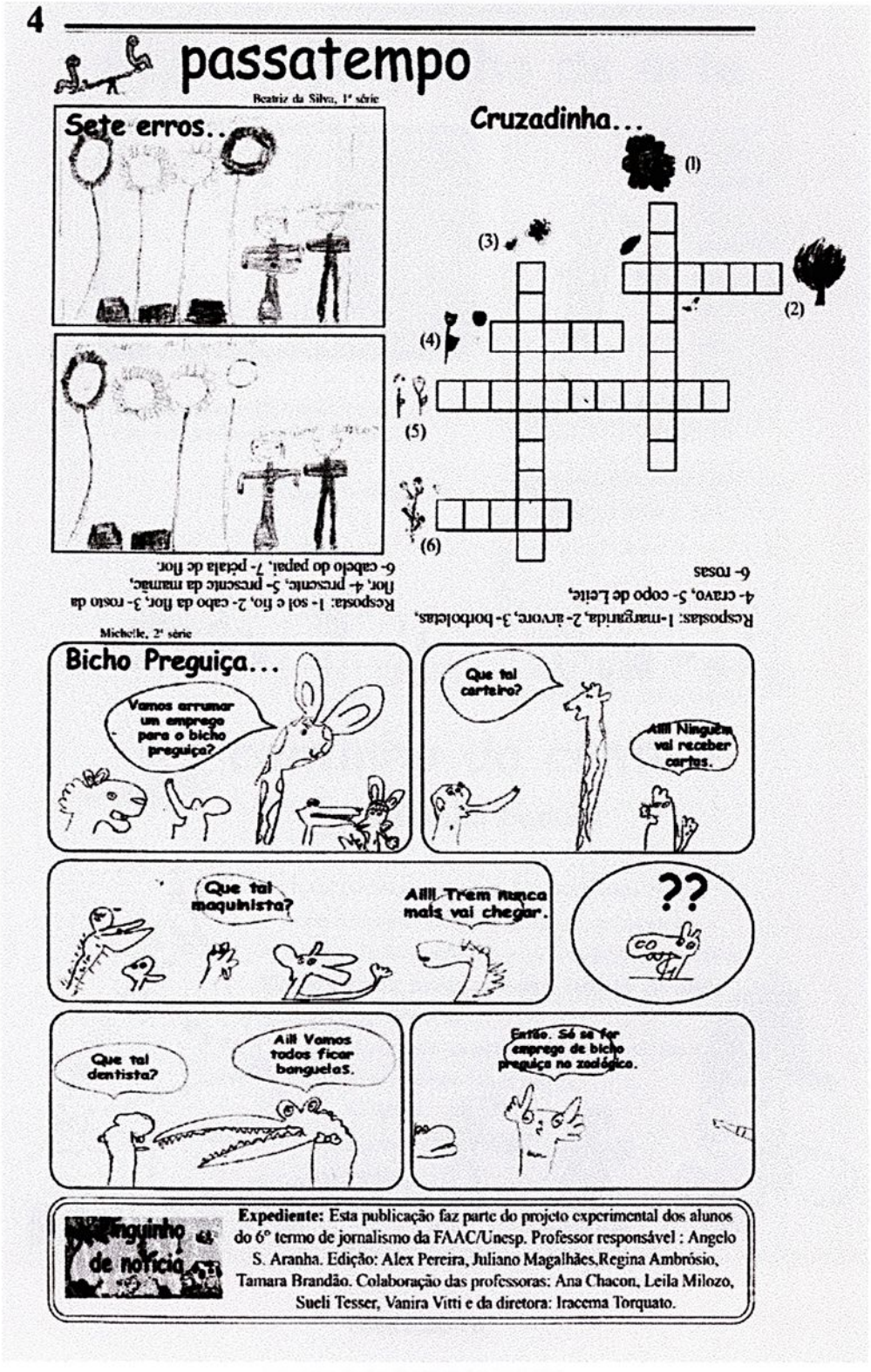


Ilustração 77

Página 4 da Primeira Edição

Segunda Edição

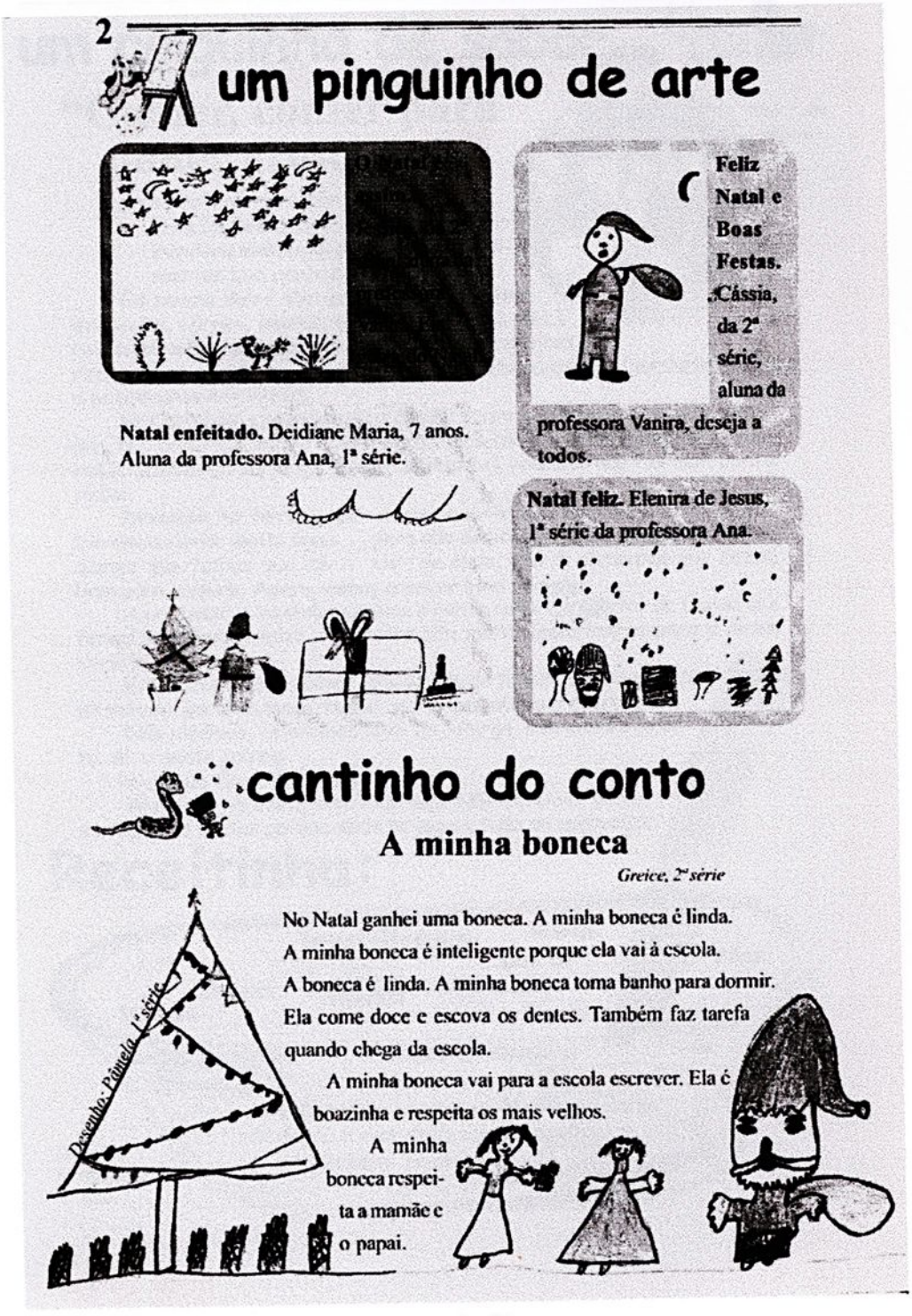


Ilustração 78

Página 2 da Segunda Edição

um pinguinho de sabor

"Comer, comer para poder crescer..."



Foto: Leila Mikazo

(texto produzido por alunos da 3ª série)

No dia 26 de outubro, a professora Leila resolveu ensinar a gente sobre os alimentos que conhecemos.

Os nomes deles são: construtores (leite e derivados, carnes, peixes, ovos, feijão, soja, etc.); reguladores (verduras, legumes e frutas); energéticos (arroz, massas, pães, cereais, etc.) e os energéticos-extras (gorduras, óleos e os açúcares adicionais).

Nós também aprendemos a comer corretamente. Mastigando devagar, não comendo em pé e nem porcariada (doces, refrigerantes, gorduras, chicletes ou sorvetes exageradamente), pois isso não faz bem para a saúde.

Devemos ter horário para comer e evitar comer fora desse horário. Devemos tomar muita água para não desidratar o corpo. Enfim, aprendemos que temos que comer de tudo, isto é, alimentos que fazem bem para a saúde. Assim, vamos crescer bem fortes.

A professora também ensinou a gente como aproveitar as frutas que temos no nosso quintal. As frutas são muito importantes para o nosso crescimento.

Então, resolvemos fazer uma salada de frutas. Dona Leila trouxe mamão, banana, maçã, melão, pêra, uva, abacaxi e laranja.

Nós picamos, colocamos suco de laranja, mexemos e pronto. Aí, a gente comeu.

A salada ficou deliciosa!

Aprendemos muito com tudo isso. Não devemos deixar estragar as frutas porque nada se joga e tudo se aproveita.

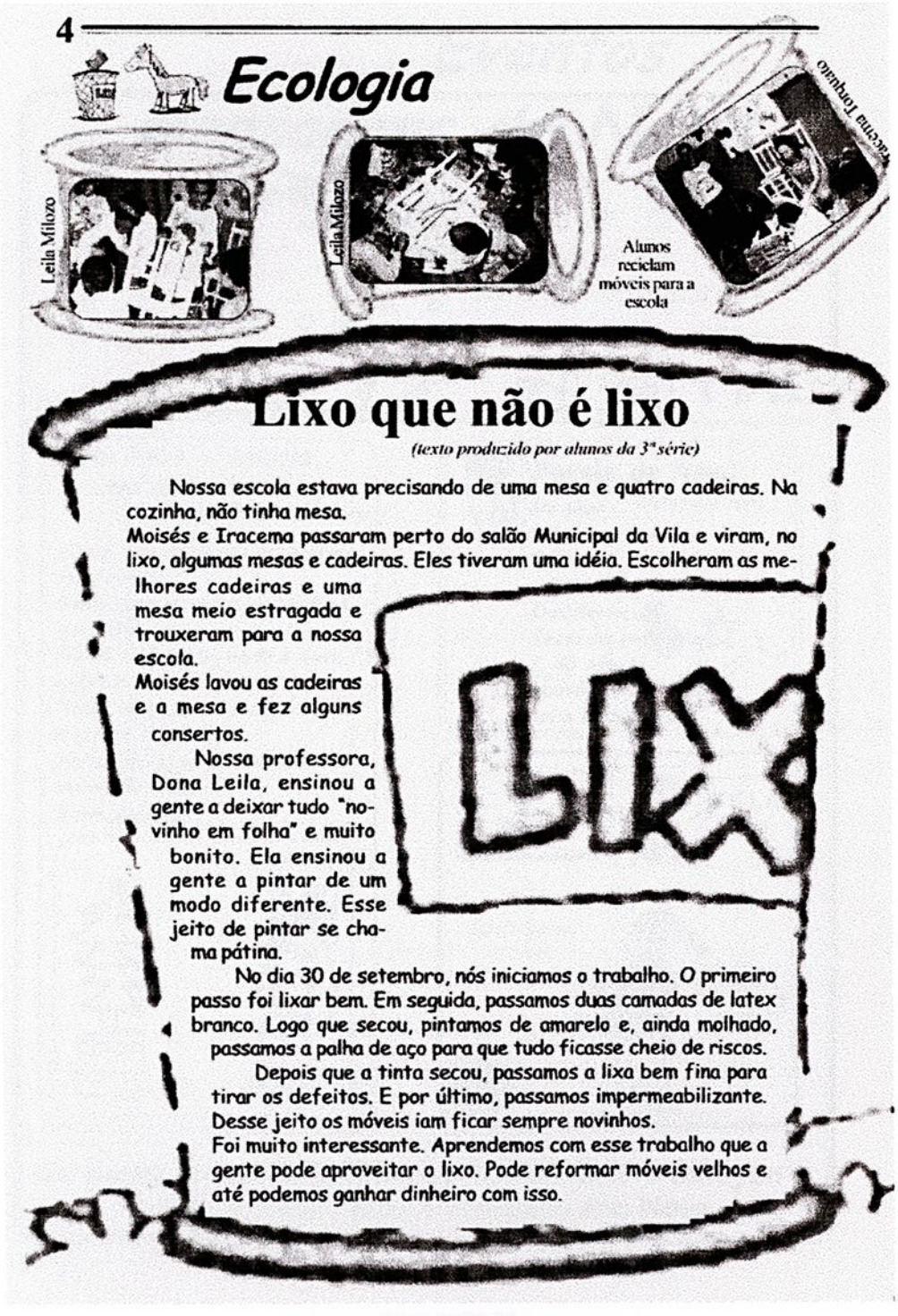
Receitinha:



Desenho Keithy, 3ª série

Ilustração 79

Página 3 da Segunda Edição



4

Ecologia

Leila Milozo

Leila Milozo

Vicente Tenhuelo

Alunos reciclam móveis para a escola

Lixo que não é lixo

(texto produzido por alunos da 3ª série)

Nossa escola estava precisando de uma mesa e quatro cadeiras. Na cozinha, não tinha mesa.

Moisés e Iracema passaram perto do salão Municipal da Vila e viram, no lixo, algumas mesas e cadeiras. Eles tiveram uma idéia. Escolheram as melhores cadeiras e uma mesa meio estragada e trouxeram para a nossa escola.

Moisés lavou as cadeiras e a mesa e fez alguns consertos.

Nossa professora, Dona Leila, ensinou a gente a deixar tudo "novinho em folha" e muito bonito. Ela ensinou a gente a pintar de um modo diferente. Esse jeito de pintar se chama pátina.

LIX

No dia 30 de setembro, nós iniciamos o trabalho. O primeiro passo foi lixar bem. Em seguida, passamos duas camadas de latex branco. Logo que secou, pintamos de amarelo e, ainda molhado, passamos a palha de aço para que tudo ficasse cheio de riscos.

Depois que a tinta secou, passamos a lixa bem fina para tirar os defeitos. E por último, passamos impermeabilizante. Desse jeito os móveis iam ficar sempre novinhos.

Foi muito interessante. Aprendemos com esse trabalho que a gente pode aproveitar o lixo. Pode reformar móveis velhos e até podemos ganhar dinheiro com isso.

Ilustração 80

Página 4 da Segunda Edição

Eventos

Mensagens de Natal



FELIZ NATAL

Daiana, 2ª série

Em todo o mundo, noite de Natal

Wagner Henrique, 4ª série

Natal, nas terras de pinheiros ou videiras.
Natal, nas terras de carvalhos ou palmeiras.
Natal, nas terras onde a neve cobre o chão.
Natal, nas terras onde o tempo é verão.
Natal em todo o mundo e em nosso coração.
Boas Festas!!!



Poesia de Natal

Andresa, 3ª série

Do sino
sai a música.
Da uva
sai o vinho.
Das flores
Saem os perfumes.
E da Maria
queridinha
sai o nosso Jesus.



Sarah Maria, 2ª série

Os alunos da escola Daltyra de Toledo Castro desejam a todos um Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Ilustração 81

Página 5 da Segunda Edição

6

Classificados

Sonho - Troco um sonho por beijo. Alex - 10 anos.

Patins - Tenho um patim faltando uma roda e quero trocar por um novo que tem rodas. Rosemary - 10 anos.

Bíblia - Troco uma bicicleta nova por uma Bíblia. Wagner - 10 anos.

Bimbolim - Tenho uma bola e quero trocar por uma mesa de bimbolim. Rua Margarida Oliveira de Barros - 272, com Juan. Juan - 9 anos.

Bicicleta - Eu tenho um sonho: ter uma bicicleta, se você for jogar alguma fora, ligue 621-0454 ou Rua Caetano Grizzo - 75, com Keithy. Keithy - 9 anos.

Irmão - Troco meu irmão Robson por um irmão educado. Micaela - 9 anos.

Bíblia - Tenho um roler velho e quero trocar por uma bíblia. Keithy.

Pinheiros - Vende-se pinheiros para o Natal com 1 metro de altura. Tratar com Everton pelo telefone 62.22910.

Bola - Troco uma bicicleta velha por uma bola nova. Tratar com Danilo. Telefone: 62.1545.

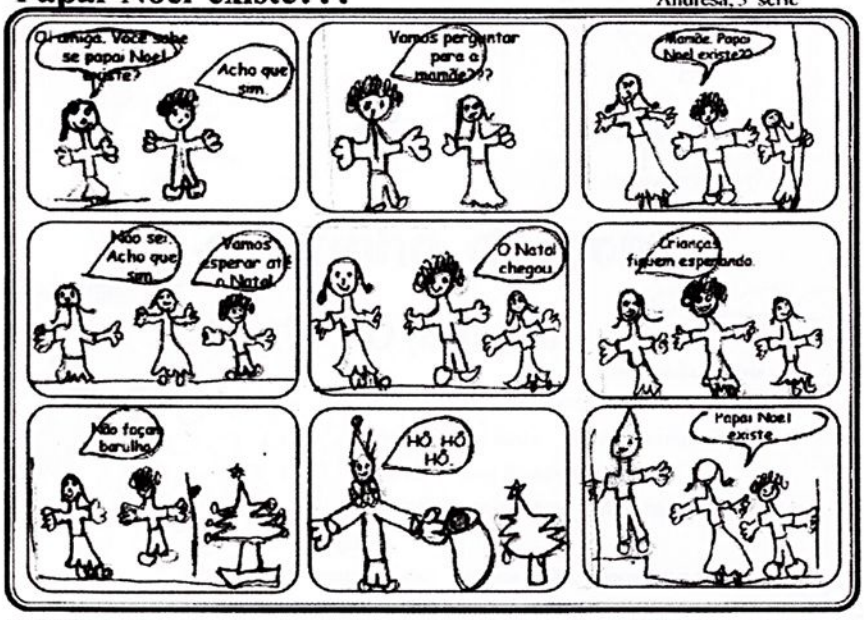
Livros - Troco um relógio por uma coleção de livros de histórias infantis. Fone: 620-5135. Falar com Cézar.

Brinquedos - Precisa-se de brinquedos para doar para crianças pobres. Ligar para 627-3270. Falar c/ Jenniffer.

passatempo

Papai Noel existe???

Andresa, 3ª série



Pinguinho de notícia

Expediente: Esta publicação faz parte do projeto experimental dos alunos do 6° termo de jornalismo da FAAC/Unesp. Professor responsável : Angelo S. Aranha. Edição: Alex Pereira, Juliano Magalhães,Regina Ambrósio, Tamara Brandão. Colaboração das professoras: Ana Chacon, Leila Milozo, Sueli Tesser, Vanira Vitti e da diretora: Iracema Torquato.

Ilustração 82

Página 6 da Segunda Edição

Terceira Edição

2

um pinguinho de arte

Um lindo desenho. Este é um desenho da turminha da 1ª série, alunos da professora Ana.



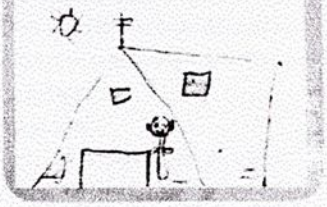
A mulher e a sua casa. Giovane 1ª série, aluna da professora Ana. Ele desenha para a sua mamãe.

Carnaval animado. Cassia, 7 anos. Aluna da professora Ana, 1ª série.

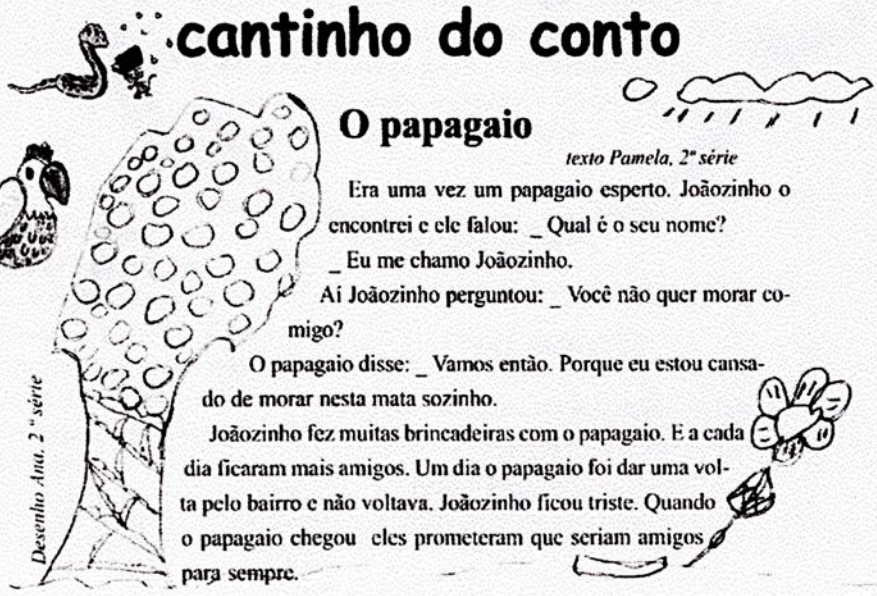




Dia internacional da mulher. Gabriela, 1ª série. Professora Ana.



cantinho do conto



O papagaio

texto Pamela, 2ª série

Era uma vez um papagaio esperto. Joãozinho o encontrei e ele falou: _ Qual é o seu nome?

_ Eu me chamo Joãozinho.

Aí Joãozinho perguntou: _ Você não quer morar comigo?

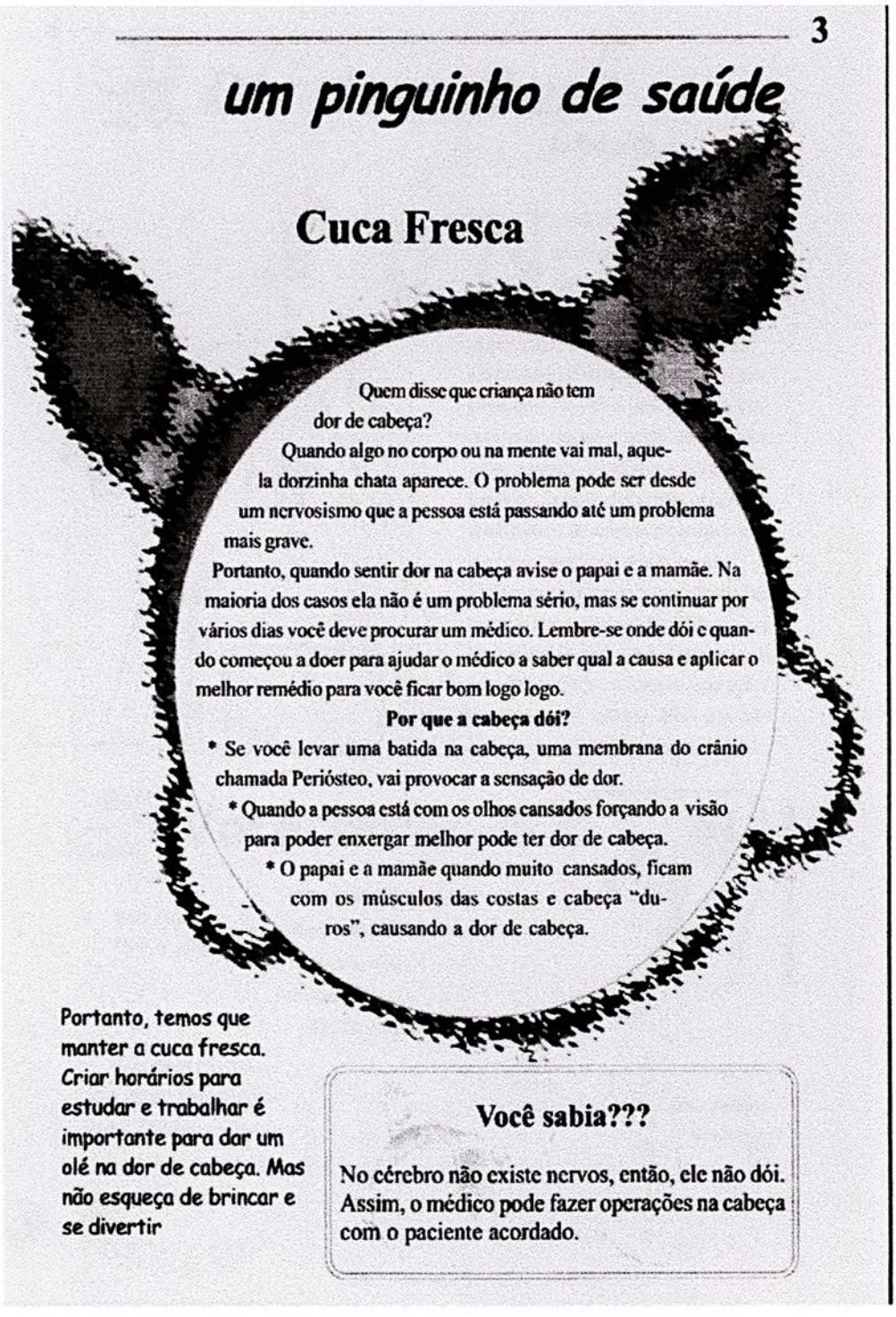
O papagaio disse: _ Vamos então. Porque eu estou cansado de morar nesta mata sozinho.

Joãozinho fez muitas brincadeiras com o papagaio. E a cada dia ficaram mais amigos. Um dia o papagaio foi dar uma volta pelo bairro e não voltava. Joãozinho ficou triste. Quando o papagaio chegou eles prometeram que seriam amigos para sempre.

Desenho Ana, 2ª série

Ilustração 83

Página 2 da Terceira Edição



3

um pinguinho de saúde

Cuca Fresca

Quem disse que criança não tem dor de cabeça?

Quando algo no corpo ou na mente vai mal, aquela dorzinha chata aparece. O problema pode ser desde um nervosismo que a pessoa está passando até um problema mais grave.

Portanto, quando sentir dor na cabeça avise o papai e a mamãe. Na maioria dos casos ela não é um problema sério, mas se continuar por vários dias você deve procurar um médico. Lembre-se onde dói e quando começou a doer para ajudar o médico a saber qual a causa e aplicar o melhor remédio para você ficar bom logo logo.

Por que a cabeça dói?

* Se você levar uma batida na cabeça, uma membrana do crânio chamada Periósteo, vai provocar a sensação de dor.
* Quando a pessoa está com os olhos cansados forçando a visão para poder enxergar melhor pode ter dor de cabeça.
* O papai e a mamãe quando muito cansados, ficam com os músculos das costas e cabeça "duros", causando a dor de cabeça.

Portanto, temos que manter a cuca fresca. Criar horários para estudar e trabalhar é importante para dar um olé na dor de cabeça. Mas não esqueça de brincar e se divertir

Você sabia???

No cérebro não existe nervos, então, ele não dói. Assim, o médico pode fazer operações na cabeça com o paciente acordado.

Ilustração 84

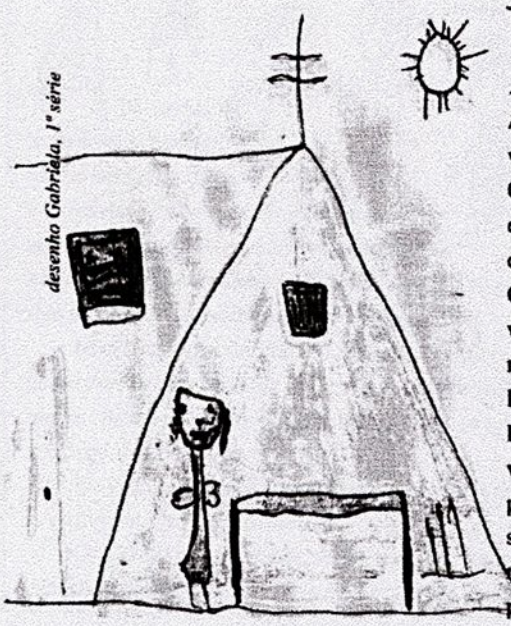
Página 3 da Terceira Edição

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dia da mulher

A Mulher

texto Sarah, 3ª série



desenho Gabriela, 1ª série

No dia 8 de março foi comemorado o "Dia Internacional da Mulher".

Antigamente as mulheres não podiam votar e nem trabalhar fora de casa.

Os homens já votavam e trabalhavam, enquanto elas ficavam em casa cuidando do lar, do marido e dos filhos.

Com o passar do tempo surgiu o movimento feminino que não agüentava mais todo o preconceito contra a mulher e o machismo dos homens.

Hoje a mulher conquistou o direito de votar e dar a sua opinião. Ela é livre para estudar, trabalhar e outras coisas. Ela trabalha o mesmo que o homem e ganha menos. Mas nós não podemos desistir. Viva as mulheres!

Você sabia ???



desenho Danilo, 1ª série

texto Daiane Silva, 4ª série

Que as mulheres brasileiras estudam mais que os homens, mas continuam recebendo em média 41,3% menos.

A mulher não podia votar, nem ser votada. Também não podia ser funcionária pública.

ACRÓSTICO

texto Andresa, 4ª série

M aravilhosa
U nião
L inda
H umilde
E legante
Respeitada

Ilustração 85
Página 4 da Terceira Edição

carnaval

O Carnaval

texto Daiana Gonçalves, 3ª série



desenho Aline, 1ª série

No carnaval trabalham as costureiras, as bordadeiras, os desenhistas e os engenheiros. As escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro têm padrinhos ricos e sabe por quê? Para os padrinhos ajudarem a pagar as fantasias e os carros alegóricos.

Mas o carnaval da Vila Ribeiro não é chique assim, como nessas cidades onde as pessoas gastam muito dinheiro. Aí me pergunto: por que gastar tanto se o carnaval é um, dois ou cinco dias?

Eu acho que eles são muito bobos. Com este dinheiro poderiam ficar bem o ano todo.

O carnaval é muito bonito, mas eu acho que muitas mulheres saem peladas nas escolas e as crianças não devem ver.

Assim era o Carnaval...

texto Rosemary, 4ª série

Antigamente no carnaval não tinha fantasias. As pessoas brincavam nas ruas e jogavam água e farinha umas nas outras.

Aí a polícia proibiu. Então, as pessoas começaram a ir aos clubes e depois às escolas de samba. Começaram a usar fantasias e a jogar confete e serpentina.

O carnaval é uma festa que dura quatro dias e serve para as pessoas se divertirem e esquecer dos problemas do dia-a-dia.

Afinal, vocês viram que em São Paulo a X-9 e a Vai-Vai foram campeãs.

Ajude a escolher um mascote para o Pinguinho de Notícia.

Solte a sua imaginação e participe! Preencha o cupom e entregue para a sua professora.

Regulamento:

1- O desenho tem que ser orginal.
2- A criança deve desenhar o mascote em 3 formatos: triste, alegre e brave.
3- Só serão aceitos desenhos que sigam o regulamento.
4- O desenho será avalido pelas professoras e pelos estudantes de jornalismo
5- A premiação será realizado no dia 23/05/2000.

Concurso Ajude a encontrar um mascote para o Pinguinho.

Nome:_____
Endereço:_____
Série:_____ Idade:_____

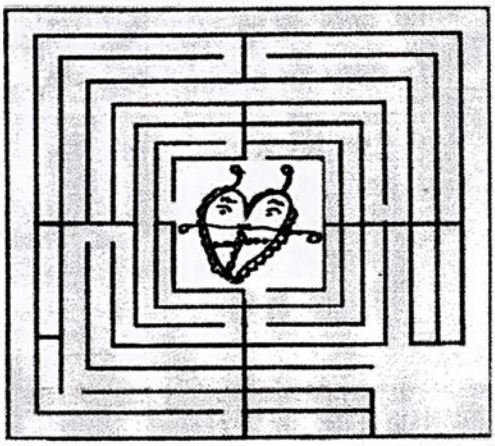
Ilustração 86

Página 5 da Terceira Edição

6

passatempo

Labirinto...



Caça palavras

Encontre quatro palavras sobre o carnaval...

C	M	I	S	U	R	I	U
A	R	Y	E	R	A	Y	R
O	T	A	R	T	J	A	T
C	Y	C	P	Y	K	C	Y
O	U	A	E	U	I	A	U
N	H	R	N	I	I	R	I
F	A	N	T	A	S	I	A
E	J	A	I	P	M	A	P
T	E	V	N	Q	N	V	Q
E	R	A	A	W	W	A	W
T	R	L	P	K	O	L	K

O Carnaval...

Andresa, 4ª série



Pinguinho de notícia

Expediente: Esta publicação faz parte do projeto experimental dos alunos do 6° termo de jornalismo da FAAC/Unesp. Professor responsável : Angelo S. Aranha Edição: Juliano Magalhães, Regina Ambrósio, Tamara Brandão. Colaboração das professoras: Ana Chacon, Leila Ometto, Eliana Crezzo, Vanira Zitti e da diretora: Ligia e pesquisadoras: Iracema Torquato e Leila Milozo.

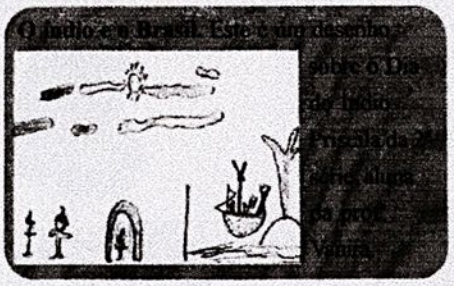
Ilustração 87

Página 6 da Terceira Edição

Quarta Edição

2

um pinguinho de arte

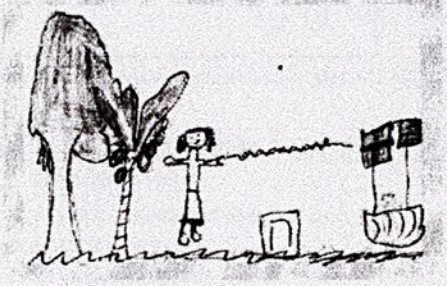


O índio e o Brasil. Este é um desenho sobre o Dia do Índio. Pamela da 2ª série, aluna da profª Vanira.

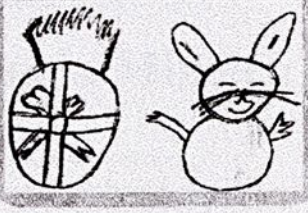


Índio. Bruna da 2ª série, aluna da profª Vanira. Ela gosta muito de desenhar para a sua mamãe e para o papai.

Dia do Índio. Aurélio, 7 anos. Aluno da professora Ana, 1ª série.



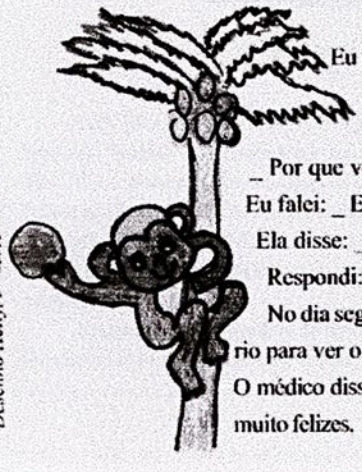
Páscoa Feliz. Giovane, 1ª série. Professora Ana.



cantinho do conto

Um macaco muito esperto

texto Pamela, 2ª série



Desenho Keity, 3ª série

Eu fui numa loja de animais, encontrei um macaco e comprei.

A Margarida pediu para eu fazer uma casinha para o macaco.

Um dia vi que o macaco era esperto e minha tia falou:

_ Por que você não coloca o macaco num aquário?

Eu falei: _ Eu gostaria de levá-lo macaco comigo ao parque.

Ela disse: _ Mas com uma condição. Não o perca de vista.

Respondi: _ Está bem, amanhã eu o levarei ao parque.

No dia seguinte, o macaco ficou doente e eu fui com ele ao veterinário para ver o que tinha.

O médico disse que ele não tinha nada de grave. Eu e o macaco ficamos muito felizes.

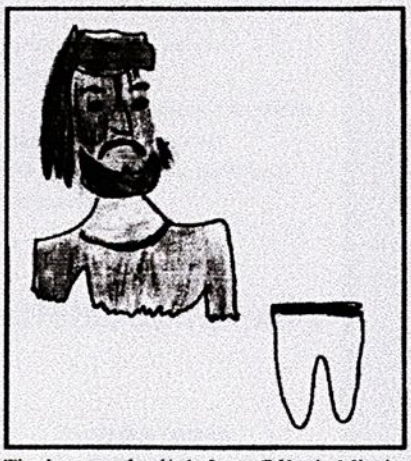
Ilustração 88

Página 2 da Quarta Edição



debates

desenho Robson, 4ª série



Tiradentes, o herói da Inconfidência Mineira

Tiradentes

No dia 21 de abril comemoramos o Dia de Tiradentes.

Ele foi um grande herói para livrar o Brasil de Portugal. Tiradentes reunia-se com seus amigos. Eles diziam: _ Por que temos que pagar impostos para Portugal?

Mas Tiradentes foi traído por um companheiro: Joaquim Silvério dos Reis.

Joaquim Silvério dos Reis falou para o rei de Portugal: _ Se vocês perdoarem minha dívida eu falo quem são e onde estão reunidos.

Portugal perdoou a dívida dele e Joaquim disse: O líder é Tiradentes.

No dia 21 de abril de 1792, Tiradentes foi enforcado e seu corpo esquartejado..

O Mártir da Inconfidência Mineira

texto Alex, 4ª série

Tiradentes foi o Mártir da Independência
Da Inconfidência Mineira
Que deu sangue e sua vida
Pela Pátria Brasileira

Viva o vinte um de abril
Viva o grande herói de verdade
Morreu como um bravo
Pela nossa liberdade



eventos

João Ribeiro de Barros

Um grande aviador

texto Laise, 3ª série

João Ribeiro de Barros foi um grande homem. Nascido em nossa terra no ano de 1914. Foi o jauense que atravessou o oceano Atlântico a bordo de sua lendária aeronave que leva o título de Pássaro Vermelho. Um hidroavião em precárias condições que elevaria o nome da nossa cidade.

Temos que nos orgulhar de sermos filhos dessa terra e mais ainda de morar em um lugar, uma vila que pertenceu a João Ribeiro de Barros: a Vila Ribeiro.

Sua história nos pertence e nós pertencemos a Ribeiro de Barros por ele ter levado a nossa Vila para o outro lado do oceano e tornar-nos conhecidos.

Obrigada por essa grande façanha que imortalizou a história da aviação.

Obrigada João Ribeiro de Barros.

Ilustração 89

Página 3 da Quarta Edição

eventos

texto Kelly, 2ª sèri

Era um coelho muito bonitinho
que gostava de comer cenoura.
Ele era muito esperto e
fofinho, era sapeca e gostarva de passiar l
na rua que a sua amiga morava.
Gostava de comer os ovos de Páscoa
e alface bem molinha

Coelhinhos Valentes

Coelhinhos valentes
Que pulam contentes
Pra lá e pra cá
Levando os ovinhos
Cantando juntinhos
Tra lá, lá, lá....

Coelhinho branquinho
Fez uma comigo
Quebrou a boneca
Estragou a peteca
Ficou de castigo

O preto é danado
Em casa não faz nada
Mas se dona coelha
Levanta as orelhas
Lá vai chimelada

Lenda da Páscoa

Perto da casa do menino Jesus, morava um passarinho de quem ele gostava muito. Uma bela manhã, Jesus acordou com o piar aflito da mamãe passarinho que chorava muito...

Jesus: O que aconteceu dona passarinho?

Passarinho: Dona raposa levou meus ovos do ninho.

O menino Jesus, então, resolveu pedir ajuda aos bichinhos que ali moravam....

Jesus: Senhor gato, procure a raposa e peça que ela devolva os ovos de dona Passarinho.

Gato: Agora não posso, peça ao cachorro.

Cachorro: Estou atrasado para um encontro com o macaco.

Macaco: Estou com muita pressa, agora não vai dar peça à dona Coruja.

E Jesus pediu ao porco e também a outros animais que por ali. Quando, então, o menino Jesus escutou o saltitar de um alegre coelhinho, que ao ouvir o menino Jesus falar atendeu logo ao seu pedido.

O coelho teve tanta sorte que quando chegou na casa da raposa, ela estava dormindo. Rapidamente pegou os ovinhos e trouxe ao menino Jesus.

O menino Jesus ficou tão satisfeito com o carinho do coelhinho que lhe deu o encargo de distribuir na Pascoa os ovos para as crianças.

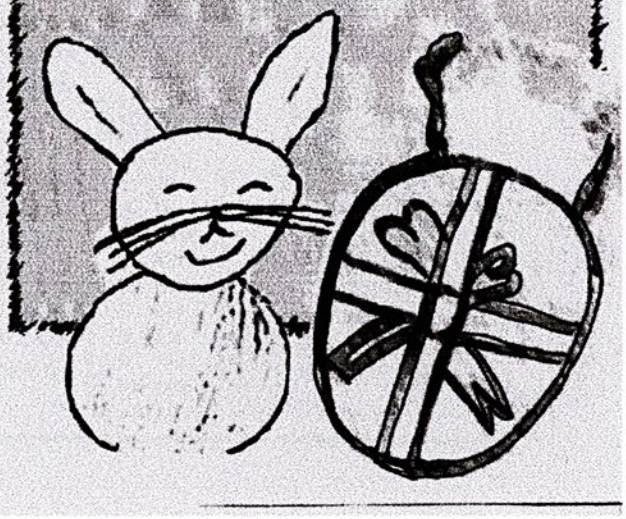


Ilustração 90

Página 4 da Quarta Edição

ecologia



Maria Lígia Fraga

Vamos plantar uma árvore?





Alunos plantam a árvore de Pau-brasil (acima), depois assistem ao teatro de fantoches (ao lado)

Maria Lígia Fraga

No dia 25 de abril, os alunos da 1ª série, 2ª série e 3ª série plantaram uma árvore Pau Brasil.

O presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, mandou uma árvore para cada escola. Ela é o símbolo do Descobrimento do Brasil e foi plantada no jardim da escola.

Depois cantamos o Hino Nacional e assistimos ao teatro de fantoches.

você sabia???

Que tal falar outra língua?

Assim como o inglês, o esperanto é uma língua falada em muitos países. Ela foi criada por Lázaro Luiz Zamenhot, em polonês.

Ele inventou o esperanto quando ainda era pequenininho. Onde morava as pessoas falavam muitas línguas e era muito difícil se comunicar. Com uma língua comum, como o esperanto, era mais fácil de entender o que todos diziam.

Mas como saber se a pessoa fala esperanto? Muito fácil, quem fala a língua usa uma estrelinha verde na roupa e qualquer pessoa pode aprender independentemente da religião ou da idade.

O professor de esperanto José dos Santos Simas disse que é muito legal e fácil aprender.

MÚSICA

Parabéns pra você

Parabéns pra você
Nessa data querida
Muitas felicidades
Muitos anos da vida

Gratulon al vi!

En la plej bela tago,
Ni gratulas al vi
Dezirante felicon
Kaj la benon de Di'!...

NÚMERO

1- Unu
2- Du
3- Tri
4- Kvar
5- Kvin
6- Ses
7- Sep
8- Ok
9- Nau
10- Dek



Consultoria:
Sociedade Bauruense de Esperanto
Rua Batista de Carvalho, 4-33
Bauru/SP
CEP 17010-001

Ilustração 91

Página 5 da Quarta Edição

eventos

Nasce um novo país

Há muito tempo atrás o rei Dom Manuel mandou Pedro Alvares Cabral reunir uma expedição para ver se encontravam, alguma coisa que trazia muito dinheiro, como temperos que mudam o gosto da comida e doces diferentes. Mas, eles acabaram se perderam no mar.

Depois de alguns dias viram ao longe uma coisa que parecia ser uma ilha branca. No outro dia, eles estavam mais perto e arrumaram um lugar para jogar a âncora e este lugar ficou chamado de Porto Seguro.

Até sair do navio viram tantos animais de todos tipo: onças, jacarés e ursos.E estava cheio de gente, meninos pintados de cores alegres. Depois de alguns dias tiveram que voltar a Portugal, lembrando que eles iam voltar algum dia e quando voltassem a terra seria a mesma, mas o nome seria outro, Brasil.

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

debates

Índios

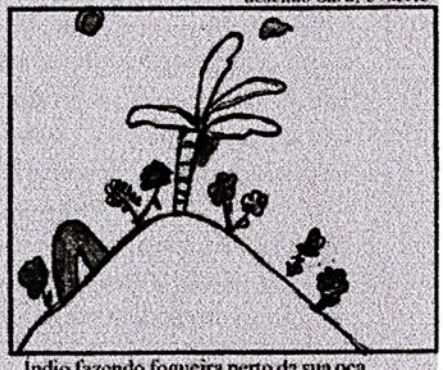
texto Leonardo, 4ª série

Os índios adoram a floresta e os animais. As armas deles eram arco e flecha. Eles não gostam de gente branca, quando viram os navios ficaram assustados.

Um índio falou: _ Olham aqueles navios, o que será que tem dentro?

O outro respondeu: Não sei. Mas deixe eles virem aqui. Fiquem sossegado que não vão fazer nada e se fizerem alguma coisa, nós pegamos os nossos arcos e flechas.

desenho Sara, 2ª série



Índio fazendo fogueira perto da sua oca.

Ilustração 92

Página 6 da Quarta Edição



Ilustração 93

Página 7 da Quarta Edição

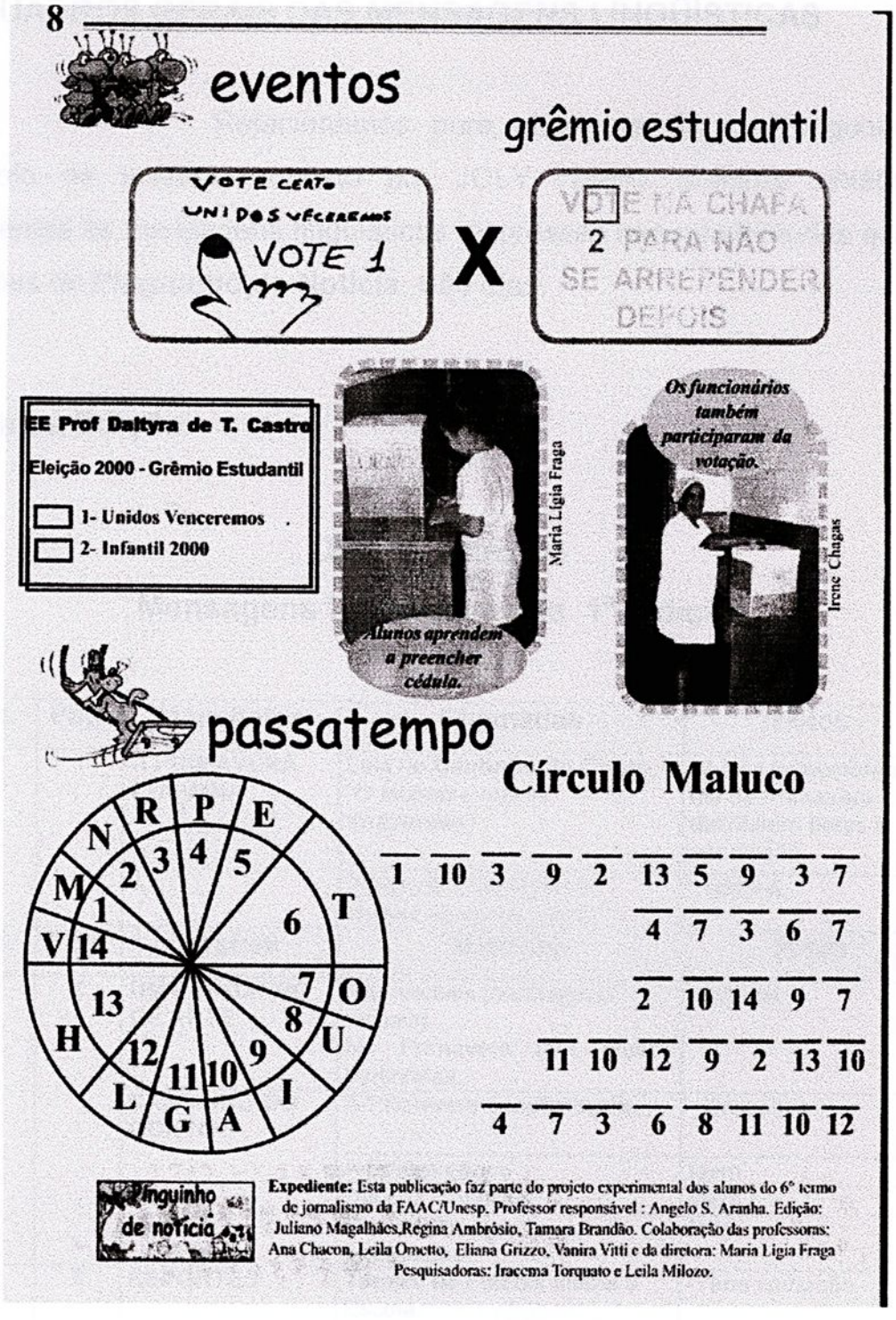


Ilustração 94

Página 8 da Quarta Edição

4. QUADROS GERAIS DAS MENSAGENS LINGÜÍSTICAS

Relacionamos para efeito de clareza, segundo o modelo de análise proposto por JOLY (1999), quadros sintéticos, referentes às mensagens lingüísticas expressas nas matérias das quatro edições do **Pinguinho de Notícia**. São elas:

Primeira Edição

Quadro Geral 03
Mensagens Lingüísticas da 1ª. Edição

Ed.	Pág.	Manchetes	Chamadas	Fotos
1ª	1	A PRIMAVERA CHEGOU	Leia no **Cantinho do Conto**: "O lenhador que se arrependeu".	Alunos comemoram dia da Primavera e distribuem flores à população.
			Santos é o campeão do torneio da nossa escola.	- Não há.
Ed.	**Pág.**	**Seções**	**Matérias**	**Fotos**
1ª	2	UM PINGUINHO DE ARTE	Não-verbais (mensagens visuais). Na Primavera tem muitas borboletas.	- Não há.
		CANTINHO DO CONTO	A Primavera é muito bonita.	- Desenhos.
			A Primavera.	Idem.
			Dia das Crianças.	Idem.
			O lenhador que se arrependeu.	Idem.
1ª	2	ESPORTES	Torneio de Futebol anima a Escola.	-Time campeão.
			Murilo é o artilheiro do campeonato.	- Lances do jogo. - Partindo para o abraço.

Legenda:
Ed. - Edição
Pág. - Página

Segunda Edição

Quadro Geral 04

Mensagens Lingüísticas da 2ª. Edição

Ed.	Pág.	Manchetes	Chamadas	Fotos
2ª	1	BATE O SINO	O Natal já chegou na nossa escola.	- Não há foto. Optou-se para a ilustração por meio de desenhos: Trenó do papai Noel e Cogumelos natalinos.
			Confira as mensagens dos alunos.	- Não há foto. Optou-se para a ilustração por meio de desenhos.
			Veja que o lixo também pode ser aproveitado.	Idem.
2ª	2	UM PINGUINHO DE ARTE	O Natal é assim.	Matérias não-verbais dos alunos de 1ª e 2ª séries.
			Feliz Natal e boas festas.	Idem.
			Natal enfeitado.	Idem.
			Natal feliz.	Idem.
		CANTINHO DO CONTO	A minha boneca.	-Desenhos natalinos.
2ª	3	UM PINGUINHO DE SONHO	Comer, comer para poder crescer.	Alunos merendando.
			Receitinha.	Desenho de Ingredientes.
2ª	4	ECOLOGIA	Lixo que não é lixo.	Alunos reciclam móveis para a escola. Ilustração - Latas de lixo.
2ª	5	EVENTOS	Mensagens de Natal.	Motivos natalinos.
			Em todo mundo, noite de Natal.	Idem.
			Poesia de Natal.	Idem.
2ª	6	CLASSIFICADOS	Anúncios - trocas e vendas de: sonhos, patins, bíblias, bimbolim, bicicleta, pinheiros, bolas, livros, brinquedos.	- Não há.
		PASSATEMPO: HISTÓRIA EM QUADRINHOS	Papai Noel existe?	Desenhos alusivos ao natal

Legenda:
Ed. - Edição
Pág. - Página

Terceira Edição

Quadro Geral 05

Mensagens Lingüísticas da 3ª. Edição

Ed.	Pág.	Manchete	Chamadas	Fotos
3ª	1	CARNAVAL, A FESTA DO POVO	O carnaval e o dia da Mulher agitaram a escola	De alunos (comemorando carnaval)
			Não é só gente grande que tem dor de cabeça	
3ª	2	UM PINGUINHO DE ARTE	Um bonito desenho	Mensagens visuais: Matérias jornalísticas não-verbais dos alunos de 1ª e 2ª série.
			A mulher e sua casa	Idem.
			Carnaval animado	Idem.
			Dia Internacional da Mulher	Idem.
		CANTINHO DO CONTO	O papagaio	Idem.
3ª	3	UM PINGUINHO DE SAÚDE	Cuca Fresca	Não há. Apenas ilustrações.
3ª	4	DEBATES: DIA DA MULHER	A mulher.	Não há fotos.
		VOCÊ SABIA		Não há fotos.
3ª	5	EVENTOS	O Carnaval.	Não há fotos.
			Assim era o Carnaval.	Não há fotos.
			Ajude a escolher um mascote para o **Pinguinho de Notícia**.	Cupom para ser recortado

Legenda:
Ed. - Edição
Pág. - Página

Quarta Edição

Quadro Geral 06

Mensagens Lingüísticas da 4ª. Edição

Ed.	Pág.	Manchete	Chamadas	Fotos
4ª	1	COELHINHOS DA PÁSCOA VISITARAM A ESCOLINHA NO MÊS DE ABRIL	A turminha da escola escolheu o seu Grêmio Estudantil.	Foto – Manchete. Votação para a eleição do Grêmio Estudantil.
			Escola comemora 500 Anos Brasil.	Alunos plantam Pau-Brasil.
4ª	2	UM PINGUINHO DE ARTE	Matérias não-verbais (mensagens visuais) O índio e o Brasil.	- Não há. - Desenhos.
			Dia do Índio.	Idem.
			Páscoa Feliz.	Idem.
		CANTINHO DO CONTO	Um macaco muito esperto.	
4ª	3	DEBATES	Tiradentes.	- Não há.
			O mártir da Inconfidência Mineira.	- Desenho.
		EVENTO	Um grande aviador.	
4ª	4	EVENTOS	Coelhinho da Páscoa.	- Não há.
			Coelhinho Valente.	- Desenhos alusivos.
			Lenda da Páscoa.	
4ª	6	EVENTO: DEBATE	Nasce um novo país. Índios.	- Desenhos alusivos.
4ª	7	EVENTOS	Concurso: O Mascote do Pinguinho. (Matérias não-verbais)	- Não há. - Desenhos alusivos.
			Visita ao Museu.	- Desenhos alusivos.
4ª	8	EVENTOS	Grêmio Estudantil: Cédula eleitoral.	Alunos aprendem a preencher cédula.
			Propagandas.	
		PASSATEMPO	Círculo maluco.	- Desenhos alusivos.

Legenda:
Ed. - Edição
Pág. - Página

Por esses quadros podemos observar quais foram as manchetes, as chamadas, e as ilustrações (fotos ou desenhos) de cada edição do **Pinguinho de Notícia.** Desse modo, procuramos priorizar os aspectos didáticos, por isso optamos por uma visão geral do conteúdo e

da forma das mensagens lingüísticas sintetizadas por meio dos quadros apresentados.

Esperamos, ao final dessa pesquisa, ter contribuído com as dinâmicas jornalísticas propostas e com as proposições semiológicas, em relação à interpretação de textos verbais e não-verbais dos discursos jornalísticos, com todos os professores do ensino fundamental e médio, como os alunos de jornalismo e com todos os interessados na produção de jornal infantil.

unesp

CONCLUSÃO

unesp

Graças aos pressupostos teóricos de Célestin FREINET, Lev VYGOTSKY, Paulo FREIRE e dos princípios filosóficos da Teoria da Complexidade de Edgar MORIN, apresentados no Primeiro Capítulo, podemos afirmar que a utilização da linguagem jornalística, como instrumento de comunicação é imprescindível para a formação de produtores críticos da informação através do jornalismo impresso, no meio rural ou no urbano.

A constatação, apresentada no Segundo Capítulo, foi feita através de produção experimental desenvolvida em uma comunidade da zona rural, a Vila Ribeiro na cidade de Jaú, Estado de São Paulo, considerando as suas especificidades culturais, históricas e educacionais. A opção jornalística, desenvolvida na comunidade da Vila Ribeiro, ateve-se ao gênero jornalístico interpretativo, voltado à humanização, dando ênfase à reportagem contextualizada, como se as notícias se humanizassem, em si e por si mesmas, quando o foco de interesse passa a ser o homem e não o de uma mera mercadoria informacional perecível.

No Terceiro Capítulo, estão as atividades desenvolvidas em dois momentos: os preliminares (atividades desenvolvidas em HTP) e, posteriormente, as de produção (cadernos jornalísticos),que foram vitais para nortear o processo de produção das

quatro edições do jornal infantil. Partindo inicialmente da primeira atividade **conhecer o público alvo a quem se destina o jornal**, chegamos finalmente **a efetiva concretização do experimento,** analisado exaustivamente no Quarto Capítulo.

Após a realização dessa experimentação, podemos concluir que realizamos os nossos objetivos de forma satisfatória, pois concretizamos todas as dinâmicas expostas no Capítulo III para a produção do Jornal Infantil **Pinguinho de Notícia**; também vivenciamos com as crianças, e demais membros da equipe, situações diversas onde a integração e a interação comunitária sempre tiveram lugar.

Pelo Jornalismo Infantil proposto, as crianças puderam ter voz e se expressaram livremente, percebendo-se como sujeitos críticos, tendo autonomia para escolherem os assuntos que queriam ver transformados em matérias jornalísticas. O Jornal Infantil contribuiu, desse modo, para elevar a auto-estima infantil e também a do professor da escola de zona rural, que se sentiram gratificados por verem seus nomes impressos nas páginas do jornal.

Também os resultados aqui descritos permite-nos chegar a outras conclusões, por meio dos seminários realizados comunitariamente com a equipe e através da vivência que usufruímos durante a experimentação relatada. Para didaticamente tornar mais claras as nossas idéias, passaremos a enumerá-las:

1. A vida social comunitária mantém-se pelo processo de interação. Por esse processo entendemos uma comunicação vital entre os seres humanos que respondam ativamente às mensagens recebidas.
2. As pessoas interagem e se relacionam por meio de representações simbólicas (sígnicas), portanto, são os signos que estruturam todo processo de comunicação. Mas esses signos não são neutros, são engendrados ideologicamente na e pela

sociedade. Esse fato não quer dizer que nossa visão seja positivista, ao contrário, julgamos que as representações simbólicas entre os homens estão sujeitas historicamente a renovações.

3. Pela comunicação efetiva criam-se consensos e entendimentos necessários entre as pessoas de uma comunidade e, ao mesmo tempo, recriam-se novas formas de expressão e de comportamentos.
4. Com a produção do Jornal Infantil **Pinguinho de Notícia**, conseguimos, na instituição escolar rural, um compartilhamento de idéias e ações que nos levaram a refletir sobre a importância dos estudos dos Meios de comunicação de Massa serem inseridos nas práticas pedagógicas, desde o ensino fundamental, se quisermos formar leitores críticos desses meios e principalmente do jornal impresso.
5. Durante as atividades jornalísticas executadas (relatadas, no Capítulo III), as modalidades de interação foram destacadas no contexto de uso sócio-comunitário imediato. Elas não foram fins em si mesmas, mas permitiram que nenhum dos participantes da experimentação permanecesse sem modificações ideológicas, dessa forma, todos criaram conhecimentos e os socializaram através da publicação de seus textos, tendo as dinâmicas, também, eficácias futuras, uma vez que todos os participantes tiveram que considerar os pontos de vistas dos outros e aprenderam que as verdades não são únicas, entendendo que cada um pode pensar diferente e continuar sendo membro de um grupo, uma vez que entrem em consensos e respeitem as verdades contrárias. Essa aceitação permitiu que as ações fossem realizadas em processo de permanente comunicação.
6. Os alunos, professores e a equipe de orientadores-pesquisadores não apenas transmitiram técnicas, mas também trocaram idéias,



sentimentos e experiências comuns. Durante o período em que a experimentação foi desenvolvida construíram, desse modo, visões de mundo convergentes/divergentes, mas sempre como coletividade integrada pelo fazer-jornalístico-comunitário proposto; desse modo, o egoísmo, o autoritarismo e a arrogância do saber doutoral da escola tradicional não tiveram vez, nem lugar.

7. Partindo do conhecimento do contexto da Vila Ribeiro, procuramos agir em função das coisas que eram significantes para as crianças, sempre preservando os valores comunitários e os conhecimentos que as crianças já possuíam; foi deste modo que conseguimos a adesão delas para a realização das atividades jornalísticas propostas.
8. Pudemos constatar que as crianças desenvolvem, na infância, a capacidade de adotar o comportamento dos outros, formando um "eu para esses outros e para si mesmas", do mesmo modo como "esses outros" (adultos) fizeram em relação aos valores e bens simbólicos das gerações passadas. Posteriormente, essas crianças vão perceber que os "outros" também têm valores que foram internalizados culturalmente, que passarão a servir de base para suas condutas e à aquisição de novos valores culturais. Daí a importância da transmissão de conteúdos significativos principalmente às crianças carentes da zona rural que não possuem outras formas de adquirirem conhecimentos científicos a não ser com os professores e na escola.
9. Assim, acreditamos que o jornal ajudou a construir, em sala-de-aula (e fora dela), conhecimentos interdisciplinares muito mais interessantes e significativos do que os meramente expostos nos livros didáticos, porque estes já vêem prontos e o jornal, nós tivemos que produzir.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Das conclusões parciais expostas acima, podemos, concluir, por fim, que o Jornal Infantil **Pinguinho de Notícia** contribuiu para que o comportamento dos sujeitos envolvidos se pautasse na interação, plasmada numa ética solidária e não em condições autoritárias de conduta. Noutras palavras, podemos concluir que vivenciamos experiências em situações de comunicação efetiva e pudemos, por meios das matérias jornalísticas produzidas, refletir a capacidade que desenvolvemos de vermo-nos comunitariamente, do mesmo modo como cremos que os outros puderam co-responder aos nossos ensejos de uma consciência crítica comunitária.

Ao contrário do que aparenta, uma interação social não significa acolher sem críticas às manipulações a que sempre estamos sujeitos, mas sim mantermos a nossa criticidade e a nossa individualidade sem perder os vínculos solidários com o(s) outro(s), mesmo que processem verdades contrárias às nossas.

Esperamos, assim, que as reflexões, aqui relatadas, tenham contribuído para a construção de uma ponte significativa entre a **Comunicação** e a **Educação** por meio do **Jornalismo Infantil** proposto.

unesp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-D.C Luzzatto, 1996.

AMBRÓSIO, Regina. **Jornalismo comunitário, a grande metáfora do possível, uma pequena ousadia do agora**. Monografia. UNESP/FAAC/Bauru, 2000.

ARANHA, Ângelo Sottovia. **A função do jornalismo comunitário hoje**. Dissertação de Mestrado. UNESP/Bauru. 1998.

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo. De Piaget a Emília Ferreiro**. 4ª. ed., São Paulo: 1995.

BAKHTIN,Mikhail Volochinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª. ed., São Paulo: Hucitec. 1999.

BANDEIRA, Manuel. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BENEYTO, Juan. "O Conteúdo" In **Informação & Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Bauru: Edusp, 1999.

BOAS, Sérgio Vilas. **O Estilo Magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

BRETON, Phillippe. **A argumentação na comunicação**. Bauru: Edusp,1999.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**.Trad. *News reporting: science, medicine and high technology*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3ª. ed., São Paulo: Summus,1986.

CASTRO, Gustavo de. **Complexidade e ética da solidariedade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

CASTRO, M. H. G. **Educação para o século XX : desafio da eqüidade**. Brasília: INEP, s/d.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo.** São Paulo: Summus, 1993.

CHIAROTTINO, Zélia Ramozzi. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. Ensaio 107. São Paulo: Ática,1984.

CLARO, Waldo. **Jaú, a semente e a terra**. Edição comemorativa do 90º aniversário do jornal Comércio do Jahu, 1998.

CORNU, Daniel. **Ética da Informação**. Bauru: Edusp, 1997.

D'ALÉSIO, Lucrécia Ferrara. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática.1986.

De Lucca Editora de Guias Ltda. Adriano Souza Franco. Catálogo Telefônico de Jaú. 2001. Planta, P&B, 17,63 cm X 13,14 cm. Escala - 1: 10 000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa. Princípio científico e educativo**. 7ª. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

DÍAZ BORDENAVE. **Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis: Vozes, 1984.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. (Ed. Novamente renovada). 6ª. ed., São Paulo: Summus, 1986.

DOMINGOS, Adenil Alfeu, TORQUATO, Iracema. **Leitura e Escrita em uma Abordagem Interacionista**. In Módulo II, Prefeitura Municipal de Bauru, org. Ana Maria Freire e Ricardo Ribeiro, 2001.

DUPUY, Jean-Pierre. **Nas origens das ciências cognitivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

ECO, Umberto. "Réplica" In **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EE DALTYRA DE TOLEDO CASTRO. **Plano de Gestão, projeto pedagógico.** Quadriênio 1999-2002. Diretoria de Ensino de Jaú. Jaú, (mimeo.). 1999.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Pedagogia Freinet**. Campinas: Papirus, 1997.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo. redação, captação e edição no jornal diário**. 5ª. ed. São Paulo: Ática. 1991.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. 11ª. ed., São Paulo: Cortez, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª. ed., São Paulo: Loyola, 1999.

FRASSON, Renata Aguerra; RUFATTO, Edir Aparecida. **Vila Ribeiro e Córrego da Ave Maria.** Jaú, (Mimeo.). s/d.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6ª. ed., Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação. Cartas Pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FUNARI, Eva. **A bruxinha atrapalhada**, 2ª. ed., São Paulo, Global, 1984.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 6ª.ed., São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 6ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 1985.

GREIMAS, Algirdas Julien e Courtés, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Editora Cultrix. São Paulo, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Maupassant**. La Sémiotique du texte: exercises pratiques. Paris, Seuil, 1996.

GROTH, Otto. **La ciência periodistica**. Pamplona: Instituto de la Universidad de Navarra, 1966.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação & Poder**, 12ª.ed., São Paulo : Vozes, 1999.

HARTNACK, Justus. **La teoria del conociemento de Kant**. Madrid: Catedra, 1997.

HARRIS,Ray e Chris. **Faça seu próprio Jornal.** São Paulo: Papirus,1997.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar: do instrumento didático ao instrumento complexo** In Eccos Revista Científica - Vol. 2, nº 2 (dezembro/2000). São Paulo. Centro Universitário Nove de Julho, 2000.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas.** Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Campo Grande, 2001.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e suas contribuições para o desenvolvimento de atitudes**. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Campo Grande, 2001.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal na escola: um instrumento de integração**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Escola de Comunicações e Artes da USP, 1995.

IJUIM, Jorge K. **O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar.** São Paulo: Cásper Líbero. Dissertação de Mestrado, 1989.

IJUIM, Jorge K., **Jornal escolar: Inter-relação Criativa**. Revista Comunicação & Educação, (20). 34-38, ano XII, jan/abr, 2001.

IJUIM, Jorge K. **Jornal escolar e vivências humanas**. São Paulo: USP/ Escola de Comunicação e Artes, (Mimeo). 2001.

JAÚ, Prefeitura Municipal. Mário Vicente. **Planta baixa do prédio da EE Daltyra de Toledo Castro**. Vila Ribeiro. São Paulo. P & B, 13,02cm x 9,84 cm . Escala 1: 1000. s/d.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 2ª. ed., Campinas: Papirus, 1999.

KATO, Mary. **Estudos em alfabetização**. Campinas: Pontes.1998.

KOCH, Ingedore Villaça, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto,1998.

KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra,1995.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática,1995.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**.São Paulo: Ática,1993.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**.7ª. ed., São Paulo: Ática,1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. 5ª. ed., São Paulo: 34, 1998.

LIMA, Lauro. **Mutações em educação segundo McLuhan**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem**. Petrópolis, Vozes, 1979.

MARTINS, Eduardo (org.). **Manual de redação e estilo**. São Paulo : O Estado de São Paulo, 1990.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. (*Understanding Media*).Trad. Décio Pignatari. 14ª. ed., São Paulo: Cultrix, 2001.

MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente. (Jornalismo Interpretativo)**. São Paulo: Média, 1973.

MEDINA, Cremilda. *Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo*. In **Caminhos do saber plural – novo pacto da ciência - 7**. São Paulo. ECA/USP, 1999.

MEDINA, Cremilda. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática,1996.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2ª. ed., São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton. **Saber Plural. Novo pacto da ciência - 3**. ECA/USP/CNPq.,1994.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton. *Narrativas do Humano Ser* In **Planeta Inquieto - direito ao século XXI - Novo Pacto da Ciência - 6**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980.

MELO. José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1975.

MELO, José Marques de. *Presença do jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania In* **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, LXXIV/7, 1980.

MELO. José Marques. **Comunicação e Modernidade: o Ensino e a Pesquisa nas Escolas de Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1991.

MENGA, Lüdke, ANDRÉ, Marli E. D. A., **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU,1986.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no século XX*. IN **O espírito do tempo, Neurose**. 9ª ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1999

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**, 4ª. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar e reformar, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: BCD - União de Editoras S.A., 2000.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. 2ª. ed., Lisboa: Europa-América, 2000.

MORIN, Edgar, KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget. s/d.

PEIRCE,Charles Sanders. *Como tornar claras as nossas idéias.* In **Semiótica e Filosofia**. São Paulo : Cultrix, 1972.

PETRAGLIA,Izabel Cristina. **Edgar Morin**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes. 2000.

PIAGET. Jean. **Seis estudos de psicologia**. 10ª. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1990.

PROUST, Marcel. **No caminho de *Swann***. 3ª. ed. Porto Alegre: Globo,1972.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. 2ª. ed., São Paulo,1995.

REGO, Tereza Cristina.**Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 9ª. ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo/ Brasília: MEC, 1997.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da topografia**. São Paulo: Nacional, 1977.

ROSA, Sannys da. **Construtivismo e mudança**. 7ª. ed., São Paulo: Cortez,2000.

RANIERI, Jesus. **A Câmara Escura**. São Paulo : Boitempo, 2001.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação & Política**. São Paulo: Hacker, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à Teoria da Comunicação.** São Paulo : Edicon. 1998.

SAVIANI,Dermeval. **Escola e Democracia**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SERVA, Leão Pinto. **Babel: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos**. São Paulo : Mandarim, 1997.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação. O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVIA, Faustinno. **Wittgenstein, o eu e sua gramática**. São Paulo: Ática, 1995.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagens**. São Paulo: Summus,1988.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5ª ed. São Paulo. Cortez, 1994.

TORQUATO, Iracema, MILOZO, Leila. **Jornalismo comunitário e a formação de leitores críticos**. Monografia de Especialização. Bauru: USC/CENP, 1999.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

VYGOTSKY, Lev Semióvitch. **Pensamento e linguagem** .3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semióvitch. **A formação social da mente**. 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes,1991.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 3ª. ed., São Paulo: Cortez,1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa : Editorial Presença,1995.

DOCUMENTO ELETRÔNICO ON-LINE

Available from World Wide Web <URL: http://www.felacs.org/f-grupos.html>.

0810001057